

PLÍNIO SALGADO



O cavaleiro de Itararé

5ª edição

- A luta pelo poder
- Os 18 de Copacabana
- A Coluna Prestes
- A burguesia, o proletariado e a juventude na Revolução de 1932
- O drama da América Latina
— eis o painel deste romance,
destinado à mocidade civil e
militar do Brasil

O CAVALEIRO DE ITARARÉ,
um desafio aos jovens
(civis e militares)

Bem gostaríamos que todos os brasileiros, neste momento, abandonassem as posições de luta, sobretudo política, em que nos encontramos — e lessem este livro de Plínio Salgado, lançado em 1932, mas que parece escrito para os nossos dias.

Leia-se este romance, principalmente leiam-no as novas gerações — como um desafio. Analisem-no e comparem as situações históricas que nele se encontram com as de hoje, os procedimentos humanos, os perfis dos personagens, sentindo em suas páginas o drama do Brasil, como Nação e como Povo — tudo em gestação trágica, como ainda agora nos encontramos.

Este é o livro das revoluções brasileiras, e a sua oportunidade é indiscutível. Quem é o cavaleiro de Itararé? Ou melhor, o que é o fantasma que percorre o Brasil a todos levando o terror de sua presença, nos campos e nas cidades? O cavaleiro de Itararé são as revoluções brasileiras — de amplitude nacional ou regional, desde o após-guerra de 14/18 até as mais recentes tentativas comunistas do Araguaia e do vale da Ribeira.

O ano de 1964 foi o início de mais um ciclo da nossa vida política, trazendo, em seu bojo, montanhas de esperanças, para um Povo que se achava submetido ao desvario de líderes que tinham perdido o controle da engrenagem do Poder, e totalmente ignorantes de como usá-lo, não obstante o detivessem, seguro, nas mãos, incapazes porém de um gesto de ousadia — para o bem ou para o mal.

Mudou o Brasil neste percurso de tempo, de 1932 a 1964, a 1979? Sim, mudou e mudou muito, sem contar aqui o seu crescimento demográfico, que este é vegetativo, cresce porque não pode deixar de fazê-lo. Mas mudou sobretudo com a implantação daquilo que Heidegger temia jamais venha o homem a dominar completamente, e que é a mais importante — por que não dramática? — característica de nosso século: a tecnologia. Superamos etapas em al-

***O CAVALEIRO
DE ITARARÉ***

Voz do Oeste

Obras de Plínio Salgado
lançadas pela Editora Voz do Oeste Ltda.

VIDA DE JESUS

(20.^a edição, com reproduções de arte sacra baiana;
21.^a edição, com reproduções de arte sacra missionária)

COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL

(3.^a edição, ricamente ilustrada, com prefácio de Euro Brandão)

A VOZ DO OESTE

(5.^a edição, com prefácio de Otacílio Colares)

O RITMO DA HISTÓRIA

(3.^a edição)

PRIMEIRO, CRISTO!

(4.^a edição)

A seguir:

TEMPO DE EXÍLIO
(Correspondência 1)

Plínio Salgado

O CAVALEIRO DE ITARARÉ

5.^a edição



**Digitalizado pela Frente Integralista
Brasileira no DF**

EDITORA VOZ DO OESTE
em convênio com o INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
1979

Capa:

Regina Helena Garcia Dorea

(Com aproveitamento da vinheta de Santa Rosa, feito inicialmente para a 2.^a ed. de *O Cavaleiro de Itararé*)

Salgado, Plínio. 1895-1975
S001c O Cavaleiro de Itararé, 5.^a ed.; São Paulo:
Voz do Oeste; Brasília, INL, 1979.
xviii, 336 pág.

Biobibliografia de Plínio Salgado, organizada
por Gumercindo Rocha Dorea.

1. Romance brasileiro I. Instituto Nacional
do Livro II. Título

CF/EVO/SP-79-001

CDD — 869.93
CDU — 869.0(81)-31

Reservados os direitos para a língua portuguesa, e de tradução, reprodução e adaptação para qualquer veículo de comunicação. *Copyright by* Carmela P. Salgado. Direitos de publicação do presente volume reservados pela EDITORA VOZ DO OESTE LTDA., CP 4623, CEP 01000, São Paulo, Brasil.

SUMÁRIO

Biobibliografia de Plínio Salgado (organizada por G.R.D.)	IX
A mocidade civil e militar do Brasil	2

PRÓLOGO

Caps.

I — As boas fadas	7
II — Velhos brasões, novas heráldicas	15
III — Teodorico e a sua corte	22
IV — O lugar de Urbano	32
V — O alferes	36
VI — A revelação	41

PRIMEIRA PARTE

Um Tropel na Noite...

I — A dança dos manequins	51
II — Ela, era a vida... ..	61
III — O <i>Perfeito Culinário</i>	66
IV — Eros, Psiquê e Estefânia	71
V — Adão e a serpente	77
VI — Gravitação das esferas	83
VII — As Cariátides	88
VIII — Os bárbaros	96
IX — Urbano	104
X — Os dezoito de Copacabana	115

SEGUNDA PARTE

A Cavalgada dos Fantasma

XI — O espírito virginal da Noite	125
XII — A árvore proibida	132
XIII — Os chinelos filosóficos	136
XIV — "Associação Fósforos de Segurança"	139

XV — O Cavaleiro de Itararé	148
XVI — A Terra fala sonhando	157
XVII — Os iônios vibram	162
XVIII — Pequeno Tratado de Literatura	167
XIX — A “Coluna Prestes”	173
XX — O sorriso trágico de Gruber	187
XXI — Acontecimentos	193
XXII — Ofensiva ao Grande Complexo	207
XXIII — A Vida Heróica	212
XXIV — Sim $\pm$ = Não	223
XXV — Serviço Postal	229

TERCEIRA PARTE

Os Galos Cantam!

XXVI — Entre o céu e o mar	237
XXVII — A estrela de Belém	243
XXVIII — A vestal	249
XXIX — Nel mezzo del cammin	255
XXX — Desenho de armar	263
XXXI — Hormônios	268
XXXII — O “Santa-Fé”	272
XXXIII — A “Energia Essencial”	280
XXXIV — Luta de classe	286
XXXV — Sintonização	290

QUARTA PARTE

A Madrugada Vermelha

XXXVI — A mão que se moveu na sombra	301
XXXVII — Tinhorão e as estrelas	310
XXXVIII — O verão de Plutarco	313
XXXIX — Caim! Caim!	321
XL — Era a guerra!	325
XLI — Diálogo dos inúteis	331
XLII — O coro dos batráquios	333

BIOBIBLIOGRAFIA DE PLÍNIO SALGADO

(Organizada por G.R.D.)

I

SÍNTESE CRONOLÓGICA

1895 — Nascimento, a 22 de janeiro, na cidade paulista de São Bento do Sapucaí, filho do farmacêutico Francisco das Chagas Esteves Salgado e da professora dona Ana Francisca Rennó Cortez.

Quando criança, juntamente com seus irmãos, ouvia preleções de seu progenitor, chefe político do município, em torno de Caxias e outros grandes vultos da história pátria. Lia muito, principalmente os clássicos da língua.

1911 — Aos 16 anos, com o falecimento de seu pai, e estudando no Ginásio São José, em Pouso Alegre (Estado de Minas), teve de voltar para São Bento do Sapucaí a fim de cuidar de sua progenitora e dos quatro irmãos mais novos.

1918 — Aos 18 anos, cria o Partido Municipalista, juntamente com alguns líderes regionais, "para combater a ditadura do governo estadual". Esta foi a primeira organização política brasileira a se voltar para a defesa do município. Aplica-se em sua cidade a diversas atividades: dirige um clube de futebol, um grupo teatral, pronuncia conferências, é orador oficial em todas as solenidades, é defensor de réus quando faltavam advogados, funciona como topógrafo judicial e ocupa o cargo de inspetor escolar no município. Lança o semanário local "Correio de São Bento".

1918 — Casa-se com a senhorita Maria Amélia Pereira, descendente de tradicional família sãobentista, a qual veio a falecer após um ano, deixando uma filha, Maria Amélia, com apenas 15 dias, que passou a ser zelada pela avó e tios.

1919 — Muda-se para São Paulo onde ingressa como suplente de revisor, ascendendo logo a redator, no "Correio Paulistano", porta-voz do governo estadual na época. Aí trava conhecimento com inúmeros intelectuais e políticos, a muitos ligando-se por sólida e profunda amizade.

- 1922 — Realização da Semana da Arte Moderna, cujos principais participantes “apontaram novos caminhos, libertações integrais, nacionalismo espontâneo”. Leitura absorvente de Marinetti, Soffici, Govoni, Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Cendrars.
- 1926 — Publicação de *O Estrangeiro*. Preocupação com problemas políticos: leituras de Marx, Sorel, Lênin, Trotski, Riazanov, Plekanov, Fierbacht.
- Falecimento de sua progenitora.
- 1928 — Insistentemente convidado pelo Presidente Júlio Prestes, candidatou-se a deputado estadual e é eleito com grande votação.
- 1930 — Viagem à Europa e Oriente, como preceptor de um jovem paulistano. Vê as transformações políticas da Turquia, da Itália, da Alemanha, “lê uma vasta literatura comunista que circulava em Paris”, examina a pequena Bélgica, medita no Egito (sobre o imperialismo inglês), observa a anarquia dos espíritos na Espanha e a nova ordem de Portugal: “tudo me mostrava a morte de uma civilização, o advento de uma nova etapa humana”.
- Deflagrada no Brasil a revolução contra Washington Luís e o sistema político que representava.
- 1931 — Fundação e direção de “A Razão”. Artigos diários de doutrinação política e análise da situação brasileira e internacional.
- 1932 — Revolução Constitucionalista. Incêndio de “A Razão”. Fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Lançamento do Manifesto de Outubro, com que se iniciaram as atividades independentes da Ação Integralista Brasileira, antes um setor de orientação política da SEP.
- 1935 — Intentona comunista no quartel da Praia Vermelha, ocasião em que foram assassinados covardemente pelos comunistas, na calada da noite, quando dormiam, indefesos oficiais do Exército Brasileiro que eram adeptos do Integralismo. Por telegrama ao Presidente da República é oferecida a ajuda dos Integralistas.
- 1936 — Casa-se em segundas núpcias com a senhorita Carmela Patti, pertencente a conceituada família radicada em Taquaritinga, Estado de São Paulo, não havendo filhos deste consórcio.
- 1937 — Candidatura a Presidente da República, concorrendo com José Américo de Almeida e Armando Salles de Oliveira. Fechamento de todas as organizações políticas. Implantação do Estado Novo.
- 1938 — Revolta (denominada “integralista” — V. *Dicionário de História do Brasil*, Melhoramentos, São Paulo, 1976, 4.^a edição, pág. 469), objetivando a restauração democrática do Brasil, e que ocasionou inúmeras prisões e fuzilamentos de membros da Ação Integralista Brasileira, e exílio dos principais líderes. Prisão na Fortaleza de Santa Cruz. Exílio para Portugal.
- 1939-1946 — Intensa atividade cultural e religiosa em Portugal.
- 1942 — Publicação da *Vida de Jesus*, cuja primeira edição, lançada em São Paulo, é apreendida e logo após liberada.

- 1946 — Retorno ao Brasil, com a deposição de Getúlio Vargas. Fundação, por um grupo de brasileiros, do Partido de Representação Popular.
- É eleito Presidente do Partido de Representação Popular (extinto, juntamente com todos os outros organismos políticos, em 1964).
- 1947 — Escreve semanalmente um artigo para o semanário "Idade Nova".
- 1948 — É convidado a comparecer às Conversações Católicas Internacionais, realizadas em San Sebastian, na Espanha, diretamente pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, D. Bellester Nietto, para colaborar na redação de uma "Carta dos Direitos e Deveres do Homem", tendo a sua orientação sido a vencedora, e o primeiro artigo ficado assim redigido: "O Homem é um ser feito à imagem e semelhança de Deus, seu Criador, possuindo uma alma imortal, dotada de inteligência e de vontade livre. Ele deve encontrar na sociedade civil os meios de cumprir seus deveres e de exercer seus direitos correlativos, conforme as finalidades da sua natureza e sua vocação divina".
- 1952 — Fundação da Confederação de Centros Culturais da Juventude e sua eleição como Presidente de Honra da mesma, que reuniu, inicialmente, dezenove entidades de jovens, oriundas de todo o Brasil, e que chegou a atingir para mais de quinhentas em todo o território nacional.
- 1953 — Fundação do semanário "A Marcha", de que foi colaborador até o encerramento de suas atividades.
- 1955 — Candidatura à Presidência da República, disputando com Juscelino Kubitschek de Oliveira, Juarez Távora e Ademar de Barros, quando obteve quase um milhão de votos.
- 1956 — Eleito Deputado Federal pelo Estado do Paraná.
- 1960 — Passa a colaborar semanalmente no "Diário de S. Paulo", o que faz durante 15 anos seguidos.
- 1960-1964-1970-1974 — Eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, integrando sempre a Comissão de Educação e Cultura, onde produziu inúmeros pareceres. Instala-se, definitivamente, em Brasília, a partir de 1960.
- 1975 — Falecimento, a 7 de dezembro, em São Paulo, sendo enterado no cemitério do Morumbi.
- 1977 — Inaugurada a Praça Plínio Salgado, em Rio Claro, S.P.
- 1979 — No dia 7 de outubro, inauguram-se a Praça 7 de outubro e a Avenida Plínio Salgado, em Varginha, Minas Gerais.

II

BIBLIOGRAFIA

- 1919 — *Thabor* (poemas), ed. do autor.
- 1921 — *A boa nova* (assuntos bíblicos), ed. do autor.
- 1926 — *O estrangeiro* (romance), ed. Helios Ltda.
(in OBRAS COMPLETAS, ed. das Américas, 1954, São Paulo, vol. X e 8.^a ed., José Olympio, 1972).

- 1927 — *Literatura e política*, ed. Helios Ltda.
(2.^a ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX)
- *A anta e o curupira* (manifesto modernista), ed. do autor
(in *Despertemos a Nação*, in OBRAS COMPLETAS, vol. X)
- 1927 — *Discurso às estrelas* (contos e crônicas), ed. Helios Ltda.
(2.^a ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)
- 1927 — *O curupira e o carão* (em colaboração com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo), ed. Helios Ltda.
- 1927 — *A Literatura gaúcha* — Conferência literária realizada no "Centro Gaúcho" de São Paulo.
- 1931 — *Oriente* (viagem), ed. do autor
(4.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII).
- 1931 — *O esperado* (romance), Comp. Editora Nacional
(5.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XII).
- 1933 — *O cavaleiro de Itararé* (romance), ed. Unitas)
(4.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vols. XIII e XIV)
- *O que é o Integralismo* (política), Schmidt ed.
(3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX).
- 1934 — *A voz do oeste* (romance histórico), ed. José Olympio.
(4.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XIV, 5.^a ed., Editora Voz do Oeste-INL, 1978)
- *O sofrimento universal* (filosofia e sociologia), ed. José Olympio
- *Psicologia da revolução* (filosofia e política), ed. Civilização Brasileira
(5.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).
- 1935 — *A quarta humanidade* (temas filosóficos), ed. José Olympio
(4.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V)
- 1935 — *Despertemos a Nação* (política), ed. José Olympio
(3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
- 1935 — *A doutrina do Sigma* (política), Editora Verde-Amarelo, SP.
- 1936 — *Palavra nova dos tempos novos* (temas literários e políticos), ed. José Olympio
(3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).
- 1937 — *Nosso Brasil* (brasilidade), ed. Coelho Branco
(2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
- *Geografia sentimental* (brasilidade), ed. José Olympio
(3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)
- *Páginas de combate* (política), ed. Livraria Antunes.
- 1942 — *Vida de Jesus* (biografia), ed. Panorama, (in OBRAS COMPLETAS, vols. I, II, III), 20.^a ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1977, e 21.^a, Editora Voz do Oeste, 1979.
- 1948 — *A aliança do Sim e do Não* (ensaio histórico, sociológico e religioso), ed. Ultramar, Lisboa
(3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI).
- 1946 — *A mulher no século XX* (sociologia), ed. Tavares Lisboa, Porto
(3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)
- *O Rei dos reis* (história e religião), ed. Pro Domo, Lisboa
(4.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI).
- *Conceito cristão da democracia* (ensaio político-filosófico), ed. Estudo, Coimbra
(4.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII)

- *Primeiro, Cristo!* (religião), ed. Figueirinhas, Porto (3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI), 4.^a ed. Editora Voz do Oeste/INL, 1979
- *A tua cruz, Senhor* (religião), ed. Ática, Lisboa (3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII)
- *Como nasceram as cidades do Brasil* (história), Ática, Lisboa (3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII/, 5.^a ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978)
- *Madrugada do espírito* (antologia filosófica-política), ed. Ática, Lisboa (3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII)
- *O Integralismo brasileiro perante a Nação* (política) s/ed., Lisboa (2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX).
- 1947 — *A imagem daquela noite* (teatro religioso), ed. Gama, Lisboa (2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- 1947 — *Mensagem às pedras do deserto* (ensaios políticos), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro (2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV).
- 1948 — *Direitos e deveres do homem* (trabalho apresentado nas Conversações Católicas de San Sebastian, Espanha), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro (3.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V)
- *O poema da fortaleza de Santa Cruz* (poesia), ed. de luxo, Guanumbi, São Paulo (2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV)
- *Extremismo e democracia* (política), ed. Guanumbi, SP.
- *Pio IX e o seu tempo*, prefácio à obra de Villefranche, *Pio IX*, ed. Panorama, São Paulo, 1948, (in OBRAS COMPLETAS, vol. XI).
- 1949 — *O ritmo da história* (ensaios políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro (2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI), 3.^a ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978
- *Discursos* (seleção), ed. Panorama, São Paulo (2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
- 1950 — *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (hagiografia), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro (2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).
- 1951 — *Sete noites de Joãozinho* (literatura infantil), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
- *Espírito da burguesia* (ensaio sociológico), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro (2.^a ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV).
- 1953 — *O Integralismo na vida brasileira* (política), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1953 — *As qualidades e as virtudes de Euclides da Cunha* — Síntese de uma conferência proferida em São José do Rio Pardo — na V Semana Euclidiana, em 1953.
- 1954 — *Atualidades brasileiras* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI)
- *Roteiro e crônica de mil viagens* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII)
- *Críticas e prefácios* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX)

- *Contos e fantasias* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)
- *Sentimentais* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX)
- *A inquietação espiritual na atualidade brasileira* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII)
- *Páginas de ontem* (excertos de "A doutrina do Sigma", "Páginas de combate" e "Cartas aos Camisas-verdes", in OBRAS COMPLETAS, vol. X)
- *Viagens pelo Brasil* (in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
- 1955 — *Mensagem ao povo brasileiro*, ed. do autor, Rio de Janeiro.
- 1956 — *Livro verde da minha campanha*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1957 — *Reconstrução do homem* (filosofia educacional), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1957-1958 — *Palestras com o povo* — Irradiações na Rádio Globo.
- 1961 — *Discursos na Câmara dos Deputados* (seleção), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro
- *Poemas do século tenebroso*, (com o pseudônimo de Ezequiel), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1962 — *A crise parlamentar* (cinco discursos), ed. do autor, Brasília
- *Como se prepara uma china*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
- 1963 — *Imitação de Cristo* (tradução e introdução à obra de Kempis), ed. Verbo, Lisboa.
- 1964 — *Instrução Moral e Cívica*, ed. FTD, Rio de Janeiro.
- 1969 — *História do Brasil*, 2 vols., ed. FTD, Rio de Janeiro (2.^a ed., 1972, ed. FTD).
- 1972 — *Trepandé* (romance), ed. José Olympio, Rio de Janeiro.
- 1973 — *13 anos em Brasília* (recordações), ed. do autor, Brasília.

OPÚSCULOS EDITADOS PELO CONGRESSO NACIONAL

- 1965 — *A batalha do Riachuelo* (como orador oficial do Parlamento Brasileiro nas comemorações de centenário).
- 1967 — *Sol do Oriente, Sol do Ocidente* (sobre as relações Brasil-Japão, como orador oficial do Parlamento Brasileiro).
- 1972 — *40.º aniversário de lançamento do Manifesto da Ação Integralista Brasileira*
- *O grito do Ipiranga* (por ocasião do Sesquicentenário da Independência)
- *A Semana da Arte Moderna* (nas comemorações do 50.º aniversário).
- 1973 — *Origens e evolução do Parlamento* (sesquicentenário do Legislativo).
- 1975 — *Despedida do Parlamento*.

III

PEQUENO ROTEIRO DE PESQUISA SOBRE A VIDA E OBRA DE PLÍNIO SALGADO

Nota de esclarecimento — Considerando-se não ser possível proceder-se de imediato ao levantamento bibliográfico completo acerca de Plínio Salgado, a *Editora Voz do Oeste* relaciona aqui alguns tra-

balhos que analisam a obra deste escritor sob o aspecto mais literário que político, não obstante, quase sempre, seja impossível estabelecer-se uma separação estanque: o autor de *Vida de Jesus* é o mesmo homem que escreveu *O Estrangeiro* e é o mesmo que deflagrou um grande movimento político, de massas e de inteligência, na história do Brasil. Não se busque, portanto, aqui, mais que um "pequeno roteiro", a ser utilizado por todos aqueles que desejem estudar a vida e o pensamento de Plínio Salgado, e que, pretendendo aprofundá-los no tocante à sua obra máxima, síntese de toda uma vida de ação e de criação intelectual, poderão encontrar valiosos subsídios na bibliografia referente à *Vida de Jesus* (v. 21.^a ed., Editora Voz do Oeste, SP., 1979), assim como, na 5.^a edição de *Como Nasceram as Cidades do Brasil*, os trabalhos de Euro Brandão, João Ameal e Tasso da Silveira.

Adonias Filho. Pronunciamento de, in sessão do Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, 1976.

Amândio César. *Literatura pelo caminho*, ed. 4 Ventos, Lisboa, 1958.

Andrade Murici. *A nova literatura brasileira*, ed. Globo, Porto Alegre, 1936.

Beraldo, S. J., Carlos. *Plínio Salgado*, verbete in ENCICLOPÉDIA FILOSÓFICA, Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, Firenze (Itália), 2.^a ed., 6 vols., 1968-1969.

Coutinho, Afrânio. *A literatura no Brasil*, 4 vols., Rio de Janeiro, ed. Sul-Americana, 1955-1959.

Cunha, Fernando Whitaker da. *Democracia e Cultura*, 2.^a ed., Forense, Rio de Janeiro, 1973.

Diversos. *Para onde vai o Brasil?*, Renascença ed., Rio, 1933.

Diversos. *Plínio Salgado*, ed. da revista Panorama, São Paulo, 1937.

Diversos. *Plínio Salgado — 1895-1975* (depoimentos de Oswaldo Zanello, A. H. Cunha Bueno e Agostinho Rodrigues), Câmara dos Deputados, Brasília, 1976.

Diversos. *Enciclopédia do Integralismo* (11 volumes), Edições GRD — Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1956-1959.

Dorea, Augusta Garcia Rocha. *O romance de Plínio Salgado*, 2.^a ed., IBRASA, S.P., 1978.

Freyre, Gilberto. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*, ed. Casa do Estudante do Brasil, 2.^a ed., Rio, 1942.

Graciotti, Mário. *Europa tranqüila*, ed. Clube do Livro, 4.^a ed., São Paulo, 1959.

Grieco, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*, in OBRAS COMPLETAS, José Olympio, Rio de Janeiro, 1948.

Medeiros, Jader. *A força de um pensamento*, edição da UOCB, Rio de Janeiro, 1973.

Nestor Vitor. *Os de hoje*, in OBRA CRÍTICA, vol. II, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1973.

Reale, Miguel. Pronunciamento de. In sessão do Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro.

Sacerdos. *O homem integral*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1957.

- Saldanha, Nelson. *História das idéias políticas no Brasil*, Universidade Federal de Pernambuco, 1968.
- Salim, Emílio José. *Ciência e Religião*, 2.^a ed. ampliada, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1941.
- Silveira, Alarico. *Enciclopédia brasileira*, INL, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958.
- Silveira, Tasso da. *Diálogo com as raízes*, GRD/MEC, Salvador, 1971.
- Ricardo, Cassiano. *Viagem no Tempo e no Espaço*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1970.
- Picchia, Menotti del. *A longa viagem*, Martins, São Paulo, 1970.

IV

ANÁLISES RECENTES DA OBRA DE PLÍNIO SALGADO

Avoluma-se, no Brasil, com caráter de seriedade — mas que não deixa de ser uma pseudo-seriedade, pelo partidarismo político de que se reveste e pela unilateralidade da análise — o número de volumosos trabalhos de autores marxistas, católicos progressistas, ex-integralistas, etc..., a resepio da obra de Plínio Salgado. Não poderíamos, em acato à produção intelectual alheia — mesmo de adversários quase sempre isentos de boa-fé —, deixar de registrá-los, devendo, evidentemente, serem eles analisados com as devidas reservas, pois são pesquisadores que, descobrindo a obra de Plínio Salgado, ou reavaliando-a hoje sob prismas ou emoções diferentes das emoções e prismas de ontem — e sentindo a sua extraordinária força de criação político-social, traduzida no mais seguro dos roteiros para a garantia presente e futura da nacionalidade brasileira — descobrindo essa obra, ou tomando posição contra ela quando anteriormente a defendiam, se propõem a destruí-la inexoravelmente, através de distorções e comparações descabidas e de conclusões preconceituosas, o que os leva, aliás, a divergirem entre si, como é o caso de J. Chasin, H. Trindade, W. Guilherme dos Santos, etc...

Alguns autores abaixo relacionados são pesquisadores que não se sentem suficientemente fortes para rasgar a máscara de ferro imposta pela propaganda do DIP getuliano à fisionomia pliniana; outros são incapazes de escapar aos pronunciamentos ditados pelo tribunal de exceção vigente no Estado Novo, e os restantes, acorrentados aos chavões dogmáticos do marxismo internacional — tão velhos e comprovadamente incapacitados de atender aos objetivos mínimos que a dignidade humana pode exigir —, mesmo a eles se convertendo em nossos dias, dias de Gulags nazistas ou comunistas (e tão brilhantemente defendidos por Antonio Cândido no prefácio à volumosa obra de Chasin), todos devidamente inabilitados, portanto, para analisar a imensa produção de Plínio Salgado tal como ela foi elaborada e vivida, dentro de nossa realidade e especificamente para ela, isto é, para a realidade brasileira de nosso tempo.

São os seguintes, os livros e seus autores, aos quais estamos nos referindo:

- Carone, Edgard. *Revolução do Brasil contemporâneo*, Desa, S.P., s/d.;
A República nova, Difel, S.P., 1974.

- Chasin, J. *O Integralismo de Plínio Salgado*, Liv. Ed. Ciências Humanas Ltda., S.P., 1978.
- Corbisiér, Roland. *Filosofia e Crítica radical*. Liv. Duas Cidades, S.P., 1976.
- Lima, Alceu Amoroso. *Revolução suicida*, Editora Brasília, R.J., s/d.
- Lustrosa, Oscar de Figueiredo. *A Igreja e o Integralismo no Brasil, 1932-1939*, in "Revista de História", S.P., vol. LIV, n.º 108, 1976.
- Medeiros, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930-1945*, Fundação Getúlio Vargas, R.J., 1978.
- Schooyans, Michel. *Destin du Brésil*, Duculot, Belgique, 1973.
- Silva, Hélio. *Terrorismo em campo verde*, Civ. Brasileira, R.J., 1971.
- Trindade, Hégio. *Integralismo, o fascismo brasileiro da década de trinta*, DIFEL, S.P., 1976; 2.^a ed., ampliada, DIFEL, 1979.

Outros ângulos, porém, vão se incorporando à análise a que vem sendo submetida a obra e a vida de Plínio Salgado — alguns com dignidade e isenção — nos mais diversos setores. Assim, *no campo literário*, veja-se:

- Corrêa, Nereu. *A tapeçaria lingüística d'Os Sertões e outros estudos*, edições Quiron/MEC, SP., 1978 (com excelente ensaio sobre *Trepandê*, intitulado "O romance de uma cidade morta").
- Vasconcelos, Gilberto. *Ideologia curupira*, análise do discurso integralista. Brasiliense, S.P., 1979.
- Moraes, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista*, ed. Graal, Rio de Janeiro, 1978.
- Martins, Wilson. *História da inteligência brasileira*, vols. VI e VII, ed. Cultrix, S.P., 1978-79.
- Nunes, Benedito. *As idéias filosóficas no Brasil — séc. XX parte II*, ed. Convívio, S.P., 1978 (cita-se aqui esta obra pela estranha originalidade do autor, em, analisando "O pensamento estético no Brasil", e conseqüentemente a Semana de Arte Moderna de 1922, conseguir o "extraordinário" feito de não fazer nenhuma referência a Plínio Salgado e sua obra!).
- Guimarães, Josué. *Os tambores silenciosos*, ed. Globo, Porto Alegre, 1977 (este romance é aqui registrado pelo retrato fiel que faz de um dos momentos místicos da vida política de Plínio Salgado, as chamadas "Noites dos tambores silenciosos" possibilitando, assim, o seu conhecimento pelas novas gerações que, dessa etapa histórica da vida brasileira, só conhecem interpretações inverídicas e falseadas.)

Na área político-religiosa deve-se ver:

- Moura, O.S.B., D. Odilão. *As idéias filosóficas no Brasil, séc. XX parte I*, ed. Convívio, S.P., 1978.
- Idéias católicas no Brasil*, ed. Convívio, 1978.
- Araújo, Ricardo Benzaquem. "As classificações de Plínio Salgado — Uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 e 1938", in *Revista de Ciência Política*, ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1978, vol. 21, n.º 3, de setembro de 1978.

- Chauí, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. In Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho França, *Ideologia e Mobilização*, ed. Paz e Terra/CEDEC, Rio, 1978.
- Corbisier, Roland. *Autobiografia filosófica*, ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
- Castro, Marcos de. *Dom Helder*, ed. Graal, Rio de Janeiro, 1978.
- Santos, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político*, ed. Liv. Duas Cidades, S.P., 1978.
- Vieira, Maria do Pilar Araujo. *Em busca do Sigma*, estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. S.P., 1978.

Vinda de um ex-líder integralista, não podemos deixar de relacionar aqui a entrevista concedida pelo filósofo Miguel Reale e publicada no primeiro caderno de *O Estado de São Paulo*, em sua edição dominical de 14-5-1978, depoimento honesto e isento de paixões, cuja leitura se torna indispensável a todos os que pretendam mergulhar no significado do Integralismo, "cuja pregação de idéias deu ao Brasil as sementes da sua nova consciência cívica" — nas palavras de San Tiago Dantas, ao saudar o pensador paulista em determinado momento do após-guerra (*V. Palavras de um Professor*, Forense, 1975, com apresentação de Afonso Arinos de Melo Franco, pág. 145). Este testemunho de Miguel Reale foi lido na Câmara Federal pelo deputado Sebastião Navarro, cujo pronunciamento posteriormente foi publicado em plaquete.

Gumercindo Rocha Dorea

NOTA: Esta biobibliografia sintética de Plínio Salgado é essencialmente dinâmica, o que implica em ser reelaborada e acrescida em cada obra publicada pela Editora Voz do Oeste Ltda. No próximo volume, novos títulos sobre a vida e obra de Plínio Salgado a ela serão incorporados, e assim sucessivamente, dependendo sempre da melhor informação que chegar ao nosso conhecimento.

**O CAVALEIRO
DE ITARARÉ**

À MOCIDADE CIVIL E MILITAR DO BRASIL

O CAVALEIRO DE ITARARÉ foi anunciado na primeira página de *O Esperado*, em 1930, como terceira etapa do trabalho que me propus desde o *O Estrangeiro*, em 1926. Cumpro, assim a palavra que empenhei à mocidade do meu país.

* * *

Este livro é, principalmente, um livro sentido. Ele foi escrito em horas amargas de desilusão, diante do panorama de uma Pátria aviltada pela ignorância, pelo egoísmo, pela má fé de uma geração infeliz, em que poucos valores avultam no meio dos corrilhos de aventureiros de toda sorte e de mediocridades irritantes.

O prólogo é quase um ensaio sociológico. O romance constitui um livro apaixonado. Um livro de ironia e de revolta. Um livro de sarcasmo e de violência, em que o escritor vinga o homem público incompreendido, hostilizado, caluniado pelas farândulas dos charlatães e dos pigmeus.

É um livro de angústia, de cólera sagrada, composto atropeladamente, aos pedaços, muitas vezes nos instantes mais dramáticos de uma vida de obscuros heroísmos.

* * *

Há páginas por onde passa a emoção poemática, o sentimento da nossa tragédia de povo; o romance ganha, então, uma tonalidade de poesia: o lirismo da grande terra bárbara, o sopro épico da raça em formação. Outras, em que, surdindo dos acres humorismos e das situações dolorosas, a esperança, apesar de tudo, se reafirma. Devo-as à juventude da minha

terra, que parece, não faltou ao meu apelo e que é a única razão de todo o meu esforço.

* * *

À mocidade das Escolas e do Exército Nacional dedico este livro. É o terceiro depoimento de um contemporâneo.

O ESTRANGEIRO foi um aviso.

O ESPERADO foi um prognóstico.

O CAVALEIRO DE ITARARÉ deverá ser: ou uma glorificação, ou um anátema à Nacionalidade.

* * *

Porque se a juventude civil e militar não assume um papel decisivo; se continuamos a assistir, de braços cruzados, à confusão dos espíritos, ao jogo das intrigas, ao desencadear das ambições dos mil grupos que desarticulam a opinião nacional, então nada mais resta a tentar pela salvação do Brasil.

* * *

E este livro pode muito bem ser o epitáfio de uma Pátria.

São Paulo, 4 de dezembro de 1932.

PLÍNIO SALGADO

PRÓLOGO

I

AS BOAS FADAS

Tinham ressoado doze pancadas vagarosas no velho relógio da frontaria barroca de São Francisco. A garoa gélida pulverizava a noite de janeiro, sobre as colinas de ruas estreitas e ermas do Triângulo adormecido. Estava-se no ano de 1894.

Os postes de iluminação desfaziam-se na luz de leite da bruma opaca. E os longos rumores das enxurradas, rolando para o largo do Piques, cantando pelas ladeiras do Carmo, da Tabatingüera, do Porto Geral, eram como uma grande voz de embalar o sono tranqüilo da cidade pacata de estudantes e fazendeiros.

Vultos vagos, destacados, de capas longas. Raros tálburis notívagos, derretendo-se na tela úmida de clarões fosfóreos.

* * *

Vindo do largo de São Bento, rodava um carro, uma parelha de cavalos possantes, num barulho de rodas, que faiscavam nas pedras. Puxando a coberta de lona sobre os joelhos e afagando sob o chale uma criança que vagia, a passageira perguntou:

— Esperou muito tempo, Guilherme?

O cocheiro vibrou uma chicotada nos cavalos e voltou-se para dentro do carro:

— Meia hora, Dona Genoveva.

— Logo vi, retrucou a mulher. Esperei Antônio toda a noite: ficou de me avisar.

Chegaram ao largo dos Remédios; a um avanço da parelha, o carro foi sacudido com força, e a criança pôs-se a vagir mais fortemente.

— A noite de hoje está rendendo! — exclamou o cocheiro com um riso de bonomia, que iluminava a cara negra.

— É verdade, Guilherme. Mas este pobrezinho nasceu bem infeliz. A mãe está com febre, não pode amamentá-lo. Foi por isso que o trouxe, para que Antônia faça a caridade de lhe matar a fome.

Guilherme ficou pensativo. E disse:

— É bem injusta esta vida, Dona Genoveva. Veja o patrãozinho, antes mesmo de nascer, já tem três amas esperando: a Firmina, a Maria e a Antônia; um berço que é uma beleza: dourado; e rendas, e fitas, e uma temeridade de roupinhas. Tem pagens, tem padrinhos ricos, uma fortuna que nem é bom falar... E esse pobrezinho que Dona Genoveva traz no colo, já chega neste mundo de meu Deus, debaixo de chuva, nos solavancos do carro, para pedir...

E riu um riso sibilante e zumbido de zz.

— Deus sabe o que faz, Guilherme. E tome cuidado que os cavalos nos levam para esse buraco. Coitada desta criancinha! Se você visse a família! Oito irmãos. O pai é carpinteiro, ganha muito pouco. Gente boa...

* * *

O carro estancou diante de um largo portão de ferro, que se abriu de par em par. Os cavalos entraram, a passo, pela grande alameda central do parque. Havia duas janelas acesas no palacete solene, como dois olhos vermelhos e abertos para a noite brumosa. Desceram, pelas escadarias de mármore, criados com lanternas, que punham reflexos nas poças d'água, nas folhas verdes dos plátanos e dos cinamomos gotejantes. Um cão latiu na treva do quintal. Caca-rejaram galinhas despertando.

— Ah! É você, Antônia?

— O senhor Barão está ansioso com a demora, e o doutorzinho muito apressurado.

— E Dona Beatriz?

— Nada, por enquanto. A coisa principiou às dez horas. Tinham galgado a escadaria.

— Que traz debaixo do braço? perguntou Antônia.

— A criança de Júlia.

— Coitadinha! fez Antônia, pegando a pequena trouxa.

Nesse instante, aparecia na sala de espera, com um castiçal de prata na mão esquerda, um homem de barba grisalha e um barrete de feltro.

Era o Barão de Itaquaquacetuba, Jerônimo Ferreira Abaetê da Cunha, senhor de muitas fazendas, das primeiras fábricas paulistas

de fiar e tecer, acionista de várias Companhias e ex-deputado geral do Império.

Com o braço estendido, indicou a escada:

— Subam depressa.

E entrou no escritório, aguardando o médico, que já se achava lá em cima.

Na saleta contígua ao quarto, Genoveva encontrou um moço alourado, de *chambre*, que andava inquieto, de um lado para outro, fumando cigarro, espiando pelo buraco da fechadura, indo até a janela, voltando de novo.

— Boa-noite, doutor Gordinho, cumprimentou Genoveva. Dora Beatriz vai indo bem?

O moço deu um pulo, agarrou a velha pelo braço, impeliu-a para a porta do quarto. Ela sorriu, dizendo ao estrepante bisonho:

— Não é nada, doutor; vai ver.

Uma hora depois, gritava na noite chuvosa, o seu primeiro grito, estridente como um ato de posse, o primeiro neto dos senhores Barões de Itaquaquecetuba.

* * *

Beatriz de Castro e Abaeté da Cunha Gordinho era a terceira filha do Barão. Seu casamento se efetuara no ano anterior, depois de um namoro curto de dois meses e um noivado aparatoso de ano e meio.

O jovem Augusto Adriano Gordinho, que se diplomara na velha Faculdade, tivera de ir à Bahia negociar o matrimônio com os pais, lavradores em Feira de Santana, vetustas linhagens das fidalguias agrícolas do Norte.

O velho Gordinho, que militava, também, na política do seu Estado, onde a República recente desorganizara os partidos tradicionais, destinava o jovem Augusto Adriano à carreira brilhante que o novo regime abria à juventude patricia.

Tinham-se valorizado os chefes locais, nessa nova ordem de coisas, tornando-se os planetas da gravitação política estadual.

Quando chegou a Feira de Santana a notícia do advento republicano, Augusto terminava os preparatórios e o velho agricultor tivera o pressentimento de que auspiciosos dias raiavam para o filho.

Augusto, nas férias de 91, enamorara-se de uma conterrânea, Iracema de Gusmão, filha do antigo adversário de Gordinho, rico senhor de vastos latifúndios, que não transigira com a queda da Monarquia.

Iracema tecia rendas na rede guinchante da varanda da casa grande, que olhava as montanhas e coqueiros no céu azul da Bahia sertaneja. E, desde aquele Natal de presépios iluminados da cidade festiva de bandos foliões de vaqueiros, cabras, roleteiros e doceiras, e sambas de Santana, em que conhecera o estudante de São Paulo, recitando Castro Alves e contando anedotas do Sul, ficara sonhando, na rede de rendas, o balainho de linhas, tecendo, picando os dedos distraídos com a agulha ligeira. E olhando o céu afogueado do lado do Sul...

* * *

Os velhos e as velhas chegaram a conversar sobre a possibilidade de uma união, que Gordinho chamava de "política", porque unia a teimosia monárquica de Gusmão ao seu republicanismo coronelício. O intransigente amigo de S. Majestade chegou mesmo a aplaudir, num grande gesto de seu bastão de peroba, aquela perspectiva de tréguas, que ele denominava: "o arco da Aliança para Feira de Santana".

Mas, vieram as férias de 92. Exatamente quando falecera o velho Gusmão e as beatas das missas matutinas comentavam no oitão da Matriz que o pobre velho não veria mais a felicidade de Iracema e as vitórias políticas do marido.

Vieram as férias, mas Augusto não veio. Depois... são tão comuns as histórias do Norte, que sonha, pensando no Sul! Do Norte, que espera, que cisma...

* * *

Iracema ficou olhando os coqueiros, os vãos altos dos gaviões sobre as montanhas azuis, os poentes em fogo, os crepúsculos imensos do sertão. E lia a novela triste, da outra Iracema, dos verdes mares bravios, o amor de Martim, guerreiro branco, ingrato como todos os homens...

* * *

No ano seguinte, o jovem Dr. Augusto Gordinho chegava à cidade natal, confabulava com o velho, e o velho dizia, sacudindo a cabeça:

— São Paulo vai-nos roubando tudo... Nossas melhores esperanças...

Um poeta, que fazia charadas para o *Almanaque das Lembranças*, escreveu um cromo, que principiava assim:

*Triste o perfil de Iracema,
Contemplando o céu azul...*

E o jovem Dr. Augusto Adriano Gordinho casou-se no ano seguinte, com a clara Beatriz de olhos negros e busto imponente, suntuosa como um orgulho.

* * *

Beatriz recebeu, com um sorriso cansado, os beijos do marido e os afagos do velho pai. Recostada sobre as almofadas, tinha a doçura animal das feições maternas iluminadas de um sentimento, até então desconhecido, meio vaidade, meio egoísmo, ternura esquisita e quase espanto diante do mistério.

Na sala contígua, Dona Genoveva e Antônia iniciavam a *toilette* do herdeiro feliz.

Tinham colocado a criança de Júlia sobre uma cama próxima. Antônia desenfaixou-a. E quando Genoveva, ultimando o ritual obstetrício do corte do umbigo, da colherinha de óleo, mandou trazer uma bacia d'água, a caixinha de lycopódio e os cueiros de lã fina, puseram as duas crianças no mesmo leito, nuas e vermelhas, os olhos apertados no rosto de rugas e as bocas mastigando na expressão inicial das sucções violentas, entrecortadas de berros.

— Como se parecem! — disse Antônia.

— Todas as crianças se parecem — respondeu Genoveva.

Antônia examinava melhor.

— Achei uma diferença! Veja.

E mostrou nas costas do filho de Beatriz um sinal, como uma mancha negra, semelhante a uma moeda de cobre.

— Isso se chama um “patacão”; é sinal de caboclos.

Puseram-se a examinar melhor os recém-nascidos.

— Veja outra diferença! exclamou Genoveva.

A criada curvou-se. A criança de Júlia nascera com um defeito na mão direita: o dedo mínimo era esquisitamente atrofiado.

— Infeliz... — murmurou Antônia. — O rico nasceu perfeito.

* * *

Meia hora, e o neto dos Barões de Itaquaquecetuba entrava triunfante no berço de rodas festivo, de cortinados róseos de sedas e rendas, na grande câmara, para receber os afagos maternos.

O Dr. Gordinho sorria apalermado; o Barão e a Baronesa tinham o ar encantado dos avós felizes; e Beatriz estendeu os braços de doçura infinita, numa vaga volúpia de ternura, espiritualização de instintos, como um superamento de prazer físico.

Era o filho.

E havia nisso qualquer coisa de atordoante mistério, na hora avançada da madrugada chuvosa, no concheio familiar daquela festa noturna, com séquitos de amas, criados e pagens, tudo em movimento e rumores por toda a casa.

Puseram-lhe a criança nos braços brancos e macios; Beatriz, estreitou-a nos seios, almofada túmida, palpitante de mocidade e de vida. E os olhos tinham uma luz molhada de afeto envolvente; e os dedos pálidos a leve trepidação de uma carícia de plumas. Tudo, na jovem mãe, era como uma sinfonia muda de sensações femininas, na integração absoluta do sexo, uma consciência de identificação consigo mesma. A noite de martírios terminara pela glorificação da mulher; tudo se movia, se agitava, para glorificar a mãe.

* * *

Beatriz atingira os 18 anos, cheia de sonhos vagos, de solicitações indefinidas. A alma romântica imprecisara-se em devaneios. E, afinal, o filho, sintonizava todas as suas energias. O amor pelo marido, o orgulho da família, de velhas prosápias, o sentimento de religiosidade (...era uma vez em Belém; e uma grande estrela; e os pastores, e as harpas, e os anjos na noite de aromas...); e os ímpetos de aventura da mocidade; e os ócios vazios da grande casa senhorial; e o culto de heróis, de poetas, guerreiros e príncipes... Mas tudo, enfim, se coordenava, na fusão dos instintos maternos, traduzindo-se no fulgor úmido dos olhos, no aperto nervoso dos braços, como um sonho impossível.

* * *

— Vejam como é lindo! — dizia.

O Barão curvou-se:

— Um rapagão.

E o pai:

— Tem qualquer coisa do bisavô, o Conselheiro Jurumenha.

— Deixe disso! — exclamou a Baronesa, tomando a criança nas mãos e erguendo-a: — é a cara do Brigadeiro Mascarenhas, tio de Jerônimo.

Desfiavam nomes de ancestrais, diante da cara inchada e ainda informe do recém-nascido, onde todos os traços se indefiniam como intenções mal expressas.

Genoveva e Antônia assistiam à explosão dos regozijos, com sorrisos servis.

Mas, num momento em que a senhora Baronesa suspendeu o neto, para contemplá-lo à luz do candelabro, a criada e a parteira se entreolharam empalidecendo de terror.

A criança festejada e animada, era o filho de Júlia, a pobre mulher do carpinteiro. O defeito do dedo mínimo era agora bem visível!

— Coitadinho! tem um dedo atrofiado! — lamentou a velha avó.

— Não importa! disse o Barão. Homens, dos mais notáveis, tiveram pequenos senões. Isso até pode ser a marca de uma predestinação.

— Sim! E ele é lindo! exclamou Beatriz, tomando de novo, o filho, que cobriu de beijos.

* * *

Antônia e Genoveva não tiveram mais coragem para desfazer o engano. Tremiam. Sozinhas, no quarto próximo, examinaram o outro, o legítimo herdeiro do Barão.

— Aqui está a marca! exclamou Antonia.

— De fato. Mas, que fazer agora?

— Isto é horrível! chorava Antonia; vamos explicar, meu Deus! Que situação a nossa!

Dona Genoveva refletiu. E disse:

— Deus sabe o que faz. Agora é deixar as coisas como estão.

A velha parteira conhecia bem o temperamento do sr. Barão e a rispidez da senhora Baronesa.

O hábito de mandar, a severidade e desenvoltura excessivas no trato com os humildes e dependentes, criava, em torno dos Abaetês da Cunha, um ambiente de desconfiança e medo vago, que estiolava no caráter dos pequenos os gestos de lealdade e de franqueza.

Se Dona Genoveva esclarecesse aquele engano, que não havia durado ainda meia hora, a casa tremeria abalada de ralhos, Antonia seria despedida, a velha parteira estaria desmoralizada e sem meios de vida, e até a família dos pobres operários poderia vir a sofrer as conseqüências de haver o filho misérrimo ocupado, durante trinta minutos, o berço de ouro do rico herdeiro.

Grande era o crime para merecer desculpas! — pensava Genoveva. Quantos beijos em vão! Quantos afagos e elogios! Tudo para o filho de Júlia, a pobre proletária, que ardia em febre num recanto obscuro da cidade...

— Eles nem acreditarão mais! explicou Genoveva a Antônia. Ficarão sempre na dúvida. O melhor é deixar como está.

Antonia tremia. E, sentando-se com a criança ao colo, as pernas cruzadas, sacudindo o pé nervoso no chinelinho de couro, tirou pela gola da blusa de algodão azul o seio túmido como um cabaz marron, e pôs-se a amamentar o recém-nascido, o legítimo neto dos de Itaquaquecetuba, vestido na camisolinha de chita e enrolado nos cueiros de baeta ordinária.

— É preciso não dizer nada a Júlia; ela também não deve saber.

— Que ninguém saiba! recomendou Genoveva.

* * *

A chuva tinha cessado. Um vento leve varria o céu. Sobre a cidade molhada brilhava a estrela matutina.

Guilherme saltou na boléia. E, pela rua da Liberdade abaixo, rodou o carro, conduzindo Genoveva e o seu pequenino fardo.

Antônia, nervosa, ficou no portão, os olhos grandes e meigos, a cara de pranto.

O carro foi desaparecendo no lusco-fusco da alvorada. Conservou-se ali pensativa a escutar o trote dos cavalos, o rumor das rodas. O ruído foi amortecendo na distância. A rua caiu no silêncio enorme da hora indecisa...

II

VELHOS BRASÕES, NOVAS HERÁLDICAS...

Capistrano descansou a enxó sobre o banco de peroba espessa e fez caminho com os pés enfiados em tamancos por entre as fitas vermelhas que as plainas arrancaram no madeirame aparelhado na oficina em desordem. E sorriu um sorriso aberto que mostrava os dentes brancos, e abriu os braços, numa saudação:

— Pensei que já me tinha roubado o rapaz, comadre! Vamos ver isso!

Dona Genoveva abriu as abas do chale e a criança berrou na luz crua do meio-dia.

— É um caboclo destorcido! exclamou Capistrano. Vamos levar para a Júlia ver.

A residência era nos fundos da oficina. Duas crianças de cara suja brincavam na pequena escada de três degraus de tijolos carcomidos, que dava para o interior.

— Sai do caminho, Maneco! Vá brincar pra lá, Chico! Onde está o Tônio?

— Tá c'o Janjão, brincando de venda.

Os dois meninos sentaram-se num canto da oficina, arrecadando um monte de tabuazinhas e sarrafos, que começaram a dispor, num arremedo de casas.

— Vamos fazer a igreja da Sé.

— Da Sé, não; do Carmo.

— Então não brinco.

E vieram tapas. Capistrano berrou de cima e os dois voltaram ao brinquedo, choramingando.

Da cozinha, vieram a Nhana e a Valentina, que estavam cuidando dos caldos para a enferma e dos arranjos da casa. Eram as filhas mais velhas de Capistrano, 15 e 13 anos, que lavavam, cozinhavam, costuravam, ajudando a mãe a "carregar a sua cruz", como dizia a velha avó Dona Ritinha, nas visitas semanais que vinha

fazer pelo trem de Mogi das Cruzes, nas manhãs dos domingos tranquilos.

— Os meninos já almoçaram?

— Almoçaram, respondeu Valentina. O Alberto e o Cesário foram para a escola.

Eram os dois, de 9 e 11 anos, que punham a vizinhança em polvorosa, trepando pelos muros, rebentando vidraças com estilingues, armando batalhas de moleques e chegando em casa, frequentemente, com os narizes ou cabeças quebrados.

Entraram no quarto de Júlia.

* * *

— Aqui está o nosso Urbano, disse o carpinteiro estendendo a criança para os braços da mãe.

Júlia sorriu pálida. Parecia bem melhor, já não tinha febre; não se tratava, portanto, de uma infecção grave. E Dona Genoveva sentiu uma íntima alegria profissional.

Tomando o menino, Júlia conchegou-o ao seio, apertou-o.

— Então, o nome será mesmo Urbano?

— Naturalmente; é o que a folhinha deu no dia em que tratamos disso. Também, do jeito que vamos indo (disse, voltando-se para Genoveva), terminamos organizando um dicionário de nomes próprios. Este é o nono. E não perdemos nenhum.

— Graças a Deus, fez Júlia. A saúde mora nesta casa. É o que nos vale.

Genoveva acendeu uma vela benta junto ao quadro de Nossa Senhora do Bom Parto, que tinha ao lado um Menino Jesus de Praga e uma imagem de Santo Antônio de nó de pinho, obra mesmo de Capristano. Defumou o quarto com uma mistura de benjoim, raspas de veado e arruda, e rezou, movendo apenas os lábios sexagenários, o *Incomparável Senhora*, que livrava de raios, trovões, tempestades, perigos e doenças. Pôs um galhinho de alecrim debaixo do travesseiro de Júlia e recomendou que tomasse cuidado com o mau olhado das visitas, que uma criança da rua Santa Ifigênia morrera em quarenta e oito horas, de "quebranto". Tirou do seio uma "figa" de coral, pendurada num colar de caroços de azeitona, e enfiou no pescoço do pequeno Urbano.

Era a liturgia que completava a técnica profissional de Dona Genoveva, já famosa pela sua competência comprovada em centenas de casos felizes.

Na cama de ferro enferrujada, com lençóis de algodão grosso e fronhas de *crochet*, e uma colcha dos dias de visita, que vinha atravessando os tempos e as solenidades, Júlia se sentia bem feliz, na meia luz do quarto de janela semi-cerrada, onde a cômoda velha parecia contemplar tudo, familiarizada no convívio íntimo de tantos anos.

* * *

Capistrano — Pedro Fagundes Capistrano — descendia de uma família nobre, das muitas que se diluíram na plebe, desde o começo do século, quer por parte de mãe (os Álvares, gente de linguagem de Ciudad Rodrigo, que se entrelaçou com os Capistranos, do Além Tejo), quer pelo pai que vinha dos Fagundes, da Beira Baixa, com muitos moços fidalgos na corte de D. João V e parentela prestigiosa nos tempos de D. José.

Esses Álvares, como os Capistranos, tinham começado a decadência, já nos dias em que vinham de França as notícias do Terror, ou bem antes, quando se infiltravam pela Europa os escritos de Rousseau e de Voltaire.

Quando o senhor D. João VI aportou no Rio de Janeiro, já havia diversos Capistranos e Fagundes desgarrados pelos sertões do Brasil, tentando a vida, nessa nova ordem de coisas, que fazia do livre comércio e dos direitos do cidadão o caminho largo para a escalada burguesa.

Tinha principiado a Nova Era, em que os comerciantes, agricultores e artesãos viam abrir-se diante dos olhos a possibilidade de uma fidalguia de novo estilo. E, enquanto a gente aristocrata dos gibões de cetim ou de veludo e punhos de renda, deslizava, quase sem perceber, da heráldica ostentação dos brasões vetustos para a vulgaridade das profissões burguesas, o exercício do comércio e as atividades liberais, alteavam a cabeça os peões e os muladeiros, os desbravadores do sertão, negociantes de escravos, senhores de engenho, traficantes de toda a sorte, empreiteiros de carroto das longas tropas guisalhantes e dos lerdos carros de bois, que os direitos do homem e o livre comércio habilitavam para uma inaugural nobreza, que viria constituir, na sua maior parte, a aristocracia brasileira.

Era o país novo, que ia começar a viver uma vida condicionada a circunstâncias inéditas, mas visando, pela fatalidade econômica e biológica, novas prerrogativas, equivalentes aos velhos preconceitos aristocráticos, perdurantes como um resíduo adaptável a imperativos imprevistos.

Mas, nem os Fagundes, nem os Álvares, foram felizes na tentativa de reconstrução que se impuseram no país jovem. Descambaram para os planos modestos das profissões medíocres, e, já em 1857, um Fagundes ia habitar Ubatuba como faroleiro, e ali constituía família e se radicava na existência monótona da cidade marítima. E foi algum tempo depois que um Pereira Capistrano, que transitava com a tropa de vinte e duas bestas de carga, levando sal e açúcar, pólvora e ferragens, do porto paulista para os centros de Minas Gerais, veio a contrair matrimônio com Margarida Fagundes, a primogênita do faroleiro.

Desse consórcio, nascia, em 1858, Pedro Fagundes Capistrano, na vila de Soledade, onde o tropeiro se fixara, abandonando a vida errante de condutor de burros pelas serras da Mantiqueira e de Quebra Cangalhas, de negros caldeirões e rampas ensaboadas do tempo impiedoso das águas.

E Pedro Fagundes Capistrano aprendeu as primeiras letras na escola régia.

Quando porém, em 1872, já aos 14 anos, o pai compreendeu que não deixaria aos filhos numerosos mais do que um sítio e uma casa, algumas vacas e cavalos, meteu-o de aprendizagem na oficina do Zé Bento, carapina de fama no sul de Minas, que lhe ensinou o ofício. Pedrinho Capistrano sonhava deixar um dia Soledade de Itajubá, ir para a Corte, ou São Paulo, e, afinal, quando lhe apareceram os bigodes, desceu a serra num cavalo baio, pegou o trem, que já trafegava até Cachoeira, e viu o mar, pela primeira vez, numa linda tarde de maio de 1879. O Rio de Janeiro ainda era a cidade de negros e portugueses, casas atacadistas, ourivesarias e botequins; homens de sobre-casacas pretas e calças brancas engomadas, damas de lenços vistosos de seda, fazendo ângulo nas costas, o busto inclinado pela sala-balão.

* * *

Andou vagabundeando pelo cais Pharoux, pelas ruas da Constituição, da Alfândega, do Ouvidor, olhando, pasmado, belchiores, casas de móveis e a gente que ia e vinha.

Caro custou, mas colocou-se numa marcenaria, onde foi aprendendo a lidar com o torno, a fazer rococó, que ainda era o gosto da época. No fim de dois anos, tinham-no em conta de um sofrível oficial-marceneiro.

Já então, o estilo da mobília evolvera como o próprio estilo arquitetônico e a indumentária feminina.

A oficina onde Pedrinho Fagundes fazia o seu curso teve o seu grande momento. Foi com a entrada de um escravo, o Domingos, de testa empinada, que se pôs a inventar um novo tipo "império", de cadeiras e mesas imponentes, de cores mais claras, como as próprias idéias políticas do tempo. Domingos começou a libertar a sociedade carioca do barroco negro dos ambientes coloniais e, ao mesmo tempo, a despir o balbuciante mobiliário napoleônico da suntuosidade excessiva, talhando cadeiras e poltronas mais confortáveis, e dando à curva das mesas e dos aparadores, dos leitos e dos guardacasacas, uma declinação mais desenvolvida, mais liberada de ângulos e linhas sinuosas. Inventou um estilo que era bem a expressão paralela da oratória parlamentar de grandes gestos tropicais, que começara com a queda do gabinete Zacarias e se prolongava no fragor da questão militar. O preto marceneiro não sabia dessas coisas, agiu instintivamente, talvez mediunicamente, talhando a história na sua marcenaria.

Esse Domingos foi um grande negócio para a oficina de Mestre Ramolinski, o judeu polaco da rua Gonçalves Dias.

Pedrinho Fagundes não possuía uma capacidade de atenção absoluta nem uma intuição aguda, para penetrar o sentido da arte de tio Domingos. Faltava-lhe mediunidade. Nem tinha paciência. Não sabia "dormir nos detalhes", como dizia Ramolinski. Queria ir logo às do cabo, trabalhar depressa. E pretendeu competir com o negro, criando uma situação de rivalidade insustentável na oficina de Mestre Ramolinski.

Domingos venceu. E entrou na cabeça de Capistrano a idéia de ir para São Paulo, onde havia fazendeiros ricos, mas poucos marceneiros competentes. E foi.

* * *

Antes de se estabelecer na rua 25 de Março, onde alugara um armazém, conheceu a Júlia, filha da dona da pensão em que se hospedara, Dona Rita Vasconcelos, mulher de um bedel da Faculdade de Direito, o Terêncio de cara amarela, piracuara das margens do Paraíba.

No jogo de prendas, na partida mensal das quadrilhas e lanceiros, cortados de polcas e valsas, firmou-se o namoro, acertou-se o noivado.

Júlia, como Pedro Capistrano, descendia de gente de fina estofa. O Terêncio era neto do sargento-mor Almeida, de Mato Grosso, aparentado com o estribeiro-mor de D. José I.

A mulher, Dona Rita, essa procedia mesmo, por pai e mãe (que eram primos), dos Vasconcelos, cujo escudo estava pintado na sala dos brasões do Castelo de Cintra, e diziam de uma dama aparentada com seus ancestrais, que era a mesma que ocasionara a pintura da "sala das pegas", daquele castelo, e a frase d'El-Rei D. João I: "Foi por bem".

Os caminhos percorridos pelas duas famílias, a de Dona Rita e a de Terêncio, desde o convívio fidalgo de Lisboa, até à vida apagada dos tataranetos, foram semelhantes, certamente, aos que levaram Capistrano e Álvares a cruzar seus destinos com os Vasconcelos e Almeidas, na cidade de estudantes e fazendeiros, onde se forjavam novas prosápias e brasões.

* * *

Pedrinho Capistrano viu passar um ano feliz de lua-de-mel, fabricando as mobílias com que pretendia encher os salões e câmaras dos fidalgos paulistanos.

Mas São Paulo nessa época — 1880-1890 — começava a viver uma vida mais em contato com a Europa do que com o Rio de Janeiro. As primeiras fortunas produzidas pelo deslocamento da lavoura do vale do Paraíba para o Oeste, engendraram as primeiras viagens a Paris. Iniciavam-se as importações de artigos suntuários. E chegaram, também, na capital florescente, os primeiros artífices, ourives, marceneiros, floristas, costureiros, e até cozinheiros e confeitheiros da Europa. A arte de Capistrano era bem mais deficiente do que a do preto Domingos, para sustentar concorrência com a civilização que inundava o planalto. Começou, assim, a decadência do "artista". Debalde pôs anúncios no *Correio Paulistano* e no *Correio Mercantil*. Procuravam-no, apenas, os que necessitavam de serviços de carpintaria, ou peças modestas para fregueses de pequenos recursos.

Os filhos, porém, aumentaram sempre.

* * *

Dona Genoveva deixou Urbano entregue aos cuidados da mãe e dos irmãos. Valentina pôs-se a embalá-lo numa rede de algodão pardo, cantando, a meia voz:

"Durma nenê
que a cuca vem pegar..."

Era uma cantiga com a boca mole, cortada de bocejos e distrações, lembranças de brinquedos, passeios e festas. O braço movendo-se à cadência da rede, Valentina tinha um ar de fadiga precoce, no seu vestidinho vermelho de chita riscada de quadradinhos pretos, o cabelo castanho, caindo em duas tranças, as orelhas pequenas com brincos de pingo d'água.

A outra pequena serviu o almoço, para o pai e Dona Genoveva. Na ponta da mesa tosca e negra, a toalha dobrada, com manchas de café; os pratos de ágata, talheres de ferro. Veio o feijão cor de chocolate e o arroz avermelhado; uma travessa com couve e três ovos estrelados. Num vidro muito claro, brilhava a aguardente; num outro, de boca larga, a pimenta comari alegrava o almoço com tons verde-escarlates.

Os quatro meninos — Maneco, Janjão, Tônio e Chico — sentaram-se no chão, a um canto, esperando a comida, empunhando pratos de estanho, que começaram a rufar, malhando as colheres de chumbo. Maneco e Chico vestiam ainda camisolas, que estavam encardidas de rodar pela poeira; o Tônio, em mangas de camisa, com o suspensório de cadarço azul trançado em cruz sobre as costas, o Janjão, com a jaqueta roída nos cotovelos.

Os rufos das colheres nos pratos tornaram-se ensurdecedores. Capistrano, sentado à mesa com Dona Genoveva, deu um berro:

— Parem com isso!

Os quatro suspenderam automaticamente a orquestra e levaram as colheres à boca, numa imobilidade estática.

A refeição principiou avidamente. Com ritmos quase soturnos.

III

TEODORICO E SUA CORTE

O Barão de Itaquaquacetuba quis fazer do batizado do neto o motivo para uma grande festa. O jantar e o baile realizaram-se na chácara da família, no Cambuci, pretexto à originalidade bucólica de pitoresca alegria campestre.

Avisaram-se os convidados sobre o caráter da reunião e das *toilettes*, que deveriam girar em torno de motivos campestres. Desde o grande portão, até à entrada larga da casa de ampla varanda e janelas de caixilhos, dispuseram-se arcos de bambus, com lanternas chinesas. Ao longo dos corrimões, entrelaçaram-se rosas e cravos. E a sala de espera, a de visitas, a vasta sala de jantar, fulguravam numa ostentação floral que punha no ambiente um cheiro úmido de bosques, insinuando a presença dos bons gênios e boas fadas.

As quatro horas da tarde, chegaram os primeiros convivas: o sr. Visconde de Tambaú, com as suíças arrepiadas, dando o braço à sua filha, Dona Anardina, de faces rosadas, no vestido grená. E, quase em seguida, desceu da carruagem o Coronel Ruivo, com a sobrinha Nicota, de longas tranças caindo sobre as espáduas de blusa branca, o chapéu creme de palhinha leve, e uma amiguinha morena de frente larga, sob o chapéu rosa seco, o vestido leve de cores claras de aquarela. O militar cumprimentou o Barão e o Visconde, saudou a Baronesa com grande curvatura. Mas chegava o senador Gamaliel de Freitas, lente de direito e advogado de fama, o largo peito e a voz de barítono, com a mulher, alta e seca, de *toilette* cor de palha. E logo entrou o Dr. Matos Coqueiro, fazendeiro rico de Píthal, e o filho, estudante de medicina em Paris, e as duas filhas, em azul claro, chapéus de fitas azuis, os olhos azuis como uma cena da pintura campestre e romântica dos meados do século. E, quase ao mesmo tempo, com as medidas da etiqueta, subiram a pequena escada umas dez pessoas, as famílias dos Cintras opulentos, dos

ricos Amarais e dos fidalgos Cerveiras. Vieram ainda estudantes alegres de paletós agarrados, golas estreitas e *plastrons* da moda nos colarinhos duros; moças multicores e cavalheiros graves. Retardados, ingressaram, sob os arcos de bambus, e receberam a saudação geral, o senhor Bispo da Diocese, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho e Monsenhor Vigário-Geral; juntando-se aos outros convidados, estes eminentes prelados, por sua vez, receberam, com sorrisos amáveis, o Dr. Presidente do Estado, na simplicidade do seu paletósaco; e o diretor do Banco dos Lavradores, de chapéu de Chile, que entrava palestrando com o jornalista Aguiar, aquele mesmo que se destacara nas polêmicas sobre o positivismo, nos dias inaugurais da Constituinte.

Crescia nos amplos salões o rumor das palestras sobre os assuntos da época, a algaravia das moças e dos estudantes, cuja intensidade recrudesceu, quando a banda de música (uma seção da Polícia) atacava, no caramanchel do jardim, uma valsa com suspiros sentimentais de pistões e clarinetas.

As seis da tarde, as luzes se acenderam nos candelabros e lustres. Duas criadas de toucas brancas vieram rodando, até o meio da sala nobre, o berço suntuoso.

O Dr. Gordinho, junto de Beatriz sorridente, no meio do silêncio que se fez, descerrou o cortinado, e disse também sorrindo:

— Temos a honra de apresentar o senhor Teodorico de Castro Ferreira da Cunha e Abaeté Gordinho, criado de Vossas Excelências.

Foi um *oh!* unânime. Todos se curvaram sobre Teodorico, de olhos indiferentes, succionando, com sofreguidão animal, a chupeta de argola branca.

As moças precipitaram-se. “Que lindo!”, “É um cromo!”, “Vejam que boquinha!”, “Que narizinho!”.

O berço rodou de novo, escoltado pelas duas criadas, em marcha vagarosa, como a displicência de um deus.

A banda desenrolou uma mazurca ofegante, com risos de bombardinos ventríloquos, e um bando de criados de libré branca espalhou-se pelas salas, com largas bandejas de prata, servindo Xerez e Porto.

* * *

O jantar era uma mesa em forma de T, com jarras de flores, com brindes tecidos a boninas e violetas: *Salve Teodorico*. A prata resplandecente nos *etagères*, os lustres da Boêmia, os cristais venezianos, os Sèvres suntuosos, floreiras, porcelanas, e a ornamen-

tação de musgos e rosas, cravos e bromélias, com grandes corbelhas pendentes e tinas douradas nos ângulos da sala, onde fulgiam begônias e palmáceas, — dava tudo um aspecto de floresta encantada, ao grande ambiente de luzes e de vozes.

O *menu* cingia-se aos preceitos da cozinha e da etiqueta francesas, na ordem metódica das entradas e no refinamento técnico da apresentação dos pratos. As palestras generalizavam-se com vinho branco de velhas caves gaulesas.

* * *

A sociedade brasileira vivia um instante curioso de transformações. O fenômeno, que se processara lentamente através dos dois Impérios, culminava, de chofre, dentro dos dias desafogados da República.

Aquela gente que se reunia em casa do Barão de Itaquaquece-tuba constituía o mesmo elemento social do país, atuante nos destinos da Nacionalidade, desde os fins do século XVIII. Era a luta da Produção contra o Estado, traduzindo-se nas aspirações liberais.

A Inconfidência mineira foi o primeiro movimento reflexo dos mineradores, dos agricultores e comerciantes contra a tese política da Autoridade.

Se apreciadas apenas sob o critério do desenvolvimento econômico, as guerras da Independência na América exprimiram a rebelião dos produtores contra as prerrogativas e usurpações, que tinham a sua tradução imediata no órgão político das cortes européias.

A decadência da nobreza no Brasil principia a objetivar-se nos anseios iniciais da Independência, que refletiam não somente nos anseios de uma nova personalidade nacional definida no convívio dos povos, mas também a soma dos interesses burgueses mal dissimulados em insinceros idealismos. O processo novo da vida social esboçara-se, porém, muito antes, na atividade pragmática das Bandeiras, com o cruzamento das raças, o nivelamento das castas; na investida contra o Sertão; no estabelecimento das minerações e, depois, das propriedades agrícolas. Já na Guerra Holandesa, os próceres da campanha nativista não desfilavam facilmente suas árvores genealógicas. Na capitania de São Paulo, inaugurara-se um novo sentido de relações sociais, que scandalizava os capitães-generais e os nobres, muito antes de D. Rodrigo César de Meneses, o Luís XI do feudalismo piratiningano.

E, através de um século, durante o reinado liberal de D. João VI e governo imperial de D. Pedro I, seguindo-se os dias agudos da

Regência e da Menoridade e os dilatados decênios do governo patriarcal de D. Pedro II, operou-se no país, como o revolvimento contínuo de um terreno, a dissolução da velha aristocracia, abatida e soterrada pelos planos de nova nobreza, baseada na agricultura e no liberalismo político.

Não houve propriamente uma troca de prerrogativas e funções entre a classe produtora e a privilegiada; esta diluiu-se na fisionomia geral da Nação, submetendo-se a inevitáveis processos seletivos, ante o novo sentido da organização brasileira.

O catálogo nobiliárquico ia se constituindo gradualmente pela acumulação de riquezas, fato esse que se acentuou no governo do Sr. D. Pedro II.

A fidalguia do Sr. D. Pedro I já tinha sido recrutada entre os primeiros agricultores e criadores, muitos dos quais figuram ao seu lado no séquito teatral do Ipiranga.

Em São Paulo, através da Monarquia, foi o café o senhor munificente dos brasões, como em Pernambuco a cana-de-açúcar, e no Rio Grande e Minas, a indústria pastoril.

Os dotes políticos e a cultura literária, assim como as guerras do Prata e do Paraguai, colaboraram, até certo ponto, na cristalização de uma sociedade-tipo das convivências da Corte; mas, o processo de formação das grandes castas provinciais foi vagaroso do mesmo modo que a própria evolução econômica do país.

O aceleração da marcha ascensional das forças produtivas em certas regiões, como a província do Rio e uma zona de São Paulo, multiplicou nesses pontos a fauna dos titulares (barões, viscondes e condes), — porém a estratificação das camadas sociais nem por isso deixou de se processar lentamente, desde os primórdios do século XIX até ao início da propaganda republicana.

Eis que chega a República, em 89. E, logo a seguir, os dias emocionantes do ensilhamento. O ritmo econômico nacional sofre o grande abalo das aventuras, que se multiplicam, da inflação do meio circulante, favores governamentais, isenções de direitos alfandegários, revelações de ônus e de impostos, facilidades para todos os negócios e jogatinas, correntes imigratórias, ampla liberdade. Ao mesmo tempo que as praças se agitam, que o comércio se dinamiza, como um carro que dispara, estalando os raios das rodas e o eixo estabilizador, e enquanto há gente sem eira nem beira, que enriquece do dia para a noite, e fortunas que dasabam — também, no cenário novo da política, surgem reputações imprevistas, focalizam-se figuras de heróis.

Os movimentos militares, a agitação dos civis, a revolta da esquadra e a marcha de Gumerindo Saraiva, que estava ante a resistência da Lapa e a vigilância de Itararé; a imprensa, que batalha, com os rumores verbais de Rui, de Patrocínio, de Quintino; os abalos sísmicos das deposições, no tempo de Deodoro, das prisões no tempo de Floriano; o ambiente de confusão em que se misturam sebastianistas monárquicos e demagogos republicanos, — tudo vem como que produzindo um revolvimento social, que a destruição dos partidos e a inauguração do trabalho livre acentuam.

Bem apreciado, esse revolvimento é a continuação daquele mesmo que se revela nos primeiros dias do século e se mantém uniforme através das grandes décadas da Monarquia. Agora, mais acelerado; porém, menos profundo.

A transformação instantânea não é no sentido de se sobrepor às árvores genealógicas a propriedade de latifúndios de gado e de ouro; sob esse aspecto, a instituição social se mantém e, até, se acentua, com a livre expansão econômica. A mudança é, apenas, de rótulos e de pessoas. A Guarda Nacional substitui os títulos e as comendas e cria a expressão agrícola-industrial do “coronel”, que se torna o índice da própria estruturação e do mecanismo da política, com o desaparecimento dos dois partidos coordenadores da opinião civil e a implantação do regime de clã, patriarcal, municipal e fazendeiro.

* * *

Os convivas do banquete do Sr. Barão de Itaquaquecetuba refletiam a sociedade brasileira daquele ano de 1894.

E a conversação que feria em torno da mesa imponente girava em redor de negócios, de política e de personagens focalizados nos dias em que principiava a consolidação da ordem civil do país.

— Parece que vamos entrar numa época de prosperidade, dizia o Coronel Ruivo, levando aos lábios o copo de rubro vinho Bordeaux.

— Para São Paulo, explicava o Dr. Matos Coqueiro, a imigração trará dias gloriosos.

— O senhor encara o problema da lavoura, disse o senador Garmaliel. É preciso ver, também o lado das indústrias; temos de favorecer nossas indústrias.

Um Cintra (o João Cintra), pôs-se a prognosticar o que São Paulo viria a ser, como metrópole manufatureira. E o senhor Bispo obtemperou, entre a atenção e o silêncio que se fez:

— O que me consola é pensar que todas essas transformações no caminho do progresso, não alteram o espírito de catolicidade da

família paulistana. Será com a base do sentimento religioso que se operará o grande desenvolvimento das nossas riquezas.

O Dr. Aguiar — discípulo de Comte, que fora amigo particular de Silva Jardim — atalhou:

— Evidentemente; a República não veio combater o sentimento religioso, mas, apenas, proclamar a liberdade de consciência. O novo regime, desinteressando-se por tudo o que não for o mecanismo constitucional e o senso jurídico, deixa que se expandam livremente os fatores espirituais e os econômicos. Damos à religião os mesmos direitos que damos ao comércio.

E olhou, de soslaio o senhor Presidente do Estado, que sorriu, assentindo com a cabeça.

— Não vejo, além do mais (disse o prelado, continuando o seu pensamento), em que possa colidir o desenvolvimento material com a linha moral dos povos.

— Desde que o Estado se mantenha equidistante e imparcial, interveio o Dr. Gordinho.

O senhor Barão de Itaquaquecetuba expôs a sua observação:

— Francamente, eu me sinto tão bem dentro da República, como dentro da Monarquia. Não vejo grandes alterações, a não ser em relação ao progresso, que aumentou. No mais, nossa sociedade, nossas famílias, mantêm a mesma tradição e fidalguia...

— A família (notou o Dr. Aguiar) entendo-a eu como um órgão social, um prolongamento do cidadão, jamais como expressão de antigas prerrogativas; as árvores genealógicas terão de desaparecer.

— De há muito que não nos preocupam essas árvores, disse o diretor do Banco dos Lavradores, interrompendo a sua palestra com a senhora Baronesa.

O senhor Presidente do Estado, que conversava com a filha do senhor Visconde de Tambaú, disse, sorrindo:

— Pois nós conversávamos aqui sobre a “nobilarquia” de Silva Leme. A senhorita Anardina descobria parentesco comigo no ramo dos Camargos.

O senhor Barão de Itaquaquecetuba tratou de mudar de assunto. A sua árvore genealógica não resistia a pesquisas curiosas; parava logo no avô, que fora um liberto.

* * *

O pai do Barão — Manuel Ferreira da Cunha — começara a vida com uma fazendola em Sorocaba, onde os progenitores foram dar, em 1818.

Vinham eles de Pindamonhangaba, onde o Norberto Ferreira, suando no eito, resgatara a sua liberdade com as pequenas plantações que fazia para si, nos sábados e em raros dias que lhe dava o senhor, um bom e filósofo fazendeiro de Roseira.

Esse Norberto Ferreira (que adotou o sobrenome do senhor) era um mulatinho quase branco, fruto de amores de uma bonita mucama e de um negociante português. Quando esteve nos seus oito anos, moleque experto da fazenda, pôs-se a soletrar a cartilha, sob os auspícios da mãe e de Iaiá, senhora moça caridosa, que o levava às missas dos domingos festivos e lhe contava histórias da Mãe de Ouro.

Aos dezoito anos, Norberto que era rapaz de confiança para as compras na cidade, recebimentos e pagamentos, viu a filha de um ferrador de animais, Eugênia da Cunha, de uma alvura igual à Virgem Maria da grande tela do oratório da fazenda. E concebeu a idéia de se libertar, casar com ela. Assim pensou e falou ao senhor, que lhe disse: "Vá trabalhando, rapaz; dou-lhe os sábados e os dias santos. Me ofereceram por você 650\$000. É quanto quero; e você poderá pagar". Norberto meteu cara no eito, tratou de criar galinhas e, em cada mês de março, vendia o seu arroz.

Decorridos dois anos, quando o namoro já ia adiantado, falou a Eugênia do seu plano. Era exatamente quando o velho Cunha dava pela coisa e enfarruscava. O ferreiro não tolerava a idéia de ver a filha casada com um liberto. Mandou-a para Taubaté, em casa de um tio.

Norberto, porém, passou a escrever cartas, que iam e traziam outras cartas, mais constantes, mais fiéis, de um sentimento invencível. E correu, assim, um ano. O jovem escravo já tinha pago ao senhor 520\$000, quando passou, vindo de Minas, pela fazenda da Roseira, um muladeiro gaúcho, que freqüentava as feiras de Sorocaba e trafegava as estradas que se rasgavam na fronteira de Bagé aos centros montanhosos de Minas Gerais. Numa noite de luar, o muladeiro, com o poncho aos ombros, à beira do rancho, que uma fogueira vermelha avermelhava, ouviu o Norberto cantar à viola, e gostou. Pegou também o instrumento, cantou modas do Rio Grande, e, horas depois, escutava a história do mulatinho, o seu sonho de amor e de liberdade.

Na manhã seguinte — uma linda manhã em que a neblina se desfazia a um sol louro e o mugido das vacas e bezerros crescia no mangueiro — o gaúcho abriu a carteira, contou umas pelegas vermelhas, e desceu a escada da grande casa da fazenda, com a carta de alforria de Norberto.

Passaram por Taubaté, avisaram Eugênia. E seguiram para o sul.

Ao fim da segunda viagem a Sorocaba, e terminada a grande feira, o Gabriel do Erechim, num burro preto, riscou as chilenas, bateu para Pindamonhangaba em companhia de Norberto, que agora montava uma besta ruana, de sua propriedade mesmo. E chegaram, numa tarde de setembro, pelas ave-marias, em casa do ferreiro Cunha, que escutava o *blibli* das águas do Paraíba, na rua do Porto. Foi um barulho dos diabos; o velho persistiu negando. Mas, naquela mesma noite, Norberto e Erechim rumaram para Taubaté.

As duas da madrugada, o guardião do convento ouviu retinir a campainha. E, quando ergueu a lanterna à altura do rosto dos visitantes noturnos, deu de cara com um casal e um homem espadaúdo de poncho, que lhe disse: — “Vá acordar um frade para fazer este casamento”.

No ano seguinte, Norberto estava estabelecido com um armazém de secos e molhados em Sorocaba, onde recebia periodicamente a visita do bom gaúcho, Gabriel do Erechim.

Em 1819, nascia o primeiro filho do casal, que Erechim batizou com o nome de Manuel. Foi este Manuel, educado pelo pai “na escola das dificuldades”, como costumava dizer, que em 1840, com 21 anos de idade, contraiu núpcias com D. Ana de Almeida Abaeté, filha do juiz da cidade, moça prendada e descendente de uma família, que embora sem linhagem, contava muitos comerciantes ricos e até políticos e militares, como o Brigadeiro Mascarenhas. Em 1842, após a revolução de Feijó e do Brigadeiro Tobias, nascia o futuro Barão de Itaquaquecetuba, que foi batizado, pela senhora Marquesa de Santos, então presente em Sorocaba, onde secundava os esforços revolucionários do seu segundo marido.

Da parte de sua mulher, o Barão não podia alegar também, finas estirpes. Dona Ricarda era filha de um traficante de escravos, que descia, desde 1846, pelo Ribeira de Iguape, com uma procissão de canoas, a esperar, no porto de Cananéia, as visitas dos navios negreiros, que transitavam pelos mares austrais, fugindo à vigilância das canhoneiras inglesas. Não podendo entrar no Rio de Janeiro, ou Santos, esses barcos à vela vinham abrigar-se na baía de Trepanché, no Mar Pequeno, ou tentar entrada em Icapara. Os mercadores derivavam por Apiaí, Iporanga e Xiririca, e regressavam para os centros do país, com as canoas cheias da mercadoria humana. Foi assim que o pai de Dona Ricarda, Mamede Severiano da Silva, acumulou grande fortuna, vendendo negros por atacado aos fazendeiros da florescente zona do oeste paulista.

Em 1851, Mamede casou-se com a primogênita de um agricultor abastado, antigo feitor de negros, uma Eulinda, alta e magra, que contrastava com a musculatura atlética do marido. E nasceu entre outros filhos, que eram quatro, Dona Ricarda, que veio a se casar com Jerônimo Ferreira Abaeté da Cunha, levando de dote duas opulentas fazendas e muitos prédios em São Paulo, Campinas e Santos.

O Barão de Itaquaquecetuba, portanto, como sua mulher, não estimava, naturalmente, a ciência genealógica, nem simpatizava com as palestras que resvassem por tão melindroso assunto.

* * *

Aliás, a maioria dos convivas da chácara de Abaeté, à exceção de dois ou três, não estavam em melhores condições do que o anfitrião amabilíssimo, no tocante a estirpes e linhagens. Alguns iam até aos tempos da Regência, outros avançavam até D. João VI, e raros chegavam ao Conde de Resende. E logo as profissões humildes, as origens obscuras e até suspeitas, detinham o incauto pesquisador. Mesmo aqueles que remontavam a fontes mais longínquas, encontravam cruzamentos colaterais penumbrando-se em resvalos que a sustentação das linhas puras obrigava a contornar.

A sublevação social de novas famílias e fortunas para os planos rebrilhantes da aristocracia republicana, levava alguns puritanos a apelar para a Torre do Tombo, a peregrinar pelos arquivos do Vaticano e até de Londres e Paris; e isso era como uma aflição inútil diante desse fenômeno sísmico que os impositivos econômicos operavam.

A palestra, já à altura da sobremesa, derivou para assuntos fúteis. E chegou-se a falar de poesia, de literatura. Havia estudantes fortes na matéria, além do Dr. Aguiar e da senhorita Anardina.

— A poesia moderna é bem mais árida, dizia Anardina. Os românticos eram mais emotivos.

O Dr. Gordinho protestou:

— Vivemos outros tempos, D. Anardina. Não se compreendem os poetas de cabelos enormes e gravatas desfraldadas. Não se coadunam mais com a nossa época as choramingas de Casimiro de Abreu, nem mesmo as *Noites da Taverna*, do nosso Álvares de Azevedo. Sejamos modernos. A forma, eis tudo; e o soneto, essa maravilha de síntese...

— Acho o parnasianismo muito rígido e pouco profundo, disse o Dr. Aguiar. Prefiro a poesia científica.

Depois da sobremesa, que foi iluminada por um brinde do Dr. Aguiar, apreciadíssimo pelos seus conceitos modernos, passaram aos salões. Começaram os recitativos. As moças cantaram ao piano. Os estudantes armaram um choro de violões e pandeiros. As 10 horas, o João Cintra bateu palmas e começou a primeira quadrilha. A segunda foi a dos namorados, e vieram outras na noite alegre, entrecortada de mazurcas e valsas.

Era a corte de Teodorico, o herdeiro feliz.

IV

O LUGAR DE URBANO

O Dr. Gordinho, no seu apartamento em *Étoile*, passou, com um bocejo, a carta do velho a Beatriz, que a leu e lamentou não pudesse o pequeno Teodorico aproveitar a primavera que chegava para a vida ao ar livre nas praias.

Havia, além disso, a grande exposição internacional, com a inauguração da ponte Alexandre III, dos grandes palácios do Campo de Marte, e as maravilhas do século da eletricidade.

O Barão escrevia ao genro, avisando-o da crise premente do café. As finanças do país encontravam-se em péssimas condições. O trabalho agrícola desorganizado. Todas as conseqüências das agitações e reformas que assinalaram a vida brasileira, desde 1888.

Narrava o sucedido a diversas famílias paulistas, que abandonaram a esplêndida opulência, afundando no sertão. E lembrava a oportunidade do regresso.

Teodorico, num lindo costume *marin*, a gola branca alvejando na blusa azul-ferrete, entrou, pelas mãos de Mlle. Suzanne, a governante.

Era um menino pálido, mas forte, de grandes olhos luminosos e um sorriso vagamente melancólico. Trazia uma locomotiva de latão debaixo do braço e recebeu as carícias da mãe, perguntando, em francês, quando partiam para Nice.

Beatriz sorriu orgulhosa:

— Veja que pena voltarmos já para o Brasil; Teodorico fala cada vez melhor.

Realmente, o menino, em um ano e pouco, aprendera o francês, habituando-se a exprimir-se com facilidade, em conversas longas com Mlle. Suzanne. Cantava cantigas francesas, brincava brinquedos franceses, e deveria ingressar numa escola da rua Lafayette, no ano seguinte, quando completasse seis anos.

— *Quel est le plus beau pays du monde?* perguntava-lhe *Mlle.*

— *C'est la France*, respondia Teodorico.

E o Dr. Gordinho sorria, vendo o progresso do filho. Ele, como a mulher, tinham tido uma criação diferente, embalados pelas muletas, ouvindo das mães-pretas as histórias do saci-pererê e do caapora. E quando o filho agora, cantava, no crepúsculo cinza do *quartier* parisiense:

*Sur le pont d'Avignon
Tous les gens passeront,*

recordavam-se de suas infâncias longínquas:

*Senhor meu compadre,
Senhor meu amo...*

As histórias que *Mlle.* contava a Teodorico eram velhas lendas gaulesas, relatos da Bretanha e da Provença, fantasias de Perrault.

Teodorico recebeu, entretanto, muito bem humorado, a notícia de que voltavam para o Brasil. Seduzia-o a vida de bordo; quando viera travara camaradagem com crianças argentinas, e eram corridas pelo passado, folguedos no tombadilho, as perninhas claudicantes. Ao longe, as nuvens no céu e no mar, formando figuras brancas.

* * *

Essa viagem pela Europa influenciou bastante no espírito de Teodorico. As impressões aos quatro e cinco anos são duradouras, decisivas. Tudo o que vem depois, pode condicionar a forma, não altera o fundo.

O neto do Barão de Itaquaquacetuba voltava para a sua pátria com uma compreensão definitiva do que era e do que lhe competia fazer. Sabia muito do mundo civilizado. Estivera na Suíça e vira a estação dos esportes na neve; estivera nos grandes hotéis, espiara da sala das crianças como era a sala dos grandes. Visitara estâncias balneárias, praias elegantes e *boulevards* rumorosos; vira os grandes *magazins*, divertira-se nos parques amplos, distraíra-se nos *squares* tranquilos. Vira de tudo, e o que não entendia *Mlle.* explicava. A vida era aquilo. E, no esplendor de Paris (Paris de 1900, quando surgiam um luxo novo e confortos inéditos), o menino impregnou-se do espírito balbuciente do século.

Que pode entender uma criança? Diziam. E Teodorico entendia. Certa vez perguntou a *Mlle.*, vendo passar no *Boulevard des Italiens*

um pequeno roto, quase da sua idade, pela mão de um operário de blusa:

— *Qu'est-ce qu'il est?*

— *Ce sont des pauvres gens; ce sont méchants.*

No Brasil, não havia ainda, senão em começo, essa espécie de gente. Iniciava-se a vida industrial de São Paulo, onde o Barão de Itaquaquecetuba surgia como um dos pioneiros.

O pequeno Teodorico, mais do que seus pais, apreendeu o espírito do conforto das grandes cidades. Estava sabido, e os pais divertiam-se, vendo-o a estabelecer comparações entre os requintes do Velho Mundo e as coisas provincianas de São Paulo e da velha casa do avô.

* * *

Por uma clara manhã de abril, embarcaram o Dr. Gordinho e família, num vapor inglês, que saía do Havre. E trouxeram *Mlle.*, curiosa de ver os países selvagens de *là-bas*.

O vapor correu dezoito dias no caminho do oceano verde, de grande céu aberto, com nuvens. E Pernambuco chegou — cidade rasa que surge das águas, com bandeiras de coqueiros, para a admiração de *Mlle.* Depois, bordejou para o Sul, e a Bahia rompeu no morro escuro, coroada de sol, com canoas de negros e quitandeiras de saias de renda, e frutas gostosas esquisitas.

Numa manhã de chumbo prateado, o Pão de Açúcar coruscou num raio de sol no céu, e o Corcovado caminhou para o navio, empurrando a cidade.

E o pequeno Teodorico, como um cicerone sabido puxava *Mlle.* pelo braço:

— *Voilà! Voilà!*

No dia seguinte, ao chegarem a Santos, *Mlle.* morria de febre amarela. Os pais ocultaram a desgraça.

— Onde está ela?

— Voltou esta noite, noutro vapor; não quis ficar no Brasil.

Teodorico, porém, soluçava:

— Mas eu quero *Mlle.*!

— Quer voltar para a Europa sozinho?

— Não.

— Mas, então deixe ir *Mlle.*

— Também não.

Essa perplexidade nunca abandonou Teodorico.

O Brasil era incompatível com *Mademoiselle*.
Por que não se harmonizavam as duas cousas?

* * *

Antônia, a criada da casa, olhava o menino com um sorriso de admiração. Ele lhe devia, afinal, o destino feliz. Na noite da chegada, como Teodorico estava lindo e fidalgo! O velho barão, excepcionalmente, deu-lhe a honra de sentar-se com os grandes na mesa ornada de flores e rodeada pela parentela. Teodorico portava-se com um senhor, servindo-se com absoluta correção e falando como se tivesse o dobro da idade. Conversava em francês, e esse era o grande acontecimento. A baronesa não cabia em si de contente — isso que era educação, não “essa grosseria dos meninos crescidos no Brasil”. E, realmente, o pequeno Teodorico até parecia de uma linhagem muito mais fina, de uma ascendência muito mais aristocrática do que os próprios barões de Itaquaquacetuba e seus parentes. Um pouco grave e sereno, nos seus seis anos incompletos, dir-se-ia um menino de dez. A linha de seu perfil tinha uma finura e, ao mesmo tempo, uma severidade que não se encontrava nas fisionomias dos seus pais, ou na silhueta dos barões seus avós. O menino sentia-se qualquer coisa de muito importante, no meio daquilo tudo, o entezinho superior ao qual todos deviam atenções e homenagens.

Antônia, a criada, considerou junto à cozinheira e à copeira:

— Este menino parece que nasceu para mandar. Quando tiver mais idade, ninguém poderá com ele...

E, intimamente guardando o seu segredo, recordava-se daquela noite chuvosa em que tivera o destino das duas crianças nas mãos.

No dia seguinte, Antonia foi comentar o caso com Dona Genoveva. Antonia trancou-se com a velha num quarto. Precisava desabafar junto de alguém.

V

O ALFERES

O rosto rubro, as fraldas de fora, uma espada feita de arco de barril. E Urbano gritou:

— Ordinário, marche!

Clamor de latas. O batalhão pôs-se a marchar. Na frente, dois pequenos de oito anos, o chapéu de jornal, feito almirantes, rufavam com paus no ventre de folha lustrosa das caixas de caramelos, como tambores. Seguindo o ritmo, a esquadra marchava, com cabos de vassouras aos ombros, os suspensórios de xadrez nas camisas encardidas.

— Alto!

Estacaram. O comandante disse:

— Vamos atacar a quitanda do *seu* Joaquim.

— Não, replicou um dos soldados. Vamos é prender o Dudú.

— Cala a boca, besta! interveio um outro, de calças de azulão rasgadas nos joelhos. Quem manda é o alferes.

O "alferes" não se fez esperar. Com a sua espada de arco de barril, desferiu um golpe contra o recalcitrante que se pôs a berrar.

— Não brinco mais! Não brinco mais!

A tarde vinha fechando cor de cinza. As meninas rodavam a roda, cantando no passeio. E toda a gente do bairro saíra, sentara pelas portas, para a prosa melancólica da boca da noite.

— Ele é o alferes, explicou um mulatinho magricela.

— Eu sou o comandante, confirmou o alferes.

E, ato contínuo, dirigindo-se ao recalcitrante:

— Pra fora, babão! Não precisamos de você.

O soldadinho saiu desenxabido.

* * *

Seu Joaquim rechaçou a tropa com a rija cinta de couro. A escolta debandou e, instantes depois, o vendeiro estava na oficina de Capistrano, com a reclamação azeda.

Capistrano, de calças pardas, em mangas de camisa, explicava:

— Pois é isso, *seu* Joaquim. Os filhos... São dez, e não sei o que fazer deles. O Alberto e o Maneco estão caixeiros; o Cesário me ajuda no ofício; o Janjão está praticando farmácia; o Chico e o Tônio, não agüento as diabruras deles, e esses dois coisa-ruinzinhos é isso que o senhor está vendo.

— É uma ninhada, *seu* Capistrano.

— É a riqueza dos pobres, completou o carpinteiro.

A voz de Júlia veio de dentro, resignada e heróica:

— Não se maldiga, velho, que já lhe conto a boa novidade.

Desceu os três degraus da escada que dava para a oficina:

— Arranjei lugar para o Chico e o Tônio; o major Coutinho, sabe? o do Exército, conseguiu, para o Tônio, na Escola de Marinheiros, e para o Chico, no Seminário. Deus que ajude os meninos, teremos um almirante e um bispo.

— Muito bem, dona Júlia, fez Joaquim entusiasmado. Isso é que é mãe de família. E não se esqueça de dar um jeito naquele sujeitinho.

E apontava Urbano, que chegava, com o Chico e o Tônio, escondendo a cara no ângulo do braço.

— É o mais travesso, comentou Capistrano, mirando, com aspecto feroz, mas um íntimo prazer afetoso, o filho pequenino.

— Entra, patife!

E, para os outros:

— Passem para dentro, malandros!

Embarafustaram, quase derrubando a mãe, que segurava o Pedrinho pela mão.

Vinha caindo a noite. Capistrano interrompeu o trabalho, limpando o suor da testa.

* * *

Júlia envelhecera. Aos quarenta e dois anos de idade, parecia uma mulher de sessenta. Vieram-lhe, com os trinta e cinco anos, os primeiros cabelos brancos. Desde o segundo filho, a vida começou a correr vertiginosamente. Os arranjos da casa e das crianças, os misteres da cozinha, o café matutino, o almoço, o jantar, a lavagem da louça, da roupa, dos remendos, dores de barriga dos pequenos, choros na noite alta, as enxaquecas do marido, dificuldades e

lutas, — e aquilo era a vida. No começo, alindava-se para as missas domingueiras, os passeios com o Capistrano, ao jardim da Luz; e visitava amigas, orgulhosa da sua felicidade. A boa sorte, que todas esperam, desde os primeiros namoros, era exatamente aquela, que Júlia encontrara: um marido afetuoso, o lar tranqüilo dos trabalhos comuns e dos projetos noturnos, em conversas a dois, portas fechadas; lá fora o mundo, e um futuro feliz na cabeça deles. Um futuro de fartura, de mais descanso, de possibilidades de pequenas compras, sempre adiadas...

— Podíamos comprar uma bateria de louças finas...

— Sim; mais tarde havemos de ter, respondia o Capistrano.

E os dias corriam (mais tarde, mais tarde!) e os filhos vinham vindo.

As semanas passavam em disparada. Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, outra vez domingo com roupas limpas e missa. As crianças cresciam; havia sempre uma a engatinhar, outra no berço. As duas meninas entraram para a escola; chegou a vez dos meninos. A mesa de jantar foi encompridando; as compras, na venda, crescendo; as roupas mais remendadas. E os dias iguais, iguaizinhos: segunda, terça, quarta... Achou o primeiro cabelo branco. Lá se fora a vida. Lá se ia indo a vida.

— Você está envelhecendo! disse-lhe uma antiga companheira de escola.

— Trabalhos...

* * *

Nos primeiros tempos, das primeiras rugas, dos primeiros cabelos brancos, não se conformava com a idéia de ficar velha. Júlia fitava a mãe, longos minutos, a avó de seus filhos, encarquilhada, mas parecida com ela. Gostava, quando Dona Rita, falando a amigas, dizia: "Esta menina...". Sentia-se, então, a mesma de alguns anos atrás, das noites do víspera, em que namorara o Capistrano, e dos dias luminosos da lua-de-mel. E Dona Rita, na sua velhice de sessenta e poucos anos, mantinha no espírito de Júlia, em perpétua luta com a realidade, a ilusão da juventude, teimosa diante da fuga desabalada dos dias e das noites.

O velho Terêncio, seu pai, bedel cansado da Faculdade, finara-se numa noite gelada de junho. Foi a primeira amarra que soltou a boa Júlia da amurada feliz da mocidade. Restava Dona Rita, que era um fio débil, que era, entretanto, uma consolação.

— Como está bonita esta menina! dizia Dona Rita.

E como era bom ouvi-la! Capistrano dizia:

— Sou muito mais velho do que Júlia; por pouco não lhe sirvo de pai.

Mas, essas frases foram rareando, à proporção que Júlia avançava no tempo, e Dona Rita ficava mais asmática, os pés enrodiados em lã, a cabeça mais alva.

E, finalmente, Júlia se viu sem pai nem mãe, como o Capistrano; os filhos em redor, as semanas voando; mal chegava um sábado, e logo outro sábado pressuroso. Lá se ia a vida!

Júlia relembrava episódios: faz dez anos; faz quinze; vinte. Exatamente como outrora ouvia contar a velha mãe. Outrora? Mas foi ontem! E os cabelos brancos aumentavam, e a pele já não apresentava frescor. Nem tinham comprado tantas cozinhas sonhadas: lençóis de linho, louças de porcelana, roupas melhores. Já não se falava numa casinha para morarem...

A essa altura, começou a operar-se em Júlia a grande transformação. Um fenômeno que não tem data fixa, nem idade determinada.

Estavam já no oitavo filho. Uma noite, Júlia disse ao marido:

— Não somos mais crianças...

— Estamos ficando velhos, minha nega...

Os filhos ressonavam, sadios e fortes.

— Linda idade! suspirou Júlia.

Até ali, tinha sido, fisicamente, apenas a mãe, entre choros e manhas, travessuras e berreiros, que lhe azoavam a cabeça esquentada, o rosto vermelho do fogão, os cantos de embalar na noite. O rumor dos filhos era ainda o rumor da mocidade com esperanças.

Agora, Júlia entrava a viver o instante em que a criatura começa a não pertencer mais a este mundo, para participar de um mundo que vem vindo — o dos que principiam a viver.

A pobre mãe não se inquietava mais com os cabelos brancos; nem os filhos já lhe pertenciam: era ela que lhes pertencia.

Quando nascera o último, o Pedrinho, Júlia já não pedia ao destino que parasse um pouco a derrota do tempo; rogava ao Céu que a conduzisse, velha embora, pelos dias avante, para auxiliar e dirigir a marcha dos filhos.

* * *

O Chico e o Tônio lá se foram, uma bela manhã, pelas mãos do Cônego, irmão do major Coutinho. Júlia aprontou a roupinha dos

dois, embrulhou-as em folhas de jornal, empacotando-as com barbante. Abraçou os filhos chorando, pondo no pescoço, de cada um, uma medalhinha de Nossa Senhora. O Chico, tinha o ar meio sisudo, a testa muito saliente, onde os cabelos castanhos caíam duros. No fundo dos seus olhos claros, uma esperança doce e tranqüila. Também, não ia ficar muito longe, porque se destinava ao Seminário. O Tônio era um menino espigado, de rosto longo, e uma expressão afetuosas; mas seu olhar brilhava fixo, como o de alguém que mede distâncias.

— Quero que volte almirante! disse rindo o Capistrano, e não pôde prosseguir por causa de um nó na garganta.

Júlia limpou as lágrimas. E ficou olhando, da porta da oficina, os vultozinhos, de trouxa debaixo do braço, na frente do Cônego Coutinho, até desaparecerem na primeira esquina.

— Eu quero ser general! gritou uma voz estridente na sala de jantar.

— É o "alferes", disse o Janjão, que tinha chegado para o almoço.

E numa vozinha titubeante, o Pedrinho, de camisola e cara suja, aparteou:

— Seu bobo, "cochero é mais bão"!

Então, Urbano, correndo para a oficina, abraçou as pernas de Capistrano, rubro de correrias.

Capistrano ergueu-o e beijou-o.

— Malandro!

Júlia comentou:

— Você quer mais bem a esse do que a todos os outros...

VI

A REVELAÇÃO

— Uma carta para você, Antônia.

Guilherme estendeu-lhe o envelope amarelo que destacara da correspondência do Doutor Gordinho. Era de Itú, de uma irmã de Dona Genoveva. A velha parteira, que já beirava pelos oitenta, residia na antiga cidade paulista, havia já quatro anos. Viúva e sozinha, fora procurar o último abrigo, no lar carinhoso da irmã, doceira popular dos bons quitutes ituanos.

A carta anunciava que Dona Genoveva estava desengada pelo médico e não queria morrer sem conversar com Antônia.

* * *

Chegou a Itú na boca da noite. O sino da matriz tocava — misto de apelo, de repique e de dobre a finados — enchendo a tarde melancólica de uma tristeza solene, que dava uma impressão de festa estranha, de novidade e pavor.

— Que é isto? perguntou Antonia ao rapaz que viera buscá-la ao trem.

— É Nosso Pai.

Acompanhando o moleque, Antônia atravessou a velha cidade de portas largas e beirais, até ao pátio apertado da matriz, onde havia ajuntamento de povo.

A procissão ia saindo soturna. Rompia a marcha uma cruz de metal branco, no extremo de uma longa vara, vestida de uma saia roxa, como um guarda-chuva fechado. Quatro homens de opas vermelhas caminhavam lentamente, carregando círios enormes de chamas esvoaçantes — pequenas bandeiras de fogo, como asas a tatarlar na meia treva do crepúsculo. Seguia-os a grande umbela de seda

creme, guarda-chuva planisférico, tremendo na ponta da haste, como um girassol gigante, que outro homem de opa, alto e magro, carregava, gingando o passo. Abrigado pela auréola trêmula, envolvia-se o padre na ampla capa de gorgorão, levando o Santo Tabernáculo. Dois coroinhas, de sotainas curtas e roquetes de *crochet*, conduziam o hissope e o turíbulo. Subiam volutas de incenso, que impregnavam o átrio exíguo. Os fiéis seguiam numa onda rumorosa e murmurante de passos e preces.

Pelas ruas varridas, os moradores das casas, com tochas e colchas nas janelas, tinham esparzido folhas de laranjeiras e pétalas de dâlias, rosas e lírios.

Antônia foi acompanhando o préstito e os cânticos meio velados do *Bendito louvado seja*. E a procissão desembocou num largo de bueiros de pedras irregulares de cujas fendas irrompiam guanxuma e capim. A cruz de metal estacou diante de uma casa térrea de porta ogival como uma boca admirada com os olhos de espanto de duas janelas de caixilhos levantados como pálpebras. Os homens de opa avançaram com o padre e os acólitos. O ar interior da casa tinha o cheiro das flores esparzidas, dos ramalhetes nos vasos pobres, e a limpeza das toalhas alvas, das mesas arrumadinhas, para o espetáculo da morte.

Dona Genoveva ia morrer. Sabia disso. Porque os sinos choravam. Porque todos tinham, fitando-a, os olhos úmidos. Ela era a figura central daquele aparato religioso; sentia-o bem, num misto de pavor e espanto, que nem parecia realidade, dir-se-ia um sonho desses tantas vezes perturbadores de horas caladas, em que despertar é um prazer. Era a hora grave, que chega impregnada de estranhos éteres, com halos enormes de auroras esquisitas.

Quando o padre saiu e a procissão pôs-se em caminho, regressando, Antônia entrou no quarto e os olhos de Dona Genoveva brilharam, como num alívio, por ver chegar à plataforma do comboio, quase a partir, a pessoa a quem se espera, para a última recomendação.

Segurou longamente as mãos de Antônia, e lhe pediu, com voz sumida, que contasse ao Capistrano e ao Doutor Gordinho a história daquela noite chuvosa. E que os pais resolvessem conforme julgassem melhor.

Antônia soluçava prometendo. Era, para ela, a desgraça, a ruína; mas era, também a vontade extrema da amiga, que ia, dali a pouco, para o nunca-mais...

* * *

Capistrano abriu a boca. Seria possível?

E Urbano era o mais querido dos onze filhos do casal. Depois dele, tinham nascido Pedrinho e Mariana, mas Urbano continuava sendo o caçula; tinha, de fato, qualquer coisa diferente dos irmãos: mais atrevido, mais abrutalhado, porém, de um olhar tão doce, como o da gente simples da rua.

Entretanto, o filho era *o outro*, que crescia, fidalgo e opulento, na fidalga e opulenta casa dos Barões. Capistrano começava a experimentar um sentimento estranho, espécie de curiosidade e de afeto pelo pequeno Teodorico.

Pôs o chapéu, caminhou atraído para o palacete da Liberdade. A tarde toda andou rodando. Pensou em tocar a campainha, apresentar-se, falar. Chegou mesmo ao portão, mas recuou. Seria uma crueldade. E, depois, acreditariam nessa história tão complicada? É verdade que Genoveva indicara, na hora extrema, os testemunhos de Antônia e de Guilherme, assim como os sinais: o dedo atrofiado e a placa escura. E os traços, também, não enganavam; bastava examinar, um a um, os filhos de Júlia; Urbano era diferente. Tinha o olhar de Beatriz e a cabeça chata do Dr. Gordinho.

Capistrano caminhou a toa, entrou pelo largo da Pólvora, desceu à Glória, ganhou a rua Tabatingüera, passou à rua das Flores. Mas voltou. Alguma coisa o atraía. Decerto, a voz do sangue, que despertara e o perturbava.

Tinha ouvido contar histórias, romances; isso só de romances. Mas a realidade atordoava. Era bem verdade. Um pobretão, um homem de mãos rudes. Acontecia. Uma novela. Lembrou-se de Urbano. Do seu Urbano. *Seu!* E se lho tirassem? Titubeou. Olhou uma taboleta. Ficou parado, vendo o acendedor de lampeões elevar a longa vara. Subiu novamente a Liberdade. Sem sentir. A noite vinha fechando. Um carro puxado por uma parelha de alazões estacou à porta do grande palacete. A moça e o menino subiram a larga escada do jardim. E o portão fechou-se, de novo, com estrondo, que era um “não” metálico e pesado, ressoante na noite angustiada.

Capistrano ficou, com os olhos úmidos, um nó na garganta. Mas refletiu: “Filho é o que a gente quer bem; o que se acostumou com a gente, o que vive com a gente, nem menos nem mais do que somos”.

E, novamente, Urbano surgiu no seu pensamento.

Caminhou apressadamente para casa.

* * *

Urbano veio correndo, com os braços abertos:

— Pai! Pai!

Capistrano apertou-o:

— Meu filho! Meu filho!

E, beijando no rosto vermelho de travessura:

— De quem é o malandro, travesso, valentão?

— É do Papai!

E Júlia gritou de dentro:

— Não digo? Você quer mais bem a esse do que aos outros!

* * *

O Dr. Gordinho empalideceu ao ouvir Antônia soluçante. Ficou trancado toda a tarde e um pedaço da noite no escritório. Não se sentia com forças para revelar o segredo ao Capistrano. O carpinteiro poderia reclamar o filho: exigir dinheiro.

Pedira a Antônia que nada dissesse ao Capistrano. Ela tê-lo-ia atendido, fatalmente, porque tremia de pavor.

Agora, o Dr. Gordinho refletia que era seu dever encarregar-se da educação de Urbano. Certamente, Capistrano não se oporia, desde que ignorasse tudo. Os dois meninos não poderiam conviver na mesma casa ou no mesmo colégio? Pois Teodorico não era o intruso? E Urbano, o legítimo herdeiro, o dono de toda a fortuna e do nome que Teodorico, já agora, iria inevitavelmente possuir? De fato, Teodorico era o intruso.

Ao aflorar esta palavra ao seu pensamento, uma sensação de angústia apertou-lhe o coração. Amava Teodorico. Não seria capaz de desfazer-se dele. E se Capistrano o exigisse?

Gordinho via Teodorico, de alvas mãos afuziladas, de faces finas e pálidas, metido em grossas roupas de algodão, em sapatos pesados, na carpintaria de Capistrano. Não: Teodorico era o filho.

* * *

Genoveva deixara aos dois homens a solução do problema. E os dois sentiam o pavor de se defrontarem. Gordinho pediu a um amigo que chamasse o Capistrano para um serviço qualquer. Certo de sua ausência de casa, dirigiu-se à pobre oficina, a pretexto de uma encomenda. Júlia informou que o marido havia saído. E o Dr. Gordinho perguntou-lhe:

— Qual dos seus filhos nasceu no mesmo dia em que nasceu o meu Teodorico?

Júlia gritou para dentro:

— Urbano.

Urbano veio correndo, a cara suja, os cabelos em desalinho, forte, duro, selvagem, com uma doçura no olhar que contrastava com os seus gestos de gato bravio.

— Cumprimente aqui o doutor!

Urbano escondeu o rosto nas saias de Júlia. O Dr. Gordinho segurou-o por uma das mãos:

— Venha cá, Urbano.

Puxou-o. O menino caminhou com a cabeça baixa, o olhar nas pontas dos sapatos do doutor.

— Que é que você quer ser, Urbano?

— Soldado.

— Não quer ser doutor?

— Quero ser capitão.

— Está aprendendo a ler?

— É um vadio, doutor; disse Júlia.

— Pois eu teria prazer em dar-lhe uma educação completa. Nasceu no mesmo dia do meu pequeno. Converse com seu marido...

Os olhos de Júlia brilharam. Era a felicidade que raiava para o filho.

— Deus lhe pague, doutor. Vou falar ao Capistrano.

O Dr. Gordinho deixou uma nota de cinco mil réis nas mãos pardas de barro de Urbano, que lhe haviam sujado as calças tesas e nobres.

* * *

Capistrano aproximava-se, quando viu o Dr. Gordinho sair. Estacou à esquina, escondendo-se, com o coração aos pulos. Aquele homem aterrorizava-o.

Ao chegar, recebeu de Júlia a boa-nova. Capistrano tomou a nota de cinco mil réis, fitou-a com rancor. Esteve mudo, durante longo tempo. E Júlia exclamou, espantada:

— Será que o seu amor ao menino vai ao ponto de prejudicá-lo?

* * *

No dia seguinte, o Dr. Gordinho expôs uma idéia, à mulher. “O Teodorico vivia uma vida isolada, melancólica... Por que não lhe dariam um companheirinho?”

— O Teodorico, respondeu Beatriz, tem uma educação perfeita. Ele não pode misturar-se com qualquer menino.

— Mas ele é tão sozinho...

— Sozinho, não. Todos os dias trago-lhe amiguinhos, ou levo-o a boas casas, onde se diverte com meninos e meninas do mesmo naipe. Veja: os filhos de D. Alzira Cerveira; os netos do senador Gamaliel, dos viscondes de Tambaú; o pequeno Henri de Boisvert, a pequena Morel... uma infinidade.

— Você não me compreende, Beatriz. O que Teodorico precisa é de um afeto mais íntimo, uma amizade fraternal, de todos os instantes. A Virgínia é ainda muito nova. Ele não deve crescer com o coração árido, fazendo, desde menino, essa vida de sociedade tão falsa que vivemos.

O Dr. Gordinho falava nesse momento, dissimulando de tal forma o clamor de seu sangue, que a si próprio se iludia. Transladava-se, então, para o plano das suas emoções, o sentimento patriarcal do filho de agricultores, criado na simplicidade rústica e amorosa do Norte. Mas Beatriz era a filha de fazendeiros em transição para a aristocracia industrial do Sul. Enquanto o marido tinha raízes na terra brasileira ela libertava-se de todos os sentimentalismos caboclos.

— Quem é que você propõe? perguntou, ex-abrupto, ao esposo.

O Dr. Gordinho não teve coragem para dizer. E balbuciou timidamente:

— Alguém... um menino...

Beatriz olhou-o fixamente:

— Se for um menino educado, limpo, asseado, de boa família, de bons sentimentos, de bons hábitos, de boa aparência, de boa...

Gordinho sorriu:

— ...um menino que não precise de nós...

— Não digo isso, retrucou Beatriz. Mas, se arranjam um viado, um perdido...

— Com oito anos de idade?

— Não me explico bem; mas, se vem um mal-habitado...

O Dr. Gordinho meditou algum tempo. Sua mulher não deixava de ter certa razão. Era difícil arrancar baldas de um menino de oito anos. Entretanto... E perguntou-lhe:

— E se esse menino fosse nosso filho?

Beatriz soltou uma risada.

— Você inventa cada uma! Deixe de brincadeira. Quem é o menino?

Não se sentiu com ânimo de esclarecê-la.

E, como um galo cantasse na noite quieta, lembrou-se das palavras de Jesus a Pedro e da cena iluminada da fogueira, no átrio de Caifás, em Jerusalém.

E, como Simão Pedro, retirou-se para o escritório, e chorou amargamente.

* * *

...São Paulo germinava, por esse tempo, a grande aristocracia que erigiu palácios, nos contrafortes a cavaleiro da imensa marcha das chaminés das várzeas do rio histórico.

E germinava, também, a escura massa dos suados trabalhadores; dos pensadores proscritos; dos pequenos burgueses roídos de vícios e de amarguras, — nebulosa palpitante de instintos criadores, da qual deveriam sair, para as batalhas inevitáveis, demônios e santos, aventureiros, carrascos e mártires...

PRIMEIRA PARTE

UM TROPEL NA NOITE...

I

A DANÇA DOS MANEQUINS

As locomotivas gritavam, como animais negros, na boca aberta do depósito; pareciam potros bravios, desesperados pela corrida. Elisa atravessava, entre as máquinas que iam e vinham, as vinte paralelas dos trilhos.

— Pedrinho! Pedrinho!

A neblina turbava-lhe a vista. Vinha rompendo o dia, com um frio cortante, que enrubescia as faces e o nariz.

Atravessou o leito largo, ganhou a plataforma. Um velho ferroviário de bigodes brancos pendentes curvava sob uma máquina, auscultando-lhe o ventre de aço: cilindros, êmbolos e calhas.

— Pode me dizer onde está a 247?

O velho apontou para a plataforma oposta:

— Está engatando aqueles carros.

Elisa saltou sobre os trilhos, familiarmente, os ouvidos cheios dos rumores metálicos, dos guinchos dos vapores que bufavam nos pistões.

— Pedrinho! Pedrinho!

Um homem de 28 anos, aproximadamente, debruçou-se no caixilho do tênder:

— Bom-dia! Bom-dia! Espere um pouco!

A composição partiu, mergulhou na bruma branca; mas Elisa via-a com os ouvidos, distinguindo o rumor da 247, entre todos os rumores em coro, tanto se habituara à máquina.

No fundo do quintal, nos dias de regresso de Pedrinho, via chegar o rápido iluminado e festivo, crescendo no crepúsculo; escutava, já tarde, os apitos do animal de ferro, que ia fechar o olho vermelho na sombra do Depósito. Na manhã seguinte, Pedrinho aparecia contando incidentes da viagem, cenas distantes das cidades

distantes. Era a vida das estações perdidas nas largas campanhas do Sul. E Elisa sonhava partir um dia com o foguista, junto à caixa de fogo, sobre o atrito das rodas faiscantes, cavalgando o monstro bom, de cúpula imponente e o alto capacete da chaminé, entre badalos de sineta e estrídulos gritos na vertigem da fuga no sertão. Agora já amava aquela máquina, que já entrara na sua vida, com todos os seus pormenores.

Tinha de estar às 7 horas no escritório. Naqueles dias, levantava-se às 5, para vê-lo mais uma vez.

Pedrinho era melancólico, na sua robustez de atleta. Quando a barba cerrada apontava no rosto largo, os olhos eram mais doces, o sorriso parecia mais triste.

A máquina voltou manobrando, estacou no segundo trilho. Pedrinho saltou, limpando o suor, enlaçou-a pela cintura.

— Por que levantou cedo? Não precisava...

— Largue de perguntar que eu zango.

Pedrinho sorriu. A cabeça de Elisa surgia rósea e ruiva do capote de Astrakan. Olhava-o com aquela luz fina que vinha das pupilas estranhas.

— Escute, Pedrinho; ando incomodada por você. O Gruber...

— Deixe disso! O Gruber é um bom rapaz.

— Olhe, Pedrinho, tive um sonho feio.

— Que sonho?

— Tolices...

Fixou-o ternamente. Teve ímpetos de lhe perguntar porque não se casava já de uma vez. Lembrou-se da promessa que fizera a Santa Teresinha; lembrou-se das conversas no escritório, com as companheiras. Se viesse a ter filhos, não poderia trabalhar. Pedrinho não ganhava ainda o suficiente.

— Raio de vida! Raio de vida! exclamavam os vizinhos Oliveira, que se arruinaram depois do desastre de automóvel do filho menor. E a vida era assim mesmo.

Despediram-se. Pedrinho tinha uma novidade a transmitir. Enfim, não valia a pena antecipar. Perto dela, Pedrinho sentia uma sensação indefinida de vida estranha. Tudo ficava esquisito em torno. A manhã acendia uma luz anormal, como um sentido de exaltação imponderável.

Ela atravessou os trilhos, caminhando na claridade daquela manhã, em que as coisas pareciam transfigurar-se, como se acordassem no recesso de todos os sons.

Pedrinho subiu para a sua fornalha, com uma consciência de perenidade de força, que vinha dos olhos de Elisa, fazendo-o crescer

sobre a sua máquina, cujo volume rebrilhante via avultar nos trilhos, arrastando para a gare a composição despovoada, como ele arrastava o mundo, que vivia, apenas, na lâmina dilatada dos seus sentidos.

O sorriso de Elisa era macio como uma púrpura. E a vida, aquilo: luz dos olhos, instintos em revelações, em atritos, em relâmpagos e alegrias.

Que enorme manhã! E, como esta, quantas outras, quantas! A fulgurante hora fugaz: conversas fúteis; tudo é fútil e grandioso.

O rápido partiu para o sertão, as janelas abertas, derramando adeuses...

* * *

Ao transpor a grade, Elisa tropeçou, ia caindo: um braço providencial susteve-a. Agradeceu com um sorriso. Era um moço de bigodes pretos e finos, que se iluminaram com uma risada de dentes brancos. O cachecol enrolado no pescoço pendia sobre a pesada capa cor de malva.

— Não sabia que se encontravam surpresas tão encantadoras, a estas horas, no meio das máquinas...

Ficou confusa, perturbada.

— Vim dar um recado...

— É bem feliz a criatura que o recebeu. Costuma vir sempre dar recados? Se promete trazer-me um, chegarei mais cedo...

A sua voz era envolvente; e, enquanto falava, como que o seu olhar se derretia nos olhos tímidos da moça, envenenando-a de um esquisito torpor. Elisa reagiu:

— Desculpe-me, mas estou em atraso...

E estendeu-lhe a ponta dos dedos:

— Muito obrigada.

O moço reteve-lhe a mão, audaciosamente, exclamando:

— Que linda!

E como Elisa tentasse fugir, apertou os seus dedos finos. Ela desvencilhara-se, ia partir, humilhada por aquele contato sacrílego, que lhe queimava a pele. Ele informou:

— Sou engenheiro da estrada. E você, onde mora?

Não lhe respondeu. E partiu, sob os olhos envolventes que a assaltavam e devassavam, dizendo, de longe:

— Obrigada. Até logo.

O vulto fino da moça desapareceu na turba matinal dos operários, entre caminhões e carroças estridentes, na bruma leve, que se evaporava na luz viva do sol.

* * *

Dirigiu-se à grande porta lateral, assobiando baixinho um tango argentino. No pequeno escritório de tabiques de madeira empoeirados, um mulato de cara bexigosa, com a blusa desbotada de cáqui, veio dar-lhe o bom-dia.

— Zeferino, chame o Gruber.

Era o mecânico de sua confiança, indivíduo inteligente, até meio engenheiro.

Zeferino já ia longe, quando ele se lembrou de qualquer coisa.

— Chame também o almoxarife e o apontador.

O mulato saiu. O engenheiro sentou-se sobre uma mesa, cruzou as pernas, tirou do bolso uma caderneta, que se pôs a examinar. As nove horas tinha um encontro com o representante de Hopwell Ltda., de Detroit. Era o caso de um negociozinho com o Secretário dos Materiais, cujos pormenores precisava colher: isso devia render mais de duzentos contos, excluía, é claro, a parte que tocava (trinta por cento) a Martinho Cerveira, deputado estadual, de milhares de eleitores, amigo íntimo do presidente da República. Ao meio-dia almoçaria com o Martinho Cerveira, no Clube, e iriam juntos à Secretaria. Às duas, caramba! tinha marcado dois encontros incompatíveis: com Marta Cabral, a maravilhosa esposa do industrial Inocêncio de Souza Cabral, e com a Siloca, mulher do Cerveira. Depois, havia ainda o expediente do escritório; alguns minutos em repartições; dois dedos de prosa no "Templários Clube"; o aperitivo com a Ivete, no Esplanada; o jantar combinado com os jornalistas Assuero e Japiassú Neto; à noite, um concerto, no Municipal, em companhia da irmã de Martinho Cerveira, Cibele, a declamadora. Nem lhe sobrava tempo para atender à roda brava do *cunca*, na "Hípica". Era uma vida de trabalhos terríveis; nem tempo contava, às vezes, para ir levar à mãe o seu beijo filial. Dona Beatriz, ainda um tanto *coquette*, nos seus quarenta e oito anos, não se cansava de elogiar a atividade do filho. Desde o falecimento do Dr. Gordinho, que sucumbira ainda moço, de uma apendicite, ela via renascer em Teodorico o orgulho da sua prosápia. A filha, Virgínia, enviuvara muito jovem, e toda a preocupação dos seus vinte e dois anos repartia-se entre o pequenino Mauro, de cabelos encaracolados, e os deveres da alta sociedade. Entretanto, Beatriz prestava-lhe pouca atenção: Teodorico dominava todos os horizontes da família. Bem sabia ele disso, e procurava encarecer as vitórias que lograva.

Consequira, recentemente, uma bela empreitada no prolongamento da Estrada de Xiririca. Devia ganhar umas centenas de contos, como fora na construção de prédios para serviços federais. A isenção de direitos alfandegários para a sua fábrica de artigos de louças,

dera-lhe posição de vantagem na praça, e o último balanço acusara lucros extraordinários. Vendera, porém, a fábrica a dois fazendeiros, quando um estabelecimento similar, de Boston, travou negociações com um cunhado do poderoso senador mineiro, Cipriano Rodrigues de Andrade Franco, para a suspensão da taxa aduaneira, que favorecia Gordinho & Cia. Realmente, os dois fazendeiros arruinaram-se, nem dispunham mesmo de força política para enfrentar o senador Cipriano, de quem o governo federal precisava para as eleições presidenciais. Tais espertezas embeveciam Dona Beatriz que dizia ao pequeno Mauro: "Você precisa ser que nem o titio".

Ultimamente, Teodorico, tendo os seus capitais aferrolhados, arranjara (com surpresa de todos e até certo escândalo entre os plutocratas) um lugar de engenheiro da Estrada, preterindo o Julião Ferraz, seu colega de turma, pobretão sem sorte, a quem prometeu emprego numa usina elétrica em Mato Grosso. Visava, com a colocação na estrada, três fins: informar-se de certos pormenores do serviço, a fim de que os mandões não se metessem com ele; pôr-se em contato mais direto com os meios governamentais, para obter uma grande venda de materiais belgas; dar a impressão de ser um modesto trabalhador, a fim de que os invejosos e a imprensa amarela não viessem a censurá-lo, por causa dos lucros que vinha obtendo, e iria obter.

— Vida apertada! exclamou sorrindo, guardando a caderneta, tirando um cigarro da carteira de ouro.

O mecânico chegou. Conversou, discutiu, deu apontamentos. Teodorico disse-lhe que não apareceria durante a semana. Vieram, depois, o almoxarife e o apontador.

— Como vai o "Centro"? perguntou ao que era alto e tinha o nariz vermelho e os olhos pequeninos.

— Não vai muito bem, respondeu o mais idoso e meio calvo.

Teodorico fitou a cara do velho, emoldurada por uma barba grisalha e curta, e guarnecida por uns óculos que rebrilhavam. E Inácio explicou:

— Temos aí uma propagandazinha meio anarquista, que está virando a cabeça do pessoal.

— Quem faz a propaganda?

Os dois ficaram perplexos.

— Não sabem? insistiu Teodorico.

Eles sabiam muito bem que o chefe era o Gruber, que, ali, os encarava cinicamente, como que desafiando. O Gruber, compadre do Inácio, era o homem da confiança de Teodorico; e Inácio, diversas vezes, quisera brigar com ele: na hora, faltava a coragem.

Disseram, então, que era difícil descobrir o chefe.

— Vocês são moles! exclamava com um sorriso de deboche, o Gruber.

— O que é preciso, disse Teodorico, é trabalhar. Prometi ao Dr. Cerveira que vocês lhe dariam duzentos votos.

— Vamos fazer força, disse o magro Matoso.

— Nós trabalhamos; mas precisamos de algum dinheiro, acrescentou Inácio.

Teodorico tirou do bolso uma nota de quinhentos mil réis e lha entregou. Prometeu arranjar dois rapazes da Faculdade de Direito, para os discursos da cabala.

Iam já se retirar, quando Teodorico lhes perguntou:

— Vocês conhecem essa moça ruiva que costuma vir de manhã ao Depósito?

Inácio fitou-o espantado. E, como Matoso olhasse para a sua cara, como a explicar, respondeu:

— Deve ser minha filha. Costuma procurar-me quando me esqueço de qualquer coisa.

Teodorico consultou o relógio-pulseira, concertou o cachecol e saiu devagar, calçando as luvas. Lá fora, sentou-se na sua barata imponente e rodou na manhã luminosa.

* * *

Tinham cessado os rumores; o coro dos apitos, o rodar pesado das carroças, o borborinho das multidões, que correm para os bondes e para os trens dos subúrbios: velhos, mulheres, crianças, homens de todas as idades, acotovelando-se nos “caraduras”, nos carros sujos de operários, aos trancos e empurrões. As fábricas acordavam com fome, urrando pela sua carne cotidiana; e, agora, parecia cair um silêncio do sol alto, como se se operasse uma grande digestão. Em milhares de casas, de vilas, cortiços, porões e baiucas, o ar da manhã entrava pelas portas, encontrando crianças choramingando e tristes homens sem trabalho, fumando tocos de cigarros, — pobres carcassas desprezadas pelo banquete pagão das usinas poderosas.

Nas ruas batidas de sol, por onde deslisava o carro vistoso de Teodorico, afinavam-se agora os pregões matinais dos vendedores ambulantes, enquanto se abriam as janelas sonolentas com cabeças mulatas de criadas.

Pelas esquinas, os primeiros jaquetões e camisas de tricoline, gabardines e bengalas, jornais enrolados de baixo dos braços. Aqueles vultos, a esperar os bondes, eram como uma espécie de proletá-

rios de luxo, não se confundindo com a massa, como não se misturaram com os fraldiqueiros e jaguapevas da rua os lulus da Pomerânia e os *terriers* de alto coturno. Os seus gestos não eram impulsivos como aqueles do abrutalhado assalto aos "caraduras". Pareciam medidos, calmos, ritmados.

Davam o sinal, com gestos moles, ao motorneiro, ou aos auto-ônibus de bancos de veludo. Descobriam-se diante de senhoras. Cruzavam automaticamente as pernas, puxando automaticamente as calças, para não perderem o vinco impecável. Acendiam um cigarro, olhavam os anúncios.

Teodorico recebia, passando, cumprimentos risonhos de alguns desses indivíduos, aos quais correspondia com desprezo. Intimamente, sentia qualquer coisa como asco ou compaixão irônica por aquela gente: funcionários públicos, corretores, professores, médicos, advogados, jornalistas, engenheiros, guarda-livros. Os operários eram sujos, brutais, mas Teodorico experimentava diante deles o vago terror do adversário. Entretanto, aqueles homens, que ficavam pelas esquinas entre os quais havia até poetas, eram-lhe desprezíveis. Por que? Não o sabia. Impressão.

* * *

Ao passar pela rua do Arouche, uma voz o chamou. Voltou-se e cumprimentou, distraidamente, um homem de cabelos castanhos impecavelmente penteados, metido num terno de casimira marron, de padronagem exótica, ostentando uma linda gravata de seda, tipo normal do alto funcionário, do comerciário próspero, do médico e do advogado de grande clientela.

Instantaneamente deu pelo engano e riu alto. Uma risada mais alta e estrondosa atrás dele:

— Que é isso, homem? Cumprimentando um manequim?

— Veja que distração...

Era o Zenóbio Duarte, diretor da "Repartição de Estatística e Materiais", sócio do "Templários Clube" e do "Bandeirantes Hoquei".

No seu perfeito sobretudo preto, o fino bigode se arqueava, à luz de um sorriso amável.

Teodorico experimentou uma sensação estranha, mandando Zenóbio sentar-se ao seu lado e rumando para a cidade. Era como que a multiplicação dos manequins. A cidade inteira povoava-se de Pinóquios, de seres de tarracha, sem vibração, sem autonomia de ritmos, sem um esgar, um rictus expressivo de vida, de força e de espírito. Ele mesmo, ao lado de Zenóbio, considerava-se movido por

molhas, inexploravelmente ligado a um sistema de cordas, de elásticos e discos.

Não! Mas ele era "alguém". Alguém em luta, em ação, num cenário de títeres. Hipertrofiava-se o seu egoísmo, a sua audácia, o seu orgulho. Não queria, não devia ser um fantoche.

A cara de Zenóbio era amarela, lívida, com um sorriso parado, de dentes cor de milho, e branquejando de pós de arroz, untado de cosméticos, como se achava, tinha uma aparência de massa, de gesso trabalhado a açafrão e alvaiade. Era muito mais manequim do que o manequim da rua do Arouche.

* * *

Teodorico, epicurista e gozador, negociista incorrigível e tipo elegante, não era um homem nulo, como aqueles que costumava embrulhar em questões de política, de dinheiro ou de amor. Alguma coisa lhe falava no sangue: velhas experiências, talvez, de antepassados. Queria afirmar-se de qualquer maneira, e esse desejo vibrava no condicionado despótico da forma de existência que lhe dera. Dentro desses contornos lineares é que necessitava agir. E, assim como Zenóbio só poderia ser alguém, na sua casca de funcionário, e Gruber, o mecânico, no seu revestimento de trabalhador, também ele só se revelaria na expressão social da sua classe. Fazer vibrar essa máscara, eis tudo.

Um egoísmo feroz erguia-se no coração de Teodorico.

— Por que respiro o mesmo ar que respira Zenóbio? Zenóbio merece o ar que eu respiro? Zenóbio é a vida sem fisionomia, que se compraz apenas em ser vida.

No entanto, Zenóbio conversava e sorria para Teodorico, bajulando-o. Oferecia, realmente, o aspecto dos pólipos e dos cogumelos. Uma vida que não se gasta, não por usura, mas por impossibilidade de gastar-se.

Zenóbio tem pequenos compromissos e preza a sua reputação no bairro em que mora. Paga, pontualmente, o barbeiro, o armazém, o alfaiate, a padaria, e recebe, no Triângulo, as gorjetas que lhe escorregam pelas "facilidades" que faculta na "Repartição dos Materiais". Zenóbio tem filhos, que serão escriturários ou doutores; tem filhas, que se casarão e comprarão uma vitrola. Tem relações. E muito amáveis, que o cumprimentam no bonde, ou no cinema, e lhe enviam convites para festas matrimoniais, onde ele faz um brinde. Um dia, esses amigos irão ao enterro de Zenóbio, contando anedotas, em táxis à hora, porque o gesso e o alvaiade não se defendem

da morte: e Zenóbio, que não gritou, para não desaparecer, terá desaparecido, mesmo sem gritar.

* * *

Vinham marchando soldados, descendo a rua Quinze. Na cadência perfeita dos passos, pareciam de chumbo. Lembrou-se Teodorico do que lhe dissera Pedro Maranduba. Que, dentro mesmo das marchas coletivas, pode um homem ser "alguém".

"Não é o ritmo exterior" — dizia Maranduba — "que destrói o homem; é a ausência do ritmo interior".

Teodorico apreciava esse Pedro Maranduba, tipo um tanto boêmio e intelectualizado, porém erigido de personalidade e bastante palrador. Uma vez, perguntaram-lhe se preferia a indisciplina, a desordem, a anarquia. Respondera-lhe Maranduba que a disciplina não excluía a "pessoa" e que cada qual devia gastar a vida segundo um alto sentido.

* * *

O grande drama de Teodorico consistia exatamente em descobrir esse sentido. Não desejava ser como uma carta sem endereço e horrorizava-se pensando em Zenóbio, com quem não queria parecer. Intimamente, considerava-se um homem inteligente, possuindo algumas qualidades a mais do que o comum da plutocracia paulistana. Todos os de sua idade tinham sido, também, educados pela mesma *Mlle.*, que lhes ensinara o gosto pelas histórias francesas; pelo mesmo Mister Jones, que os exercitara em ginástica e pelos mesmos professores que lhes transmitiram notícias do que era a civilização inglesa, belga e americana. As mesmas regras protocolares, os mesmos sistemas de vida doméstica, o mesmo gosto pelos esportes da moda e pelos alfaiates em voga. As famílias paulistanas, desde os tempos dos cocheiros de libré impecável na boléia dos carros suntuosos, até aos dias dos imponentes torpedos, com medidas profundas dos *chauffeurs* agaloados, haviam, nos ambientes confortáveis das residências fidalgas, criado uma geração como a sua e de sua irmã, absolutamente standardizada, com grandes ares cosmopolitas em que se mesclavam costumes dos países super-industriais, numa ostentação exterior de refinamento. Esses hábitos, de certa forma, identificavam a alta roda com o tipo geral dos pequenos burgueses, no que havia de sentimento ou de caracterização espiritual.

Teodorico experimentava o vazio da sua existência, que ele preencheria, até aos vinte e poucos anos, com esportes e bailes, ale-

grias de cabarés e passeios à Europa, e que, agora, tratava de atulhar de negócios, de deveres sociais, de relações, como tantos outros, que bocejavam, pensando nos seus galgos, nos seus cavalos, ou nas suas partidas de *pocker* e cunca, nos mornos interiores dos clubes penumbrosos.

Teodorico era, realmente, um gozador, que explorava a ambição e a fraqueza dos homens, o lirismo e a ingenuidade das mulheres. Mas, irritantes inquietações lhe feriam o pensamento. Como nessa manhã, em que via, na Grande Metrópole, avultar a dança esquisita e sonambúlica dos fantoches.

Tudo se ia organizando, lentamente, tecendo-se numa engrenagem de arames e barbantes, nessa grande sociedade, que era como o vasto elenco de um teatro de *marionettes*. Um dia, talvez todos os Zenóbios e todos os Teodoricos seriam movidos e por fim destruídos por uma força misteriosa.

Reagia contra essa idéia desagradável. E crescia, no seu cérebro, teimosa como uma ameaça, a dança trágica, funambulesca, dos manequins...

II

ELA ERA A VIDA...

Elisa soube, pela Mariana, da novidade que Pedrinho lhe ocultava. Ele já conseguira juntar na Caixa Econômica o necessário para comprar uma mobília completa e a bateria de cozinha. E Teodorico havia prometido ao Gruber melhorar-lhe a situação.

— Não diga nada, recomendou a irmã de Pedrinho, que se casara com o Gruber e, não tendo filhos, dedicava ao irmão um carinho quase maternal.

— E por que ele não fala logo com Papai?

— O Pedrinho não gosta de fita; quando falar, será para logo.

— Mas a gente precisa também aprontar tanta coisa! Olhe: a água está fervendo.

Mariana desceu a chaleira, passou o café, serviu-o. E puseram-se as duas a trabalhar, conversando. Mariana ia dando lustro a colarinhos e camisas; Elisa, movendo os dedos, bordava uma peça de roupa.

— Você acha que o Pedrinho gosta mesmo de mim?

— Ele é muito quieto, quase não fala. É o contrário do Gruber. Esse matraqueava, quando noivo, até aborrecia. Mas Pedrinho parece que é mais impressionado. Basta estar a toa, começa a escrever o nome da namorada na beira dos jornais, na parede, na toalha. O seu retrato anda na carteirinha dele...

— E o Gruber? Acha bom?

— Chii... Ele não dá confiança.

— Dizem que ele...

— O quê?

— É verdade que o Gruber é comunista?

— Quem lhe disse isso? O Gruber, dizem que é socialista, ou qualquer coisa parecida.

— Que é socialista?

— É um que quer todos iguais; e tem razão, não vê? Engraçado! Que os pobres gemam feito burro de carga e os outros que gozem a vida! Vá saindo!

— Então é para repartir tudo?

— É para todos trabalharem. Quem não gostar, coma mais pouco.

Elisa suspirou.

— E então é crime pensar assim?

— Não é crime.

— Mas estão querendo prender o Gruber, é verdade?

— Politicagem, menina. Por política também se prende, mas dizem que até é bonito.

— E você gostaria? Eu não quero que prendam o Pedrinho...

— Pois eu não amarro o Gruber na barra da minha saia; quer se meter, se meta.

Elisa fitou Mariana com seus olhos castanhos.

— Porque essas histórias de briga? É mesmo preciso?

— Que dúvida! Se não fosse isso, éramos comidos vivos.

— Podia não ser assim.

Uma tristeza vaga ensombrava a fronte de Elisa. Ela via o mundo alvorecer magnífico nos seus dezenove anos; manhãs luminosas de céu azul, noites carregadas de estrelas, as feiras coloridas, as missas com órgãos arrebatadores, os cinemas rumorosos, as vitrines iluminadas, crianças brincando e cantando, e o seu amor, o Pedrinho, a 247 resfolegante e brava — e tudo convidava para um espetáculo de luz e de alegria. Elisa era a filha única do casal. Seus pais estavam ainda fortes, nunca lhe passara pela cabeça a idéia de perdê-los. Tinha visto, no bairro, muitos enterros e moças com ela, em prantos desesperados; mas, tudo aquilo que tinha a ver com a sua ventura? O velho Inácio e a doce Hermínia, sua mãe, decerto que viveriam muito ainda. A casa era alegre e confortável, bem arranjadinha; o fruto do seu trabalho era todo para vestidos, cinema, chapéus, perfumes. E tinha o amor de Pedrinho, e construiria, com ele, um lar, perto da casa dos velhos. Tudo isso não era a vida pacífica, a alegria tranqüila? Natural que chorasse às vezes, nas noites de lua, ou na hora em que a tarde sai, apertando o coração. Mas era um pranto suave e bom, e dentro dele o mundo parecia ainda mais belo, porque estava cheio de novas felicidades.

Elisa cismava, assim, longo tempo, distraída, naqueles dias em casa de Mariana. Pedrinho encontrava-se, quase sempre de viagem. Mas havia um prazer particular em estar ali, onde ele vivia.

— Em que cadeira ele senta?

— Naquela.

Sentava-se na cadeira.

— Quando Pedrinho está aqui, passa o dia nessa janela, olhando para os fundos da sua casa, disse Mariana.

Foi à janela, ficar no lugar em que ele se demorava. Pedrinho enxergava aquela laranjeira. Via aquele pedaço de muro meio caído. Via aquele caco de garrafa, aquele arco de barril, a roseira. Experimentava um doce prazer em olhar aquelas coisas.

— Como é que o Pedrinho gosta de café?

— Bem forte.

— Ele gosta de pastéis de camarão?

— Gosta.

— Eu quero engomar os colarinhos dele.

* * *

Pedrinho regressou naquela noite. Trouxe um presente para Elisa; uma pele de onça do Paraná.

— Isso dá azar, disse Mariana. Escute, ela esteve hoje aqui o dia inteiro.

— Nessa cadeira?

— É.

— Que é que disse?

— Muita coisa.

Pedrinho foi ao quarto, trocou de roupa, barbeou-se e voltou. Mariana conversava com o Gruber sobre uma conta do armazém. Pedrinho, entrando, interrompeu-os:

— Ela não perguntou nada?

— Ela quem?

— Ora! Ela... Quem havia de ser? De quem é que falávamos há pouco?

* * *

Achava esquisito aquilo: porque dizia logo os nomes de todas as moças, sem rodeios, e o dela não falava, parece que tinha aca-nhamento.

E sentia um prazer secreto, ao pronunciar, a sós o nome inteiro dela, sílaba por sílaba, e os sobrenomes: Elisa Gonzaga da Cunha.

* * *

Tinha a impressão de que tudo era mais bonito: as ruas, o cinema, a noite iluminada. Mesmo sem ela, mas por causa dela.

— Como entram essas coisas na gente?

Rememorava. Pormenorizava. Corrigia.

— Não. Foi naquela noite, na quermesse das Perdizes. Mas, já então, gostava. Como foi? Aquela tarde, lembrava-se bem: sim, foi naquela tarde. Talvez. E a rosa que lhe dera sobre o muro?

* * *

E estava nos vinte e oito anos. Porque não amara antes? Perdera o melhor trecho da mocidade. Caixeiro de venda, ajudante de mecânico, depois a máquina, as viagens, tudo passou tão depressa, na vida malvada. Não tivera tempo para coisa alguma. Sim: aos vinte e dois anos, namorara, mas a mãe -- a boa Júlia, que ainda era viva -- lhe dissera que não ficava bem, porque a vizinha Clotilde precisava de um casamento, e ele, sem recursos, andava empinando. Realmente, Clotilde casou com um porteiro de grupo escolar, já velho, que lhe deixou uma casinha; depois, casou com um carteiro, que bebia e a espancava.

Aos vinte e sete, conheceu Elisa, que morava nos fundos da casa. No começo, não ligou. Casamento é para gente rica ou pobre sem juízo. Era a sua filosofia de foguista cansado de guerra; o mais, besteira.

Tempo vai, tempo vem, ali estava apaixonado, tinha até vergonha que soubessem. Na sua idade, Pedrinho? Isso é de meninos. Não; não era de meninos. Afinal, sentia-se o mesmo. Dormia como dantes, gostava dos mesmos pratos, deleitava-se com as mesmas músicas, emocionava-se com as mesmas dores e as mesmas alegrias. Acaso aquele quadro, que lhe dera o irmão Urbano, e que estava, havia dez anos, no seu quarto, perdera algum encanto? Gostava ainda daquela pintura, que não mudara, porque não era de natureza mudável. E, por conseguinte, ele era o mesmo de dezoito anos. Entretanto, sentia acanhamento de expandir-se. Estúpido acanhamento, mas sentia. Por isso, era fechado, taciturno.

Porque cantava no seu coração o tumulto das primaveras proibidas...

* * *

Assumia, então, um ar grave, de quem pensa utilitariamente no casamento. Construir o seu lar. Ter sua casa. Não ficar tão

só quando fosse velho. Cumprir deveres sociais: constituir família, educar filhos.

Tudo isso, dissimulações.

Elisa era a Vida, que se revelara, na sua lógica impenetrável, como uma catarata que arrasta implacavelmente o pobre barco viajero.

* * *

Fechava os olhos pelo prazer de rolar no desconhecido, como o choque de uma sensação fulgurante.

III

O PERFEITO CULINÁRIO

O Gruber era alto, claro, os olhos de um azul baço indefinível e o nariz levemente aquilinado. Tinha o seu bloco. Aos sábados, reunia-o, em sessão. E, enquanto ele não chegava, conversavam todos, animadamente, sobre futebol. Era o grande assunto: os chutes em belo estilo, as proezas dos arqueiros nas provas do campeonato. Falavam, também, em fitas de cinema. Comentavam os artistas. Uma turma jogava pingue-pongue. Rapazes lamentavam a noite perdida com a tal reunião, estrilando porque deixavam os encontros combinados. E o Gruber entrava, sem despertar entusiasmo, e isso o alegrava intimamente. Dizia que as coisas precisavam ser assim. Os seus adeptos deviam, antes de tudo, desinteressarem-se por problemas. E foi justamente, quando observou que já havia caceteado bastante a todos, com repetidas sessões, que ele tornava massadoras e graves, que entrou, pregando a sua doutrina, demonstrando que a vida não devia ser uma charada, e sim um pique-nique.

Na reunião estatelada, um sócio fez um discursozinho, em que exclamou:

- Pugnemos, camaradas, pelos direitos do Homem!
- O camarada falou uma besteira, interveio Gruber.
- Os direitos, então, são uma besteira?
- Não falo os direitos, explicou o Gruber; falo o Homem, com inicial maiúscula, tal como escrevem os poetas, para encher a boca dos tolos. Que é o homem?

E, como ficassem todos estupefatos, Gruber falou:

- Se desaparecessem a humanidade, a sociedade, e sobre o mundo subsistisse apenas um ente humano, que seria dele? O homem existe, enquanto existem os homens; portanto, quanto mais os homens entram na vida do homem, tanto mais este é alguma coisa. Coletivizemo-nos. Destruamo-nos.

— Como posso me destruir? perguntou um rapaz de olhos místicos, desses que estão sempre prontos para cortar os pulsos com a *gilette* ou se atirar do Viaduto.

— Amai o futebol, a patinação, os sorvetes de creme, as corridas de automóvel, as mulheres, os cães e os cavalos. A vida é isso. Fora dessas preocupações, tudo é ilusão.

— Devemos deixar correr o marfim? indagou um outro.

— Perfeitamente; é a melhor maneira de agir.

— Que faremos, nesse caso, em nosso Bloco? inquiriu um sujeito de olhos saltados.

— Nós nos reuniremos com o propósito de nada fazermos.

— E as greves?

— Acompanharemos a onda.

E, como todos se espantassem com tão estranha filosofia, Gruber explicou:

— Não de ver que os comunistas do Partido estão errados com o seu programa de ação. Também estão errados os anarquistas, que atiram as bombas, ou os sindicalistas, e mesmo os socialistas da II Internacional. Para destruir uma sociedade só há um meio seguro, e esse é brasileiro: acompanhar a marcha dessa sociedade; respeitar a opinião pública.

* * *

Semelhante doutrina valeu ao Gruber a sua expulsão do Partido Comunista. Mas, por outro lado, granjeou-lhe uma infinidade de adeptos. Ele fundara o pequeno "Bloco dos Vivedores" com planos muito seus de bolchevizar as massas, e como esse bloco nada fizesse em benefício da causa, nem estudasse, nem trabalhasse, nem conversasse, a não ser sobre futebol, um jornalista do *Correio da Noite*, que traduzia livros russos e rugia discursos nas assembléias proletárias, acusou-o de traidor. Então Gruber, na primeira reunião, fez uma arengazinha, que atraiu, para o Bloco 289, sócios novos. Ele dizia, mais ou menos, o seguinte:

— Qual dos senhores deixará de ir ao cinema, para vir a uma reunião cacete? Quem deixará de discutir uma bela tirada de Ministrinho, um chute de Grané, para perder o tempo, com questões de salários? Que vale mais: uma boa mulher, ou um bom discurso? Uma farra, ou um comício? Neste Bloco só estão os que querem aproveitar a vida.

No Regulamento, estatuiu:

"Art. 8.º — Cada qual poderá votar com quem quiser, se for bem remunerado".

No art. 14, advertia:

“É dever de todos acompanhar as maiorias, em greves, eleições, passeatas, etc.”

Pouco adiante, lembrava, no art. 21:

“De tudo se poderá falar nas sessões do Bloco, menos de interesses da Sociedade”.

Mas o texto mais importante era o do art. 22, em que preceituava:

“Se algum dos sócios não julgar as sessões interessantes, não deixe de ir ao encontro combinado”.

As conseqüências dessa legislação liberal foram de êxito completo. E Gruber passou a dirigir uma corrente realmente preponderante, não só de ferroviários, como de outros trabalhadores. Inventou logo uma vitrola, um víspora, um pingue-pongue, uns bailezinhos aos sábados.

* * *

O Pedrinho não pertencia ao Bloco, porque toda a sua preocupação era Elisa e a máquina.

Alguém estranhou a falta de solidariedade do cunhado, mas Gruber justificou-a:

— O Pedrinho pertence à categoria dos sócios honorários. Conto milhares de adeptos nessa classificação. Lá fora (e apontava o panorama da Capital perdido no azul-cinza da distância) meus correigionários dessa espécie são cavalheiros qualificados na sociedade. O fato de não pertencer ao meu bloco (que é ainda a aprendizagem dos apóstolos) significa uma grande perfeição na minha doutrina.

* * *

Uns achavam o Gruber maluco. Outros diziam: “É um pândego”. Muitos afirmavam: “É um explorador”.

Mas o judeu Abraão Spetzmeyer, que passara por São Paulo, no rumo de Montevideú, dissera a Marina, com grande orgulho para ela:

— Seu marido é um grande líder.

* * *

“Gente da mesma panela”, pensara o Pedrinho, sabendo desse elogio. De fato, o Gruber (Ricardo Simon Gruber) era filho de um casal de hebreus, meio alemães, meio franceses, que pereceram num desastre marítimo na Ponta do Boi. O Ricardo fora salvo por um sapateiro calabrés, que o educara desde os três anos, valendo o epi-

sócio e a dedicação de Capellini, o apelido que lhe deram de "Faraó", com o qual, provavelmente, truncando a Bíblia, queriam referir-se à página cinematográfica de Moisés retirado do Nilo. A tendência de Gruber era para o comércio, ou misteres mais grandiosos, mas Faraó deu-lhe o ofício de mecânico, vingando-se do destino que fizera todos os Sapellinis lambedores de sola. E Gruber tornou-se um grande técnico, ocupando, já aos 24 anos, um lugar de destaque nas oficinas da Sorocabana.

Uma vez, deixara a Estrada, com licença indeterminada, para tentar vida num adelo, segundo a sua vocação. Mas o sócio, um russo, meteu-se nuns negócios de objetos roubados e foi dar com os costados na cadeia. Também Gruber cumpriu a pena de alguns meses, e foi então que leu Büchner, Le Bon, o *Brás Cubas* de Machado de Assis, e ruminou o *Cântico dos Cânticos* e o *Eclesiastes*, livros que lhe emprestara o diretor da cadeia, para que ilustrasse o espírito e se regenerasse.

Tomou gosto à leitura e pôs-se a meditar, nas horas vagas, sobre a injustiça da sua prisão, como cúmplice de Léon Roscovscky, na compra dos relógios roubados. Depois de devorar Vitor Hugo, Ibsen e Tolstoi, riu-se às gargalhadas com alguns capítulos da *Luta pelo Direito*, de Ihering. Enjoado de idéias gerais, pediu um *Manual de Eletricidade*; trouxeram-lhe, por engano, o *Perfeito Culinário*. E esse livro foi decisivo na vida de Gruber.

O *Perfeito Culinário* era escrito por um "ex-chefe da cozinha do Automóvel Clube, ex-diretor dos serviços de gala do Trianon, ex-consultor do corpo de artistas culinários para a recepção do rei Alberto na Chácara Carvalho, atual superintendente dos preparativos para banquetes diplomáticos, agraciado por S. Majestade, o rei da Bélgica, elogiado por SS. AA., o duque de Brabante e o príncipe do Piamonte, citado em muitas obras e consultado pelo *maitre d'hotel* do casino de Monte Carlo".

Chamava-se, esse grande autor, Espirídio Mouzello, e o seu livro continha todas as receitas de quitutes e acepipes, como as farmacopéias, e devidamente acompanhadas de comentários, muito instrutivos, à maneira dos tratados de Direito.

Gruber concluiu, estudando essa obra notável, que o gênero humano não era aquele de que falavam os filósofos e os poetas. Pois estes não conseguiam provar a existência do homem, o qual poderia ser o macaco de Darwin, o demônio de Ibsen, o anjo de Vitor Hugo, ou o ente jurídico da luta pelo direito, mas, em última análise, uma ficção.

— Existe o *Perfeito Culinário* (monologava Gruber), logo o homem existe.

Repontava assim, no seu espírito, como uma espuma quente, o sangue dos hebreus afogados no desastre marítimo. O certo é que Gruber, lendo, já em liberdade, Bukarin, e interessando-se pelo *Capital* de Karl Marx, ficou socialista, mas não modificou a sua filosofia. O seu método de ação fugia às normas da II Internacional. Ria-se dos agitadores, dos agentes de provocação, dos apóstolos, que eram martirizados na bastilha do Cambuci.

— São loucos, comentava. A grande técnica é a que se inspira no *Perfeito Culinário*. Precisamos fazer bons pratos; e o mundo marchará.

* * *

Mariana era religiosa e meiga. O Gruber nunca lhe dissera uma palavra sobre a sabedoria que bebera no livro famoso. Mas, recomendava-lhe o volume, como um excelente auxiliar da vida doméstica. Alegre e folgazão, deixava, às vezes, escapar a simpatia com que acompanhava as reivindicações sociais. Era uma fraqueza, e Mariana tirava daí conclusões políticas que passava à vizinhança, estabelecendo-se um murmúrio sobre a conduta de Gruber. Os boatos, a seu respeito, não tinham, entretanto, fundamento. A própria polícia verificara a improcedência de algumas denúncias, e apenas o velho Inácio alimentava suspeitas acerca de tão pacato filósofo.

Nem Gruber alimentava fobias ou exclusivismos. Seu melhor camarada, aquele com quem jogava xadrez, era até um devoto de São Benedito, que o inscrevera mesmo na Irmandade.

Não se diga que Gruber assentia simplesmente para o efeito de concorrer com os cinco mil réis mensais aos cofres da confraria; viram-no, muitas vezes, em procissões, envergando a opa, muito impertigado a carregar o seu brandão, com ar de responsabilidade e convencimento.

— A minha teoria é aderir a tudo, dizia ele aos seus discípulos. Devemos prestigiar as maiorias, porque elas conduzem o mundo e o *Perfeito Culinário*.

* * *

— Este é o grande País! O grande País! exclamava o mecânico filósofo, sempre que terminava a leitura dos jornais.

E sorria:

— Esta é a Pátria de Espirídio Mouzello, meu amado mestre.

IV

EROS, PSIQUE E ESTEFÂNIA

Teodorico, ao contrário do herói de Euclides, não era antes de tudo um forte. Cruel afecção nervosa lhe atormentara a puberdade, deixando-lhe um rasto de amarguras e a lembrança de fobias dolorosas. Dos dez aos dezoito anos, foi um melancólico, e a sua palidez era o tormento de D. Beatriz, que o trazia às voltas com os médicos e tônicos ferruginosos e fosfatados. Tomou cálcio, banhos de chuva, e Mister Jones lhe ministrava ginástica científica. Afinal, aos 19 anos, encontrou o Tonico Dutra, que o curou. Esse Dutra, também como Teodorico, cursava a Politécnica, muito gordo e pândego nos seus 18 anos, a fumar cachimbo e a soltar grandes gargalhadas.

Foi num jantar de rapazes, despedida de Martinho Cerveira, que ia para os Estados Unidos. Os convivas eram trinta e poucos, estudantes e moças das relações da família, que os velhos Cerveira reuniram no vetusto solar dos Campos Elíseos.

Nesse tempo, andava Teodorico namorando a Siloca, futura esposa do Martinho, uma boneca de olhos cor de chumbo e um cabelo muito sedoso e louro, delicada, toda macieza de rola, no seu vestido de seda azul-claro.

— Os homens são muito falsos, dizia ela à esquerda de Teodorico, mastigando uns fios-de-ovos, que pendiam do beijo vermelho como um sangue amarelo.

— Quem lhe disse isso, Dona Siloca? A senhorita já é uma desiludida?

— Oh! Eu já li muito... Em todos os romances, as mulheres sofrem tanto... Não é mesmo, Ercília?

A morena de olhos pretos confirmou “que sim, que tinha suas experiências”, e fitou significativamente um rapazinho de olhos claros, que comia um *éclair* com gestos meticulosos.

Na frente, estava o Tônico Dutra, bebendo e comendo brutalmente e soltando gargalhadas. As meninas dirigiam-se a ele, de preferência. "Não ligo!", exclamava. Seus gestos eram desenvoltos. Estendia as mãos, para mandar bilhetes a lápis, com piadas, puxava os paletós e cabelos dos vizinhos, encostando o braço nas espáduas de Ercília ou de Zilda, que estavam nos seus flancos. Ao champanhe, bebeu as taças das duas e chamou o criado, dizendo que elas queriam mais. E como as pequenas protestassem, beliscou a perna de Ercília e o ombro de Zilda.

Teodorico não tirava os olhos do Tônico Dutra. Conhecia-lhe a crônica, o terror das mães, que recomendavam a seus rapazes evitar companhia tão inconveniente. Aquela falta de educação porém constituía por assim dizer, o *it* de Dutra. E Teodorico, não resistindo à tentação, puxou conversa. Ficaram amigos. Depois, vieram as danças. O Dutra saiu com a Ercília. E, quando ela mais se entusiasmava pelos ciúmes que provocava no rapazito alto e louro, o Tônico Dutra largou-a no meio da sala, puxou Teodorico pelo braço, e disse-lhe:

— Vamos embora, que isto é pau.

* * *

O Dutra levou-o a uma casa da ladeira São Francisco, coisa sórdida. Mas Teodorico experimentava um sabor novo, agradável, naquilo.

— Estamos na Sala dos Passos Perdidos, no átrio de Radamanto, junto às arcadas sepulcrais do Eliseu, dizia Tônico em voz cava.

Uma espanhola encarquilhada introduziu-os a uma sala de tabiques enebados, onde várias mulatas horrendas tomavam cerveja em copos sujos, com soldados.

— Para cima! ordenou o Dutra.

Subiram uma escada cambaleante de degraus roídos de carunchos. E como Dutra exigisse "cosmoramas", Teodorico desvendou os segredos que o amigo chamava "as demonstrações da geometria no espaço". Já madrugada, desceram ao largo do Piques, e o Dutra disse, já bastante bêbado:

— Papai faz isso também. Em ambientes chiques, é claro. Tem dinheiro. Bebe champanhe. No fundo, é a mesma coisa. O velho é vereador, sócio do Automóvel Clube, amigo íntimo do Arcebispo. Você compreende, não fica bem expôr-se. Depois, é um chefe de família, homem de tratamento... Vamos beber uma sambuca?

Teodorico estava atordoado. A cerveja dilatava aos seus olhos os focos de iluminação, as árvores. Parecia que andava tudo no ar, e era gostoso. Aquela noite infundia-lhe íntimo orgulho. Sentia-se um homem. Puseram-se a tomar sambuca no botequim, entre sujeitos de cara suspeita. Às três da madrugada, Tonico Dutra perguntou-lhe:

— Você tem dinheiro? Quanto?

— Vinte e cinco mil réis.

— Está bom; eu tenho dois mil e seiscentos. Vamos fazer bagunça.

Subiram para a rua D. José de Barros, tentaram ingressar no Imperial.

— Esses bandidos não deixam entrar homens da nossa idade.

— É desaforo! estrugiu Teodorico, brandindo a bengala.

— Espere; vamos ganhar coragem.

Entraram numa confeitaria do largo do Paissandu, beberam duas doses de Porto. O mundo começava a girar em torno de suas cabeças. Atingiram a porta do cabaré. Vinham chegando duas pequenas, em vestidos de baile, que arrastavam, e *manteaux* de peles.

— Que peixões! exclamou Tonico.

Elas gostaram. Tinham-se desvencilhado dos “coronéis” e procuravam a última aventura da noite.

— Vamos entrar? convidou-as Teodorico.

— Vamos, responderam.

Os porteiros, porém, barraram o ingresso dos meninos. O Tonico Dutra respondeu, instantaneamente, com uma bofetada. O Teodorico malhou a bengala e, perdendo o equilíbrio, estendeu-se de costas. As pequenas puseram-se a guinchar e a ganir. Um sujeito idoso, que saía, tomou o partido dos rapazes. Vários indivíduos desceram de dentro do cabaré e choveram notívagos da esquina. O rolo generalizou-se...

* * *

Na manhã seguinte, Teodorico despertou num apartamento luxuoso. Ao seu lado, no leito largo, dormia placidamente a Vanda, de lábios entreabertos, as grandes pestanas negras sobre as faces de rosa. Examinou-a: as orelhas, o pescoço, os cabelos ondulados.

Um aroma tépido atordoou-o.

* * *

Vanda foi para os 18 anos de Teodorico o que o "Perfeito Culinário" fora para o Gruber: a revelação. Ela amava o esporte, a dança, as poses fotográficas, a música, os vestidos, mil modelos de sapatos, de pijamas, de pantufas, a linha gloriosa das *voiturettes*, os cigarrinhos esquisitos. O apartamento onde morava com Suzanne (que cantava tangos argentinos e folheava revistas de cinema) era todo em azul desmaiado, com divãs e poltronas de veludo rosa e vários tapetes de várias cores. A mobília, audaciosa, de tons diversos e desenhos leves.

Tinha a obsessão dos coloridos, não berrantes, mas numerosos, na gradação de infinitas tonalidades intermediárias, em que predominavam o azul e o rosa. Não exagerava a *maquillage*, mas manobrava uma quantidade de *batons*. Amava os grandes dias de sol, o esplendor das vitrines, as tricromias de *footings* e corsos e as noites irisadas dos cabarés.

Os tipos refinados, de tradições elegantes, achavam-na vulgaríssima. E os mais habituados aos lineamentos severos e tons discretos dos mobiliários distintos, sorriam ironicamente dos excessos de Vanda. Ela era, porém, instintiva, e, tendo-se guindado, da profissão de *garçonnette* e do seu cortiço da Moóca, para aquele 5.º andar de arranha-céu, o que a inebriava eram as cores da vida e os rumores de todas as alegrias. Vanda, ignorantona e superficial, porém bonita e gozadora, dir-se-ia a encarnação do próprio espírito dessa alta sociedade, em que Teodorico se desenvolvera, entre os luxos espalhafatosos dos excessos de civilização exterior. E Vanda, para a primeira mocidade de Teodorico, desamparada, pelo exemplo dos mais velhos, de qualquer base moral, foi um ponto de apoio físico, mais decisivo do que os tônicos ferruginosos e fosfatados; e ele compreendeu o sentido festivo da existência de Vanda. A vida devia ser a festa pagã da força e do amor carnal. Evidentemente, não se tratava do amor de Siloca, todo suspiros e olhares revirados, atormentações, atribulações, melancolia: mas do amor de Vanda, que não era um cilício, mas um divã, o amor ianque, pragmático, taylorizado, movendo-se nos âmbitos liberais da oferta e da procura, como uma risonha disponibilidade. A alegria das feiras matinais, onde resplandecem, para serem escolhidos, os legumes verdes, laranjas vermelhas, pêssegos e mangas-rosas, ramalhetes de cravos e crisântemos.

* * *

Teodorico tornou-se íntimo do Tonico Dutra; regressava de madrugada para a casa e, às vezes, não aparecia. O Dutra abandonara

o largo do Piques, porque arranjara uma enfermidade que o privava de tomar álcool durante seis meses. Depois, aderira ao bloco de Vanda dizendo que Suzanne era das Arábias, e não queria outra vida. Dona Beatriz censurava o filho; mas ele gozava, agora, uma saúde tão rija, que resolveu mandar a Virgínia entregar-lhe (como coisa sua), uma chave da porta do fundo (para não incomodar mamãe). Teodorico, essa noite, voltou mais cedo. É que a chave lhe dava uma impressão de força e de liberdade.

* * *

Assim decorreram três anos. Teodorico atingiu a maioridade, com um presente de Dona Beatriz: uma bela Packard e esta recomendação decisiva:

— É a última coisa que lhe dou. Porte-se, agora, na vida, de modo a nunca precisar de automóvel de marca inferior. Coloquei-o numa Packard, veja bem: será uma desonra, se um dia acabar num Ford.

Teodorico escutou e perguntou:

— Que devo fazer, para honrar minha família, subindo sempre de marca de automóveis?

— Não sei, respondeu Dona Beatriz. Sei, apenas, que não deve rebaixar-se.

À noite do dia seguinte, Teodorico despediu-se de Vanda (que até então vinha sendo custeada pelo Comendador Dutra, pai do Tônico), fazendo-lhe presente de uma pulseira de dois contos de reis. Foi uma cena de 3.º ato de drama, que abalou o apartamento.

Vanda, sentindo que ia perder Teodorico, bebeu um gole de lisol. O Tônico veio aos berros: "Você é um ingrato! Um sem alma!"; e a Suzanne chamou a Assistência, que era mais prático.

Teodorico travara relações íntimas com Luly, artista da Companhia Francesa, que lhe custara uma ceia de quatrocentos mil réis. Resultado de aposta entre meninos. Afirmavam que artista de alta comédia não é o mesmo que artista de revistas e zarzuelas. Afinal, tudo vinha a dar numa só "droga", e Teodorico apenas verificou que Luly estava mais conforme a doutrina de Dona Beatriz, mais adequada à linda Packard e a luxos mais superfinos.

Vanda consolou-se com o próprio Tônico Dutra, que foi promovido de simples amiguinho a gigolô, aboletando-se incestuosamente nas prodigalidades de Dutra Sênior. E Suzanne, com "dez anos de circo", arranhou um caixeiro de perfumaria.

Quando a Companhia Francesa foi para o Rio, Teodorico pretextou um serviço e instalou-se no *Palace Hotel*, onde conheceu a princesa russa Elizabeth Alexandrovna, que se transportou, no mês seguinte para o Esplanada, com um *bull-dog*, um macaco, dez malas com *toilettes* e caixas de chapéus e de jóias.

Teodorico, terminando o curso, instalou uma *garçonnière* na rua 24 de Maio, onde se encontrava com a Siloca, agora esposa do Martinho Cerveira, deputado estadual muito prestigioso. Isso às quintas-feiras, que os demais dias da semana dedicava-os a números extras.

Em 1929, negociou a russa. Não que ele fosse um traficante de brancas, mas uma transação importante o ligava afetuosamente ao presidente de certo Estado, que manifestara entusiasmo pela Alexandrovna. Aproximou-o dela, ganhando duplamente: o sucesso no negócio que tinha em vista e a separação da princesa, que já se tornava irritante com o seu macaco e o seu *bull-dog*.

* * *

Teodorico firmara-se na filosofia de que os homens e as mulheres foram feitos para o desfatio do Homem e da Mulher. Esse conceito individualista foi contestado pelo Gruber e confirmado, com restrições, por Pedro Maranduba.

Aos trinta anos, Teodorico criava o seu método de vida, um tanto eclético, mas no fundo epicurista. Já lhe faltavam alguns atrativos da primeira juventude; no entanto, conquistara, através de profunda impressão que Vanda lhe deixara, uma "tonalidade", um diapasão, que se traduzia em maneiras irresistíveis e golpes habilidosos. As mulheres constituíam o gozo passageiro e os homens as eventualidades e oportunidades.

Foi nessa época, e com semelhante filosofia, que Teodorico, milionário, solteirão ardiloso, conheceu Elisa, por acaso, no ambiente fuliginoso do Depósito e lhe apertou os dedos esquivos.

* * *

Elisa surgia-lhe diferente de todas, um tipo esquisito, uma espécie de Siloca ruiva, mais viva, mais enérgica, porque tinha a desenvoltura das ruas, dos bairros fortes de vida bravia.

Tentou descobrir o escritório em que ela trabalhava.

E trocou duas palavras com a velha Estefânia, uma lituana de grande técnica em assuntos secretos.

V

ADÃO E A SERPENTE

Pedrinho andava aborrecido, porque as eleições tinham passado e a promoção prometida não viera.

Como poderia casar? Era uma injustiça: apenas os ricos tinham direito de constituir família, de envelhecer entre o carinho da prole. Se casasse, não poderia dar a Elisa a vida que ela levava em casa de seus pais. Se viessem filhos, a situação seria ainda pior: teriam de crescer, míseros párias, para se encontrarem, aos 20 anos, na mesma situação desgraçada do pai.

E ele trabalhava tanto! Desde menino, labutava. Que conseguira? Nada. Tinha ímpetos de deixar a Estrada, ir tentar fortuna, como tantos outros, no sertão. Nas suas longas viagens, invejava a existência desses casais felizes, que mourejam a terra e aparecem na paisagem verde com seus lenços coloridos à cabeça. Falou ao Gruber, mas o cunhado desaprovou a idéia:

— Case, e fique aqui conosco. O lugar dos operários é a cidade. Como quer você privar-se do cinema, do bonde, do telefone, da água e dos esgotos, dos médicos, farmácias, iluminação, progressos confortáveis? Isso tudo nos pertence; e nós pertencemos a tudo isso. O comércio e as indústrias precisam de consumidores, e não devemos faltar com o nosso apoio aos amigos industriais, aos valentes plutocratas, que levam, à frente das nossas marchas, sem o sentir, a bandeira das reivindicações proletárias. Fique; não perturbe a marcha da Civilização...

Pedrinho meditou longamente, mas o seu caso pessoal assoberbava-o. Gruber era louco varrido: que tinha ele, as suas angústias, com a marcha da Civilização? Elisa aprovara-o. Um pouco melancólica, é verdade. Notou essa vaga tristeza e atribuiu-a à separação do primeiro ano, saudades antecipadas. Mas Elisa, realmente, experimentava um choque muito íntimo, absolutamente imprevisto. Nunca lhe passara pela cabeça abandonar a grande cidade, sua

máquina de escrever, os filmes de Hollywood. Lia, agora, romances e revistas, e uma datilógrafa da Bolsa de Mercadorias, com quem fizera camaradagem, ensinava-lhe francês.

Achavam-se as coisas nesse pé, quando Elisa começou a ser requestada por Estefânia. A velhota promoveu um encontro casual, na cidade (tinha acompanhado Elisa, desde a Lapa, no ônibus), e travou conversa. Declarou-se agente de uma companhia cinematográfica nacional, que pretendia tirar uma fita no Guarujá.

O velho Inácio foi consultado. Madame Estefânia dava ótimas referências, entre as quais a de Gordinho & Cia. Convidava Elisa para fazer um papel de Iracema, uma beleza. E Elisa comprou um volume do romance de Alencar. Depois, começou a sonhar a glória. Confiou a Pedrinho a sua presunção de que poderiam vir a ser ricos. Ele poderia até figurar num papel, acreditava que seria fotogênico. Um papel de índio, de Potí. Não; melhor seria Martim, guerreiro branco. Pois Pedrinho não era o seu Martim? Quebras comigo a flecha da paz? Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Mas Pedrinho não esteve pelos autos. Disse que aquilo tudo era ridículo.

Estefânia insistia com Elisa. Convidava-a para passeios. Mostrava-lhe automóveis: "Não deseja ter um?" Mostrava-lhe as senhoras elegantíssimas da sociedade, os lindos vestidos, as jóias: "Não lhe agradam?" Apontava-lhe um bangalô: "Que diz, se morasse ali?"

Um sábado, levou-a a um teatro. E, depois, a uma casa de chá. Num biombo próximo, achava-se Teodorico, por acaso, que sorriu com aprovação a Estefânia, e cuprimentou Elisa.

— Parece que conheço aquele moço... Ah! Agora me recordo...

E a lembrança do episódio do Depóstio enrubeceu-a.

— É um moço distintíssimo. Espere, que ele me chama.

Estefânia levantou-se e voltou logo depois.

— Diz que nutre uma grande simpatia por você. E pede licença para vir à nossa mesa.

— Mas ficará bem, Dona Estefânia? Pedrinho pode não gostar.

— Que tolice! exclamou a velha. Na alta sociedade, isso é natural.

E deu sinal a Teodorico.

— Sabe que é encantadora, senhorita?

— O senhor parece debochador...

No íntimo, Elisa sentia qualquer coisa de delicioso, pelo galanteio.

— O coração não mente, dizia Teodorico. Ele fala pelos olhos. Veja: olhe firme para mim...

Elisa fitou-o nas pupilas. Parece que misteriosos raios a penetravam. Um olhar, afinal de contas, muito comum e até ridículo, como os olhares nessas ocasiões; mas, como sempre, de efeito. Ele segurou-lhe a mão direita, premindo-a devagarinho.

— Estou tão incomodada, disse Elisa, retirando-a.

— Como é linda! sorriu apalermado o conquistador.

Ofereceu o automóvel. Elisa quis fazer Estefânia sentar no meio. Mas a velha, habilmente, empurrou Elisa para junto de Teodorico, que ia na direção. Ele começou a falar, sempre, com voz pegajosa, que embalava os ouvidos de Elisa. Ao passar por uma rua escura, estacou a barata, quis abraçá-la, beijá-la. Então Elisa gritou, dizendo que descia do carro. E ele: "Fica feio; vem vindo gente. Quer que a deixe sozinha neste escuro do Pacaembú?"

Elisa jurou que não sairia mais com Estefânia. Tinha remorsos do crime que não praticara. O seu afeto pelo Pedrinho crescia, porque se misturava, agora, com um sentimento de piedade. Pedrinho, robusto, atlético, era a Força esmagada e subjugada por uma Potesdade misteriosa, que se dizia conjurada, com Teodorico, para aniquilá-lo, humilhá-lo.

* * *

Estefânia, porém, mudou de tática. Enquanto mandava Teodorico insinuar-se em casa do velho Inácio, a pretexto de casos eleitorais, ia à procura de Pedrinho, a quem segredou, pedindo as maiores reservas, o passeio do automóvel. Inverteu os fatos, afirmou que Elisa lhe pedira que a aproximasse de Teodorico, por quem estava apaixonada. "Conto-lhe, dizia, porque também tive um filho, que foi enganado, e acho muito duro isso tudo". E aconselhava: "Não deixe de ir hoje à casa dela, e verá como todas são iguais na falsidade".

Pedrinho dirigiu-se, à noite, à casa de Elisa e estacou na esquina. Teodorico saía, realmente, com o velho Inácio, que levou no automóvel.

Aproximou-se taciturno, pálido, beijos trêmulos. Elisa fitou-o espantada:

— Que é que você tem, Pedrinho?

— Nada. Entre nós está tudo acabado.

Elisa quase desfaleceu. Ele tornou:

— Não sabia que era igual às outras.

— Que é isso, Pedrinho?

— Ainda pergunta? Sei de tudo, sei do automóvel, sei... tenho até vergonha de falar.

Elisa exclamou soluçando:

— Pelo amor de Deus, Pedrinho! Estou inocente. Eu ia lhe contar tudo. Juro por tudo, minha Nossa Senhora!

Pedrinho arfava. Era o desmoronamento do mundo. Não aguentava. Uma vertigem lhe turvava a vista. Tinha ímpetos de abraçá-la, beijá-la, dar o dito pelo não dito. Experimentava, ao mesmo tempo, um secreto prazer em espezinhá-la. Imaginava-se um desgraçado e um herói, um cruel e um mísero humilhado. Seu peito se inflava de orgulho e de força; suas pernas fraquejavam de paixão e de afeto. O instante era decisivo. A hora suprema de angústias infinitas. Seria uma vergonha capitular. Lembrava-se de todos os que haviam cedido e se tornaram sórdidos comparsas de situações miseráveis. E se ela fosse pura? E se ele estivesse enganado? Mas, se tudo fosse, realmente, verdade? Não podia trepidar. Entre noventa e nove hipóteses favoráveis à Elisa, e uma apenas contra, o seu caráter, íntegro e orgulhoso, tomava esta nas mãos e a agitava como uma bandeira de guerra.

Esteve mudo, vendo-a chorar, longo tempo. Depois, levantou-se, tirando debaixo da capa um embrulho. Eram os postais, o ramo de violetas, o retrato, uma poesia em recorte de jornal, uma abotoadura, presente de aniversário. Era a vida de Pedrinho, tudo o que Deus lhe dera, como um brinde retardado, à mocidade fugitiva. Aquilo fazia parte da sua carne, do seu sangue, do sentido de existência que ele criara.

Elisa ficou soluçando, ao peso da imensa injustiça, sobre aquele embrulho, que era um pedaço da sua alma; a primeira linguagem da sua mocidade.

— Espere! disse segurando-o pela manga, quando Pedrinho saía.

Entrou no seu quarto pobre. Voltou com uma caixinha, onde estavam as coisas dele: bilhetes, uns brincos, um colar barato.

— Ao menos o retrato...

— Não, disse Pedrinho; não quero que sirva para caçoadas de ricos...

— Juro pela vida de meus pais, Pedrinho! Eu nunca mais, nunca mais... Como sou infeliz, minha Virgem Maria!

* * *

Caminhando na noite escura de arrabalde, Pedrinho sentia agora o remorso imenso, esmagador. Teve ímpetos de voltar. Ou de ir falar

à Mariana, para que interviesse. Pensou em matar-se. Pensou em matar Teodorico. Sim; talvez; que faria?

Chegou à porta da "Associação dos Trabalhadores". Devia entrar para aquela sociedade, sabidamente comunista. Que tinha mais a perder? A vida? Devia dá-la para a grande vindita. Pois aquele que lhe roubava a noiva não era um burguês, um capitalista, um potentado? Não era um dos que exploram as massas trabalhadoras, que as oprimem, em nome de uma falsa liberdade?

Subiu as escadas. Um rapaz de gabardine fechada como um uniforme militar, falava:

— Está se aproximando a revolução liberal. Os burgueses do Rio Grande e de Minas pretendem esmagar os burgueses de São Paulo, unidos aos descontentes da plutocracia industrial e cafeeira daqui. Temos de esperar a onda crescer, preparando-nos para o grande momento em que sairemos à rua, com nossos camaradas do Exército e da Marinha. Será a hora dos operários, soldados, marinheiros e camponeses...

Pedrinho vibrava de prazer, de raiva e de esperança. Precisava desabafar-se de qualquer forma. Era o juramento que fazia sobre o sangue de seus irmãos. Pois lá não estava Urbano, capitão da Coluna Prestes, exilado no Paraguai? Longe, nos penedos de Fernando de Noronha, o Tônio, que era oficial da Marinha. O Janjão, carregado de filhos, paupérrimo, numa cidadezinha do Paraná. O Cesário, cavando dolorosamente a vida, nos sertões do Apiaí. Os outros morreram ainda moços, antes dos velhos, livrando-se às injustiças da vida, exceto o Chico, que era padre, humilde e bom, embriagado pelo ópio da esperança numa existência mais justa e num mudo melhor. Quantos irmãos! E todos no duro, sempre no duro. Agora a aliança devia ser feita. A onda ia levantar-se invencível. Aquilo tranqüilizava-o. Recebeu um punhado de folhetos, que o moço orador lhe deu. Um moço simpático. Chamava-se De Moreyra. Sabia muito. Descrevia todas as batalhas dos trabalhadores. Explicava o porque das coisas. E tudo era tão claro. Ia ser um homem de ação. Começava já.

— Viva Lenine! berrou na assembléia, que ficou hirta.

— Não grite assim, disse um moço de cara redonda. Você nos compromete.

Mas De Moreyra bateu com a mão fina nos seus ombros:

— Precisamos ser amigos. Você tem um tipo de agitador.

* * *

Chegou em casa, soluçando. Atirou-se na cadeira em que Elisa costumava sentar. Depois, abriu a janela, para olhar os fundos do quintal do velho Inácio. Havia luz no quarto de Elisa. Enquanto havia luz, parecia que nada havia acontecido. Era um resto da sua vida. Quando a luz se apagou, ficaram apens os rumores dos bondes e as estrelas piscando. Falou, cochichando, para não fazer bulha: "Viva Lenine!" E deitou-se, com os olhos acesos no escuro, como duas sentinelas da sua dor.

Insone, agitava-se num tumulto de idéias complexas. Orgulho, maldade, compaixão, misericórdia, ímpetos de revolta e de cólera.

Afinal, o drama vulgaríssimo dos arrabaldes, de todos os tempos, que não tinha força para apagar uma estrela ou provocar um tremor de terra.

No meio de tudo, da sua justiça ou do seu erro, a revelação instantânea do sentido cruel da luta que se travava nos quadrantes do mundo.

Que bobo! A batalha era uma só, embora se revestisse de milhares de aspectos.

Provara do fruto da árvore proibida.

E, agora, sentia-se expulso do Paraíso.

Para a áspera conquista da Terra.

VI

GRAVITAÇÃO DAS ESFERAS

Teodorico alimentava outras preocupações, muitas outras, com que enchia o tempo. De sorte que o caso tão grave para Pedrinho representava uma ínfima migalha no tumulto de sua vida. O negócio da empreitada, passara-o a uns espanhóis, ganhando mais de trezentos contos. Já se metera numa outra questão, com o presidente daquele Estado que lhe retribuía com gentilezas financeiras o presente luxuoso da Alexandrovna e o seu macaco. Andava, no momento, engendrando, com o Cerveira, um projeto de lei para construção de quartéis para a Força Pública, emprestando o seu grupo o dinheiro ao governo, pagando este em prestações.

Mantinha, agora, uma dançarina mexicana, que tomava golezi-nhos de *whisky*, num apartamento em Copacabana, no Rio, e uma soprano italiana no *Terminus*. Mas o seu forte, o pão de cada dia, tinha-o em Siloca, a antiga namorada, esposa do Martinho Cerveira, riquíssimo e poderoso, que obtivera uma comenda papal.

O Martinho insinuava à irmã, Cibele (que pintava aquarelas e declamava poesias com gestos teatrais, possuindo um álbum azul, com autógrafos), a conquista de Teodorico. E atraía o moço — jantares íntimos, noites literárias, passeios a Santos, frisas no Municipal —, havendo até uma poltrona, que Martinho chamava “a de Teodorico”, para os cavacos noturnos, no palacete Cerveira.

Essa aliança era útil e Siloca sabia muito bem mantê-la, a fim de alimentar a lâmpada sagrada das entrevistas na *garçonnière* da rua 24 de Maio.

Siloca disfarçava muito bem, ninguém o diria, com seu ar de eterna romântica suspirosa, afagando o marido e estimulando a cunhada na sua caça ao noivo milionário. Parecia uma ingênua,

mas a sua malícia engendrava situações ridículas a Cibele, pedindo à cunhada para declamar certa poesia avanguardista, em que a pobre exagerava as onomatopéias, abrindo a boca em o, alongando os lábios em u, revirando os olhos e agitando os braços, como asas de cegonha.

Siloca tinha prazer em torná-la risível, porque Cibele era bonita, de olhos negros muito vivos, de cabelos negros, de uma cor rosada em que cantava "a glória dos 19 anos em flor", como dizia o poeta Japiassu Neto. E Siloca bem compreendia, com a experiência dos 28 anos, o perigo que tinha ali perto. Entretanto, não podia desfazer-se do *flirt* de Cibele e Teodorico, excelente pretexto para iludir a boa-fé de Martinho.

Tudo isso tomava o tempo de Teodorico, que era um só coração para tantas mulheres e uma só cabeça para tantos negócios. Elisa, representava, apenas, um capricho passageiro. Ao caçador, não deixava de interessar a caça esquiva, fosse qual fosse. Na sua fé de ofício, havia, por sinal, três pequenas daquele estilo; entre elas, uma caixeira da "Casa Alemã", que tivera o mau-gosto de suicidar-se estupidamente, ao receber o cheque das despedidas.

Depois da cena do automóvel, Teodorico chegou a sentir uma espécie de remorso, ou compaixão. Não desistia, é claro, das primícias daquela rapariguinha ruiva, tão fugitiva; mas pensava que devia arranjar-lhe um noivo, para evitar o suicídio, como acontecera à outra.

Estefânia tirou-o das dúvidas, dizendo-lhe que talvez arranjasse as coisas com uma promoção de Pedrinho e uma palavrinha ao velho Inácio.

* * *

Pedrinho, quando Estefânia voltou, para lhe dizer que mentira, com o intuito de experimentar o seu amor por Elisa, respondeu-lhe que esta mesma lhe confessara a cena do automóvel. A velha insistiu, dizendo-lhe que o caso não tinha a menor importância. E insinuava que Pedrinho deveria aproveitar-se da situação, tirar partido da paixão de Teodorico, podendo confiar plenamente na fidelidade de Elisa.

Pedrinho perdeu a cabeça. Enfurecido, avançou para a velha, derrubou-a a socos, arrumou-lhe um pontapé, que lhe resvalou pelo nariz, ensanguentando-lhe o rosto, pisou-a e pretendia cravar-lhe um canivete, quando a vizinhança acudiu, aos gritos desesperados de Mariana.

* * *

Atuaram-no em flagrante. E ficou esperando a marcha do processo por tentativa de morte.

Agora Teodorico aparecia em casa de Inácio, como a Potestade capaz de salvar tudo. Exigia que Elisa pedisse. Não que pretendesse humilhá-la, mas para saber se ela, realmente, se interessava por Pedrinho. Trancada no seu quarto, ajoelhada diante de uma Santa Teresinha, a noiva do criminoso considerava-se a mais infeliz das mulheres.

O bom patrono prometia mais: livrar Pedrinho, promovê-lo a 1.º maquinista, ajudar as despesas do casamento. O Inácio achava absurda a obstinação da filha.

— Não gosta mais do Pedrinho?

— Gosto, mas não peço favores.

Inácio não tinha coragem de transmitir a Teodorico essas palavras tão duras. Procurou o Gruber e Mariana.

O Gruber visitou o Pedrinho na Cadeia.

— Você é besta, rapaz. Aproveite e siga a onda. Ninguém está dizendo para você casar com a moça, mas viva a vida. Você complica tudo com essas caraminholas de honra, amor, e quejandos. A honra é apenas um rótulo, que pode ser de todas as cores e formatos. Veja quantas frases os lábios moralistas inventaram: “cair com honra”, “manter o ponto de vista de honra”, “transigir nos limites da honra”. Ninguém ensina se, cair com honra, é de bruços ou de costas, à direita ou à esquerda, nem traça fortemente os limites da honra, porque tudo isso compete aos hermeneutas, e estes traduzem os fatos conforme os interesses da ocasião. Seja camarada...

Pedrinho bateu os punhos na grade:

— Largue de sermões pedantes! Prefiro a Cadeia. A sociedade não permite que se esbofeteie uma caftina? Pois bem: cumprirei a sentença.

Gruber atalhou:

— Mas você está sendo injusto para com essa pobre velha. Realmente, você atravessa uma fase de paixão, querendo considerar o mundo segundo a loucura do seu amor e do seu ciúme. Que diremos dos corretores, dos comerciantes, dos banqueiros, dos agiotas? Quer você que intermediários sintam o drama das partes? E eles são beneméritos, e estão em toda a parte: nos negócios, na política... Por que não devem entrar no amor? Veja a vida dos partidos: os próceres vivem sempre a se abraçar com íntima repugnância, con-

duzidos por bons intermediários. Não nos amarremos a princípios rígidos; perdoe Dona Estefânia...

— Chega de tiradas e discursos! bradou Pedrinho. Não volte mais aqui.

Gruber saiu desapontado.

* * *

Elisa, depois de muito chorar, consultou o padre Albuquerque, vigário da paróquia. Ele lhe disse:

— Pedrinho está num mau caminho: o do orgulho, que gera a revolta. Devemos conformar-nos com a sociedade, que gira ao influxo da democracia. As leis do país são liberais e justas.

Padre Albuquerque, pouco amigo da Igreja e muito da política, dadas as suas relações na alta roda, tinha lido essa manhã uma nota do *O Estado*, em que se fazia o elogio do liberalismo brasileiro. Esse liberalismo ia ao ponto de se traduzir nas expressões filantrópicas do gesto de Teodorico. Verdade que este fora fraco, a julgar-se pela narrativa de Elisa, mas bastante generoso, segundo a versão de Inácio e de Gruber. O santo homem aconselhava a Elisa que desistisse de Pedrinho, escolhendo um noivo mais cordato, mais humilde. E, como Elisa dissesse que, apesar de tudo, muito o amava, padre Albuquerque disse:

— Que é o amor irrefletido? Pura exaltação dos desejos. É preciso iluminá-lo pela razão, que tudo examina e compara.

Gruber dissera exatamente isso ao Pedrinho. De sorte que os extremos se tocavam. Contingência da lei eterna da multiplicação dos seres, segundo padre Albuquerque; instinto de prazer, segundo Gruber, o amor exaltava-se na angústia de Elisa e de Pedrinho, impondo a sua lógica implacável no romantismo absorvente daquele drama de arrabalde.

Pedrinho repelia todas as propostas de paz. Foi visitá-lo, então, o chefe da Associação dos Trabalhadores, o De Moreyra, levando-lhe o conforto do Socorro Vermelho.

— Você é uma das vítimas do capitalismo, disse-lhe. Leia estes livros, estude.

E entregou-lhe algumas brochuras.

* * *

Todos os confortos eram artificiais e pedantes. No fundo, ninguém ligava importância ao fato banal, que apenas crescia na ima-

ginação do preso. O pequeno episódio servia a antipáticas digressões literárias de Gruber, sentenciosas máximas de padre Albuquerque, a ilustrações políticas de De Moreyra.

Finalmente, Mariana lembrou-se de escrever a Frei Chico, o irmão que morava no Rio. Ele veio. Não disse palavra. Abraçou o irmão. Sentou-se ao seu lado, afagou-lhe os cabelos, como uma criança. Apertou-lhe a cabeça no magro peito. No íntimo, achava tudo de uma trivialidade ridícula. Mas, por isso mesmo, Pedrinho merecia compaixão. E um remédio, que os outros não davam.

Frei Chico demonstrou a inocência de Elisa, deixou bem clara a cilada em que tinha caído, pela sua inexperiência. Contou-lhe que ela era a primeira a não querer que ele aceitasse favores de Teodorico.

Pedrinho acreditou, porque Frei Chico não expunha teorias, nem brocados, nem fazia literatura. Falava, como se falasse o próprio Cristo: com amor. As palavras do irmão eram doces como um jorro d'água fresca.

* * *

Depois do júri impregnado de citações literárias e de belas frases, Estefânia entrou vitoriosa no escritório de Teodorico:

— O homem foi condenado.

— Que homem? perguntou Teodorico.

— O homem! repetiu Estefânia.

Teodorico sorriu.

— Você não presta mais, Estefânia. Procure outro ofício.

— Mas preciso de um conto de réis para pagar a acusação particular.

Teodorico perguntou, assinando o cheque:

— E agora?

— Conheço uma pequena, uma cariocazinha, morena...

— Tenho mais o que fazer, disse Teodorico.

— Quer então que insista mesmo? Vou mandar a Bermudes. Ela tem lábia. A partida não está ainda para desanimar.

— Não estou mais ligando a esse caso.

Estefânia retirou-se humilhada. Restava-lhe um consolo: fora condenado o Homem.

Ela não compreendia a grandeza dessa frase.

VII

AS CARIÁTIDES

O Zenóbio Duarte estava, àquela hora, no *Templários Clube*, com o Martinho Cerveira, que jogava o bacará.

Saía da Repartição às 4 horas, passava pelo *Templários*, onde se avistava com os grandes cabos eleitorais, que se espalhavam pelo bar, pelas salas com mesas redondas e nuvens de fumaça.

Teodorico subiu pelo elevador, atravessou um salão amplo, de soalho rebrilhante, entrou no pequeno café de mesinhas, povoadas de sócios e visitantes.

Lá estava, fumando, numa larga piteira de âmbar, o Castorino, de cara larga, *plastron* e um riso sardônico de cáften; o Gil Soares, de terno cinzento e camisa de seda listada, as calças largas de pregas, com passadeiras e uma cinta elegantíssima; Alabama, pescador de parceiros para jogatinas bravas; o Manfredo Catarroxa, no largo jaquetão azul e calças de flanela, o rosto vermelho, um cravo à bocheira; *gangster* perigoso, avalentado e boçal; o Torquato Spadaroto, suado e de olhos velhacos, banqueiro de bicho; vários piratas, profissionais da roleta e do jaburu. Havia até dois literatos, que redigiam um jornalzinho de *bas-fond*, alguns advogados, alguns políticos de notória evidência.

O Zenóbio, ao lado de Martinho Cerveira, sentia-se prestigioso, e pontificava:

— O câmbio está firmando; por consequência, a revolução é impossível.

— Veremos a cara do Antonio Carlos, dizia Martinho.

— E o Ataliba Leonel? Vai ou não vai à presidência do Estado? perguntou Spadaroto. Estão falando no Fernando Costa. Não gosto de nenhum dos dois. Cá para mim, tenho o meu candidato.

— Isso de nomes é indiferente, atalhou o Catarroxa. O essencial é que não nos tirem a liberdade.

— Minha gente, exclamou o Torquato Spadaroto, eu quero saber é da política da Capital.

Aquilo tudo enervava Teodorico. Vivia, é certo, como um epicurista, mas desdenhava da sociedade. “Pobres dos nossos políticos”, — dissera uma vez ao Visconde de Tambaú, monarquista intransigente nos seus 92 anos de idade — “a democracia oferece-lhes este pedestal de lodo; são como árvores com as raízes enterradas num pântano. Por mais belas que sejam, por mais frondosas e nobres não poderão chegar-se a elas os que tiverem hábitos de asseio e não quiserem mergulhar os pés nessa lama”. E o nonagenário Visconde lhe respondera: “É a fatalidade da República, que destruiu os partidos”.

Teodorico, tendo muitos negócios a resolver, servia-se dos políticos e dos altos funcionários, pela pressão a que os subordinava, manobrando os energúmenos. Os grandes homens eram pequeninos, em face das injunções desses clubes, que se multiplicavam na Metrópole, como uma fauna da civilização pragmática e aventureira. O Zenóbio, por exemplo, constituía um agente de ligação de primeira ordem. A sua voz, as suas maneiras, a sua fisionomia sem expressão tornavam-no o “coringa”, que se adaptava a todos os personagens.

De progresso em progresso, Teodorico esperava poder um dia dominar as maiores potências políticas, pela ação da sua fortuna, do seu dinheiro, dos seus negócios. O comércio e a indústria acabariam imperando completamente sobre as correntes partidárias. Moço ainda, Teodorico já possuía mais de dez mil contos, e iria aos cem mil, manobrando a fraqueza dos homens, a sua ambição, a sua volubilidade. A preocupação de todos era saber, a propósito de qualquer idéia: “Quanto ganho?” — “Que resultados práticos isto me dá?” E essas perguntas Teodorico surpreendia em todos os olhares, mesmo antes de terminar a exposição do seu assunto.

“O homem vale a marca do automóvel”, costumava dizer aos mais resistentes. E essa ponderação tornava fusíveis todas as teimosias. “Desonrado é quem deixa protestar uma letra”, afirmou certa vez a um intendente do Exército, com quem negociava uma partida de perneiras e cinturões para alguns regimentos. Essa frase, o militar levou-a na cabeça para a doçura do lar. E como a esposa lhe dissesse essa noite que só não conseguia possuir um *manteau* de peles, como aquela da mulher do gerente da Companhia de Refinação, a frase de Teodorico cresceu no seu crânio esquentado,

como o pão no forno. Então, mandou datilografar outras faturas, carregando os preços, e fez as contas agradáveis das percentagens, que lhe cabiam. Intimamente, Teodorico ria-se. Nunca encontrava dificuldades, porque na vida de todos os funcionários existiam, forçosamente, um *manteau*, ou um automóvel providenciais a comprar.

* * *

Havia, é certo, os loucos. Mas, difícilimo se tornava caracterizá-los, porque se misturavam com os despeitados, os pusilânimes, os azarentos e os hábeis. Uns, não prevaricavam, por estarem desiludidos e recearem traições; outros, porque tinham medo de tudo; a demissão, a cadeia, a imprensa, exclamando com bagas de suor e fagulhas de cubiça nos olhos. "Tenho responsabilidades sociais! Se vierem a descobrir, sou um homem perdido"; havia ainda os caiporas, aos quais nunca se oferecera uma oportunidade para se encherem, e quedavam, como solteironas, a espera daquele que os arrancaria da honestidade medíocre, para a honrosa pirataria. No meio destes, os hábeis, cuja mão direita ignorava sempre o que a esquerda arrancava, e construíram reputações de honradez, como marcas de fábrica.

No *Templários Clube*, a maledicência tesourava impiedosamente. Porque ela constituía, também, uma arma contra concorrentes.

O Zenóbio Dantas falava horrorizado de falcatruas e deslizos de políticos contrários à corrente do interlocutor. Outros alfinetavam epigramas em reputações de senhoras da elite.

Teodorico afastou Zenóbio da palestra, levou-o a um canto, ouvindo este comentário:

— O Zenóbio nasceu empelicado...

O Zenóbio entendia de vários assuntos, conversando sobre o plano de estabilização, que ele criticava, com uma restrição apenas: o Washington fixou uma taxa muito vil. Era a opinião que ouvira a um capitalista que dava dinheiro a juros, matando o tempo a discutir questões de numismática e a fumar charutos. Das tais questões operárias, ria-se o Zenóbio. Nem acreditava nas faladas angústias de numerário da praça. A crise, se é que a tínhamos, representava um fenómeno universal de mera desconfiança (aprendera do sr. Secretário da Fazenda) e tudo teria o seu natural reajustamento. A respeito da quebra do Banco Popular, dissera: "Os títulos descontados não eram idôneos; ao pequeno comércio não se empresta dinheiro". (Isso ouvira, também, de um diretor do Banco do Estado). Sobre o café, aprovava todos os planos, desde que fossem do governo.

O desastre que alarmara os lavradores fora uma consequência do craque de Nova York (lera no *Correio Paulistano*). Quanto à política, não negava as conquistas liberais do século (essa frase decorara de uma "nota" do *O Estado*), mas entendia que fora do P.R.P. (1) não havia salvação possível. Verdade, verdade, que o voto secreto era "uma cúpula de ouro no zimbório refulgente da democracia" (expressão de um colaborador do *Diário Nacional*); era preciso, porém, convir que a Pátria Brasileira se distinguiu pelo excessivo analfabetismo, não estando, pois, preparada para tão alevantados ideais (2). A respeito do progresso de São Paulo, Zenóbio não economizava expansões verdadeiramente comovidas. "Construímos, o ano atrasado, uma casa por hora!" exclamava embevecido, como se fosse ele o autor de tamanha maravilha.

Zenóbio Duarte admirava os políticos e, a propósito de cada um que galgava uma posição mais elevada, usava umas frases, que guardava em estoque: "Tem tino administrativo" — "É um talento oratório" — "Possui sólido lastro de cultura" — "Eis ali um expoente do valor nacional".

A tudo isso, juntava um louvável sentimento nacionalista. Sabia de cor o soneto de Bilac, *Pátria, latejo em ti...*, que recitava com ênfase. Dir-se-ia que Zenóbio latejava, realmente, nas fibras de Pátria, que ele cultuava com amor filial e à qual devia a sua posição e as notas de quinhentos mil réis que recebia no Tesouro.

Não eram, entretanto, essas miseráveis cédulas que lhe acendiam tão cívicos entusiasmos, porém as belezas naturais, que gozava nas claras manhãs em que saía no seu automóvel, a fazer pique-niques no Jaraguá.

— Além, muito além daquela serra (dizia aos filhos em blusas de marinheiro e fitas verde-amarelas), estendem-se viridentes campinas onde reverdece o café, glória dos Bandeirantes, base do organismo do Estado, até aos campos de Mato Grosso e às florestas do Paraná, onde temos as Sete Quedas, bela catarata. Possuímos, também, o Pão de Açúcar, na mais linda baía do mundo, e devemos reverenciar, portanto, a memória de Rui Barbosa, porque em Haia

(1) Partido Republicano Paulista; por analogia, dava-se o nome de "perrepismo" aos partidos únicos dominantes em todos os Estados.

(2) Os jornais políticos de São Paulo, em 1930, eram o "Correio Paulistano", órgão do P. R. Paulista e porta-voz do governo; o "Diário Nacional", órgão do Partido Democrático; e o "Estado de São Paulo", do velho grupo dissidente do P. R. Paulista. Os dois últimos pugnavam em prol de Getúlio Vargas contra Júlio Prestes e Washington Luís.

foi tão grande como o Amazonas, cujos afluentes principais são o Madeira, o Negro, o Tapajós e o Xingú. É o maior volume d'água do mundo e, em extensão, só o supera o Mississipi, na grande República, que devemos imitar porque seus progressos assombram o orbe terráqueo.

"Gosto de prelecionar assim aos meninos", informava Zenóbio, no Clube, "pois os senhores hão de convir que a infância é o Brasil de amanhã. Mostro-lhes, sempre, os retratos do Barão do Rio Branco, do Marechal Deodoro, e do nosso caro Dr. Martinho Cerveira, para que os imitem. Os senhores hão de convir: a família é uma grande instituição".

* * *

A noite, num *rendez-vous* muito reservado, Zenóbio narrava o passeio pedagógico à Donga, enquanto esta se despia, e comentava:

— Assim somos obrigados a proceder, os que temos responsabilidades.

Então a Donga perguntava-lhe se pagava um vinho do Porto, e chamava o *garçon*. E Zenóbio entusiasmava-se: "Ai! Donguinha! Você é nacionalista. Parece um vatapá da Bahia".

A comparação era adaptada. Lera num poeta meio pau-brasil meio verde-amarelo (1), que lhe exclamara certa vez, sacudindo o dedo na ponta do seu nariz:

— O que nos mata, Dr. Zenóbio, é o cosmopolitismo!

E como Zenóbio era patriota, preferiu a Donga a Mercedes, que além de espanhola, bebia três doses de *Cointreau* e pedia mais vinte mil réis, para comprar uns chinelos. Essas vantagens do nacionalismo eram muito íntimas e não iam ao ponto de tornar Zenóbio um jacobino. No mais, optava pela escola de progresso que o cinema representava e aconselhava às filhas romances franceses. Tinham estes a vantagem de serem adequados a donzelas, não se confundindo "com essa literatura malsã, que estiola, desgraçadamente, nossos mais belos talentos". A educação da família do prestante funcionário se fazia na doutrina católica, apostólica, romana, em tudo o que não colidia, é claro, "com os progressos liberais e com os inegáveis avanços da civilização".

* * *

(1) Escolas literárias da época.

Zenóbio possuía um agudo senso prático e a sua vida andava perfeitamente em dia. Ganhava um conto e quinhentos mil réis, entregava seiscentos para a boa Dona Graziela. Dos novecentos restantes, reservava quatrocentos para a amortização do débito que constituíra para fazer "humilde ranchinho" (um elegante palacete que ficara em 83:600\$000, fora o terreno, que fora uma cavação), e já estava no penúltimo ano das prestações. Dos quinhentos mil réis que sobravam, iam duzentos para alfaiates, botinas, chapéus; cento e cinquenta para gastos extraordinários. Ficavam, ainda cento e cinquenta mil réis, por onde Zenóbio fazia explodir, em surdina, seus ímpetos de liberdade em pazes com a vida, imprimindo-lhe um ritmo exato nos gestos e inculcando-lhe o senso de estabilidade perfeita. Se lhe faltassem esses cento e cinquenta mil réis, que só a Donga sabia como os gastava, o prestante funcionário Zenóbio não seria o espírito conservador que era, implacável inimigo de demagogias e de reformas sociais.

Em catástrofes, Zenóbio não podia acreditar. Sua existência parecia assentada sobre o granito. O mundo girava, em torno dele, numa gravitação matemática. Que era o mundo, para Zenóbio Duarte? De certo que não eram as constelações, o infinito que inquieta, o cosmos, que atordoa. Era o presidente do Estado, eram os Secretários, a Força Pública, os senadores e deputados, os cabos eleitorais, o horário, as tabelas de vencimentos, o almoço às 10 e o jantar às 7, o chá com torradas, o aperitivo no *Templários Clube*, a Donga, aos sábados, a Comissão Diretora (2), as prestações da casa que construía, os jornais que lia, o automóvel que guiava, o curso do carnaval, serpentinas, lança-perfumes, sorrisos amáveis de gente importante, apontamentos para telegramas de aniversário, as filhas, já mocinhas, e os filhos, que soltavam papagaios, e Dona Graziela, o pijama, a *gillette*, as responsabilidades...

A política lhe dera alguns desgostos. Tivera de abandonar certos protetores, que tinham caído no desagrado do governo e curtiam as agruras da oposição. Uma massada. Um dia, quem sabe? tais amigos voltariam a readquirir prestígio, e Zenóbio novamente os cortejaria, demonstrando-lhes que, se estivera afastado, fora, tão-somente, por princípios. Pois era um chefe de família, tinha de olhar pelo futuro dos filhos.

O futuro, a carreira... Como essas palavras enchiam a boca de Zenóbio Duarte! Um cidadão "sem futuro" era a coisa mais de-

(2) Assim se denominava a direção central do Partido Republicano Paulista.

gradante que Zenóbio poderia imaginar. Nenhuma recomendação pior para ele do que dizer-se de um indivíduo, "que é um homem que não cuida do futuro". Ao contrário, Zenóbio vibrava de admiração por aqueles que se apresentavam aos olhos da sociedade, como "pessoas de futuro". Principalmente os "futuros presidentes".

Já seu entusiasmo esfriava bastante, em relação aos pretéritos: oficiais reformados, funcionários aposentados, secretários e ministros demissionários. Nada se lhe afigurava mais lamentável do que essa pequenina partícula "ex", que parecia agarrar-se às abas de um cidadão, como um estigma, um ferrete, espécie de rabo histórico. Um ex-presidente, um ex-deputado só se redimiam quando novamente reencetavam o caminho glorioso do Futuro.

Tão nobre visão, que o trazia sempre com os olhos voltados para os horizontes do Porvir, obrigavam-no a olvidar os que iam ficando caídos nessa jornada da existência que ele chamara, numa saudação ao Secretário dos Materiais, "o estendal irisado de saudações miríficas, por cujas alcatifas prosseguem impávidos os vanguardeiros da Pátria".

Esse discurso lhe valeu a promoção e o início da carreira do cunhado, como extranumerário.

* * *

Teodorico considerava Zenóbio um sustentáculo precioso à conservação do Estado. Como ele, inúmeros outros serviam o governo e a sociedade, com dedicações extremas. As classes abastadas deviam tudo a esses entusiastas das nossas possibilidades econômicas. Se o país não era dominado pela masorca proletária, pelo furor do comunismo, até mesmo pelo espírito sectário das religiões; se a Pátria não sucumbia sufocada pelas ditaduras fascistas, nem se desorganizava na demagogia civil e militar, e se os banqueiros dormiam tranqüilos, apesar dos mendigos e dos vagabundos, dos ladrões e dos revoltados, — tudo isso se devia a Zenóbio e seus colegas.

Eram homens ponderados, que davam razoáveis elasticidades às leis, que não exageravam nem a moral, nem a religião, até ao ponto em que elas atentam contra o pragmatismo das Nações.

Esses homens beneméritos olhavam serenamente o Futuro, vendo desenrolar-se toda uma longa série de presidentes e de ministros, aos quais serviram sempre com exemplar civismo.

Tinham o verdadeiro senso democrático, que os não deixava influir-se pelos que constituíram governos extintos, porque sabiam que, passado o mandato, todos são iguais perante à lei.

Tão superior compreensão é que possibilitava a estabilidade e a segurança da ordem social. E essa benemerência abrangia, também, os funcionários de empresas particulares, e até as classes liberais.

A cadência era uma só.

A marcha, uniforme.

Em movimento, pareciam manequins.

Mas eram as Cariátides do templo de Palas Atenéia...

VIII

OS BÁRBAROS

Havia, entretanto, trovoadas prenunciando um temporal. Talvez soubesse disso a Donga, que tomava cerveja altas horas da noite com senhores bem-humorados do Partido Democrático, ou as raparigas do pensionato de Catarina Regalata, que bebiam champanhe com cinco rapazes ex-revolucionários de 24. Mas a Donga não era um barômetro e as conversas dos clientes não chegavam a penetrar-lhe o espírito bronco, preocupado com as preocupações do turco das sedas baratas e com a última fita de Antonio Moreno. Quanto a Elizabeth Schultz, de cabeleira loura; a Godiva, de grandes olhos negros; Marcela, a espevitada, e a alegre Serafina Caserta, — essas se interessavam pelas corridas de autos e ceias divertidas, o consumo da champanhe, as danças no *Imperial*, histórias picantes de coronéis generosos, acerca de judeus e jóias. O conventilho da Regalata era até freqüentado por senadores e um certo secretário do governo, que bebiam com as pensionistas sentadas nos joelhos, intercalando as anedotas com assuntos políticos. Era uma das garantias da casa a mais rigorosa discrição, havendo mesmo, para os timoratos, uma engrenagem de tabiques e de corredores, que mantinham a salvo de maledicências aqueles que, na linguagem de Zenóbio Duarte, constituíam o “expoente da moral burguesa”.

Isso, na tebaida de Catarina Regalata. Agora, no conventilho onde assistiam os democráticos modestos e morigerados, quem pusesse o ouvido à porta ouviria, condimentados em comentários, preparativos em surdina da invasão de São Paulo.

— O Olegário Maciel (1) passará um telegrama, responsabilizando-se pela paz da família brasileira, e acertará o relógio para transmitir a senha na hora H...

— O Exército, estará firme?

— Ora! O Exército! ria-se um sujeito de rosto vermelho.

Tomavam mais cerveja, antegozavam a vitória:

— Será a moralização dos costumes, a republicanização da República.

Eram todos cidadãos pacatos, que não freqüentavam a casa de Catarina, por ser puxada a *Cliquot*. Nem se podia deles dizer que fossem indivíduos prejudiciais à ordem do Estado. Torciam, apenas. Conquistar o poder dentro da ordem era impossível, dada a engrenagem que movimentava a política, dando aos governadores a prepotência de sátrapas. Tornava-se necessário desarticular tudo e, em seguida, articular de novo a velha máquina, substituindo o P.R.P. pelo P.D.

E, como não eram homens belicosos, esperavam que a Brigada Militar do Rio Grande e a Política de Minas arrastassem o Exército na aventura. Não havia outro programa senão derrubar prefeitos e substituir deputados. O governo, que estava nas mãos de capitalistas, de homens de negócios, deveria continuar timoneando pelos *grosbonnets* da plutocracia. E a Pátria estaria salva pela mudança de rô-tulos.

* * *

Os moços que freqüentavam o elegante asilo da Regalata conjuravam armando masorcas fulminantes. Haviam de arrancar o Brasil das garras dos politiqueiros. Não tinham, também, nenhuma idéia assentada. Tomar tudo, eis o objeto imediato. O que se impunha imprescindível era o *espírito revolucionário*. Espírito de intolerância pessoal, de fobias, de desdêns. Derrubar a tirania do Catete, o “Braço Forte”, meter o “Cavanhaque” no xilindró. Mudar as placas das ruas. Declarar feriado o 5 de Julho. Reformar os generalões. Compor um hino a João Pessoa. Mandar imprimir selos do Correio com os retratos dos chefes revolucionários. E depois?

Essa parte não entrava na cogitação dos rapazes. Que importava?

* * *

Enquanto assim se conspirava, surdamente, em todo o território brasileiro, indo e vindo emissários secretos da Paraíba ao Rio Grande; distribuindo-se armamentos provenientes da Tchecoslováquia, embarcados em volumes de alfafa; acudindo-se com dinheiro aos conciliábulos de São Paulo, Rio, Curitiba e Recife, — também se

(1) Vice-presidente de Minas Gerais, em exercício.

reuniam pequenos blocos de estudiosos inúteis, considerando, platônicos, a situação geral entre interjeições e suspiros.

* * *

Entre estes, avultava o Maranduba (Pedro Maranduba), agitado e nervoso, a escrever manifestos, artigos de imprensa, a redigir programas, a estudar até altas horas da noite, a corresponder-se com meio mundo. E Maranduba parecia não se fatigar nunca. Tinha-se, perto dele, a impressão de uma fortaleza de convicções. Os cabelos revoltos, os olhos brilhantes, o nariz longo, a cara raspada, pálido e ágil, dava murros sobre as mesas, desfraldando livros, largas folhas de papel com ensaios, esquemas, apontamentos.

Saía de uma reunião onde se discutia um problema de viação férrea, entrava numa outra, onde se falava sobre pintores da escola veneziana ou dos rumos da literatura chinesa. Era vário, multifário, transbordante e loquaz. Parecia, à primeira vista, um espírito fluante e dispersivo; logo depois, o interlocutor verificava que Maranduba mantinha uma unidade assombrosa, que era como que a íntima geometria de uma construção colossal. Ele sonhava, realmente, construir uma Grande Pátria, onde a humanidade realizasse uma vida nova e de onde pudessem sair o pensamento e a energia criadores de uma nova civilização. Os extremistas da esquerda acusavam-no de patrioteiro, reacionário do nacionalismo; os da direita viam nele um revolucionário delirante; os políticos, um ambicioso, como eles próprios, que usava das palavras como um *camelot*.

Ele dizia:

— As Pátrias são recipientes de humanidade; como geografia, e como personalidade diversificam-se; como espírito, devem realizar a comunhão universal.

* * *

Pedro Maranduba, aos 5 anos, ouvira o Hino Nacional tocado por um realejo, que um cego fazia cantar na manhã clara de sol.

Ficou patriota, porque o velho Maranduba lhe explicara que aquela música era a alma do país.

Que linda e gloriosa aquela estupenda manhã da revelação da Pátria! O céu, de um azul puríssimo, coroava as montanhas verdes da pequenina aldeia. Os passarinhos atroavam o espaço como um coro de aplausos. Longe, o gado branquejava pelas encostas. E as casas, com as vidraças rebrilhando, e os caboclos de chapéus de palha, cavalgando seus potros. As laranjeiras verde-amarelas eriça-

vam-se de pipilos; cigarras ovacionavam as campanhas pintadas de flores azuis e vermelhas.

E o pequeno Maranduba compreendeu que era uma parte em tudo aquilo, e quando o pai lhe explicou que estavam no Brasil e que ele era brasileiro, sentiu a música do cego e tornou-se nacionalista exaltado.

* * *

Então, vieram histórias heróicas das guerras, estrondos nos campos de Curupaiti. Vieram figuras de bravos: Osório de peito engomado, Caxias com suas medalhas, Tamandaré de barbas brancas. Poesias de Gonçalves Dias e de Casimiro de Abreu. E o sr. D. Pedro II.

A mãe de Maranduba, dizia-lhe:

— Abençoados os que morrem nos campos de batalha, desfraldando a bandeira “Deus-Pátria-Família-Liberdade”.

Maranduba escutava pensativo, já nos 8 anos:

— Se não houver guerra?

— Os homens se ilustram na paz pelas ciências, pelas artes, pelo caráter.

— Que é caráter?

* * *

Foi nesse ambiente que Maranduba cresceu, com a idéia fixa de ser um bom brasileiro. Mas uma coisa o preocupou, durante toda a existência: — Por que ouvira, pela primeira vez na sua vida, o Hino Nacional tocado por um cego e num realejo?

* * *

Aos nove anos, as impressões patrióticas já não eram tão fortes; invadia-o um suave sentimento místico, chorando a infância pobre de Jesus e amaldiçoando os judeus. Aos vinte, encontramo-lo patriota exaltado, mas um tanto literário, admirando Rui Barbosa e fazendo discursos. Foi somente aos 25 que lhe voltou a preocupação do realejo. Quebrou a cabeça quatro anos; finalmente, julgou descobrir o sentido daquele episódio de aldeia.

Viajara já todo o Brasil, lera centenas de livros, perlustrara muitas profissões, vivera milhares de dias, ora vibrantes de entusiasmo, ora amargos de desilusões. E concluía que todos os hinos nacionais que ouvira até então, de bandas militares, de orquestras, de pianos, de rabecas, de vitrola, em atos de toda a espécie, nos

pontos mais variados do país, não passavam, no fundo, de uma música jamais interpretada, jamais traduzida. Era uma marcha que entusiasmava, que provocava continências e arrepios, que excitava ou extasiava: mas vinha de fora para dentro, nunca do íntimo das almas. E não saía nunca, porque as almas eram ainda mudas, trancadas como túmulos, com o selo verde-amarelo e o sinete da República, almas quase mumificadas, empalhadas em ramos de café e fumo, atulhadas de dísticos oficiais.

Maranduba convenceu-se de que havia uma Pátria-oficial, escondendo uma Pátria-real. E aquela Pátria-exterior era como o realejo a cuja manivela imprimiam o giro, pobres cegos incapazes de ver a linda manhã de sol.

Data daí o apostolado de Maranduba. E a sua gradual evolução do "patriotismo essencial" para a "idéia absoluta", e desta para a energia criadora.

* * *

Vamos vê-lo, agora, diante de vários rapazes que o escutam. Ele ganha a subsistência, como violinista, num bar. Essa profissão é a vigésima que adotou. A variedade dos ofícios serviu-lhe para ver o mundo de uma maneira completa e insuspeita. Ele dizia, em relação a esse curioso caso de laboriosa vagabundagem, "que é preciso examinar as opiniões segundo o critério profissional que as emite".

— Um homem (afirmava) que só foi, por exemplo, carpinteiro, terá uma certa noção do sistema planetário, ou do recente campeonato de futebol; essa noção varia no cozinheiro, no advogado, no médico, no professor, no ferrador de animais. E quando digo *noção*, quero dizer *sentimento da idéia*, porque uma idéia pode ser concebida e não ser sentida, e isso é importante para a posse integral do mundo pela consciência. Afirmo que a emoção do banqueiro não pode ser a mesma do engenheiro, do padre ou do poeta, acerca do mesmo objeto. Os fatos giram no mundo psicológico, na razão direta do exercício profissional.

E, esclarecendo melhor, dizia:

— Enorme é o perigo de se deixar alguém absorver pela profissão. Não aconselho, é claro, que mudem de ofício, porque isso é próprio dos vagabundos e dos desgraçados. Mas, por favor, preservem a personalidade, porque antes de existirem as profissões, existiu o Homem e o Homem é digno de viver.

Explicava a sua capacidade de visionar conjuntos:

— Eu vi a vida através de muitas lentes: fui estudante, datilógrafo, lavrador, empregado no comércio, professor, químico, revisor de provas, caixeiro-viajante, jornalista-político, cronista esportivo, soldado, secretário de uma Companhia e até domador de burros. Agora toco violino, porque preciso de quatrocentos mil réis para minhas aflições. Hoje conheço o mundo, não só porque o observei de muitos pontos, como porque não me deixei empolgar pelas variadas impressões dos meus infinitos misteres. Bem sinto as angústias proletárias e a dor do roceiro; o desespero do comerciante e o drama do caixeiro que pretende impingir uma mercadoria; a ogeriza dos revisores pelos que não sabem gramática, as raivas dos peões pela incompreensão dos muares, dos quais são preceptores. Não iremos, porém, construir uma sociedade segundo um desses relatos isolados; é apreciando-os em conjunto que verificamos o valor extraordinário do Homem. Valorizemos o Homem, dando-lhes a vida heróica.

* * *

Ao redor, escutavam seus amigos. Maranduba exclamava, num gesto largo:

— Realizemos a Vida Heróica!

Tendo ido doutrinar os operários, Maranduba foi interrompido pelo Gruber, que lhe objetou:

— Se não devemos nos deixar absorver pelos pontos de vista e pelo senso profissional, ficaremos isolados, não interpretaremos o mundo, nem viveremos a Vida Heróica...

Maranduba respondeu:

— Não me refiro aos sentidos relativos, porque há um sentido absoluto. É a Unidade Intangível. Ela nos tornará os Dominadores da Complexidade.

Isso parecia profundo, porém muito difícil para os operários entenderem. Todos foram saindo a dar de ombros, a estender os braços.

Então, Maranduba, arrastando a sua longa capa espanhola, saiu com seus discípulos, exclamando à luz das estrelas:

— Disciplinemos os complexos e despertemos a Unidade Criadora, a Energia Essencial!

* * *

Morava numa pobre casa de arrabalde, com a mãe trôpega e esclerosada e o pai, cego e atáxico, empobrecido pela desvalorização da sua fazenda, conseqüentemente absorvida por um hipoteca. Pe-

dro Maranduba era filho único. As suas dificuldades financeiras tornaram-se atroz; mas não conseguiam apagar a chama do entusiasmo que o incendiava. "As contingências materiais" dizia, "constituem também um vezo obliterador; mas a consciência não depende dos sentidos. Libertamo-nos de nós mesmos, eis o problema".

* * *

Ao passo que Gruber era a negação, Maranduba era a afirmação. Eles reproduziam, no plano mental, o dualismo de Teodorico e Pedrinho no plano sentimental. Maranduba acreditava na Vida Heróica e na Energia Essencial; Gruber negava todas as manifestações do Homem fora da concepção objetiva do "Perfeito Culinário".

Maranduba procurava acordar nos seus semelhantes o que ele denominava "a voz da certeza", que era um sentido uniforme de vida. Revelar essa voz em cada indivíduo; e revelar a grande voz da nacionalidade.

— Por que nacionalidade? perguntou um literato.

E Maranduba respondeu:

— Acredito em cada instrumento de uma orquestra, nas diferenciações das partituras, sem renegar a unidade do volume orquestral. A humanidade deve ser uma orquestra afinada.

— E o maestro?

— A Grande Filosofia.

Não explicava que filosofia era essa e que filósofo a deveria criar, ou criara, se é que existia.

* * *

Gostava dos militares, dos cientistas, dos caboclos, dos operários, das crianças. Detestava os literatos, os jornalistas, os políticos e os chamados eruditos. Destes dizia que nos oferecem consciências falsificadas, que retardam a revelação da Grande Consciência. E que não fazem outra coisa senão iludir e embrulhar, explorando uns e deformando outros.

Maranduba sofria a grande aflição que consistia na procura dessa consciência perfeita da vida, que o Brasil poderia revelar porque era o único trecho do planeta em condições de o fazer.

Como evitar os erros? Como desviar-se de tudo o que é sedimento e preconceitos de civilizações pretéritas? Seria possível criar a Nação à imagem do Homem, quando ele não conseguia determinar precisamente essa imagem?

* * *

Multiplicavam-se por todo o país os núcleos contrastantes dos novos e dos velhos pensamentos, como se o "Clube Talvez", do *C Esperado*, se houvesse reproduzido de uma maneira assombrosa. Tinha-se a impressão de um esfacelamento de cultura, um esbarondamento de consciências.

Indiferentes sobre essa agitação:

- a plutocracia jogava o cunco;
- os pequenos burgueses ouviam o rádio;
- os literatos discutiam estética;
- os governos administravam burocraticamente;
- os políticos preparavam a insurreição armada.

Maranduba sentia que alguma coisa estalava, quebrava, e urgia criar algo novo para os dias de tumulto, que vinham próximos.

Como que escutava um tropel surdo, indistinto.

Dos revoltados, dos sonhadores, dos aflitos.

Eram os bárbaros.

IX

URBANO

O Gruber entrou naquela noite em casa, mal-humorado, absolutamente contra o seu costume. O "Bloco dos Vivedores" estava se desagregando, derretendo.

— Os operários são umas bestas! exclamava.

Realmente, eles não haviam penetrado a doutrina de Gruber, que era exatamente oposta à do Mahatma Ghandi: em vez da não cooperação, a mais completa cooperação.

Tendo conseguido com Teodorico um belo sobrado, excelente mobiliário, um aparelho de rádio, ventiladores, além de uma verba para o serviço eleitoral, acontecia que, justamente agora, os sócios debandavam. É que apareciam dois indivíduos, o espanhol Ramirez, anarcosindicalista, e o intelectual brasileiro De Moreyra, comunista stalinista, e começavam a arrastar, cada um para seu lado, os proletários que faziam, beatificamente, a revolução social pelos métodos de Gruber.

— Querem ir contra a correnteza! dizia indignado, quando eu pretendo levá-los, rio abaixo, pelo caminho mais fácil.

O Gruber penetrara a fundo na magna questão.

A De Moreyra dissera:

— Quem venceu a Grande Guerra foi a Alemanha, porque foi o espírito de Bismarck que ditou as cláusulas das reparações. E isso é a História. Também os gregos é que absorveram os romanos, embora hajam figurado como vencidos nas petulantes crônicas latinas. Ora, matar o capitalismo imediatamente é impossível: ajudemo-lo a suicidar-se.

Aos anarquistas, ponderava:

— Vocês não passam de uns reacionários, quando pretendem sistematizar a anarquia como estado social. Que melhor anarquia

do que essa em que vivemos? Em vez de agravá-la, vocês pretendem discipliná-la, criando uma consciência de classe.

— Vendido! retrucou-lhe De Moreyra.

— Cínico! berrou Ramirez.

E como Gruber lhes virasse as costas, sorrindo, Ramirez e De Moreyra se atracaram aos socos.

Gruber voltou-se:

— Ó drusos e maometanos! Vamos ter guerra de seitas?

E essa noite Gruber chegara em casa aborrecido com a classe a que pertencia.

— Tenho vontade de deixar a Estrada. Vou organizar o meu clube entre funcionários e gentes das classes liberais, no bairro de Santa Cecília ou no Jardim América.

Mariana alimentava um íntimo desejo de habitar em bairro chique. Se Gruber conseguisse um emprego bom... Teriam uma casa de soalho encerado, um terno de couro, mesmo falsificado, uma vitrola, uma geladeira, talvez um Ford.

— Tem aí uma carta, disse Mariana. Parece do Urbano.

O Gruber abriu-a. De fato, o cunhado escrevia de Assunção. Os revolucionários estavam se comunicando, para se concentrarem no Rio Grande, mas Urbano conservava-se indeciso, não resolvera nada. Perguntava pelo Pedrinho. Pobre Pedrinho...

— Esquisito o Urbano! exclamou Mariana. Desde aquela história de Dona Beatriz e da morte da velha Antônia...

— Mistérios... disse o Gruber.

E pôs-se a fumar o seu cachimbo.

* * *

Ainda quando cadete, vindo em férias a São Paulo, Urbano conhecera Dona Beatriz, viúva, milionária, nos trinta e oito anos da terceira mocidade refulgente.

Depois da apendicite do Dr. Gordinho, nos primeiros anos da viuvez, cujo luto se prolongou pelo falecimento do Barão de Itaquaquecetuba, Beatriz reapareceu na sociedade, como um ressurgir de primavera. Tinha feito uma viagem à Europa; e ali, certo dia, ao atravessar, em Paris, a Praça da Ópera, teve uma revelação: era moça. Pois tendo um rapaz, ao passar, derrubado estouvadamente a bolsa que ela trazia na mão, voltou-se, desculpando-se gentilmente: "*Pardon, mademoiselle!*"

Essa tarde, examinou-se ao espelho, achou até que era bonita: os cabelos continuavam negros, os olhos grandes e brilhantes, as

faces frescas e lisas, o corpo esbelto, o colo viçoso. Então, começou a olhar com outros olhos os homens, não que fosse *coquette*, ou prezasse pouco a virtude, mas porque era mulher e a vida era ainda bela.

Ao sair do teatro com a filha, nas suas esbeltas capas de peles, pareciam irmãs, e, apesar da diferença de dezoito anos, Beatriz chamava mais a atenção.

Em Biarritz, flertou um médico argentino, e, a bordo, ouviu galanteios de um poeta peruano.

Naquele ano de 1915, entrando já nos 39, Beatriz conheceu o cadetezinho com a penugem do bigode dourando os lábios vermelhos, o cabelo negro, os olhos negros, muito correto no seu uniforme de gala. Beatriz palestrava numa roda de poetas que discutiam Olavo Bilac e Guiomar Novais. Mas não tirava os olhos do cadetezinho; ele recordava não sabia quem: impressionava-a de um modo particular.

Beatriz era vaidosa como o orgulho de uma grande tarde esplendente nos últimos clarões de beleza; e esse mesmo amor próprio lhe impunha uma atitude impecável. Nunca fora além de inocentes galanterias com velhos solteirões ou rapazes de fina estirpe. Chegara a pensar, é certo, num segundo casamento com o senador Rodrigues e também com o riquíssimo industrial Firmo Gontram; no entanto, procurou afastar essas idéias, refletindo sobre a sua fortuna, os seus filhos, as atrapalhações que poderiam surgir. Ultimamente, ao aproximar-se dos quarenta, vagos anseios a remordiam. Gostava que dissessem "que era ainda muito moça", e até começou a diminuir a idade. E, coisa esquisita: interessavam-na, agora, rapazes novos. Parecia uma mistura de sentimentos vários: de irmã, de namorada, de mãe, de avó. Aquilo crescia com a visão teimosa do pequeno cadete. Brilhavam nos olhos de Beatriz mornos carinhos quase maternos. Tinha a impressão de que uma voz secreta, imperativa, lhe ordenava que se aproximasse do moço.

À meia-noite, todos dançavam. No borbórinho dos pares, Beatriz conheceu Urbano. Trouxe-o, depois para a roda em que palestrava.

* * *

Urbano fazia seus estudos, sem saber de que mãos misteriosas lhe vinham os recursos de que dispunha. Em menino, no Colégio Militar, nunca indagou. Já mocinho perguntava ao velho Capistrano, que lhe dizia: "É seu padrinho, você não conhece".

O Capistrano morreu e as mesadas continuaram a ser pagas pelo Comendador Afonseca, que tinha escritório na rua do Ouvidor. Uma vez, como Afonseca se negasse a lhe prestar esclarecimentos, acreditou que fosse ele próprio o seu benfeitor. Mas o velho prometeu contar-lhe tudo, quando saísse aspirante. Assim, continuava Urbano a tudo ignorar, exceto que o velho Capistrano, seu pai, era pobre, seus irmãos operários e que, destes, só o Tônio e o Chico estudaram, porque tiveram a proteção do falecido major Coutinho.

Nas férias, Urbano vinha ver os parentes em São Paulo: o Gruber e Mariana, o Pedrinho, e também a velha Antônia, que lhe dera de mamar na primeira noite de sua existência.

A sua sociedade era, porém, outra. Os pouquíssimos colegas paulistas e alguns estudantes de medicina levavam-no à alta roda, aos bailes do Paulistano, do Comercial, às casas de suas famílias.

Uma noite, em casa dos Cintra Pais de Alencastro e Silveira Leiroz, perguntou-lhe Dona Maria da Cunha da Costa Figueiredo de Oliveira, examinando-o com o *lorgnon*:

— Sua família é paulista, cadete?

— Sim, minha senhora, desde o século XVIII.

— Então figura na Nobiliarquia, de Silva Leme?

— Não conheço essa obra, Excelentíssima.

— Ouviram?, tornou Dona Maria aos circunstantes. Não conhece Silva Leme! Que paulista! O senhor seu pai nunca lhe falou nisso? De que família é?

— Sou da família Capistrano.

— Do médico?

— Não senhora.

— Então é do historiador. Oriundo do Norte. Compreendo. É parente do doutor Capistrano. Ouviram? É parente do Capistrano de Abreu.

Urbano quis contestar. Mas todos falaram ao mesmo tempo:

— Deve gostar de história. Oh! Muito interessante!

Um senhor calvo perguntou:

— Em que zona é a fazenda de seus pais?

— Eles...

— Sei, sei; não são agricultores, quero dizer, não sofrem as nossas angústias. Muito bem! Gado? Indústria? Sim, sim... As indústrias!

E como os homens começassem a discutir sobre protecionismo e as mulheres sobre marcas de automóveis e festivais, Urbano escapou milagrosamente do *lorgnon* policial da velha Dona Maria.

* * *

Essa dualidade de convívio criava no espírito de Urbano o grande sentimento da luta, que ardia como um incêndio debaixo das cinzas. Ele percebia o que nem Gruber, Mariana e Pedrinho, de um lado, nem Dona Maria do outro, poderiam perceber: as diferenças profundas, as arestas, nos mínimos detalhes, nos mais insignificantes aspectos, nas mais ligeiras apreciações. E isso acordava no seu coração de moço um sentimento até então desconhecido de beligerantes que se ignoram.

* * *

Desde menino, estudara muito. Ao passar para a Escola Militar, era um dos mais talentosos da sua turma. Gostava das matemáticas, nas horas vagas lia romancistas e filósofos. Passou muito cedo pelos achaques e enxaquecas do romantismo; teve a sua fase realista em que sorria ironicamente da sociedade, lendo Balzac, Eça, Maupassant e Flaubert; e Machado de Assis amargou-lhe a boca muitos dias. Ao conhecer Anatole France, viu que tudo eram atitudes e falsidades de literatos, jogo de pensamentos, com os jogos de palavras dos poetas simbolistas. Transitou, mais tarde, pelos russos: Dostoievski, Tolstoi, Gorki, Turguenief; e compreendeu que havia uma humanidade trágica. Fialho e Euclides revelaram-lhe a alma da Terra, como Victor Hugo lhe revelara a alma da história. Tinha lido Ibsen e conhecido o homem lutando contra o homem; tinha lido Zola e conhecido o homem em luta com a humanidade. Mergulhara no estudo do evolucionismo; discutia astronomia, traçando diagramas na lousa. Essas duas preocupações científicas despertavam uma luta dentro dele: o senso materialista da fisiologia e da biologia, chocando-se com o senso espiritualista da matemática e da cosmografia.

Essa era já a feição do caráter mental de Urbano aos vinte anos. Lera pouco, é verdade, e muito mais desejava conhecer; mas, na sua idade, o que já sabia tornava-o invulgar entre os colegas. Todos o olhavam com admiração. Seu prestígio crescia. E, por isso, não se espantava de que não lhe perguntassem a origem e de que o levassem para os ambientes mais elevados da sociedade.

* * *

Que esquisita impressão causava o pequeno cadete a dona Beatriz! Parecia que uma força oculta a atraía: vago interesse, por assim dizer maternal.

Tinha ímpetos de aproximar-se, de estreitar intimidade, de convidá-lo para freqüentar sua casa. Devia ter, mais ou menos, a idade de Teodorico.

Essa idéia perturbava-a. Porque havia um pensamento que não tinha coragem de formular. Examinava-se ao espelho. Era bem moça, conservada. Mas...

O Conde de Ariranha, com sessenta e dois anos, casara com uma menina de dezessete; dona Olinda Cotrim, com quarenta e cinco, casara com o Dr. Agostinho, que tinha vinte e quatro; e Matilde Aratangi, a pianista, com seus trinta e nove anos, unira-se ao poeta Fábio Faustini, que não chegava aos vinte seis...

Envolveria o cadete com os olhos ternos, amolecidos, quebrados, que o faziam enrubescer. E aquilo tinha um sabor novo, como um desvirginamento.

Quem era aquele rapazinho, de ar desdenhoso, que lhe evocava não sabia quem, que lhe despertava incompreensíveis desejos e emoções desconhecidas? Aquilo parecia com o turbilhão de sentimentos que acordaram no seu espírito, vinte e tantos anos antes, quando conhecera e amara o Dr. Gordinho. Então, o espírito era o mesmo? A vida, as sensações, tudo a mesma coisa, depois de tantos anos?

* * *

A vida amorosa de Urbano tinha sido muito superficial. Aos dezesseis anos, quase se apaixonara por uma vendedora de cigarros da rua da Carioca. Aos dezoito, teve um caso mais sério: num baile, em Copacabana, conhecera a pequena Raquel, de quentes olhos pardos. Depois, eram bilhetes, encontros, junto à estátua de Guatemozim, nas noites quietas; e o cinema, e os chás, o namoro com todos os requisitos. Começou a notar que a família de Raquel a afastava dele; soube que era filha de um deputado federal, muito rico, intelectual brilhante até condecorado por um governo estrangeiro. Foi duro para Urbano, mas logo encontrou a Estela, morena de São Cristovão, e a ela sucederam outras, na alegria de alvoradas, que não tinham amarguras de poetas nem pessimismos doentios.

* * *

Urbano foi apresentado por D. Beatriz a Teodorico, de quem ficou amigo. Andava por esse tempo o jovem Gordinho freqüen-

tando a Politécnica, repartindo o tempo entre o apartamento de Vanda e as farras do Tonico Dutra. Ia também à natação, no Tietê.

O cadete preferia o esporte, não porque fosse um exagerado moralista, mas por temperamento. Era esquivo, reservado, no seu ar orgulhoso e superior. Esse traço de caráter inspirava a Beatriz um interesse mais vivo.

Assim transcorreram os dias das férias de Urbano, e já os seus amigos, em rodas de chopes na *Cidade de München*, insinuavam-lhe perfídias inocentes. Uma noite, em que já haviam esvaziado vários duplos, o Evandro, rapaz gordo e brincalhão, bateu nos ombros de Urbano:

— Futuro milionário...

Todos riram.

— Então você vai ser pai do Teodorico?

Urbano encabulou. Justamente porque experimentava qualquer coisa de respeito, de ternura, de amizade por Dona Beatriz. Ela, realmente, poderia ser sua mãe; talvez por isso o desejo secreto de abraçá-la, de sentir o seu calor, de beijá-la nas faces...

Certa noite, em que se achavam sozinhos, na ampla sala de jantar do palacete dos Itaquaquecetuba, Beatriz disse-lhe:

— Sabe que sinto não sei que por você?

Urbano respondeu:

— Eu também...

— Sente-se aqui perto de mim, ordenou Beatriz.

O cadete parecia hipnotizado. Por certo, aquela mulher já idosa, mas deslumbrante ainda de beleza fidalga, exercia sobre ele uma estranha fascinação, um domínio absoluto.

Sentou-se junto de Beatriz. Ela pegou-lhe nas mãos trêmulas. Urbano sentiu imperioso desejo de beijar os dedos finos e aristocráticos daquela mulher envolvente e carinhosa. Com um respeito religioso, levou-os aos lábios.

Beatriz suspirou profundamente. Tinha o encanto das frutas já maduras, por isso mesmo mais doces, mais cheias de sol estival. Urbano pôs-se a olhá-la, face a face. Os olhos dela mergulharam nos olhos dele. Um movimento silencioso foi aproximando suas cabeças, quando entrou Antônia anunciando:

— O telefone está chamando...

D. Beatriz levantou-se enrubescida e tornou minutos depois:

— Foi engano de Antônia.

Mas, enquanto ela saía e voltava, Antônia dizia a Urbano:

— Senhor cadete, poderá fazer-me um favor? Quer ir à casa do meu compadre Guilherme amanhã, ao meio-dia? É na rua Lavapés. Tenho um assunto muito importante.

E afastara-se, tremendo de emoção.

Teodorico e Virgínia chegavam do cinema. Começaram a conversar sobre um grande filme.

* * *

Antônia vinha observando, havia muitos dias, Dona Beatriz e Urbano. Andava com o coração oprimido.

A mulata tinha envelhecido no serviço de casa. Pouco mais idosa do que Beatriz, entrava nos quarenta e quatro anos. Perdera, também o marido, que ultimamente exercia as funções de *chauffeur* de Teodorico. Internara uma filha no Asilo São Vicente, do qual Beatriz era protetora. O filho tornara-se um bom sargento da Força Pública (sargento Geraldo), residindo com o padrinho, o Guilherme, no Cambuci.

Esse Guilherme é o personagem que aparece no prólogo desta narrativa, conduzindo na noite chuvosa o carro com Dona Genoveva. Está agora com setenta e quatro anos e vende pipocas e amendoim torrado, que a velha Joaquina, experta nos seus sessenta e oito anos, prepara ao cair da noite. As vezes Antônia vai ver Guilherme, recordar-se de tanta gente que a morte levou.

— Lembra-se da chácara?

— Lembro, lembro! respondia Guilherme, chupando seu pitô de largo canudo de taquara. E comentava:

— Andam cortando tudo em lote, para fazer prédios. Acabou-se a chácara! Tudo vai acabando: o senhor Barão, a senhora Baronesa...

— E seu doutor... Morreu tão moço!

— E Genoveva... e Capistrano... e Júlia... Tudo vai indo embora, só fica este negro, como um caco velho.

Esses nomes faziam estremecer Guilherme e Antônia. Era o segredo que eles guardavam numa cumplicidade secreta. Quem o diria? Dois humildes, na posse de confidências tão importantes! Como fora tudo assim estabelecido? Castigo ao orgulho dos ricos? Algum desígnio de Deus?

— Um dia temos de contar tudo, Antônia.

O Capistrano falecera antes do Dr. Gordinho. Depois de confessado e ungido, não quis que o seu segredo ficasse morto sob o selo dos deveres do padre confessor. Chamou Antônia:

— Aquilo que você me contou, o segredo de Dona Genoveva... Guardei silêncio para não atrapalhar a vida do rapaz, nem do pai. Também para não perder o amor de meu filho, o Urbano. Ele era meu. Era; mas agora pode saber. Tenho medo que ele me despreze, me amaldiçoe. Quero tanto bem ao Urbano! Veja se convém. Em todo caso, se for preciso, conte tudo. Pegue aquele papel, ali, no armário.

Antônia achou o papel: uma declaração de Capistrano, com duas testemunhas (Guilherme e o Major Coutinho, este já falecido). Dizia: "Faço esta declaração, para ser entregue a Urbano Capistrano, que cresceu como meu filho e cujo nome verdadeiro é Urbano de Castro e Abaeté da Cunha Gordinho. Na noite de seu nascimento, a finada Genoveva Coelho Pimentel, parteira, e Antônia Barbosa, criada dos barões de Itaquaquecetuba, trocaram-no, por engano, com meu filho, que passou a viver, a educar-se, com o nome de Teodorico. Peço perdão a Urbano, pelo silêncio que guardei, depois da revelação que me foi feita por Antônia, a pedido de Dona Genoveva, quando moribunda em Itú. Foi por amor, e não por malícia, que o conservei comigo; não cheguei a estimar Teodorico, e pelo muito amor que dediquei a Urbano, sacrifiquei seus interesses. Espero o seu perdão. Antônia lhe indicará todas as provas da declaração que aqui faço".

— Se você e Guilherme acharem conveniente, mostrem esse documento a Urbano; se não, guardem esses papéis e, antes de morrerem, peçam a alguém que os conserve, nas mesmas condições.

Capistrano morreu com uma lágrima no canto do nariz, que escorrera até o bigode.

Antônia e Guilherme confabularam e deixaram cair o silêncio sobre o caso doloroso.

Um dia, porém, o Dr. Gordinho, lépido e forte, foi atacado de apendicite. Chamou o comendador Afonseca por telegrama. Chamou Antônia. Estiveram trancados meia hora no quarto do Instituto Paulista, onde o marido de Beatriz fora operado. Quando a porta se abriu de novo, para dar entrada ao médico, com injeção de digaleno e éter canforado, o Dr. Gordinho disse:

— Agora posso morrer. Ele me perdoará.

— Quem? perguntavam-se todos, entreolhando-se.

* * *

Tinha chegado agora o instante em que Antônia devia revelar o segredo de que era depositária. O comendador Afonseca desejava

que Urbano terminasse o curso, fosse já um oficial, e tivesse a reflexão da idade para aceitar os fatos. Mas Antonia estava diante de um perigo pavoroso. Via Dona Beatriz, já tão madurona, enamorada de Urbano. Dormindo, Antônio sonhava que via Dona Beatriz andando por um fio, prestes a tombar. Consultou Guilherme. Ele disse, enchendo o peito de fumo e sacudindo a cabeça:

— Hum-hum! Este mundo tem coisas que parece o demo.

* * *

Urbano ouviu tudo. Leu a declaração de Capistrano. Guilherme pormenorizou cenas longínquas da noite do seu nascimento. Antonia detalhou minúcias: “Veja ao espelho suas costas; tem uma mancha preta, não tem?”

De fato Urbano conhecia essa placa, desde menino.

O choque foi enorme. Embarcou essa mesma noite para o Rio. Na manhã seguinte, estava na rua do Ouvidor, diante do comendador Afonseca.

— O senhor sabia de tudo!

— É claro, respondeu-lhe Afonseca pondo-lhe a mão bondosa sobre o ombro. Devia respeitar o pedido de um agonizante. Ele desejava a sua felicidade, mas amava Teodorico e a culpa não era dele. É preciso compreender essas coisas do coração.

Urbano estava atordado.

— Que pretende agora fazer? perguntou Afonseca. Investigar a paternidade? Deserdar Teodorico? Renegar Capistrano? Odiar o Dr. Gordinho? O senhor deverá julgar os mortos.

O cadete sentia deslocar-se toda a gravitação de sua existência, o ritmo de sua vida. Experimentava uma atonia, uma apatia, que anulava todas as deliberações e todos os impulsos. Seu espírito esbo-roava-se num caos, do qual deveria sair, forçosamente, um novo Urbano.

Dominava, sobre o tumulto de cóleras, de imprecacões, de desamparos e desmoronamentos, uma força poderosa, cujo sentido ele não compreendia na sua angústia de espoliado e de humilhado. Parecia uma paixão e um desprezo, uma repulsa e um afeto.

— Deixe-me pensar um pouco! Deixe-me pensar! exclamava.

O comendador Afonseca lhe explicava que devia entregar-lhe cinquenta contos, quando terminasse o curso. Aceitava?

Mas Urbano não escutava nada. Havia um rumor de tempestade dentro do seu coração.

— Ele não era meu pai! disse amargurado.

— Quem? Gordinho?

— Não, Capistrano.

E, depois de longo silêncio, em que subia aos seus olhos uma onda de afeto, resmungou:

— E Pedrinho é irmão de Teodorico. E os dois não são meus irmãos.

Sentimentos complexos apoderaram-se de Urbano. Experimentava por Teodorico uma estima particular, diferente. Queria que ele fosse feliz, porque era o filho de Capistrano, a quem estimava, por quem se sentia grato. Pois Capistrano não fora o mais terno dos pais? Quem lhe fazia carrinhos de tábuas? Quem o erguia nos braços? Quem lhe gritava: “De quem é o travesso valentão?” E esses carinhos pertenciam a Teodorico, pobre *bibelot*, criado entre governantes frias e pagens indiferentes. Haveria maior calor de carícias do que nos seios de Júlia? E ele mamara o leite de Júlia, que pertencia a Teodorico, mísero fidalgo sugando os seios das amas estranhas, leite de aluguel, tão triste como o das creches. Pequenino, ouvira histórias, nos joelhos de Capistrano, o bom pai. Capistrano e Júlia, não tinham mais nada para dar aos filhos, senão o seu amor. Por isso mesmo esse amor era inigualável em grandeza e intensidade. E Urbano sentia-se um usurpador dos únicos bens da vida, aqueles que não perecem. Tendo-lhe dado tanto, Capistrano, na sua humildade, ainda lhe pedia perdão, chegando à hora extrema, como se o amor fosse uma coisa tão desvaliosa.

Urbano guardou serenamente a revelação dolorosa. Atendia, assim, ao pedido do Dr. Gordinho, que estimava Teodorico como a um filho. Pobre Gordinho, pedira-lhe também perdão, porque não lhe dedicara uma amizade impossível. Quem era ele, Urbano, para julgar dois homens que sofreram e que morreram com o pensamento nele? Experimentava absurda impressão de possuir dois pais, ambos tímidos e suplicantes diante dele, implorando perdão...

Essa impressão foi muito forte durante vários dias, e, depois, transformou-se numa consciência de duas personalidades, não separadas, mas fundidas, pelo milagre de uma transubstanciação, uma fusão de instintos, de sentimentos e de idéias.

Urbano guardou serenamente a revelação dolorosa de Antônia e do Comendador Afonseca, ocultando-a de Teodorico e dos outros filhos de Capistrano, assim como de Beatriz e Virgínia, sua mãe e sua irmã.

Em 1922 era tenente.

X

OS DEZOITO DE COPACABANA

O espírito de Urbano, depois das leituras literárias e filosóficas, entrara na apreciação mais objetiva dos fatos da vida social, desde o abalo que sofrera com a revelação da sua identidade, em torno de cujo mistério se haviam conjurado Capistrano, o Dr. Gordinho e os amigos fiéis.

Nos primeiros tempos, sentia-se como que suspenso no ar, um homem sem base concreta de afetos. Sofria a solidão interior dos que não conhecem ligações do sangue e não se harmonizam nas longas cadeias do parentesco, que se perde no infinito pretérito. Fisicamente, prendia-se à genealogia dos Abaetês da Cunha, dos Gordinhos, cuja aristocracia ia se plebeizar no alvorecer do século anterior. Moralmente, filiava-se ao drama da decadência dos Capistranos, que galgavam, através do Passado, as linhagens mais puras da nobreza peninsular. Mas não acudia aos elos da ascendência carnal o elemento vivificador da alma que se transmite com o sangue, como faltava aos anéis emotivos da procedência moral o veículo dos instintos e de caracteres tangíveis da carne em vida e sangue palpitantes.

A carreira que escolhera tinha qualquer coisa desse drama pessoal em que o seu espírito tantas vezes sucumbira, desamparado e impotente.

Que consonâncias encontrava a classe militar com a vida da Pátria?

Pobre soldado brasileiro, entre a aristocracia política e a massa dos trabalhadores das fábricas e dos campos, exigiam que ele fosse o guarda do "espírito formal" da Nação, sem direito de sentir as angústias de uns e de outros. Explorado pelos mais astutos, erguia

o fuzil à cara para derrubar tiranos, movidos por uma única mola: os brios da classe. E, acaso, não lhe faltava, como a Urbano, o sentimento integral da vida do país?

Tinham transformado o militar num organismo sem harmonia com o ritmo dramático da sociedade: não era um proletário e não era uma nobreza; não chegava a ser um pequeno burguês, e, desprezado pelos grandes, não conseguia fazer-se amar pelos pequenos.

Urbano recebera, com os recursos materiais que lhe vieram do Dr. Gordinho e com o pedido de perdão de Capistrano, essa herança moral de solidariedade, que o desintegrava de todos os elos e realizava nele o astro sem órbita numa gravitação de afetos, de ódios e de sofrimentos. E, acaso, a sua posição de militar não era a mesma, no Brasil?

Ao homem de farda negam-se todos os direitos de sentir, de vibrar, de intervir, de dar a sua colaboração íntima nas horas de amargura ou de grandeza da Pátria. Bastam-lhe o soldo, as promoções, os alamares e dragonas, marchas batidas, paradas e salvas da continência.

Glorificado pelos discursos, despertado altas horas da noite para as conspirações, é lisonjeado como as mulheres e irritado como os tigres. Torna-se elemento de desordem e não tem forças para interferir na composição da ordem. Porque, dizem, não conhece a vida, não sente as necessidades. E, realmente, o militar é arisco, desconfiado, cioso de sua pureza, um bravo quando enfrenta a morte, tímido quando em face da vida comum. Essa desconfiança isola-o dentro da própria corporação. Pois, pelo fato de haver dentro dela os conspiradores extremados e desorientados, e os comodistas que delatam e traem, cada qual fita de esguelha o camarada, e a grande maioria dos puros não se anima a assumir atitudes autônomas. E essa atmosfera de terror, em vez de criar um ritmo de disciplina, que seria, ao menos, um aparato de força, gera a tibieza da hierarquia, que é fonte de fraqueza, de pusilanimidades. Os grandes velhacos jogam com essa angustiosa situação, anulando as expressões vitais das classes armadas.

Urbano pensava que seria um mal o predomínio militar num imenso país de paisanos, mas refletia que maiores perigos se avolumavam nessa excomunhão da vida nacional a que atiravam o Exército, como quem atira uma carabina a um canto, depois da caçada ao jaguar. A arma torna-se a ameaça nas mãos do solerte cangaço que entra sorrateiramente na casa desprevenida.

Nas suas relações sociais, Urbano sentia-se, ao mesmo tempo, temido e desprezado. Todos olhavam para ele, como se fosse um

indivíduo que não soubesse nada das coisas da vida. Para os homens de negócio, o militar era uma espécie de poeta ou de sacerdote, entre os ritos e liturgias de tambores e baionetas, incapaz de se interessar pela vida real. Não havia o celibato, mas a existência devia transcorrer entre renúncias e abstenções, numa cadência passiva de automatismos disciplinares. O pequeno burguês horrorizava-se ao imaginar as filhas casadas com esses homens que estavam ao sabor das transferências, sempre de malas prontas para Mato Grosso, Minas, Rio Grande, Amazonas. Esses homens não deviam conhecer, senão de passagem, a tranqüilidade modorrenta das existências pacatas, com leituras displicentes à sombra amável dos *abat-jours*. Eram lares de acampamento, onde os deveres superiores da Pátria e da disciplina iam exigir o tributo das noites de insônia, nas prontidões dos quartéis, ou as longas semanas de ausências. Os intelectuais e políticos tinham um sorriso ao canto dos lábios, ao considerar essas criaturas, que representavam, em conjunto, o aparato formoso e rebrilhante da força. Viam neles os padrões de uma cultura especializada, com hiatos profundos de ignorância e um desconhecimento absoluto de realidades, tudo mesclado de desconfianças atrozes, e presunções fúteis.

O amor aos galões e às comissões rendosas constituíam a validade consoladora de alguns; outros cultuavam a bravura, com a fisionomia cândida dos heróis sem finalidade; e outros, finalmente, o ascetismo das renúncias, a glória das ásperas jornadas, o desconforto e a pobreza.

A vida dos quartéis burocratizava em padrões uniformes os pequeninos dramas dessa corporação, que não chegava a ser uma casta, mas o limbo dos proscritos da vida nacional, dos cenobitas dos claustros das fortalezas, dos eremitas das fronteiras distantes, onde as metralhadoras demarcavam as linhas da carta-política assinalada pela diplomacia à sombra amiga das bibliotecas, entre medidas e frases de cortesia.

* * *

Urbano, agora tenente, compreendia a tragédia dessa deformação lenta, mas implacável, que torturava os exércitos das pacifistas repúblicas sul-americanas. Toda aquela força, ao represar-se, pela ausência de guerras, ou pela falta de um espírito nacionalista o qual se cristalizaria numa elite armada — ápice agudo de uma consciência política historicamente definida, — desagregava-se, anulava-

se, comprimida materialmente pelas *gendarmeries* e desnorteada pela confusão demagógica e pelo terror das traições.

Restava, então, aos que sonharam, fazer tristemente a carreira; problemas de estratégia e de tática, esquemas de campanhas, e o quadro de promoções.

Os conscritos de cada ano vinham, com má-vontade, cumprir o serviço; e regressavam à vida civil do país sem saudades da caserna. Os filhos de ricos, os estudantes, os empregados de comércio de categoria, preferiam as linhas de tiro, que julgavam mais asseadas. Cantavam a "Canção do Soldado", recebiam a caderneta, e volviam à repartição, à academia, ao clube, com a feliz certeza de estarem vacinados contra o militarismo.

"O Exército" — dissera Urbano uma vez — "é um organismo à parte, uma forma de vida estranha, que a nação não entende, que nós mesmos, militares, não compreendemos bem".

* * *

Às vezes, Urbano, vindo do Clube Militar, que se agitara como nunca, por causa das cartas atribuídas ao Presidente Bernardes, recolhia-se ao seu apartamento, arrasado por uma infinita tristeza. Em tudo aquilo só via a explosão do amor próprio de uma mulher honesta a quem acusassem de infidelidade conjugal, ou de um poeta exasperado por um crítico de maus bofes. A classe estava ericada de sensibilidades.

No fundo, o que se dava era o choque da mentalidade paisana com os melindres da mentalidade militar. Eram duas consciências, que não se entenderiam nunca, porque estavam desintegradas, gravitando em campos diferentes. Ambas, escalavradas pelas ambições, pela tendência acomodatória, pelas venalidades torpes; mas em ambas existindo um núcleo idealista e místico, intransigente, vivendo a vida do seu mundo e do seu sonho. Não existia, entretanto, nem um pensamento militar, nem um pensamento civil. Tudo se perdia no caos da vida nacional, sem características definidas, sem rumos determinados.

* * *

Uma noite, a 5 de julho, ouviu troar os canhões.

Era a revolta.

Com que objetivos?

Não sabia. O Exército só aprendera a derrubar.

* * *

Enfiou o culote, as perneiras, o dólman, saiu às pressas, porque era o dever. Iria combater. Contra quem? Como estaria o seu regimento?

Não era um indiferente às dores da sua classe. Compreendia o estado de espírito de todos, exacerbado pelos jornais, espicaçado pelas intrigas dos políticos, pelo desdém do presidente Epitácio, que timbrava em menosprezar — diziam os intrigantes a envenenar os atos presidenciais — as classes armadas, governadas por dois paisanos, um dos quais, o ministro da Marinha (diziam), nunca tinha visto o mar. Essa angústia crescia ante o vilipêndio das famosas cartas que partissem de onde partissem, expunham os galões do Exército à chacota da plebe.

Urbano atribuía aos militares outra missão: a de redentor da nacionalidade, não a de instrumento nas mãos de oposicionistas astutos, nem de capacho aos pés de governistas prostituidores e humilhadores.

* * *

Estava senhor de todo o panorama de luta que se desenrolava no mundo. Percebera a linha do desenvolvimento capitalista, até à sua explosão na Grande Guerra; sentia as linhas desse desenvolvimento nas revoluções da América Latina. Via o Novo Mundo, esfarrapado e oprimido, roído de distúrbios chefiado por aventureiros civis ou militares, esmagado pelas dívidas junto aos cofres fortes do Capitalismo Internacional, amarrado ao poste do suplício por uma mentalidade materialista, com alucinações democráticas e delírios liberais. Lugares comuns em todos os lábios. E um povo trabalhador e honesto, com um padrão de vida miserável, sustentando, em Buenos Aires, Montevideu, São Paulo, Santiago, Rio de Janeiro, uma plutocracia mancomunada com exploradores estrangeiros.

* * *

Não chegara a ser um comunista. Por que? Alguma coisa falava no íntimo de Urbano. Do Brasil deveria nascer uma civilização nova. O marxismo, tão exato nas suas demonstrações críticas, não apresentava, entretanto, como remédio, a própria evolução da sociedade colocada numa base falsa?

Seu espírito preferia contrariar a corrente, porque todo o tumulto de suas idéias era uma nebulosa palpitando no desejo de uma criação.

Criar alguma coisa nova, que exprimisse uma nova partida de forças.

* * *

Como Pedro Maranduba, que não sentia no Hino Nacional as energias interiores da Pátria, Urbano não encontrava nos movimentos de rebeldia o sentido exato de uma coordenação de inquietudes e de angústias.

Havia um mal-estar no Brasil, do mesmo modo que em toda a América Latina. E isso atingia a um grau de sofrimento que a Europa desconhecia: porque não era apenas a luta de classe que aqui se processava, mas outras lutas: de povos explorados contra uma organização internacional; de um espírito nacional profundo contra as exterioridades absorventes de uma cultura que não teve suas raízes na América do Sul.

Era a guerra dos continentes.

* * *

Os adversários, porém, eram irmãos. Uns, aferrados ao dogmatismo presunçoso das democracias; outros indecisos, vagos, tateantes, agindo desordenadamente. Estes eram os militares. Como barômetros, marcavam a pressão ambiente. Mas os barômetros não sabem porque o fazem.

O Exército agitava-se inconscientemente.

E a Nação balbuciava.

Afloravam vozes esparsas de profetas.

Perdiam-se no rumor dos movimentos reflexos.

Nem essas vozes chegavam a ser uma revelação: eram luzes na planície crepuscular.

— Luzes de pântano! Os pântanos são as nebulosas da Terra.

* * *

Urbano vira, em excursões de estudos, a região dos pantanais. Tudo o que se lhe atirasse, mergulhava, dissolvendo-se na acidez do lodo. À noite, os charcos se iluminavam fracamente, como se os povoassem errantes lanternas. Luzes de vagalumes, tênues clarões fosfóreos, reflexos de estrelas, pupilas vitreas de animais selvagens, boitatás, solitários, — consciência ígnea das podridões fecundas.

A vida refervia ali, em milhões de seres, trilhões de larvas, misteriosa vibração da terra líquida, como uma noite concreta, amas-

sando, engendrando, com a alma dos funerais e os segredos das alvoradas e primaveras, as energias renovadoras e perpetuadoras.

Que coisa poderiam criar os pântanos?

Na noite primitiva, saíram deles as intenções larvares das formas. E agora?

O Brasil apresentava-se com uma planície de charco, onde tudo seria destruído porque dentro dele se deveriam engendrar novas expressões.

A ignorada geometria.

Os lineamentos imprevistos.

* * *

Talvez houvesse uma lógica nas revoluções sul-americanas. Girando em torno de nomes, de caudilhos, erguendo e abatendo governantes, no México, no Peru, em Nicaragua, no Chile, na Bolívia, agora possivelmente no Brasil, realizavam sobre a configuração cultural e política o trabalho do Amazonas, e dos vulcões andinos: a revisão incessante da paisagem, aguardando as forças poderosas, definitivas, dos panoramas estáveis.

* * *

Agora, Urbano escutava o troar dos canhões.

Era o começo. Até onde iriam? Que papel deveria representar o Exército, nesse drama cujo primeiro ato principiava?

Não tinha chegado ainda, para Urbano, a hora de agir.

Os melindres da classe, ele os abstraía, para considerar, muito alto, os próprios destinos da classe.

Que deveria fazer o Exército, não simplesmente contra Bernardes ou Epitácio, mas como uma energia nacional?

* * *

No quartel, recebeu ordens, assumiu o seu posto.

O canhoneio cessou logo depois.

A noite transcorreu entumecida de apreensões.

* * *

Na cidade indiferente, diante do mar e do céu, os Dezoito de Copacabana caminharam para a morte.

Saltaram das pedras do forte, como leões do deserto, sobre a floresta de fuzis e de metralhadoras.

Urbano contemplou-os, pasmo. E não atirou.

Parecia que atiraria contra si mesmo, porque aquela força, que fazia marchar os rebeldes, era a mesma que o sustinha de pé.

Aqueles homens estavam tomados de cólera, de angústia, penetrados do espírito imortal do sacrifício.

Seus próprios irmãos de armas não os poderiam compreender.

Caminhavam num automatismo de sonâmbulos. E esse letargo, anulando-lhes a consciência da marcha e dos perigos, identificava-os com a fisionomia interior amorfa, incaracterística, de sua classe, e exprimia neles o imenso caos da alma brasileira, mantido nas frágeis comportas de uma ordem política precária.

Avultavam grandiosos, no heroísmo incompreensível e, agitados pela cólera política, pela exacerbação de seus brios, ignoravam o sentido profundo daquele instante, em que despontavam — como um continente que vai nascer — as primeiras arestas de uma rocha áspera e nua, no desígnio inexorável de sublevação.

* * *

Viu-os Urbano cair, um a um.

A honra da farda estava redimida?

Mas, era acaso a honra da farda que estava em jogo? Saberiam os heróis da façanha trágica que força os atirava contra a furiosa saraivada de balas?

Quem tinha no Brasil, a consciência dos passos que dava, dos gestos que fazia?

Quem saberá por que morreu, ou por que matou seu irmão?

Acordar uma consciência de marcha, uma inspiração de caminho... Abrir os olhos para compreensão do grande drama...

Aquilo não pararia mais.

* * *

Foi por isso que Urbano, em 1924, encontrou-se no incerto roteiro da Coluna Revolucionária que passava sobre o corpo da Pátria adormecida, como desorientada serpente de fogo...

SEGUNDA PARTE

A CAVALGADA DOS FANTASMAS

XI

O ESPÍRITO VIRGINAL DA NOITE

— É preciso trabalhar no bairro de Santa Cecília, ou no Jardim América. Aqui, na Lapa, a doutrina do *Perfeito Culinário* não fará carreira. Os operários levam a coisa a sério. Veja o Pedrinho: quando sair da cadeia, estará comunista. E isso é uma tolice.

Assim dizia o Gruber a Mariana. E, tanto falou, que se mudaram para a Alameda Barros, o Gruber feito vendedor de automóveis, rádios e vitrolas, *frigidaires* e outros apetrechos da Civilização.

Instalaram uma casa absolutamente burguesa: um escritório com poltronas de couro falso; uma sala de visitas com grandes cortinas claras, piano, vitrine de *bibelots*, mobília Pompadour; a sala de jantar com baixelas Cristofle, a copa com bateria de alumínio. Fizeram questão do *hall*, muito catita; e, nas tardes de domingo, alisavam um Lulú n.º 1, no alpendre de gerânios.

Gruber tirou por conta da percentagem uma Sedanzita que ele mesmo guiava. E tratou de conquistar o bairro.

Foi fácil. No barbeiro, garganteou prestígio (amizade com Teodorico, conta-corrente em diversos Bancos, camaradagem com o Modelo Pilares) e várias vantagens.

— O Senhor é católico? indagou um senhor de óculos azuis.

— Regularmente, respondeu Gluber.

— Mas não é praticante...

— Tanto quanto o senhor...

— Compreendo, compreendo. Pois a religião é uma grande coisa. Muito útil. Até moral. E de alcance social.

— Vejo que estou falando com um sociólogo...

— Sou, realmente, sociável. Pertencço à loja "Paz e Harmonia". O amigo é maçom? Boa coisa. O cacete são os discursos. Faço discursos. Ontem estive numa farrazinha. O senhor compreende... que diz?

E riu uma risadinha sacudida.

— Mora no bairro há muito tempo? perguntou Gruber.

— Quinze anos. Um ranchinho. Moro em Vila Buarque. A gente se muda. É natural. Me dará muito prazer. Já o viu no automóvel. Bonita máquina. Olhe: é aqui perto, rua Imaculada. Como é a sua graça?

— Ricardo Simon Gruber.

— Carlos, não é? Aqui tem o meu cartão, senhor Carlos. Heim? Advogado. Domingos Dutra. Meu filho é engenheiro, conhece o seu amigo Teodorico. Minha mulher toca piano. Minha filha violino. Às vezes, digo: basta, vamos descansar, palestrar. Minha filha é lida. Também viajada. Foi à Argentina. Minha mulher adora os cãezinhos. Temos um *fox*, um mimo. O senhor sabe o que é a família. Trabalho. Hoje vou escrever umas razões, porque ontem estive um tanto preocupado. Essas coisas de amores. Mulheres, é o diabo. Eu já disse numa defesa: "Amores são o diabo", os jurados riram e absolveram o réu. Agora estou fazendo coleções de selos. Gosta de xadrez?

Gruber tinha achado o homem de quem precisava. Um mês depois, tendo-se tornado íntimo de Domingos Dutra, conhecia todo o bairro e se impunha à confiança de numerosos vizinhos. Lançou, então, a idéia de um clube. Fundou-o com o nome de "Associação Recreativa dos Chefes de Família".

* * *

Domingos Dutra queria que se acrescentasse a palavra "morigerados", para evitar qualquer equívoco. Uma vez, por falta de um adjetivo, perdera uns embargos. Explicou-lhe Zenóbio (lá estava o admirável Zenóbio Duarte, como secretário do grêmio) que o adjetivo parecia um insulto aos demais chefes de família, não pertencentes à sociedade. Além do mais, isso implicava num compromisso grave, pois a coisa mais difícil era assinalar limites à temperança.

Gruber esclareceu:

— Nosso fim é nada fazer, pois nisso está a sabedoria dos chefes de família. Todos os homens de responsabilidade, que têm mulheres e filhos, não podem e não devem querer ser "palmatórias do mundo". Devemos aplaudir todos os vencedores, estar ao lado de todos os governos, ajudar, com o nosso apoio moral, os poderosos a cumprirem a sua missão na terra. Esse adjetivo "morigerados" daria a entender que nos isolamos, numa atitude de higiene moral, ou que os demais nos inspiram intuítos malévolos da crítica. Ora, a

modéstia deve ser nosso apanágio. Atribuírmo-nos qualificativos não pareceria bem.

E convidou o Dutra a tomar um Porto em casa de Catarina Regalata.

Zenóbio aderiu, e mais o Tourinho Sarmanho, que vinha de dar guarda ao Santíssimo.

Com agradável surpresa, lá encontraram o Teodorico, que tinha ido ciceronear um magistrado, muito tímido e sem jeito para a aventura.

— Temos a noite ganha, disse Zenóbio ao Gruber, apontando Teodorico.

As raparigas se espalharam aboletando-se nos joelhos dos convivas. O magistrado, com trêmulos na voz, explicou:

— Nós, os homens de estudo, precisamos conhecer certos ambientes...

— Não há dúvida, disse Zenóbio muito atencioso.

— Estou escrevendo um livro (continuou o magistrado), o qual se intitula: "Elementos de psico-patologia ambiental, como subsídio às reformas do Código Penal, na fixação das dirimentes, assim como das agravantes e atenuantes, segundo os métodos da crítica psico-analítica"...

— Acho o nome do livro um pouco comprido, objetou o Dutra. Porque o doutor não resume? É mais comerciável...

— Já me disseram isso, disse o magistrado limpando o suor. Os senhores compreendem o que é uma vida de estudos. Aqui estou, guiado pela gentileza do Dr. Teodorico, a conhecer os mistérios deste pequeno paraíso...

—E que anjos adoráveis! exclamou Zenóbio, beijando a Serafina Caserta.

* * *

Começaram a beber. O magistrado animou-se e beliscou de manso o braço de Elizabeth Schultz.

— Tem um quê de Valquíria, não acha, senhor Tourinho?

— Quem é a Valquíria? perguntou Marcela.

Gruber narrou ao eminente sábio a fundação da "Associação Recreativa dos Chefes de Família", em cujo programa estavam aquelas visitas à Regalata, e outros conventilhos.

— Estas inocentes excursões trazem várias vantagens, explicou Gruber. Em primeiro lugar, porque nos distraem da consideração dos quadros da vida, afastando-nos de combates em que tão pres-

tantes pais de família sucumbem, e deixamos, assim, de dar murros em facas de ponta. Um exemplar chefe de família prefere estes divertimentozinhos inofensivos muito mais do que, por exemplo, uma conspiração política. E, desse modo, tornam-se os esteios da ordem social.

— Admirável! exclamou o magistrado.

— Em segundo lugar (continuou o Gruber) valorizamos o ambiente sagrado de nossos lares, pois ao sair deste céu aberto, verificamos que o único lugar onde se passa uma noite sem gastar dinheiro é ainda a nossa casa. Os de ânimo forte confiarão isso às esposas, as quais, se forem inteligentes, aprovarão esta vacina.

— Bravíssimo! gritou o magistrado, que ingeria a oitava taça de champanhe.

— Temos a terceira vantagem. É dever dos chefes de famílias zelosos pela sábia instituição a que presidem, ajudar as beneméritas como Catarina Regalata. Imaginem os senhores se não houvesse casas de tolerância. Viveríamos no regime da intolerância. Ora, a liberdade é o supremo dom do gênero humano. De sorte que, imposta a ditadura das sogras, das esposas e dos Catões inexoráveis, teríamos todas as espécies de crimes passionais.

— A carne é fraca, obtemperou Dutra.

— Pois podem me incluir na “Associação dos Chefes de Família”, exclamou o juiz. Recreativa, não é? Preferiria que fosse científica. A ciência pura! A fisiologia... Dão-me licença por alguns minutos?

E saiu com a Godiva, de grandes olhos negros.

Meia hora depois, voltou. E perguntou com ponderação:

— Os senhores sentem a crise?

— Nunca vi situação melhor, disse Gruber.

— Tudo é uma questão de método, acrescentou Zenóbio.

O Tourinho Sarmanho, irritado porque não tinha mais que trinta e sete mil réis nos bolsos magros, discordou:

— Acho que só uma revolução...

— O senhor não pode falar assim, advertiu-o Gruber. O Regulamento da “Associação” o proíbe. Deve considerar tudo como num mar de rosas.

— Ora pipocas, bravejou Tourinho. Estou vendo que não suportarei as regras da Associação. Pois eu, um homem...

Gruber segredou qualquer coisa aos ouvidos de Teodorico. Este chamou Tourinho de lado, passou-lhe cem mil réis. Tourinho bebeu mais uma taça. E disse:

Caminhavam quietos, porque o panorama negro parecia exigir silêncio. E os astros falavam, como em cochichos de cintilações.

* * *

Cesário habituara-se a longas marchas sozinho, em que o tropel do animal ressoava multiplicado, como um vozear profanador, dominando o borborinho dos astros.

Morava ali, fazia 27 anos. Deixara São Paulo, para trabalhar no ofício em Curitiba, onde o mano Janjão se empregara. Um dia, Janjão foi para Castro, onde se estabeleceu com curandeiragens, e Cesário transferiu-se para aqueles sítios, para ajudar a construir e a mobiliar um casarão da fazenda. Nas redondezas, conheceu a Quita, caboclinha mineira, casou com ela, e como o sogro morresse, logo depois, radicou-se naqueles fundões, tomando conta do sítio, que era de plantação de cereais e de algodão. Ali se conservou, sem nunca sair; a Itararé fora uma vez, a Apiaí três ou quatro. Nada sabia do que se passava no mundo, porque só o interessavam realmente a mulher, os filhos, a criação e a roça. De fora, vinham apenas o sal, a pólvora, as ferramentas, roupas muito poucas porque fiavam e teciam, e havia até um sapateiro, o Scalfatti, que calçava a todos. As vacas lhe davam o leite e o queijo, os bois lhes davam os calçados, o transporte e a carne; o rio dava peixes, o mato remédios, que o preto Vicente sabia aplicar. Que queria Cesário saber do mundo?

Duas ou três vezes por ano, recebia cartas com notícias de Mariana, Pedrinho, Chico, Tônio e Urbano. Eram gente da cidade, esses irmãos mais moços, que ele ajudara a embalar nos longes tempos da infância, em que o velho Capistrano suava no trabalho como um mouro, para dar conta da ninhada de filhos.

Não lia jornais. Soubera da Grande Guerra por ouvir dizer a um padre que lá andara a batizar e a casar. Falaram-lhe da revolta de 22, no Rio, de 24, em São Paulo. Que lhe interessava o Rio de Janeiro, tão longe, ou São Paulo, igualmente distante?

Nunca vira o cinema, nunca lhe passou pela cabeça que existissem inventos modernos.

Cesário adaptara-se de tal forma à vida dos calús que se espalham, desde Xiririca a Apiaí, e desde Itararé à Serra de Paranaíacaba, que a alma das populações se apoderou dele e o penetrou até ao fundo.

Uma enorme estrela cadente riscou o espaço. O tenente Gilberto exclamou:

— Em todo caso, a vida é bela.

E Gruber acrescentou:

— Tudo funciona, na Sociedade, de uma maneira perfeita.

* * *

Ao despedirem-se, Gruber e Teodorico foram levar o magistrado, que sentia o estômago inchado e dolorido.

Teodorico principiava a se interessar mais vivamente pelo Gruber, pela sua atividade, pela sua filosofia irônica. Como ele, Gruber jogava com os homens, sorrindo. Parecia não alimentar escrúpulos. Era cruel e cínico. Uma capacidade notável de agremiar, de embulhar, distinguia-o invulgarmente.

Gruber parecia um demônio brincando com os pecados dos homens.

A “Associação Recreativa dos Chefes de Família” progrediu espantosamente. Contava mais de oitocentos sócios. Deixava longe o extinto “Bloco de Vivedores” do proletariado estúpido e inebriado pelo cheiro de sangue da luta de classe.

Gruber tornou-se uma força no bairro de Santa Cecília, onde os próprios chefes políticos já o requestavam.

Uma idéia genial fora o segredo do êxito. A “Associação” não realizava assembléias senão uma vez por ano: mas todas as semanas ia o convite aos sócios, para iludir as esposas. Para melhor facilitar (os confrades podiam ter encontros adulterinos em dias diferentes), deixava em branco uma linha, onde o interessado escrevia a data e a hora dos agradáveis pecados.

* * *

A notícia dessa facilidade correu de tal forma, que Gruber teve de fundar sucursais em Vila Mariana, Bela Vista, Jardim América e Perdizes. Foi então que o ex-maquinista desenvolveu uma atividade assombrosa, revelando aptidões de um homem de governo.

Os chefes da Capital já pensavam em incluí-lo na chapa de deputados, pois o louvável critério do P.R.P. foi sempre o da representação das maiorias, o respeito às massas. Solicitado, igualmente, pelo Partido Democrático, Gruber alegou a sua qualidade de estrangeiro e judeu. Disseram-lhe que não tinha importância. Mas a sua resolução era inabalável.

* * *

Não queria assumir atitudes ostentivas. Tanto que não aceitara o convite para tomar parte no Clube da Antropofagia, que combatia valentemente a sublimação dos complexos. Esse clube tinha uma significação notável como profilaxia. Varejava as almas e punha para fora todos os carnegões escondidos pela hipocrisia burguesa. O Gruber não aprovava a tática, porque representava, de certa forma, um curativo, e a sociedade deveria marchar com os seus tumores, suas erisipelas e sarnas recolhidas. Marchar (como ele dizia) naturalmente, sem manifestos, sem atitudes científicas ou alarmes de revoluções. Andavam errados, também, os "verde-amarelos", porque pretendiam sacrificar ridiculamente o homem no altar da Pátria, com recitativos coloridos de acentos cívicos. Em todo caso, aproximavam-se eles da doutrina do *Perfeito Culinário*, pois incineravam o homem, mas não lhe davam mercúrios de Freud para botar fora os treponemas morais; e as vítimas podiam comparecer com os pelos decentes, como os carneiros de Israel no Monte Sião. Lograva tal processo louvável alcance social, porquanto a filosofia e o método pedagógico (afirmava como um técnico) consistem em deixar que cada um apodreça à vontade.

— Por que evitarmos que esta civilização apodreça? perguntava Gruber ao stalinista De Moreyra e ao cunhado, Frei Chico, admirável no seu apostolado.

* * *

Gruber, no fundo de suas atitudes cínicas, de seus "palanfrórios" antipaticamente literários, era um revoltado.

Levava esse monstruoso segredo no recesso do coração.

Impotente para contrariar a marcha do mundo, aderira a ela, antegozando o prazer dos tombos e desmoronamentos em cataclismas imprevisíveis.

Lendo sempre, numa insaciável sede de saber, não conseguia aplacar a sua inquietação, a sua angústia. Avassalavam-no instintos em conflito e sentimentos em rebeldia. Chocavam-se na sua consciência um epicurismo despótico e um orgulho de renúncias integrais. Chorava em segredo, diante de infelicidades alheias. Comoviam-no os sofrimentos das criancinhas e o desamparo dos velhos, dos fracos. Irritavam-no o orgulho e a prepotência dos grandes, a injustiça que esmagava os pequenos. Tudo isso, porém, sepultava-se debaixo daquela sua máscara de cínico, do seu sorriso sardônico.

Sentia-se, muitas vezes, um confuso. De outras feitas iluminavam-no certezas sombrias, violáceas desilusões. Traduzia tais estados de espírito no desplante audacioso, através das acomodações a

que submetia o ritmo de sua vida. Agradando os poderosos, experimentava a sensação requintada de um sadismo rebuscado, ajudando-os a caminhar para a destruição de si mesmos.

Pois Gruber, ao conhecer o gosto amargo da vida, na sua infância dolorosa, na sua mocidade sem alegria, nos dias monótonos do pequeno belchior, nas longas semanas de prisão injusta, foi plasmando a sua máscara, que ficou, por fim, marcada pelos rictus de um sorriso permanente, que simulava esses contentamentos convencionais de carnaval. Foi assim que Mariana o conheceu. Ele era ainda muito moço. A namorada achou-o risonho, indiferente às coisas sérias; e isso constituía o eterno encanto da mocidade.

Casou: e o casamento, que seria, na sua idade, uma irreflexão de rapaz estouvado, representava uma necessidade de repouso de espírito, como as cordas benfazejas nos intervalos dos *rounds* exasperantes de uma luta sem tréguas.

Mariana era boa e simples, na sua candura e na sua pobreza. Lera, apenas, os romances de Pérez Escrich e de Montepin, e acreditava no amor como em Nossa Senhora. Era a gota d'água, que vinha nas pontas dos dedos de Lázaro, para refrescar a boca ressequida do mau rico. Junto dela, Gruber arrancava a máscara de sorriso perverso, para sorrir com alegria vulgar das pequenas felicidades. Pensava, muitas vezes, que, se lhe faltasse Mariana, seria, talvez, um demônio triste, ao passo que ela o tornava um demônio alegre. "A alegria é amável e santa" — refletia — "Até mesmo quando mata. Sou como a *cannabis indica*: faço rir aos agonizantes".

* * *

Ninguém diria, vendo Gruber, aventureiro de uma sociedade em dissolução, filósofo do comodismo e do adesismo, doutrinador das prostituições utilitárias que ele dizia salutares, e, agora, ídolo de toda a pequena burguesia, ninguém diria que o extraordinário *condottiere* vinha sendo roído por inenarráveis angústias e consolado por espantosas simplicidades.

Gruber era o espírito da negação. Entretanto, portas a dentro do lar, sentia o germem de uma afirmação, muito sutil, muito tênue, que irradiava à semelhança de uma luz suave. Essa luz é que projetava a sombra de Gruber, imensa, avassaladora, como a noite povoada de irônicos duendes, gargalhadas de corujas, vaias de grilos, sopros frios de morcegos.

Era a alma virginal da noite.

Que vasa a pupila do sol, para ter ânimo de penetrar na terra...

XII

A ÁRVORE PROIBIDA

Pedrinho cumpria a sentença, fazendo grandes tachadas de sabão, com outros condenados. Nas horas vagas, lia escondido os livros que o De Moreyra lhe trazia: obras de Lenine, Trotsky, Riazanov, Zinoviev, Rosa Luxemburgo. Pedira ao diretor da Penitenciária *A Origem do Homem*, de Darwin, compêndios de História Natural, de História Universal. Entusiasmou-o o desenrolar dos episódios da Revolução Francesa. Teve desejos de ler Rousseau e Voltaire, no que foi satisfeito. Pouco a pouco, integrava-se no ritmo violento do século. Meditava sobre a sua situação: achava tudo explicado nas teorias de Karl Marx. Não se conformava com os trinta anos de trabalho contínuo, de luta sem tréguas. Nem pudera casar. Os ricos eram até polígamos: pregavam moral aos trabalhadores, resignação e energia de espírito; e tinham muitas casas, muitas mulheres, muitos automóveis, e a sociedade e a família faziam a tudo vistas grossas. Ao passo que ele, Pedrinho, passara a vida como um burro de carga, empregando toda a força dos seus músculos de atleta na conquista desesperada da roupa, da comida e de um cantinho onde pudesse reclinar a cabeça.

Recordava-se de pormenores ínfimos: descomposturas de patrões; desprezo de gente bem vestida, que se afastava, quando ele sentava ao lado, no bonde; vontade inútil de comprar um objeto qualquer. Depois, a sua entrada como engraxador, na Sorocabana, sua áspera subida, até ao posto de foguista. Sempre triste e sempre só. O Gruber e a Mariana rodeavam-no de carinhos, mas a sua inquietude exigia vagas solicitações e estranhos caprichos atormentadores. Conhecera Elisa. Não tinha tempo, não tinha mais o esplendor da mocidade, gasto com os olhos na fornalha da sua máquina, voando sobre os trilhos, como um desespero em fuga. Suas reminiscências estavam povoadas de apitos e do resfolegar das locomotivas.

Via, em todas as estaçõeszinhas, multiplicando-se pelo território percorrido, namorados, casais, aos pares; a terra florescia perpetuamente numa festa gloriosa de amor. Nunca sentira, até aos 28 anos, o olhar agradecido de uma mulher. Pois se não tinha tempo para se deter! Pensava, sempre, que era necessário despende muito tempo e paciência, para semear, alimentar, ver crescer um amor. Os pobres só se casam por amor, e isso dá trabalho, não há dúvida. Compreendia os suicídios das costureiras e dos condutores de bondes, na perspectiva de perder a criatura amada. É que aquilo custou alguma coisa, o tempo perdido, a deformidade do coração, de tanto fazer força. Quando percebia que se esvanecera todo o viço e frescor de sua vida, Elisa deu por ele. Foram anos de suaves sofrimentos e esperanças consoladoras. E, agora, ali, encarcerado, é que vinha perceber as causas profundas da sua desdita. Era um espoliado. Nunca pudera ler, estudar, compreender. Havia, entretanto, uma luta em que deveria tomar parte, com revolta, com ódio, com toda a força do seu ódio. A sociedade estava dividida, irrevogavelmente. Seria inútil dissimular essa brutal separação que a batalha incessante agrava, como um Hércules rachando a montanha a murros...

Que forças acenderam o combate que lavra como uma labareda, sobre o desespero de todos os povos? Não foi, por certo a energia dos trabalhadores, mas a voracidade e a luxúria dos que compraram e venderam até à loucura.

Esses eram os pensamentos de Pedrinho.

Elisa vinha arrancá-lo deles, com infinita meiguice. Achava-o envelhecido pelo sofrimento, com alguns fios de cabelos brancos e rugas precoces. Apertava-lhe a mão, no locutório, trazia-lhe cigarros e biscoitos. "Faltam seis meses; faltam quatro; faltam três..." Um dia, trouxe a belíssima notícia: "Você foi elogiado pelo seu comportamento, me disse o Diretor; vai sair o seu perdão".

Pedrinho indagou se alguém havia pedido. "Que não; era o próprio Diretor que se interessava".

— Indague bem. Não. Eu mesmo vou indagar.

Elisa empalideceu, porque o Gruber, agora graúdo, intercedia pelo Pedrinho.

* * *

Conversavam sobre planos que arquitetavam. Pedrinho desejava trabalhar numa fábrica de sabão. Entendia agora do ofício. Até inventara umas fórmulas, sendo uma delas de grande alcance industrial. Iriam casar logo. Desta vez, Elisa trabalhava afobadamente

no enxoval. Regressando do emprego à tarde, passava as noites bordando e costurando. E cantava baixinho. De manhã, despertava-a o canarinho belga. Ela o suspendia à janela, com um afeto particular. Caminhava na manhã risonha como se não sentisse as pedras da rua. Toda ela vibrava de esperança. O espírito dominava-a, erguendo-a pelos fios finos dos instintos sublimados, como um punho forte que a levantasse pelos cabelos. Era a levitação deliciosa que dilatava os sentidos, transfigurando o mundo. A aura nupcial, que se aproximava, como uma aurora inebriante.

* * *

Pedrinho pôs-se a pensar que, dentro em breve, seria devolvido à vida. Mas sua boca amargava o gosto do fruto proibido. Ele abria, como os mensageiros da filha da Cobra Grande, da lenda tupi, o caroço de tucumã, que tinha a Noite na sua polpa, com os duendes das trevas e os rumores desnorteantes da escuridão. Os livros lhe ensinavam a origem das espécies, a luta em que venciam os mais aptos. Rousseau desvendava um mundo aos homens naturais, e as brochuras que De Moreyra lhe trazia mostravam como esse mundo era possível, se conquistado com ódio e com força. O que mais o atormentara no começo fora imaginar que Deus não existia. Desamparado pelos homens, examinava seus músculos de atleta, inúteis e humilhados. Era como um touro, arrastando uma carreta formidável de energia, aguilhoado pelas realidades, surrado pela chibata dos carreteiros, atormentado pelas moscas, míseras moscas, mais triunfantes na sua impertinência e crueldade do que a marcha de músculos retesos e passos elásticos de violência. A quem recorrer na desesperação das horas extremas, em que a injustiça dos homens mostrava os dentes caninos? Que sistema de compensações, para restabelecer o equilíbrio do mundo, oscilante de iniquidades? Tinha sido um puro, um humilde, comprimindo desejos; lutando bravamente, sem jamais conhecer a face alegre e dionisíaca da vida. Por que? E para que? Não passava de um animal; e essa era a lição que agora compreendia, de todos os poderosos, de todos os ricos, dos que se instalaram comodamente para assistir ao espetáculo complexo da luta diária. Pois todos os confortos não eram utilizados? Todos os prazeres não eram procurados? Todos os gozos não eram disputados? Alguém abria mão do bem-estar terreno? Só os grandes místicos o faziam, na sombra das renúncias absolutas. Mas essas atitudes de ascetas impediam que se construíssem palácios, que trabalhassem as fábricas de sedas e perfume, e que as vitrines resplan-

decessem para o insulto de todos os incapazes de adquirir? Os santos e os místicos afirmavam a existência de Deus mas os costumes negavam. A Grande Metrópole, no seu rumor pagão, negava, negava! Na sua luta, nas bolsas, nos bancos e no forum, negava! Nos seus hotéis e magazines, nos seus cabarés e nos seus teatros, negava! Nos seus albergues, nos seus bancos vagabundos dormindo sob a geada, negava! No conforto e no luxo de cada vestuário e do interior de cada palacete e de cada bangalô ou apartamento, negava, negava, negava!

* * *

Um sino pequenino cantou na manhã suave daquele domingo atormentado de Pedrinho. Escutou comovido, sentado na cama de ferro do seu cubículo. Só aquela voz afirmava, clara voz de bronze, de algum campanário distante recortado no azul do céu. Era um canto de metal, não era um canto de homem. As mãos que faziam vibrar o sino estariam, decerto, ansiosas pelo almoço ajantarado, pelo futebol domingueiro, ou pelo cigarro, que esperava ao lado, como um filósofo.

O metal falava uma linguagem estranha. A cidade despertava voluptuosa e lasciva. À saída das missas elegantes, *limousines* e torpedos aguardavam formosas *toilettes*. E aquilo tinha mais força de persuasão do que a voz ingênua do sino pequenino, que pulsava como um coração inconsciente no azul deserto, onde a torrezinha de arrabalde se projetava como um promontório.

Pedrinho envenerara-se com o fruto da Árvore Proibida.

XII

OS CHINELOS FILOSÓFICOS

O Gruber estava em Palácio, para falar ao presidente Penteado sobre o perdão ao Pedrinho, quando soube que a revolução tinha estourado no Sul e no Norte.

Na manhã seguinte, os jornais anunciaram que Minas, Rio Grande e Paraíba encontravam-se em pé de guerra. O sr. Washington Luís, porém, dizia serenamente ao sr. Humberto de Campos, que não acreditava, porque o câmbio estava firme. E o sr. Viana do Castelo publicava um boletim oficial, que o povo traduzia: "É uma canja".

* * *

Gruber convocou uma assembléia extraordinária da "Associação Recreativa dos Chefes de Família".

Demonstrou aos confrades que o dever dos que possuíam mulheres e filhos era não meter o nariz nessa guerra fratricida. Acima de tudo, a família. Cumpria assinalar que todos os que ali se achavam possuíam casas, terrenos ou automóveis e vitrolas; em conclusão: tinham o que perder. Muitos dos consócios eram funcionários, quer públicos, quer de empresas particulares. Pegar um fuzil, implicava arriscar, mais do que a vida, a colocação, a doçura do lar e os consolos inigualáveis dos parentes.

O prestigioso chefe ilustrava o seu discurso:

— Eu possuo umas pantufas forradas de seda, acolchoadas com penugens de aves. É azul escura e está ornada de bordados, que reproduzem pequenos Budas. Quando me sinto exaltado, minha mulher me traz esses notáveis chinelos e diz: "Acalme-se, Ricardo, e venha sentar-se aqui, para conversarmos". Então, todo o tumulto de minhas idéias se aplaca. Voltam às suas gavetas as imagens das

bombas de dinamite, os tambores dos revólveres ou os desaforos para as seções-livres dos jornais. Envergo meu pijama de flanela, calço as filosóficas pantufas, e compreendo o bom-senso dessa vida do lar, tão pródiga em ensinamentos salutareos. Essa vida nos ensina que não devemos nos opôr à marcha do mundo, mas acompanhá-la na retaguarda. E, em se tratando de forças militares, vejamos as que estão proximamente mais fortes, e entreguemo-nos como os hebreus tantas vezes o fizeram aos assírios e babilônios. Eis porque proponho aos chefes de família aqui reunidos, também aos que têm noivas, ou mesmo aos celibatários que velam pelo bem-estar dos gatos e papagaios, a aquisição de pantufas e de um pijama de cores suaves.

* * *

Sabendo desse discurso, o gerente da "Casa Alemã" anunciou, em todos os jornais, um grande estoque de artigos para cavalheiros, com estes dizeres:

A SEMANA DAS PANTUFAS E DOS PIJAMAS

Pantufas de seda, estofadas, com desenhos	25\$000
Idem, sem desenhos	19\$500
De veludo, forradas de seda	13\$600
De feltro, desde 8\$000 até	3\$000
Pijamas desde 200\$000 até	12\$500
Temos também chinelos de pelica, de tranças, alpercatas e sandálias.	

Preços de ocasião.

* * *

As discussões feriam-se cautelosamente intra-muros. Havia per-repistas que torciam pela queda do próprio partido e democráticos que torciam o nariz à luta armada.

Muitos comunistas eram legalistas e muitos católicos eram revolucionários.

Um bispo fez baixar um aviso ao clero, para que orasse pelas autoridades constituídas; outro deitou manifesto, abençoando as hostes revolucionárias.

E os trens partiam com soldados, deixando atrás os reservistas vestidos de atestados médicos e cartas de recomendação.

Estes apontamentos estavam no "Diário de um tímido", que fornecia mantimentos às tropas, a preços compensadores.

* * *

Gruber trabalhou ativamente naqueles primeiros dias de outubro. Vendia aparelhos de rádio. Através dessas "máquinas do progresso", os chefes de família poderiam acompanhar as diferentes fases da luta armada, com a vantagem de ficarem sabendo quem estava ganhando a partida.

Conquistou, assim, o prestante Gruber as simpatias dos elementos revolucionários e dos adeptos do Partido Democrático, que não cessavam de afirmar, nas palestras do Automóvel Clube, o "caráter nacional da revolução".

—Nada de bairrismo! dizia um desses respeitáveis cavalheiros. Porque, acima de tudo, está a Pátria. Deixemos entrar nossos irmãos brasileiros, que vêm derrubar a oligarquia paulista.

E olhou de um lado e de outro, porque havia espiões do P.R.P., gente do Martinho Cerveira e de Teodorico e os terríveis assecclas de Spadaroto.

A estes próceres, Gruber convenceu de que deveriam peregrinar pelas cidades paulistas, aliciando caboclos.

Íntimo, também, do Palácio dos Campos Elíseos, fez colocar à porta um livro para colher assinaturas de visitas e solidariedades (1).

Isso foi o suficiente para diminuir o número dos que lá iam levar boatos derrotistas e colher notícias frescas. Essa idéia valeu a Gruber, mais tarde, inscrevendo-se tão hábil manobra em sua fé de ofício revolucionária.

Tanto o P.R.P. como o P.D. viram rarear suas fileiras nesses dias apreensivos. As adesões eram em massa para a "Associação Recreativa dos Chefes de Família".

Gruber tornou-se, definitivamente, o grande personagem.

E, enquanto transcorriam as semanas nervosas de outubro, preludiando o glorioso feito do Rio de Janeiro que, em sua magnitude, deveria obumbrar a epopéia da batalha de Itararé, Ricardo Simon Gruber preparava-se, tecnicamente, para ingressar na História.

(1) O livro de visitantes constituiu, de fato, uma realidade histórica...

XIV

“ASSOCIAÇÃO FÓSFOROS DE SEGURANÇA”

Maranduba descia agitado as escadas das redações, reunia os amigos no Café São Bento, declamava, cheio de energia, a sua fé nos destinos do Homem.

Tinha agora o estímulo de um prestante aliado: o dono do bar onde tocava violino até meia-noite.

O Sr. Müller, de cabelo à *brosse carrée*, olhos azuis no rosto vermelho, era um teuto-catarinense à procura de alguém que o integrasse à Pátria Brasileira e ao mesmo tempo lhe fornecesse grandes idéias, que ele pudesse opôr aos que pretendiam fosse absorvido por uma Nação que, embora fosse a dos seus pais, não era a sua.

Nascido em Blumenau, jamais lhe deram escola onde aprendesse o idioma do Brasil, pois os germanizadores eram cabos eleitorais muito influentes. Os seus sentimentos eram brasileiros, mas a sua cultura inteiramente alemã. Recitava Goethe, lia Nietzsche, admirava Bismarck e as sinfonias de Beethoven. Adorava a música de Bach e as gravuras de Dürer e ouvia Wagner com prazer, embora às vezes o achasse muito barulhento. Tudo isso não conseguia, entretanto, remover de Müller a essencial brasilidade que ele bebera escutando os sabiás e tico-ticos e caçando pacas e tatús nas grotas de caetés onde a juriti chorava, ou cavalgando em burros chucros os sertões do Chapecó cheio de histórias de Sacis e Mulas-sem-Cabeça... O momento supremo em que se deu conta de quanto era brasileiro, teve-o na própria Alemanha, para onde o mandaram a praticar na arte de fazer boa cerveja. As suas idéias e sentimentos chocaram-se com o racismo nazista que principiava a despontar dos escombros da Grande Guerra, com marchas de camisas-caqui e propaganda do arianismo a qual proclamava as excelências da super-raça anglo-ianque-escandinava-germânica. Achou aquilo uma limitação em de-

trimento do espírito de universalidade dos povos do Novo Mundo. Os comunistas tentaram atraí-lo, mas o seu individualismo sul-americano reagiu contra o sistema que transformava as pessoas em peças de máquina. Zangados, os marxistas denunciaram-no aos hitleristas como suspeito de consagüinidades israelitas e, para escapar à sanha dos primeiros e às ameaças dos segundos, retornou ao Brasil. Montou cervejaria em Curitiba, transferiu-se depois para São Paulo, armou tenda na rua Líbero Badaró, com cinquenta mesas pretas, barris de chopes, balcão de lata, onde um bávaro rubro cortava losangos de pão negro a pinceladas de mostarda e valsas da orquestra empoleirada no palanque do piano e cartazes que anunciavam Strauss e as "Saudades de Matão".

Uma noite, ouvindo a doutrina de Maranduba, que foi direitinha à sua ansiedade de homem renegado pelos brasileiros por causa da língua e renegado pelos alemães por causa das idéias e sentimentos, exclamou com o mesmo grito que deveria ter saído da boca de Colombo, ao descobrir a América:

— Mas o senhorr é uma grrande homem!

E começou a interessar-se vivamente pelas prédicas do filósofo.

O Sr. Müller sentia necessidade de se apaixonar por alguma coisa grandiosa. Um desgosto profundo o avassalava: Maranduba falava muito, e falava mesmo bonito, mas não fazia nada.

Desde muito, o cervejeiro observava faltar uma coisa no Brasil: organização. Não havia o espírito de ordem, de método, como também não havia capacidade de agir, de transformar sonhos em realidades. Ouvia muitas vezes os seus clientes dizerem entre si: "Desta vez o negócio será feito". Outro perguntava: "Quando começamos?" Respondiam vagamente: "Amanhã". Na noite seguinte, os mesmos comensais diziam: "Hoje não é possível, mas no próximo sábado começaremos". Em todas essas palavras, havia falta de convicção.

Éramos um país de descrentes. "Não vale a pena", afirmavam uns; "Isso não vai adiante", doutrinavam outros; "Se tivéssemos cem homens como nós..."; "Se os homens do governo tomassem a iniciativa..."

Por que faltava a esse povo a capacidade de crer e de agir?

Müller tinha a obcessão das coisas grandiosas, das empresas gigantescas. Ouvindo Maranduba falar a um grupo de rapazes, não se conteve e exclamou: "Carramba! Ali está um homem!"

A pronúncia de Müller era execrável, toda gutural e trocando os tt e os dd. Não a reproduziremos com exatidão, para não fatigar

o leitor. Apenas deixaremos, nos diálogos, as marcas mais expressivas.

* * *

Maranduba explicou ao Müller a sua concepção da “vida heroica”. Despertar no homem a “unidade criadora”:

— O senhor, por exemplo, é um comerciante, tem uma perna de borracha, toma chopes e dá murros na mesa quando fica entusiasmado; mas acima do comércio, da perna, dos chopes e dos murros, existe Müller, que nada tem a ver com essas coisas. Pois bem: Müller precisa realizar-se; precisa falar, agir, de conformidade com a “unidade criadora”, que é da mesma natureza da que vibra em mim e em todos os homens. Para conseguir isso, terá de dominar as complexidades, sem destruí-las. Quando todos assim fizerem, teremos isolado a “energia vital” e organizaremos a sociedade segundo a “idéia essencial”.

O cervejeiro escutou pensativo. Depois, deu um murro na mesa e berrou:

—O senhorr brrecisa fazerr um orcanisação!

2-28.14-16-19-012-3
* * *

Gostava de mapas, de plantas, de esquemas, de gráficos, de sinópses, de estatísticas, organogramas. Tudo deveria ser catalogado, classificado, fichado. O método, a técnica, a racionalização, os movimentos exatos, sem energias perdidas.

Levou Maranduba à sua casa, em Vila Mariana, tratou de esquematizar o plano do “gigante”, como chamava o violinista-filósofo. A primeira preocupação foi procurar um nome para a “organização”.

— Famos, senhorr, gue nome escolhe?

— Eu receio, disse Maranduba, que o nome absorva a idéia. A idéia é o absoluto; os nomes são relativos. Eu proclamo a unidade criadora, a energia essencial, a afirmação da essencialidade, a alma intangível do Homem e da Nação. Ora, não há palavras de sentido absoluto; todas são unilaterais.

Müller ergueu-se e disse:

—O senhorr é um gênio e os gênios prrecisam ^{de} auxiliares prráti-cos. Porr favorr, acenda sua cigarro. Eu risga a fósforro. Não perrca tempo com insignifigâncias. Não se preocupe com goisas inferriorres. O senhorr é um gênio. Sua serviço é pensar. Pense. Dê-nos itéas! Dê-nos itéas! Suas discípulos botam na ezeção. Dico-lhe agorra

*- pronomes e artigos invertidos: gen. fem. x masc.
- verbos transitivos incl. sem a preposição.*

que já penetrei a ezência da seu prrotichosa doutrina. O seu orcação deve terr uma nome.

Maranduba interveio:

— Só se for um nome que não exprima nada, para não afetar a idéia fundamental.

O cervejeiro bateu com o indicador na testa. E propôs:

— Aqui temos este caixa de fósforros. A nome bode sairr daqui
Maranduba leu:

“Companhia Fiat Lux
Fósforos de Segurança
com parafina
Marca registrada
Refratários à umidade”.

E disse:

— A palavra “parafina” não me agrada; “fiat-lux” pode prejudicar a idéia absoluta; “marca registrada” é muito comercial; “refratários à umidade” dá a entender que somos pela lei seca. Resta “fósforos de segurança”.

— Eureka! exclamou Müller. A nome bode ser “Liga Fósforros te Segurança”...

— Não, retrucou Maranduba. A palavra Liga é dúbia. Tanto pode significar uma operação química como uma presilha de meias. A idéia essencial deve ser dissimulada por palavras que nada digam, por isso escolho “fósforos de segurança”, mas a organização, pelo seu caráter accidental, deve ter um nome que exprima alguma coisa prática. Prefiro, portanto, “associação”.

Müller tratou logo de redigir os Estatutos, mas Maranduba se opôs.

— Nada de Estatutos; enquadrariam e sufocariam a “idéia essencial”.

O cervejeiro concordou dizendo:

— Sou uma burro...

E começou, então a organizar o quadro dos “marechais”. Tinham estes por fim recrutar adeptos, fazer a propaganda. Os “generalissimos” se incumbiriam de pagar as despesas.

* * *

Fundou-se uma casa editora, que poria em circulação as obras do “gigante”; um “regimento de bombas”, que se incumbiria de

rachar a cabeça dos que tentassem agredir Maranduba; o “senado retórico”, do qual fariam parte os oradores e articulistas partidários da “unidade criadora”. Adotou-se um uniforme, que consistia apenas de um chapéu de aba quebrada na testa, presa à copa por um alfinete que trazia o símbolo da organização: uma caixa de fósforos. Maranduba achava algo ridículo o uniforme e tinha receio de que ferisse a “idéia essencial”, porém tranqüilizou-se refletindo:

— Onde termina a teoria, começa a prática? Isso nunca poderemos discernir, se nos deixarmos absorver pelos relativos. Quando digo: existe a “concepção exata”, bem sei que jamais poderei atingi-la; mas a sua procura, que é a finalidade da vida, representa a libertação incessante das relatividades. Essa libertação exprime a “vida heróica”, nobilitadora do Homem e das Nações.

O cervejeiro tomava nota num caderninho. Não queria perder uma palavra daquele louco sublime. Resolveu contratar um taquígrafo para registrar as palestras de Maranduba. E Müller tinha razão, quando dizia:

— As gênios atinchem os sublimes quando se distraem nos palestras íntimos. Esses páginas nunca foram escritos...

* * *

Ficou assentado jamais publicar-se o retrato de Maranduba em jornais ou revistas. Impressionara ao Müller a baixa de nível que sofreu o Mahatma Gandhi, depois que mostrou as suas pernas magras, a sua cara de salame defumado, ao mundo ocidental, viajando com as suas cabras, desde Marselha à Conferência da Távola Redonda em Londres. Combinou-se ainda que, quando Maranduba tivesse de falar à multidão, trancar-se-ia numa câmara impermeável e emitiria a sua voz por um canudo, ou alto-falante. Tais idéias eram absolutamente práticas, porque Müller notava que os grandes homens não devem ser vistos, para se prestigiarem pelo mistério. Que diriam os maldizentes se soubessem que o “gigante do pensamento” não passava de um violinista de cervejaria? O vendeiro da esquina, o barbeiro, os antigos patrões de Maranduba sorriam com incredulidade, dizendo: “Já o conheço! Que tem esses sujeito mais do que os outros? Quem não te conhece que te compre!”

Homem prático, Müller sabia que os gênios devem se apresentar como criaturas monstruosas e que todo o seu magnetismo se esvai, se o encontram tomando garapa ou comprando cem gramas de mortadela. Esses monstros não têm o direito de usufruir as coisas co-

muns que os homens usufruem. Devem viver uma vida à parte, arcando com o imenso infortúnio do prestígio e da glória.

De fato, logo nos primeiros dias da organização, Müller dera um passo em falso. A um doutor que bebericava o seu chope, o cervejeiro disse:

— Está vendo, senhorr, filinista, aquele que passou agora o mão pela cabelo? É um sucheito extraordinário.

— Toca bem, respondeu o doutor.

— Não é isso, disse Müller. Aquele sucheito é uma penzadorr, uma colosso; desgobriu o “unitate crriadorra”...

— Em que escolas andou na Europa?

— Nunga foi à Eurropa.

— Quem o elogiou? Os jornais falaram dele? Já ocupou algum cargo? Por que toca violino num bar, se é tão importante? E por que toca tão mal?

Müller nessa noite chamou Maranduba:

— Não querro que senhorr toca mais fiolino.

— Estou despedido? perguntou o autor da “energia essencial”, pensando já em arranjar outro emprego.

— Não, senhorr Marranduba. O senhorr ganharrá sem toca goisa nenhuma. Prreciso de um professor para me ensinar língua prrasileira. Estou cansado todos pensarrem sou alemão. Senhorr ganharrá mesma ordenado.

* * *

O cervejeiro começou a fazer grandes despesas. Comprava quilos de papel almaço, caixas de penas, bojões de tinta, que levava carinhosamente à casa do “gigante” pedindo desculpas se o interrompia nas grandes meditações. Abriu uma conta numa tipografia de onde saíam folhetos, opúsculos impressos de variadas espécies, da “Associação Fósforos de Segurança”. Aumentou o ordenado aos garçons para que se convertessem à “idéia absoluta”. Distribuíam cerveja gratuitamente a soldados, operários, estudantes, para que prestassem um pouco de atenção à “grande filosofia”. E vendia fiado aos intelectuais para que rendessem homenagem ao “pensamento intangível”.

Seguindo à risca as prescrições práticas de Müller, Maranduba referia-se sempre a um “chefe”, cujo nome seria revelado, logo que triunfasse a doutrina da “vida heróica”.

— Nosso país possui uma alma, dizia, que não foi ainda revelada, porque só a “vida heróica” revela as personalidades. Eu amo

essa alma brasileira, que eu senti na minha infância, quando escutei, no realejo do cego, o Hino Nacional. Precisamos libertar essa música dos realejos, para que ela exprima a unidade da Pátria.

Apesar de todos os esforços, os discípulos eram poucos, no vasto território da República. Os pensamentos de Maranduba andavam transcritos em todos os jornais. O seu nome, segundo a frase literária do poeta Japiassu Neto, "voava nas asas da fama", glorificado por toda a parte. Os que não conheciam suas obras, conheciam-lhe o nome. "É um nome nacional", dissera o próprio Zenóbio Duarte. Os adeptos sinceros, porém, eram bem poucos.

* * *

Numa triste manhã brumosa, estava Maranduba meditando sobre as dificuldades dos meios de comunicação nesses oito milhões de quilômetros quadrados da Pátria, quando o carteiro trouxe volumosa correspondência. No meio das cartas, chamou-lhe a atenção um envelope azul. Era uma ruidosa missiva do centro de Goiás, que dizia:

"Grande Mestre e Chefe. Daqui, no âmago da terra brasileira, acompanho a sua trajetória de astro de primeira grandeza. Sou guarda-livros de uma fazenda, próxima a uma tribo de índios "Carucas". Exerço um domínio completo sobre 2.000 flexas aguerridas, que eu evangelizo, segundo a sua doutrina, que é a do Homem forte e triunfante. A falta de profissão dos selvagens, o seu desprezo absoluto por qualquer espécie de roupas, tornam-nos capazes de pairar acima dos "relativos" e dos "complexos", atingindo a concepção absoluta da unidade dinâmica. Aqui estou, com as 2.000 flexas, pronto para dar a própria vida pela causa suprema de Maranduba, única salvação da Pátria Brasileira. Vejo aqui, excelso guia, o seu busto atlético, sua face titânica, seus músculos de Hércules, sua voz tonitroante. Em redor, as multidões vibrando nos grandes centros civilizados. Quem me dera derramar o meu sangue, só pelo prazer de vê-lo, ao menos uma vez!"

Assinava: *Antonio Piroga.*

Também um ex-senador escrevia-lhe de Juiz de Fora:

“Dr. Maranduba: tenho lido seus escritos e vejo neles inegável talento literário. É mais um rebento honroso da velha Faculdade de Direito de São Paulo, cujas gloriosas tradições de Álvares de Azevedo, Rui Barbosa e outros belettristas, se afirmam nos “novos”. O prezado doutor, em alguns pontos, é obscuro, mas tem originalidade e certa bizarria, que lhe não vai mal. Aconselho-o a que se chegue a um dos nossos políticos em evidência; poderá brilhar como secretário de um deles, e até chegar a atingir lugares de confiança, como oficial de gabinete”.

Müller examinou as duas cartas e disse:

— Não acho utilidade prática nem na primeira, nem na segunda. Os índios Garrugas estão a 400 léguas, e não vejo possibilidade de se locomoverem a frente de Birroca, que ficarrá por lá escurturando gontas gorrentes. Quanto ao ex-senador, é uma peste. Mas, não tezanime bor gausa tessas gartas. Prosicamos gom odimismo e gom método.

Maranduba, pequenino e ágil, sentia-se orgulhoso com a descrição de seu físico, feita pela carta de Antonio Piroga. E sorria, pensando como todas as doutrinas anteriores à sua eram relativas. A de Buffon, por exemplo, falhava. O estilo não era o homem.

* * *

Quando rebentou a revolução de outubro, Müller comunicou a Maranduba que possuíam 9 discípulos: um no Amazonas, outro em Goiás (o Piroga), um em Pernambuco, um no Ceará, um em Paraíba, um no Acre, um na Bahia, um em Piauí e um em São Paulo (ele, Müller). A esquadra dos “bambas”, armada de cacetes e navalhas, tinha três combatentes efetivos, remunerados a 200\$000 cada um. Os bugres de Piroga não poderiam vir, em hipótese alguma.

— Nestes gontições, concluiu Müller, como homem prático, benzo gue tefemos lantçar uma manifesdo brroglamato o neudrralitate to “Ação Fósforos te Zecurranza”. Acuartarremos a nosso crrante tia.

Então, Maranduba, erguendo o braço para o alto, o indicador espetado disse:

— É preciso fé. É preciso coragem, otimismo, força de afirmação do Homem, confiança na Pátria, certeza num futuro melhor. Apelo para as forças obscuras da “unidade criadora”, que está vigilante sobre as complexidades.

A taquígrafa, não perdia uma palavra. Com seus grandes olhos negros, parecia olhar Maranduba, assombrada.

O filósofo concluiu:

— Pairemos sobre os beligerantes, porque cada um está com um pedaço da verdade, havendo muitos outros pedaços, que deverão ser arrecadados no futuro. Sejam fortes e serenos.

XV

O CAVALEIRO DE ITARARÉ

Ofuscava a cintilação das estrelas.

Cesário, ao passo lento das mulas, ia pitando um cigarrão de palha. O tenente Gilberto seguia-o em silêncio. Gostara do velho carapina-agricultor, que o guiava pelas campanhas onduladas do Paranapanema.

Era outubro.

Subia da terra o cheiro vegetal e o bafo amável das primeiras canículas. Na noite suave, a quietude absoluta das montanhas e das várzeas parecia um êxtase diante do céu. E as constelações, a Via-Látea baixavam tanto, abafavam tanto, que a paisagem noturna como que se agachava esmagada pelo esplendor sideral.

A palpação dos astros tinha intenções sutis.

Alfa e Beta chispavam fagulhas. As Três Marias rutilavam como botões de farda. O Cruzeiro faiscava dominador. A Ursa desenhava-se geométrica. E todas as estrelas, todos os planetas tinham descido atropeladamente sobre a noite, como um jorro d'água num cântaro preto.

A estrela enorme, que surgira no zênite, caminhara para leste, e agora, entre a galharia de um pinheiral, dava a impressão de um incêndio de labaredas brancas.

O tenente Gilberto ia fazer funcionar o rádio, que montara na semana anterior, em casa de Cesário. Faltara um acessório qualquer, que tinha ido buscar em Itararé. Viajara nessa tarde de automóvel, até próximo a Itaoca, e prosseguira, indo encontrar Cesário, já noite, com os dois burros arreados, junto a uma vendola próxima ao ribeirão dos Criminosos.

- Maravilhoso!
Cesário benzeu-se.
— O senhor não tem medo daquele bicho?
— Que bicho?
— É o Boitatá. Quando compadre e comadre casam, eles viram aquilo.

* * *

O relógio de Gilberto marcava meia-noite. O ritmado trote dos burros despertou a voz de água espadanada de uma lagoa dormente, escamada de constelações. As ferraduras faiscavam no pedregulho da rampa. Galgaram a colina, avistaram o largo descampado onde ficava o sítio de Cesário, marcado pela luz vermelha da casa distante.

— Mas você acredita em assombrações, nhô Cesário? Nem parece que esteve na escola, que já morou em São Paulo e Curitiba.

— Pois nas cidades grandes também não tem? Eu estive numa sessão espírita, na Penha, quando menino. A coisa existe. Já ouvi contar muitos “causos” destes sertões.

Passaram por uma capelinha e Cesário disse:

— Aqui, os bugres mataram três sujeitos. Nas quartas-feiras, dia em que o fato se deu, aparecem as almas dos tais, pedindo perdão pela morte de cento e tantos índios que liquidaram à carabina. A coisa é verdadeira. O senhor não acredita no Saci?

Gilberto retrucou:

- Histórias, nhô Cesário.
— E as almas perdidas?
— Ora!

Prosseguiram quietos. O panorama negro rasgava-se amplíssimo, como os rebordos de um imenso prato. As florestas de araucárias silhuetavam em trechos do céu que ardia num esplendor lactescente; pareciam, com sua linha reta, horizontal, de uma precisão geométrica, enormes terraços sustentados por milhares de colunas de bronze. A paisagem noturna era feita de traços retilíneos de nanquim, e a imensidão parecia mais imensa, parecia prolongar-se indefinida, abrangendo a carta geográfica do continente, que Gilberto evocava, pensando nas muitas estações de rádio, instaladas nos pontos mais remotos.

* * *

Aquela terra negra desenrolava-se desde os picos da Cordilheira dos Andes, até às costas que perlongavam os rumores do Atlântico,

das Güianas ao Uruguai. Incomensurável bloco de treva solidificada, conduzia, como um elefante pesado e preto, o tesouro das constelações do opulento hemisfério.

Era um cenário de tragédia.

* * *

Gilberto configurava todos os pequeninos dramas dos rincões multiplicados de agrupamentos, que se isolavam, perdidos entre a terra e o céu. Segmentações humanas, acompanhando o curso dos rios, bordejando as montanhas centrais, apertando-se nas grotas, diluindo-se nas várzeas, disseminando-se pelos descampados, agregando-se em freguesias e capelas, pontilhando as margens das estradas e dos caminhos; e as choupanas, os ranchos, as taperas, os abarracamentos, as tavernas. Navios-gaiolas em pernoite nos rebojos das caudais; carros de bois cantando; tropas de burros, rumorejar metálico de guisos e cincerros, por milhares de veredas, de trilhos, de picadas, ao clarão das estrelas. As lareiras nas solidões infinitas, a conversa dos carreteiros e tropeiros, violas gemendo, urucungos de negros em macumbas.

* * *

Esse o Brasil, onde, à sombra dos mandacarús e samambaias, celebra-se o ritual primitivo dos cangerês, resmungando o responso misterioso da noite. A alma dos sapo-bois, das corujas insones de olhos verdes e vítreos; as tochas das pupilas dos grachains rastejantes pelas capoeiras e das jaguatiricas em vigília. Nas florestas amazônicas, os baques de esbarrondamentos de barrancos desbeijados e moles, urros escachoantes sobre o guaíar numeroso das águas. Nas campanhas, nos planaltos sertanejos, vozes de rezas guardando defuntos, feitiçarias pelas tocas e recôncavos. Cigarros acesos em sentinela, por trás de tocaias armadas para a caça ao homem, a balázios de trabucos.

Pelas pastagens de todo esse vasto território, soltam o gado, a cavallhada, rebanhos de muares. As canoas dormem nos remansos. Os riachos se encachoeiram nos paris. As enxadas cochilam ao canto das choupanas. E há viajantes que transitam em todas as direções, em todas as estradas. As aves noturnas vão à frente, pousando no chão poeirento, alçando o vôo que assusta os animais. Coleiam cascavéis e urutús pelos cerrados, atravessam os caminhos. Miam as suçuaranas nas matas virgens; urutaus-barítonos cantam como cô-

negos, na treva, sobre os quinhentos instrumentos batráquios, de pífanos, tamboris, contra-baixos e caixas surdas. Berram curiangos apavorados. Ululam jaguapevas agoirentos nos terreiros e nos currais de todas as fazendas, ao redor dos povoados, nos átrios desertos das pequenas matrizes, com o cruzeiro negro, a escada e a lança. As sombras das árvores, os perfis das pedreiras e dos capoeirões formam figuras exóticas de frades, sombras de sacis-pererês. E quando o luar aponta, desenham-se nos barrancos fantasmas vestidos de lençóis e longas redes de defunto espaventando os passantes. O lobisomem rodeia cauteloso as casas. O Curupira bate o cachimbo no interior das matas. O Boitatá dilata os olhos de labareda.

Pajelanças, bruxedos e pembas. Negros, mulatos, invocam liturgicamente a Xangô. Caboclos oram a Nossa Senhora, mãe de todos os brasileiros, que tem capelinhas silenciosas nos arraiais. Pequenas Santas-Cruzes de pau a pique, dos banhados ermos, dos espigões soturnos, com sua porta gradeada, suas plantações de dalias e sempre-vivas, seu altazinho armado de flores de papel, arrepiam os cabelos dos passantes, porque ali se acoitam as almas dos que morreram de faca, às portas das vendas, e de todos os que desapareceram no sertão, sem ninguém saber como.

E os vastos casarões das fazendas são também mal-assombrados. Histórias de tesouros enterrados: dobrões de ouro dos tempos de D. João V e de D. João VI. Narrativas de maus senhores de escravos, que ensangüentavam os negros nos troncos.

* * *

Brasil das noites de estrelas.

Resmungante. Funerário. Entorpecido no isolamento. Com amuletos, bentinhos, oratórios e palma benta. Cruzes de madeira nos terreiros. Orações pregadas atrás das portas. Panos pretos nos batentes marcando mortes. Encruzilhadas com fantasmas. Capoeirões assobiando angústias de sem-fins e a tristeza desconsolada das pombas-rolas.

Gilberto recordava as histórias de enforcados, de sepultados vivos, de esfaqueados e baleados, e o execrável "corpo-seco", atirado no recesso das grotas, que cavalgava à garupa do cavaleiro temerário de horas mortas.

E aquilo tudo era o Brasil imenso e trágico: engenhos, fazendas, sítios, chácaras, igrejinhas, vendolas, arraiais. Cultura, pastagens, em todas as direções, nas clareiras de léguas das matas abertas pela violência das queimadas.

Havia uma unidade tão absoluta em tudo, que Gilberto tinha a impressão de que o tropel dos animais que ele e Cesário cavalgavam, retumbava em toda a carta geográfica, integrando-se nos rumores vagos e soturnos da noite nacional.

Cesário perguntou-lhe:

— O senhor já ouviu falar no Cavaleiro de Itararé?

* * *

A Terra estacou na noite. Todas as casas estão fechadas, de luzes mortas. As enormes cabeças das montanhas estão atentas ao mínimo rumor. Com fisionomia de gente: calvas e redondas, altas e magras, guedelhas eriçadas.

Os pinheirais se alinham na cumieira do horizonte preto, como um exército em marcha silenciosa, sem rumo. Desdobram-se as léguas mudas, nos planaltos, nas várzeas mudas.

As casas se encolheram como cães que se enrodilharam adormecidos no pavor.

As árvores estão escutando. E os barrancos, e as águas dos córregos e dos ribeirões, que andam na ponta dos pés.

Orelhas de pau resinosas, sensíveis, nos troncos decrepitos. São orelhas de goma, que perscrutam as trevas.

Caramujos escutam. Basaltos negros abrem tocas de pacas, para ouvir bem. Barrancos atentos descerram buracos de tatus, de lagartos astutos, para escutar. Casas auriculares de Joões-de-Barros, curiosidade auditiva de orifício de cupins altos de saúvas. Tudo escuta.

O caboclo reza o “Creio em Deus Padre”.

* * *

Então, longínquo e indefinido, ressoa o estrúpido aziago.

O vento parou, como cautelosa patrulha. As estrelas estão suspensas. O panorama atônito aguarda o estranho viajor.

* * *

Cresce o tropel.

Agora é nítido, é um galope distante.

Tem um ritmo uniforme, de escala progressiva.

Cadência de pancadas, na terra oca. Sentem-se bem os cascos do potro, golpeando o chão no galope.

O caboclo persigna-se, cotuca a mulher com o cotovelo e segreda:

— Escute!

Ela treme de pavor:

— É “ele”, decerto...

* * *

E as roças estão plantadas! A porcada engorda, mascando pinhões debaixo das araucárias! As vacas e bezerros estão nédios! As galinhas se multiplicam! Os cavalos brilham lisos! Os cães saudáveis!

Ai!

E se acontecesse como ao vizinho, o Zeca Borba, que ouviu a voz sinistra, e que abriu a janela?

Deixar ao relento um filho de Deus é decerto mal feito e traz castigo, mas, abrir uma frincha ao lúgubre passante...

* * *

Avulta o rumor da cavalcada. Os cascos do ginete soam já como tambores em acelerado. É uma carreira vertiginosa na treva. Não são mais reticências longínquas, pontilhando as léguas infinitas do desolado sertão; são pontos negros, que crescem, como bolas de ferro pesadas, numa atroante multiplicação de ecos, que respondem retumbando na amplidão.

— É ele! É ele!

Sim; talvez seja ele mesmo, o azar das solidões, a caipora que arrasa, a alma triste do mato fechado; ele, o espírito dos juruparis e dos anhangás, o fantasma dos panoramas negros das araucárias, dos largos planos soturnos...

* * *

— Ao menos se cantasse o galo! exclama a mulher tremendo. Porque, somente os cantos dos galos, que anunciam a madrugada, afugentam a aparição maléfica.

Os galos, porém, estão silenciosos.

* * *

Pois não é chegada ainda a hora de cantar!

* * *

Por que dormem os galos? Por que não acordam, para chamar violentamente a madrugada?

De certo a estrela d'alva trará aos caboclos uma esperança do dia que irá romper. E a esperança é tão forte, que espaventa os pavores, e reanima, e vivifica os timoratos.

Pois que é tão longa a noite, será forçoso esperar, com os cabelos arrepiados, o abantesma que traz consigo todos os filtros da desgraça?

* * *

E os galos dormem tranqüilos, quando o seu dever é estar em vigília, porque são as sentinelas da noite e o seu canto é a única voz da vida, na hora em que tudo parece morto!

— Ai! Se ao menos os galos cantassem...

Certamente, que nasceria uma grande estrela, como um grito de sol na escuridão. Certamente que cessaria, como por encanto, a calvagada fúnebre...

* * *

Súbito, como um coração que cessa de pulsar, estaca o viajante sinistro. Parou, por certo, junto à porteira, ou na estrada, que passa a duzentos metros. Parece que alguém gritou:

— Ó de casa!

Um desejo irresistível de abrir a janela, e espiar, avassala o caboclo. Trêmulo, os cabelos eriçados, leva a mão à tramela.

Tudo é deserto e negro.

O silêncio de pedra.

O pavor das árvores e das montanhas hirtas.

Nada... e nada!

Foi o Cavaleiro de Itararé.

* * *

Na manhã seguinte, os porcos morrem de peste; os bezerros succumbem de carbúnculo; o cavalo está sangrado pelos morcegos; o cão foi morto por uma cascavel; os caetetus deram no milharal. Vem a maleita e derruba o marido; vem um aborto e quase leva a mulher. As vacas atolam no brejo. Cessa a chuva, estorricam as roças de feijão. Os credores humilham. Os amigos fogem.

Abrira a janela para a treva, para o vácuo, para coisa nenhuma. Entrara-lhe, pela frincha, o infortúnio, a amargura.

E aquele tropel? Aquele imenso galope, que estrondava no espaço, como se fosse, realmente, alguém?

Era o Cavaleiro de Itararé.

* * *

Cesário tremia de pavor, ao falar do duende misterioso. Nada o horrorizava tanto. Aquela história vinha repetida em todas as bocas, à beira do fogo. Diziam que um dia alguém haveria de ver o sinistro Cavaleiro. Então, o fantasma perderia o encanto maléfico. Nessa noite, muitas pessoas o veriam. Em todos os sertões e até nas cidades. O retumbo da sua galopada ecoaria de tal maneira, que seria como um tremor de terra.

Cesário arrepiava à idéia de que fosse ele, naqueles sertões da Ribeira, o homem que devesse ver o Cavaleiro de Itararé.

XVI

A TERRA FALA SONHANDO...

Na casa de Cesário tinham se reunido vários compadres para ver a maravilha. Gilberto dissera que o aparelho permitia ouvir o que se falava no Rio de Janeiro, em Paris, até na Bahia. A calpirada duvidava. Foram erguidos dois mastros, ligados por um fio. Instalou-se a caixa metálica, ao canto do oratório. Elesbão coçava a barba rala: "Não querdito!" O preto Vicente, com um porretinho lustroso e um saco ao ombro, resmungava: "Hum-hum! gente branca é do diabo!" Nhá Quita perguntava se não era pecado. Seu Lotério, prosa e queima-campo, nos seus setenta anos e o velho orgulho de uma viagem a São Paulo, em 1891, afirmava que aquilo era um "fernó-grife". Juntou gente para ver a coisa.

* * *

Gilberto procurou apanhar a onda. A noite fechara-se completamente, com aquela coruscante fogueira branca de estrelas, que pesava, opressiva, sobre as campanhas meridionais.

No silêncio do largo descampado, tudo parecia suspenso, para escutar a voz dos astros, que piscavam no firmamento negro.

O "Caminho de Santiago" era uma cerração luminosa sobre as manchas pretas de uma serpente esfacelada na cartografia viva e palpitante do céu austral.

Domínio absoluto dos astros, dos espaços infinitos, dos planos superpostos das grandezas estelares, na gradação das distâncias insondáveis.

O rumir rouquejante do aparelho pôs todos atentos, debruçados uns sobre os outros, os olhos perdidos na imaginação estupenda do

mistério. Gilberto girava os botões, graduando a sensibilidade do rádio, como um caçador em perseguição da presa invisível, imponderável e esquiua.

Descargas formidáveis de estática explodiam rumores de trovoadas, pipocar de metralhas. Uivos sibilantes entravam na pequena máquina, como um espírito maligno se apodera do organismo de um nevrosado. De repente, um assobio fortíssimo, agudo, dominador, passou de raspão, guinchando nos ouvidos assombrados dos caboclos.

— A onda! disse Gilberto, procurando, como um vaqueiro, golpeará-la no laço.

A calusada persignou-se medrosa.

— É espírito, disse Elesbão.

— É o Porco, opinou Vicente.

— E a tal fala? perguntou Cesário.

Gilberto disse:

— Vamos escutar Porto Alegre. Esperem. Prestem atenção, que vamos ouvir Buenos Aires.

Sintonizou a onda.

Um canto límpido encheu a noite. Parecia descer das estrelas, atravessar os éteres imperceptíveis e vibráteis das amplidões sem limites; voz de planetas, de errantes cometas, que dava a impressão de luminosidades, de transperências. Nítidas, emocionadas, as notas do piano eram como estranhas emoções transcendentais, soluços de mundos ignorados e incompreensíveis distâncias.

Todos ficaram pasmos e pálidos. Pelo retângulo da porta, adivinhavam o céu, as luzes indecisas no ar fluídico, o infinito diáfano — eterno lago de sons etéreos, imperceptíveis. Aquela voz descia, certamente, do turbilhão vaporoso das nebulosas. Era a vibração secreta de harmonias intangíveis.

Logo depois, uma voz grossa, com acento espanhol, pôs-se a falar. Nenhuma assombração sertaneja seria mais chocante, na sua precisão, no seu arrojo. Transmitia notícias da revolução brasileira. A mobilização no Rio Grande operava-se com entusiasmo. Os trens partiam normalmente rumo do Paraná, onde a guarnição aderira. Em São Paulo, embarcavam forças para Itararé. Minas Gerais rompia a ofensiva do Espírito Santo, Rio de Janeiro e fronteira paulista. As guarnições do Norte aderiram em massa. Havia movimentos de unidades da esquadra.

Gilberto escutava atento. Cesário perguntou como era possível saber o que se passava em tantos pontos diferentes. O jovem oficial ia explicando. Depois, graduou novamente o aparelho, pôs-se a es-

cutar as pancadas rítmicas que vinham de alguma remota estação clandestina. Eram sinais telegráficos. Anunciavam que os governadores do Norte iam caindo como cartas de baralho.

Procurou outra onda. Ela entrou como um golpe de vento sibilante. Sintonzou uma voz. Um oficial, do Rio Grande, falava a um regimento de Pernambuco. De Minas, numa onda que Gilberto colheu, diziam que o 12 resistia heroicamente. De Mato Grosso enviavam uma mensagem ao Rio de Janeiro. De Manaus falavam a Curitiba. De São Paulo à Bahia. E Gilberto ia vendo, mentalmente, as cidades que conhecia.

* * *

O Brasil conversava consigo mesmo.

Aqueles diálogos, no fundo, constituíam um prodigioso monólogo na imensa noite. Palavras de coragem, na defesa do governo, palavras de audácia heróica, na arrancada revolucionária. Uns diziam: "Acompanho". Outros retrucavam: "Resisto". A consciência do país estava bem viva e palpitante, na multiplicidade daqueles entendimentos, em que vibrava o complexo da alma nacional.

Vou.

Não vou.

Vou, não vou...

Quero; por que quero?

Combateamos; que combatemos?

Liberdade... talvez... glória... morte... a luta... a vitória... e depois?

* * *

Traidores, heróis, loucos, patriotas, opiniões multiplicadas, certezas, dúvidas, interesses mesquinhos e renúncias gloriosas, de parte a parte.

Cada cérebro, cada coração, era apenas uma idéia compondo o pensamento, o estado do espírito nacional.

E aquele rumor, nas asas imponderáveis, fugitivas, do rádio, parecia um inquieto resmungar da terra negra, que se estendia, com os pontos luminosos de suas cidades, pela orla do Atlântico, desenrolando-se pelas montanhas, planaltos e campos indefinidos, até ao Amazonas e as fraldas dos Andes, até aos charcos de Mato Grosso e aos pampas meridionais.

* * *

Gilberto caçou uma onda, que vinha do Rio Grande. Depois, virou-se para os seus auxiliares e disse:

— O capitão Urbano não quis vir.

— Estará com o chefe comunista?

— Não diz. Afirma, apenas, que esta revolução deverá ser seguida de muitas outras, e que espera a sua. Mas dá plena liberdade aos seus amigos.

— Os senhores falam do capitão Urbano Capistrano? perguntou Cesário.

— Ele mesmo, respondeu Gilberto. Fez toda a Coluna Prestes conosco e salvou minha vida no rio Jarinú.

— É meu irmão! contou Cesário, cheio de orgulho.

— E por que não disse antes? perguntou Gilberto. Dê cá um abraço, nhô Cesário! O Urbano é um valente e um bom. Não compreendo porque me abandona. Mas, espere!

Teve uma idéia. Fez funcionar o transmissor. E Cesário conversaria com o irmão.

O aparelho de Gilberto, era um tipo aperfeiçoado por ele mesmo e que vinha provocando a imensa curiosidade dos amadores de rádio da América do Norte. Urbano possuía um igual em Assunção. Com essas máquinas admiráveis poderiam ambos conversar, emitindo e transmitindo ao mesmo tempo.

Gilberto pôs-se a trabalhar, a bolir em parafusos e a abrir e fechar a caixa, com mil cuidados. Disse a Cesário o seu propósito.

— Será possível? exclamou Cesário. Isso parece o fim do mundo.

Gilberto lidou mais de meia hora. Por fim, gritou:

— Pronto! Urbano está no aparelho! Caramba! Ele pode mesmo transmitir a voz. Escute, nhô Cesário! E chegue aqui a boca. Fale, converse com seu irmão!

— Capitão Urbano! Quem fala é o tenente Gilberto, no sítio de seu irmão Cesário. Viva o Brasil!

A voz de Urbano entrou dentro da casinha humilde de Cesário:

— Boa-noite. Estimo que o tenente Gilberto tivesse boa acolhida na casa de meu irmão. Peço-lhe que o estime como a mim próprio. E Cesário, como vai?

Cesário estava de joelhos, chorando. O tenente Gilberto puxou-o:

— Fale aqui.

Ele disse:

— É você mesmo? Quase não acredito. Como vai você? Lembra quando eu fazia você gatinhar? Faz quase trinta anos. Eu sou um caboclo velho. De certo não verei você nunca mais...

— Está satisfeito com a sua vida? perguntou Urbano.
— Vai-se vivendo, como Deus é servido.
— Gosta da revolução?
— Não tenho nada com isso!
— Então é amigo do governo?
— O governo não presta, mas eu não preciso dele; ele é que precisa de mim para votar e pagar impostos.
— Pois eu não entro na revolução, disse Urbano.

O tenente Gilberto fez um apelo veemente durante cinco minutos. Urbano respondeu:

— Essa revolução entronizará o diabo onde estava o demônio. Porque é cega e sem objetivo. Um dia haverá o choque inevitável e, na atormentação profunda, a consciência da dor despertará a consciência da nossa Pátria. Antes disso, serão sacrificados todos os profetas e execrados todos os inovadores; os bons serão proscritos, os fortes serão humilhados pelos fracos astutos. Essa revolução vai ter, apenas, a utilidade de agravar todos os males.

* * *

Gilberto ficou desolado. Mas era forçoso caminhar, batalhar. Já agora, estava comprometido e não recuaria mais. Comunicou-se, depois com o Q.G. Revolucionário dando informes sobre a zona que acabava de ocupar.

Dormiu com a cabeça cheia dos despachos, das vozes, das mensagens, dos farrapos de vozes, de ritmos telegráficos, daquela noite.

Tudo aquilo era, realmente, como um resmungo da terra imensa do Brasil. Um clamor disparatado de frases aos pedaços, de retalhos de pensamentos, de idéias em trânsito, cruzando-se, à semelhança das estrelas cadentes no céu coruscante da noite sertaneja.

A Terra misteriosa, estendida, como se dizia na letra do Hino Nacional, “em berço esplêndido”, e “à luz do céu profundo”, cochichava, balbuciava, gritava, agitada, estremecendo sonambúlica. Algum sonho mau, um pesadelo, talvez o Cavaleiro de Itararé, que assombrava Cesário, perturbava o letargo desse grande país, que se espiçava, balbuciava, gritava, agitada, estremecendo sonambúlica. Algum lhado nas trevas noturnas, a cabeleira revolta das florestas amazônicas, o peito largo do planalto central, ressequido de estiagens, os pés unidos nas cochilhas do sul, na enorme noite de outubro, em que as estrelas ardiam como velas e o Cruzeiro fulgurava como numa imponente câmara mortuária.

XVII

OS IÔNIOS VIBRAM

Pedrinho obteve indulto com o compromisso de ir trabalhar como foguista na condução das tropas. Elisa via os trens partirem cheios de soldados, tinha pena deles porque deviam ser pais, maridos, noivos, namorados; sentia certo orgulho porque Pedrinho levava aquela gente, suando diante da boca escancarada da fornalha, como se fora o deus do fogo e da velocidade. Mas Pedrinho ansiava por deixar logo aquilo, meter-se na propaganda das suas idéias. Já não pensava muito no trabalho regular; tinha a impressão de que aquela sociedade em que vivia estava prestes a liquidar-se, para o início de uma nova vida.

* * *

Teodorico providenciava o abastecimento, indo e vindo em viagens ao Rio. O velho Inácio, pai de Elisa, trabalhava agora com ele, chefiando o movimento dos grandes armazéns de mantimentos que funcionavam sob as ordens de Zenóbio Duarte, posto em comissão naquele serviço, pelo Secretário dos Materiais. O Inácio mudou com a família para um sobradinho de tijolos nus, muito catita. E Elisa ficou também funcionária, secretariando o Zenóbio, trabalhando na cidade, numa sala ampla, onde havia vários auxiliares, máquinas de calcular, arquivos de aço e ternos de couro verde. Leve e ágil, andava de um lado para outro, com papéis nas mãos.

Teodorico já se esquecera dela; passara um dia pelo escritório, sem a ver, preocupado, a conversar com Zenóbio. Tinha a cabeça cheia de apontamentos e cálculos, orçamentos e propostas. Tornava-se necessário vigiar tudo, anotar tudo, a fim de que não sucedesse como em certos casos de outros tempos em que os desvios foram

escandalosos, através das intendências. Conquistava, dessa forma, as boas graças do governo, cuja amizade ele sabia adubar para que reflorisse em oportunidades felizes. Além disso, era um pedido de Martinho Cerveira, o prestigioso deputado, marido de Siloca e irmão da romântica Cíbele.

Uma vida complexa a de Teodorico: visitas ao Palácio, aperitivos no Esplanada, telefonemas de comerciantes, de políticos, de mulheres, e as noites em casa do Cerveira, sempre que podia.

As vezes, Teodorico bocejava, achando a vida uma coisa sem finalidade nenhuma, afinal uma boa coisa quando se trata de enchê-la, de qualquer forma, com preocupações ocasionais, complicações de negócios ou de amor, até com aborrecimentos. "Que representa a vida, senão um passatempo delicioso?" dizia para consigo, quando se estendia no divã, depois de um dia agitado. Preencher da melhor forma possível uma travessia de bordo, era o que se propunha nas suas viagens à Europa, ou aos Estados Unidos, que fizera duas vezes. Uns jogavam xadrez, outros cartas, outros liam romances; havia ainda a piscina, o baile à noite, o cinema à tarde; conversas, relações que se travam, festas que se organizam; corridas de cavalos de pau, concursos, cerimônias burlescas de passagem da linha equatorial. Alguns se entregavam ao flerte, outros ao jogo de discos, ou aos dados, com golezinhos de *whisky*, no bar. A finalidade do navio era, para todos, a mesma: chegar; mas a finalidade dentro do navio era matar o tempo. Diante da vida, Teodorico experimentava a mesma situação. Cumpria viver o melhor possível. A inação era o tédio. Por isso, agitava-se. Para que? Para coisa nenhuma.

Trabalhava, desejava ganhar muito dinheiro, acumular uma enorme fortuna. Para que fim? Acaso poderia comer, beber, dormir, fumar, amar, de uma maneira mais intensa e de uma forma melhor se dispusesse de mais recursos do que os que já possuía? A vida era-lhe uma caçada de sensações, ou uma luta qualquer, que poderia ser por uma coisa ideal, por uma coleção de selos, ou anotações de conquistas femininas.

Uns matavam o tempo com política; outros com mulheres; outros com cavalos. Alguns amavam a poesia e outros a pesca; e a lira e o anzol exprimiam a mesma tortura ou significavam o mesmo sedativo à mesma inquietação.

E isso tudo era a flor sem perfume da educação materialista...

* * *

Teodorico, apesar de tudo, bocejava algumas vezes. Conhecia o tédio. Suas vitórias tinham sido sempre tão fáceis, que lhe davam a impressão de partidas de bisco, ou quebra-cabeças elementaríssimos para crianças. Invejava, então, as dificuldades dos que lutam realmente, dos que nascem para a glória dos grandes combates com as forças misteriosas da sorte adversa.

* * *

Cândida e ingênua, Cibele, a declamadora, aborrecia-o pela facilidade com que se lhe dedicava. Era como o amor físico e lírico de Siloca erigida de ciúmes imbecis.

Teodorico, claro e pálido, de bigodes finos, sombreando-lhe o sorriso gentilíssimo, punha os olhos de uma luz úmida e negra, nos olhos castanhos, azuis, verdes, pretos, malva, de tantas adoradoras, que se multiplicavam nas brilhantes reuniões; e o amor lhe parecia tão ao alcance de suas mãos, que ele sorria, correndo para a mediocridade de Siloca, ou para o ceticismo alegre e ruidoso das *girls*, *muchachas* e *demoiselles* da errante vida boêmia das ceias e das champanhes sem responsabilidades.

Sua única decepção fora Elisa. E, por isso mesmo, aquela boneca ruiva o impressionara. Depois, esqueceu-se dela, achou certo sabor naquela derrota. Foi até uma revelação: percebeu que era um bom homem "como os outros", porque experimentara o prazer de uma negativa. Procurou mesmo, enquanto lembrou daquilo, proteger a moça e o noivo dela. Viu Pedrinho uma vez; disseram-lhe: "É aquele". O primeiro sentimento de Teodorico, vendo-o, foi de compaixão. A barba um pouco crescida, Pedrinho até se parecia com ele, Teodorico. Aquele modo de olhar e de andar... Pobre rapaz! Não era justo tomar-lhe a noiva. Que fossem felizes. À noite, despertando, Teodorico lembrou-se da figura de Pedrinho e da cabeça graciosa de Elisa. Experimentou um prazer esquisito, novo, em tomar a rapariga ao outro. Uma espécie de volúpia sádica, qualquer coisa como a maceração, a violência contra si mesmo, pois figurava-se no lugar de Pedrinho, para sentir a máguia dele, e aquilo parecia o garrotear de seu próprio coração, de suas carnes torturadas. Esses pensamentos passaram de galope e soterraram-se sob os escombros de mil impressões de renovadas aventuras. A idéia, porém, ressurgiu, uma tarde, rápida e cortante, pela cabeça de Teodorico, ao dar de chofre com os olhos em Elisa, no escritório do Abastecimento.

Zenóbio Duarte chamara-a para mandar datilografar uma fatura em que aumentava 20% nos preços para repartir os lucros com

o fornecedor. Ela veio, a blusa clara sobre a saia cor de mosto, um cinto fantasia, a loura cabeleira e os olhos pardos muito brilhantes. Sorriu; e a boca era vermelha e fresca, sem *baton*, os dentes iguais, as faces se iluminaram pelo tom róseo dos zigomas ovalados.

Teodorico perguntou-lhe:

— Não se lembra mais de mim?

Ela respondeu, como se nada tivesse acontecido:

— Lembro-me, sim.

Quando Teodorico saiu, Elisa perguntou a Zenóbio o que Teodorico fazia ali.

— É o chefe, disse Zenóbio.

E lançou-lhe um daqueles olhares envolventes, de que Elisa ria, como de seu galanteios literários.

* * *

Elisa pensou, essa noite, sobre a maneira de deixar o escritório. Verdade que fazia uma semana que lá estava e tinha visto Teodorico apenas aquela vez. Mas, se ele insistisse?

De seu turno, Teodorico pensou em rarear as suas idas ao escritório, porque pressentia, naquela dificuldade, qualquer coisa de perigosa, uma ameaça vaga, que não sabia explicar. Que diriam seus amigos, e, principalmente, suas amigas, se soubessem que ele, o invencível, o cético, estava perturbado por uma pequena datilógrafa?

* * *

Elisa recordava a cena chocante do rompimento com Pedrinho, os dias amargurados pelo cerco de Dona Estefânia, pelas insinuações de Teodorico, pela ingenuidade do velho Inácio, ao qual faltava a agudeza dos instintos da filha. Aquela noite no automóvel, porém, exercia uma vaga fascinação no espírito de Elisa. Combatia, no íntimo do ser, a tentação sutil que lhe entrara na alma, pelos olhos de Teodorico. Durante o longo tempo em que Pedrinho cumprira a pena na Cadeia Pública, ela chegara a esquecer as intenções venenosas dos olhos de Teodorico. Depois, na alegria da reconciliação com o noivo, a idéia corrosiva desaparecera completamente. Ficara, porém, numa forma larvar, que se traduzia numa curiosidade, um desejo corajoso de se aproximar do perigo, para sorrir dele. Isso, quase inconscientemente, como se houvesse recôndita conjura de instintos, visando vingança, a submissão, a tortura de Teodorico, que deveria ser magoado, triturado, pela recusa e pelo escárneo.

Elisa vira Teodorico procurar seu pai, conversar com ele. Soubera no dia seguinte, que se iam mudar, que o velho Inácio ia gerir os armazéns do abastecimento. Nem queria suspeitar que Teodorico tivesse qualquer coisa com aquilo tudo. Apareceu Zenóbio Duarte, convidou-a para trabalhar como datilógrafa. Não quis perguntar quem era o chefe do escritório. Poderia ser Teodorico; não lhe convinha saber. Falou a Pedrinho, ocultando suas dúvidas a esse respeito. Ele consentiu. E Elisa não quis indagar mais nada de Zenóbio. Se soubesse que Teodorico era o chefe do escritório, não iria trabalhar. Odiava-o. Era preciso ignorar. Fugia, se conversavam sobre o assunto. Queria iludir-se. Era forçoso fechar os olhos.

XVIII

PEQUENO TRATADO DE LITERATURA

Naquela noite, Teodorico achava intolerável a sua sociedade. A Siloca promovera uma festinha, convidara vários literatos, declamadores e pianistas. A meiga Cibele não tirava os olhos dele, muito requestada e gentilizada por poetas e pintores.

Aquelas figuras de homens, de letras e de arte, cheios de sorrisos e de frases requintadas, pareciam *bibelots* para o passatempo das moças ricas e elegantes.

Tomavam sapatos ou *smokings* emprestados, enfiavam cinco mil réis no bolso para o táxi, e deviam estar ali de cuecas remendadas.

Impertigados e maneirosos, osculavam os dedos finos das senhoras, reproduziam galanteios da praxe.

Lá estava o Azamor, de pescoço comprido, o rosto chupado, falando às senhoras sobre Marcel Proust, que elas não leram; o poeta baixinho e redondinho, Queiroga de Oliveira, com cara untuosa e barroca, os cabelos repartidos ao meio, a cosméticos, dizendo à pianista Eulália a sua interpretação visual de Chopin; a poetisa Cripsandália, o nariz vermelho e os olhos sapirocas, a discutir Verlaine com Japiassú Neto, o autor da *Balada Azul das Falenas Enamoradas*, que Cibele sabia dizer com tanta expressão. Literatos secundários citando Wilde, comentando o *Mercure de France*.

O Japiassú parece que dispunha de uma *entourage* que o aplaudia. Era, realmente, o personagem de maior destaque, porque seus livros de versos, que cantavam os amores modernos, com um sentimentalismo-século XX, haviam logrado alta consagração de críticos consagrados. Ele figurava como um número de escol em todos os salões da admirável burguesia. Sabia louvar os vasos, o *bric-à-brac*, os quadros, e sorrir complacente às opiniões das damas. Para isso, dispunha de um fraseado todo seu.

— Que diz de Rodin, senhor Japiassú?

- A profundidade sereníssima.
- Não gosta de Canova?
- Canova é sempre Canova. Enfim, a sublimidade eurítmica.

Japiassú, muito elegante, com seu rosto longo e olhos compridos, andava arrastando a asa à Virgínia, a irmã de Teodorico, que enviuvara do notável jogador de futebol, Ginefredo, o “Tico-Tico”, como era chamado nas grandes pugnas, o qual tinha também sido médico nas horas vagas. Possuía bom faro, o Japiassú, apesar de poeta, e não perdia frases rendilhadas com meninas sem heranças em perspectiva.

Aquela noite, o mavioso poeta estava magnífico, porque cortejava, também, as Ouvinhas, Maricota e Clotilde, moças emancipadas, com centenas de contos de réis. Elas andavam à procura de maridos decorativos, como denominavam o ambicionado esposo, e Japiassú bem sabia disso.

Cíbele recitou, com mímica de *baseball*, aquela barulhenta *Manhã do arrabalde*, de Queiroga d'Oliveira, aquela que dizia:

*“Glória a ti, quarta-feira! Fon-fon! Fon-fon!
Que laranjas triunfais! A Limousine
passa no fundo do pregão ingênuo: Mexeriqueira!
Laranja Bahia! E o amolador de facas
tira chispas do sol: fi-fi-fi-fi...”*

As onomatopéias desfilavam, e ela ia imitando tudo, cornetas de soldados, carroças, guinchos de sereias. Ora cantava, ora fazia muchochos, e terminou com uma interjeição italiana, os dedos em pinha.

O sucesso foi completo. E Queiroga d'Oliveira recebeu uma rosa consagradora das mãos que ele chamou “de duqueza”, da Carlotinha Aguado, milionária e loura.

Teodorico, junto de Siloca, do Dr. Cerveira e da pulcra Cíbele, considerava aqueles artistas com íntimo desdém. Eles abrilhantavam as festas das moças e peregrinavam pelos escritórios dos pais, dos maridos e irmãos, a obter míseros favorezinhos: uma carta de fiança, uma “facada” de vinte mil réis, uma apresentação ao alfaiate. O Japiassú, que era o mais esperto, arranjava, em troca de uma famosa *Ode a Proserpina, mãe das flores*, que dedicara à “excelentíssima senhorita Germana”, filha do senador Policarpo Penaforte, um emprego de trezentos mil réis, na seção de plantas oleaginosas da Secretaria da Agricultura.

* * *

Notando a voracidade com que os literatos atacavam uns levíssimos biscoitos, acompanhados a champanha, Teodorico, terminada a festa, ao conduzi-los no seu automóvel, convidou-os para cear.

Queiroga d'Oliveira, Azamor e Japiassú aceitaram o convite, estendendo-a à poetisa Crisandália, de nariz vermelho e olhos sapirocas. A idéia fora do Azamor, e Japiassú não gostou. A Crisandália era uma jovem liberta de preconceitos, mas pouco formosa à vista, parecendo um homem vestido de mulher.

O Queiroga mais bebia do que comia. A fome de Japiassú era só comparável à de Crisandália. Azamor, porém, requintava na escolha de pratos.

Teodorico perguntou-lhes:

— Que dizem da Revolução?

Japiassú respondeu com um pedaço de peixe na boca:

— Belo motivo para um poema...

— Não penso assim, disse Azamor; a arte nada tem a ver com a política.

— Que importa, exclamou Crisandália, comendo o seu naco de costeleta, aos sagrados direitos da mulher esse episódio banal? Não falemos disso, Dr. Teodorico.

E mandou-lhe um olhar escovadíssimo.

Queiroga d'Oliveira, que já estava embriagado, pôs-se a suspirar, narrando a sua tortura pela imagem ideal de uma mulher divina. Achava-se excitado pelo convívio, durante tantas horas, com as moças, as narinas impregnadas pelos cheiros de perfumes suados, e o vinho o espicaçava e impulsionava. Tratava, então, de sublimar as suas inquietações secretas, evocando imagens de deusas humanas.

Azamor referia-se às suas intimidades com o cônsul da América Central, que o honrava com licores e o automóvel de brasão. E Crisandália, as clavículas salientes, perguntava a Teodorico se não apreciava Rodenbach.

Nem uma idéia prática, um comentário útil, uma opinião aproveitável. E Teodorico perguntava-se, intimamente, como era possível viver assim. Essa gente parecia constituir uma fauna à parte, como que um sexo neutro. Vivia à maneira das orquídeas, das begônias dos alpendres e dos gatos Angorá. Aquilo representava, por certo, uma forma de loucura.

Japiassú esmurrava a mesa, porque afirmava que lhe plagiaram uma frase. O Azamor dava uma importância fundamental a certa definição da vida, que lera num escritor francês. Crisandália ma-

goava-se porque uma revista literária de Niterói truncara-lhe um verso.

Tais problemas faziam rir a Teodorico. A discussão derivou para as brigas das escolas literárias, festivais de canto e declamação.

Depois, levantaram-se todos, e Teodorico levou-os, um a um, para suas casas. O poeta Queiroga morava num sobrado velho da rua da Glória, habitado por uns pretos que lhe cediam o sótão; Japiassú, numa pensão da Alameda dos Andradas; Azamor num porão da Avenida Angélica.

Quando Crisandália ficou só, ao lado de Teodorico, que guiava o carro, perguntou-lhe:

— Nunca amou, doutor?

E piscou os olhinhos debruados.

Para se livrar daquele perigo, que já roçava docemente as pernas pelos joelhos, Teodorico respondeu:

— Nem me diga: amo loucamente...

— E quem será essa venturosa diva que assim lhe roubou o coração fidalgo, envolvendo-o em seus filtros magnéticos?

Teodorico sorria. E Crisandália continuou:

— O senhor precisava encontrar uma alma de poetisa, que o compreendesse. Procure; há de achar. Talvez esteja mais próxima do que imagina.

Afastando os joelhos, Teodorico tratou de fugir:

— Ela é poetisa.

E vagamente:

— A senhorita conhece-a.

— Já sei! Já sei! exclamou Crisandália. É Cibele! Oh sílfide traiçoeira! Como me feres! Mas o doutor ama-a, realmente? E tem certeza de que ela corresponde a tão nobre culto de cavalheiro tão gentil?

Teodorico disse que sim, que estava perdidamente apaixonado. Crisandália suspirou:

— Sou uma sacerdotisa da beleza, como diz o Azamor. Sabe que ele me dedica uma paixão cruel? Mas é um rapaz perigoso. Fujo dele, porque temo uma tragédia de grande repercussão literária.

Despediu-se diante de um palacete da Alameda Cleveland, dizendo: "É aqui". Quando o automóvel desapareceu na esquina, a poetisa tão aclamada dos *Cânticos nobiliárquicos* desceu pela Ala-

meda Nothman, abriu a porta de uma pobre casita de vidros em-
poeirados e cortinas encardidas.

* * *

Teodorico conhecia uma infinidade de literatos, que Gruber costumava classificar em vários tipos e categorias. Havia os que não iam abrilhantar festas das moças de família e dividiam a vida entre a glória e o estômago: escreviam relatórios, artigos de imprensa, e traziam os nomes em foco, não nas revistas de papel *couché*, mas nos jornais, que informavam os políticos. Gozavam de consideração, pois distraíam os senadores, secretários e presidentes de Estado, com primores de estilo, certa bizarria de atitudes e algumas irreverências. No fundo, os políticos não lhes davam a menor importância, mas cumprimentavam-nos, com um vago sorriso de terror amável, porque havia sujeitos importantes que os citavam em discursos. E isso constituía — a glória.

Os literatos dessa categoria brigavam entre si, por motivos filosóficos, ou estéticos, e chegavam a não se cumprimentar. Os industriais, comerciantes e deputados, sorriam daquilo, apesar de haver, nas suas próprias classes, indivíduos desse tipo literário. De resto, pouca ou nenhuma influência pessoal exerciam, mesmo a despeito dos plágios com que os pilhavam, empavonando-se, os vitoriosos da vida pública. Viviam modestamente, dependendo sempre de um padrinho com prestígio no governo ou no comércio, e todas as agruras da vida eram compensadas pela vaidade da evidência dos nomes nos jornais. Humilhações, desprezos, tudo recebiam, anestesiados pela glória do renome. Por maior, porém, que fosse essa glória, nunca foram lembrados para ocupar cargos políticos. Se era necessário proteger a literatura, davam-lhes empregos: cartórios, lugares de chefes de seção, promotorias, delegacias, ou a moldura brilhante de oficiais de gabinete. Alguns chegavam a ser deputados, mas ficavam na chamada "ala dos poetas", dos áulicos do palácio, aos quais não se ligava importância alguma nas grandes decisões e mesmo nas pequenas.

* * *

Havia, é certo, outras categorias literárias: a dos independentes, pouco citados nos jornais burgueses; uns, cheios de fé, como Pedro Maranduba, outros dissolventes, como De Moreyra. Esses eram os proscritos, os renegados.

O que aparecia, o que representava a "literatura nacional" era aquela fauna de inúteis, de rendilhadores de frases, de assíduos fre-

qüentadores das letras francesas, cheios de arrebiques, de vaidades fúteis, de sonhos irreais.

— A importância da nossa literatura (dizia Gruber, com clareza) está justamente no seu caráter pacífico e parasitário. Desperta doces sentimentos do belo, do original; é amada pela sociedade, ignorada pelos que sofrem. Essa literatura não perturba a marcha social.

Realmente, a “Associação Recreativa dos Chefes de Família” organizava uma biblioteca de autores brasileiros, para as distrações nas horas doces dos pijamas e das pantufas.

A Revolução prosseguia. Os políticos amedrontados, procuravam os Campos Elíseos, onde se demoravam dez minutos. A atmosfera em São Paulo era de expectativa entusiástica pela marcha dos aliancistas, pelas avançadas das tropas mineiras, que invadiam a terra bandeirante. Os reservistas recusavam-se a atender ao apelo que o general Hastinfilo de Moura fazia em nome de São Paulo.

Era a Revolução, cujo caráter liberal agradava secretamente à plutocracia, cujos germens vibravam no íntimo dos próprios presidentes que combatiam o surto da rebelião. O espírito do Partido Democrático tinha penetrado o P.R.P. até a medula. O culto das fórmulas liberais era um rito em que oficiavam secretamente todos os chefes da classe dominante.

Outubro derivava na segunda quinzena.

Como em um cavalo de Tróia, Gruber encerrou seus correligionários da “Associação Recreativa dos Chefes de Família”, diante de aparelhos de rádio.

* * *

— Que tem a literatura com tudo isso? perguntava Japiassú Neto.

E ele tinha razão.

XIX

A "COLUNA PRESTES"

Urbano, trabalhando num pequeno colégio em Assunção, onde ensinava geografia e cosmografia, amargava o exílio melancólico, desde a dissolução da Coluna Prestes.

Em 1924, retirara-se de São Paulo, começara com a tropa revolucionária a caminhada errante pelos sertões. Era uma tropa espiritualmente heterogênea: inimizades pessoais, oposicionismos sistemáticos, aventuras românticas, sentimentalismos patrióticos, revoltas contra injustiças, grandes idealismos. Todos esses agentes de insurreição atuavam nos homens da Coluna, que prosseguiram, até mesmo com algumas mulheres audazes a acompanhá-los nos rumos incertos.

* * *

Ninguém estudara a fundo a psicologia da Coluna. Muitas vezes, Urbano perguntava a soldados rudes: "Por que veio?", e uns respondiam: "Não sei". Outros diziam: "O Bernardes é um bandido". E sabiam caminhar, combater, morrer, passar toda a sorte de privações e sofrimentos atrozes. Os feridos transportavam-se carregados no arção das selas, ou em padiolas presas a burros por varais paralelos; o antisséptico era o sal de cozinha, que provocava gritos de dor, ardendo como pimenta nos furos de bala. A maleita salteava a muitos, que morriam, quase sempre, torturados pelas febres, sem medicamentos. Houve casos de tifo e de pneumonia. Os doentes, espichados sobre montes de capim, tomavam beberagens de raízes ou folhas de ervas. Nas caminhadas forçadas, esses enfermos oscilavam nas garupas, no dorso das cangalhas, sob a canícula abrasante, ou sob as chuvas torrenciais do estio. Ao acamparem naqueles crepúsculos roxos da imensa soledade, verificavam que alguns

tinham morrido. Então, no pesado silêncio, que o choro dos pássaros enchia de uma tristeza acabrunhante, cavavam a terra, sepultavam os cadáveres. E todos preferiam morrer à bala, nalgum encontro, do que sucumbir assim, desmaiando nos espasmos da agonia, com dores ignoradas, sem uma palavra de conforto ou um beijo consolador na hora extrema.

* * *

Urbano começou a notar que vinha sendo empolgado por um sentimento novo, que não era o do patriotismo, nem o da paixão política; um sentimento estranho, que cada pequenino drama da marcha avivava, como um vento soprando num braseiro.

Daquela marcha devia, forçosamente, resultar alguma coisa. Ela parecia tangida por um sentido misterioso de purificação. Compreendeu-o, desde a noite em que vira morrer o João Duque, rapaz que conhecera no Rio, quando estudante.

* * *

O João Duque fora um folgazão, outrora, um tanto egoísta, com um fraco por mulheres e indiferença total pelas questões políticas. Quando estourou a revolução de 24, estava em São Paulo, freqüentando a vida noturna, esbanjando dinheiro com uma turma perigosa. No seu apartamento tinha todos os confortos, dizia-se que tomava cocaína e acompanhava rapazolas em corridas malucas de autos pelo caminho do mar. No dia da retirada encontrou-se com Urbano. Sem refletir, disse: "Vou com você". O João Duque via mais uma farra em perspectiva.

Em Catanduvas, porém, bateu-se valentemente. Depois, seguiu a Coluna, como sargento. Desde as primeiras caminhadas, ia rindo; tocava violão e cantava sambas e maxixes da Favela e improvisava versos em desafio.

Quando começaram as dificuldades, João Duque revelou-se o homem de mil expedientes: ajudava os feridos a marchar, carregava-os às costas, inventava mezinhas do mato, e pôs-se até a fazer intervenções cirúrgicas. Aparecia sempre como o primeiro, para atravessar rios, lançar o cabo na outra margem. Se os companheiros estavam tristes, contava anedotas. Se lembravam das mães, das esposas, ou dos filhos distantes, consolava-os.

* * *

A Coluna, de 1.200 homens, tinha atravessado os 150 quilômetros de chão paraguaio, desde Porto Adelo à Serra de Maracajú. Depois dos combates de Panchita e Iguatemi, a tropa vadeou caudais, cortando as correntezas do Amambai, do Vacaria, do Anhanduí, onde batalhou com as forças do major Klinger.

E a marcha prosseguiu para o Norte, rumo da Serra Santa Marta, para o fragor da batalha da fazenda Zeca Lopes, em que as metralhas e os fuzis cantaram dois dias e um noite. Ganharam as serras da Divisão, do Rio Claro, do Paraná, entraram em Minas.

Certa vez, numa noite selvagem, o acampamento despertou com o canto de um gramofone, que berrava o *Ai, seu Mé*. Era o João Duque, que descobrira o disco e aproveitara um diafragma velho; com uma corda de despertador construía, em segredo, a sua máquina, que rodava apenas até ao meio do disco. E chamaram-no "o maquinista".

Caçador e pescador, armava mundéus, e parís, e surpreendia a Coluna com animais e peixes.

* * *

A marcha ia-se fazendo penosamente. Dias inteiros na macega, semanas contornando brejos ou florestas. Assim atingiram o Maranhão; e, em Carolina, festejaram o "15 de Novembro", com banda de música e discursos do povo que desfraldava a bandeira verde-amarela no céu azul.

Riachão, Mussuí, Mirador, Grajaú, Amarante, e bateram às portas de Teresina, que mandou o seu bispo, a pedir paz.

De Crateús à Serra Quebra-Dentes, o Ceará estava estorricado, espichando o Jaguaribe no fundo do vale, como um elástico finíssimo.

* * *

Principiava uma distração nova: o comércio entre os soldados. Trocava-se tudo, multiplicavam-se as barganhas. O João Duque tornou-se uma espécie de belchior central, dando-lhe uma trabalhadeira a condução das bugigangas: navalhas, baralhos, facas, roupas, livros, espelhos.

Desde a travessia do Piranhas, travaram-se combates: Piancó e o padre Aristides, até ao último reduto; Serra da Baixa Verde, e a polícia de Pernambuco; Pajeú, e os bandidos de Lampião que tomaram a Coluna por "peludos" do governo. E vadearam o São Francisco.

Os contatos com os adversários eram rudes.

João Duque, depois de bater-se como um leão, curava feridos, enterrava mortos.

* * *

Urbano ligara-se intimamente ao João Duque. Fazia bem à sua recôndita amargura, aquele riso aberto de homem forte. Nunca imaginara que o boêmio das grandes cidades se transformasse naquele tipo extraordinário de soldado, de amigo, de quase pai e mãe dos seus camaradas. Cada dia que passava, Urbano observava um aperfeiçoamento em coragem, em dedicação, em alegria, no amigo. Um dia (estavam numa pequena cidade do Nordeste), enquanto o João Duque enchia o cargueiro de medicamentos e cigarros, perguntou-lhe:

— Diga-me uma coisa, João Duque: por que você está na Coluna?

— No começo, por troça! respondeu numa risada.

— E agora?

João Duque desceu as pálpebras, não disse nada.

— Responda, João Duque!

— Ora! Eu não tenho um coração de ferro! Estou conhecendo muita coisa.

— Sabe para onde vamos? perguntou-lhe Urbano.

— Não quero saber, retrucou João Duque.

* * *

Aquela falta de destino! Aquela viagem infinita, de idas e vindas, de recuos e avanços, de largo desenvolvimento e de etapas apertadas... Aquele jornadas de ciganos, aquela fuga, que se transmutava em súbitas ofensivas, horas agudas de combate, dias irritantes de monotonia... Panoramas vastos, no mormaço trepidante, azuis, sempre azuis; e as mesmas fazendas, no desdobrar cansativo das léguas; os mesmos rios; as pequenas povoações com gente espantada, mulheres acobreadas, homens brônzeos... Madrugadas estridentes de passarinhos; a luz crua dos planaltos; capoeirões e caatingas, barrancos lanhados de chuvas... Noites tétricas, com milhões de insetos em torno das luzes das barracas, e os gritos de curiangos e bugios... Gemidos de enfermos, risadas e pragas, a inquietação, a incerteza, a carta geográfica vivida, palmo a palmo,

dor a dor... A paisagem, a noite cochichante, pareciam cúmplices mancomunados naquela fuga e naquela ofensiva errantes.

A marcha era, realmente, sem destino; porque as almas também não tinham, a despeito de todas as caminhadas, se fundido num destino.

Só a origem era certa, o ponto de partida. Alguma força brutal arremessara, como de um arco, a flexa violenta, que já não parava porque se transformara em tresloucada serpente, coletando, fulgurando nos estampidos dos combates, sumindo nas brenhas.

* * *

O destino da Coluna ia-se forjando no sofrimento. Não importava (refletia Urbano) a heterogeneidade dos que ali se achavam, constituindo mais uma tribo do que um exército. O espírito de uma coletividade só se forma ao desamparo, com a ausência de pontos de apoio, na impossibilidade de contatos pacíficos. Aquela massa de homens acabaria fundindo todas as torturas e aflições comuns — num sentimento comum. E a consciência brotaria quando a Coluna encontrasse o decifrador dos seus enigmas. Encontra-lo-ia? Onde estava, em que ponto do Brasil estava o Édipo destinado a desvendar o Esfinge nacional?

* * *

A marcha continuava áspera e opressiva. Atingiram o sertão de Canudos, o Vasa-Barris, no rumo de Uauá. Cidades e arraiais calcinados de canícula: Monte Alto, Jacaré, Cana Brava, Chapada, Caraíbas, Tiririca do Bode. Como os Bandeirantes, os soldados pareciam procurar alguma coisa impossível de ser encontrada. Não era o ouro; nem esmeralda ou diamante; nem caça ao bugre, ou perseguição a quilombos e palmares. O nomadismo da horda complexa derivava nos cenários, com a paisagem: morros escavados de vegetação parda, várzeas enrugadas de enxurros, cabeludas de capoeiras. E os cactus, fantasmas hirtos, com suas mãos numerosas e sem dedos, espalmadas numa ostentação lúgubre de inchaços pavorosos.

Rompiam capoeirões de chique-chique, grotas de caraguatás agressivos como as unhas aceradas da terra, defendendo-se contra os botes felinos do sol.

A vista perdia-se pelos rincões de bromélias, esplendentes candelabros sobre os destroços geológicos do sertão.

Ao deixar o planalto, declinaram para o Sul, onde a Coluna reviveu saudosos dias de combate. Em Rio das Contas, o João Duque, à noite divertiu a população, representando, no teatrinho local, com a *troupe* que organizara, uma comédia chistosa.

* * *

E, perlongando os vales dos rios, a Coluna ganhou, novamente, Minas Gerais, à maneira de uma procissão que regressava.

Lugarejos e cidadezinhas! Tremendal, Rio Pardo, Grão Mongol. A geografia animada. O episódio tático do “laço húngaro”, iludindo a perseguição da tropa jagunça. Travessia do rio das Contas. As casas amontoadas de Ituassú.

Combates, desde Olho d'Água ao Riacho; e, transposto o Jacaré, a Coluna derivou de Igrejinha a Canavieiras, ganhando Taboleiro Alto, onde se abriu o espetáculo da enchente do São Francisco.

A marcha, bordejando o rio, afundava na lama dos atoleiros. Os cavalos precipitavam-se nos atascals, com barro até ao peito. Perdiam-se armas, aviamentos, moambas e provisões de boca. Galgando aclives escorregadios, a tropa refugiava-se nos capoeirões de carrapatos. Veio a fome: comeram tocos de velas e raízes de pau. De noite, milhões de pernilongos. De dia, mosquitos “pólvora”, mutucas teimosas, e um sol ardido, que fulgurava nas poças negras. E apareceu, novamente, a maleita.

João Duque multiplicava-se em expedientes, sempre cantando e rindo, fazendo versos jocosos.

Como o Brasil doía, fazia-se sentir, vívido, assim, palmo a palmo: vívido, assim, com o gosto amargo da terra, a fulgurante angústia das febres, da sede e do sol! E como era doce o sumo da alma brasileira, provado, logo após, em Monte Alegre, que glorificou a horda, numa festa popular! Urbano considerava essas populações, que recebiam com festas a Coluna, como povos libertados.

Mas, libertados de quê? Qual o pensamento da Coluna? Que remédio poderia dar? Aquela marcha, acaso, não constituiria um novo anestésico, para o esquecimento de realidades pungentes, que ainda não estavam reveladas? Que falava a Coluna? Nada. Que propunha à Nação, como remédio aos seus males? Nada.

* * *

Feridos, pequenos combates em Pé da Serra e Tucano, estiveram, outra vez, em Canudos. Atravessados os três quilômetros do São

Francisco, dobraram a serra dos Dois Irmãos, em Pernambuco, tocaram, de novo o Piauí, voltaram, noutra investida, à Bahia, lutaram com Horácio de Matos, e rumaram para Oeste. A tropa zigue-zagueava, cortando rios: o Verde, o Piqueri, o majestoso Araguaia.

A paisagem agora desatava-se em restingas e banhados, povoados de garças e marrecos. Bufavam antas nas charnecas e o gavião pompeava no vôo soberbo de aeroplano guerreiro. Tabas de índios, povoados de garimpeiros: Praia Rica, Cassununga, Tesouro, no soturno e preto Rio das Garças. Manadas de gado na ondulação verde. Longe, o perfil baixo e transparente de cerros azulados. Corriam os dias, os meses. Faltava tudo. Faltavam companheiros que haviam ficado presos, ou debaixo das cruzes plantadas no itinerário incerto. Estavam todos barbudos, morenos de sol, alguns feridos de implacável maleita, que verrumava o fígado, o baço e os rins. Soldados ictéricos, estigmatizados por hepatites crônicas, que açafroavam as feições; soldados manetas, ou equilibrando-se em pernas de pau, ou cegos de um ou dos dois olhos, ou marcados de gilvases; muitos esqueléticos, trôpegos, arfando nas caminhadas.

A Coluna gastara-se, derretera-se, deixando, em pós de seus passos, como a cauda de um cometa, um rastro de sepulturas, de dores e desilusões. Em torno do chefe, a oficialidade era a luz que não se extinguia, a cabeça da serpente flamívoma, que atingia a fronteira...

* * *

Foi numa tarde de esplendor selvagem que o João Duque disse a Urbano "que não podia mais". Ele contraíra a enfermidade, depois dos ferimentos que recebera no primeiro combate de Jauru, onde atravessara o rio, surgindo com dez companheiros nus, de fuzil em punho, na retaguarda do inimigo. A carga de chumbo de um paisano lhe ferira o pé esquerdo. Nem dera importância, ajudara a recolher os mortos, tratara de curar os ferimentos dos outros. Já noite, depois de longa caminhada, João Duque disse a Urbano: "Não consigo mais andar". Urbano arranjou um cavalo, e João Duque, agradecido, pilheriu: "É de trote duro, mas agora me sabe melhor do que uma poltrona do Automóvel Clube. Dê-me um cigarro". No pouso, Urbano examinou a ferida. A botina rasgada encharcara-se de sangue, comprimia o pé inchado e entalado. Urbano colheu água numa pequena bacia, ajoelhou-se diante do amigo, e pôs-se a lavar-lhe o pé dolorido. À luz vermelha de uma lamparina de querosene, que o cabo Francisco erguia, a cena banal ganhava uma grandeza épica. As mãos de Urbano, rudes e implacáveis nos assaltos bravos,

ameigavam-se em carícias de doçura maternal. Com as lâminas agudas do estojo de cirurgia de João Duque (uma caixinha de charutos cheia de tesouras, pinças, bisturis e antissépticos) extraía os bagos de chumbo. O João Duque gemia e ria-se caçoando da idéia do paisano, que pretendia caçá-lo a chumbo, como a um pombo.

Urbano sabia que o estado de João Duque não era bom. Tinha febre. Tremia, batendo o queixo.

Fora da barraca, resplandecia o luar. E as árvores, acotovelando-se baixas e mudas nos capoeirões rasteiros, pareciam agachadas para espiar. Era um esquisito lavapés de sangue, que Urbano sentia profundamente, na sua tocante simplicidade. Enquanto trabalhava, refletia:

— Este João Duque ensinou-me, durante todas as travessias, a mais profunda lição. A Coluna marchou sem destino e sem idéias definidas. Que fazíamos? Caminhar. Caminhar pode ser uma finalidade mesmo quando não se leva um rumo, um objetivo. E é preciso dar à jornada uma destinação em si mesma. O espírito das marchas não está no escopo fixado. Está em cada dia, em cada hora, em cada minuto que se vive de solidariedade, de compreensão de todos os dramas, vencendo as torturas desagregadoras. Paralisado, o espírito morre: ele vive, tão somente, na contínua mobilidade.

— Que está pensando tanto? interrompeu-o João Duque.

— Estou pensando no alimento e no remédio que lhe devo dar. João Duque sorriu:

— Quero descansar, capitão. Se tivesse um cafezinho, era outro caso. Sou paulista e gosto de café.

Fazia realmente muito tempo que não tomavam café, e João Duque dizia que trocava de bom grado as bugigangas que levava no cargueiro por um golezinho.

— Se não tiver café, serve champanha! riu o João Duque.

E dormiu, sem nada, sobre os baixeiros recendentes do suor dos burros.

* * *

Um ferimento a toa. E João Duque definhava.

— Aquele diabo de chimango pôs maleita no chumbo! exclamava rindo, para não incomodar.

Todas as noites, através da caminhada no rumo da Bolívia, a febre chegava, pegava o João Duque, e começava a cozinhá-lo.

*Uma comparação sem conectivos (metáfora)
entre a coluna sem rumo com o Brasil.
os combatentes versus o imperialismo.*

A viagem era penosa nas vastas planuras do Oeste. Abriam-se lagoas, como grandes olhos vítreos da terra, num estrabismo que alongava as sombras das vegetações.

A horda bordejava os marnéis; ganhava os planos úmidos dos charcos; cortava-os — grupos de cavaleiros e de infantes, rotos e cansados —; e debruava nos dias longos a ourela tarjada de macegas dos pântanos cor de chumbo.

Nos últimos lampejos daquele meteoro humano, que se inclinava para o ocidente da Pátria, no mesmo rumo em que os astros se ocultam, João Duque, enfermo, queria levar aceso o facho da alegria consoladora. Já não tinha mais o gramofone, nem o violão, que perdera na travessia do Jarinu, ajudando Urbano a salvar o tenente Gilberto. Cantava, porém, os sambas e maxixes do Rio, nos intervalos da febre arrasadora. “Para espantar tristezas”, dizia. E lamentava não ter o seu querido violão. Durante os dias vagarosos, ao rumor surdo dos cascos dos animais, contava façanhas, rememorava episódios, para distrair os companheiros. O seu jacá de quinquilharias estava desfalcado. As notas de duzentos mil réis, com o retrato azul de Prudente de Moraes, vinham sendo desprezadas, pois se dizia que o Governo havia recolhido a emissão. Esse boato alarmara os portadores, e logo o João Duque transformou a sua canastra de couro peludo e taxinhas amarelas em casa de câmbio. Talvez as cédulas não valessem coisa alguma; por isso mesmo trocava tudo, arranjando assim um meio de distribuir o dinheiro que acumulara, sem querer, no seu comércio andejo, feito um divertimento de saltimbancos errantes. O João Duque tinha mais de dez contos, que, possivelmente, não valiam dez réis. Se valessem, nutria um desejo: obter com aquilo meios de subsistência para os combalidos, para as mulheres e crianças. Pois nasceram crianças na marcha; as noites dos pousos no sertão cortavam-nas os choros altos dos bebês da Coluna.

O pequeno exército constituía, de há muito, uma pequena tribo que vagueava, criando costumes e leis precárias como rudimentos de organização civil. Faltava-lhe a Arca da Aliança, como lhe faltava o sonho futuro de uma Canaã prefixada na carta geográfica.

* * *

A Coluna era indefinida no tempo e no espaço.

Destacara-se da ilharga da Pátria, como os anéis de Saturno, mantendo a mesma estrutura complexa e confusa do núcleo irradiante e prolongando o giro das peregrinações, que a transformava numa turba desconexa.

Depois de haver transitado em todas as direções, ao sol e à chuva, rasgando as roupas nos estiletes dos chique-chiques, timbrando-as de juçaras e de agulhetas de picões e juazeiros agrestes, tatuando a pele ao contato de espinhos e marcando o corpo com giletes e lanhos de bala e faca, — a horda heterogênea apresentava a fisionomia global de uma pequena babel de roupas, de idéias e de costumes contrastantes. Os dólmans desbotados sobre calças de algodão; as camisas de todos os padrões e cores, remendadas ou rasgadas; cinturões militares e cintas sertanejas de couro cru, chapéus de pano, de couro ou de palha, quémis, gorros, barretes de campanha, facas de todos os estilos, fuzis Mauser, Mannlicher, Winchester, armas de caça, revólveres e garruchas; foices, enxadas, varas de anzol.

Rostos abertos de gaúchos, faces moreno-pálidas de paulistas, cabeças chatas bronzeadas do Norte, mulatos e negros, como um bazar de procedências étnicas e de origens geográficas. Caboclos supersticiosos que penetravam nos cemitérios perdidos na amplidão sertaneja, para acender velas aos mortos e fazer um voto às almas do purgatório; negros feiticeiros que invocavam espíritos a horas mortas, para indagar do destino da Coluna. Uns, rezavam, persigendo-se, tirando o chapéu às Santas Cruzes; outros confessavam e comungavam nas paróquias conquistadas; e, finalmente, outros zombavam dos santos, sorrindo desdenhosos e céticos. Figuras ásperas de bandoleiros, eriçados de bravura; perfis sonhadores iluminados pelo misticismo revolucionário; caras de todos os tons; desde o banditismo, que desertava e armava tocaia e agora encontrava o seu clímax na Coluna, até a candura dos que se dedicavam de corpo e alma aos chefes e companheiros por um vago idealismo que eles não sabiam definir nem pensar.

Que estranha força os conjugava nas marchas torturantes? Que estrela os atraía, caravana de reis magos, batendo às portas do sertão, como a inquirir montanhas, rios, florestas e charnecas?

Nem lograva ser uma consciência de aspiração, e já não era o limbo amorfo do complexus larvar de uma nacionalidade vegetativa, sem características de cor e de vida orgânica. A Coluna, que submergia nas florestas e repontava nos povoados, à semelhança de um fantasma, atingia os charcos do Oeste, esfarrapada, nos seus aspectos tumultuários, como uma expressão da balbuciante batalha interior, que se processava no íntimo da vida reflexa das populações brasileiras.

* * *

Urbano considerava — ao cabo de todos os itinerários — esse estado de espírito de beduínos rotos, unidade étnica, sem uniformidade de crenças, ou de costumes, sem cultura, sem idéias, sem padrão nacional, porém vibrátil, na sua confusão, que significava já alguma coisa superior ao plasma constitutivo do fundo amorfo e incaracterístico das aspirações nacionais. Se a vida política de um povo devia ser a consciência de suas necessidades e de seu destino, o povo brasileiro não tinha vida política, porque as agitações eleitorais não passavam de fenômenos periféricos, sem penetração nuclear.

Era ali o fim de um capítulo da História.

Urbano compreendia-o.

Aquela marcha despertava no caos de todas as dúvidas da Coluna, entre ambições, rancores pessoais, aspirações de glórias, impulsos de aventura, misérias, heroísmos, êxtases místicos, — um sentido dominador de solidariedade humana, uma adivinhação de realidades nacionais e continentais.

* * *

João Duque piorava, dia a dia. Debelado o foco da infecção com cataplasmas de farinha de mandioca e uma picadela de canivete, a febre foi desaparecendo; mas um dia, sem explicação possível, ela irrompeu de novo. Um tremor convulso sacudia-o de baixo dos pelos, nas estreladas noites bolivianas. A Coluna internara-se fora da Pátria, como um personagem que volve aos bastidores, depois da cena dramática. Tendo atravessado o rio Paraguai, bordejava o Sepetuba, cortara o Jubá, em Taperas, depois de longas picadas até o rio Cabeçal. A viagem se fizera com água pelos joelhos e tombos nos atoleiros da vasta região pantanosa.

João Duque olhava triste o céu brasileiro, para o lado do oriente.

* * *

Urbano não o deixava um instante, dando-lhe quinino e aspirina, caldos e chás. O João Duque sorria, tentava ainda brincar, porque ele fora sempre a alegria da Coluna. Uma tarde, Urbano fez-lhe uma surpresa: arranjou um violão. Limpou as lágrimas, penetrou na barraca, soltando uma risada:

— Vamos alegrar esta vida, João Duque; olha aqui o que eu arranjei.

João Duque estendeu os braços magros para o instrumento, sorrindo tristemente: — “Me dê!”

Abraçou o violão. Estava tão fraco, tão desfalecido, que dormitou assim. Depois, decerrou as pálpebras, olhou em torno.

— Chame o cabo Gervásio, para cantar.

Cabo Gervásio veio arrastado. Não podia ver o companheiro das cantorias boêmias naquela situação. Mas sentou-se ao lado de João Duque, pôs-se a cantar o que ele pedia.

— Você parece que está engasgado, Gervásio..., disse o enfermo desconfiado, num sorriso leve, que lhe arregaçava o canto dos lábios.

— É falta de pinga... respondeu Gervásio.

João Duque pegou a mão de Urbano:

— Escreva para minha mãe quando eu morrer...

— Não diga isso, João Duque; você não morre.

João Duque ficou quieto, como refletindo. Afinal falou:

— Não perdi completamente a vida. Aprendi a querer bem, a lutar e sofrer, alegre. A Coluna ainda não acabou. Ela vai agora marchar sempre, sempre...

Essa noite, João Duque entrou a delirar. Não parecia mais a sua voz, porque a voz dos que vão morrer é diferente. Vieram todos vê-lo. Em torno da barraca, reuniram-se grupos abatidos de dor, sob o céu chamejante de astros. Rememoravam todas as façanhas de João Duque, no fogo dos combates, nas travessias a nado das caudais, nas caminhadas exasperantes, nas noites indormidas.

Ao longo do panorama de macegas, de brejos, e lagunas, povoado de rumores de grilos e sapos, a noite tomava posse da terra, como um gavião preto.

— Esta vida é uma merda! exclamou o cabo Gervásio, soluçando.

— E os bandidos, disse um soldado louro, estão a estas horas gozando a vida nas cidades, estourando champanha, dormindo no macio...

Pela cabeça de Urbano passavam as luzes noturnas: Manaus, São Paulo, Rio, Porto Alegre, Recife, São Salvador, e centenas de outras. Todas estavam despertas, para a grande noite em que João Duque, filho das cidades, ia morrer. Parecia a Urbano que todos esses núcleos de populações, esparramadas pelo território da Pátria, sabiam da agonia daquela mocidade vibrante. Como que todas as lutas suspendiam-se na noite enorme. O João Duque era o centro do mundo. As estrelas sabiam disso. Elas tinham descido, no céu baixo, sobre a planície.

João Duque delirava em voz alta:

— A Coluna vai marchar! Ela não pára. Acendam a Coluna, botem fogo nela. Tragam lenha, carvão. Avante, vamos voando! Estamos em toda a parte...

O delírio objetivava-se numa obsessão de asas:

— Força! Força! Para cima!

Era uma grande ave ferida, sacudindo as asas no estertor.

A madrugada, João Duque deixou de falar. Arquejava. Os grupos de soldados estavam mudos. O rumor gargarejado daqueles arrancos soluçantes dominava inteiramente a noite. E era uma tortura aquela espera do último suspiro, que todos, já agora, pareciam desejar, como um alívio definitivo.

De repente, tudo cessou. Urbano, saindo à porta da barraca, disse:

— Morreu!

Então, os prantos represados na vigília heróica, romperam os diques, em pragas, em palavras engasgadas, em choros altos.

Trataram de vestir o João Duque. Suas roupas estavam rasgadas, muito remendadas. Cada um quis dar uma peça melhor do seu vestuário. Urbano deu a sua camisa limpa de algodão; Gervásio umas botinas novas, que desapertara, e vinha guardando, avaramente, desde Juazeiro; o tenente Gilberto trouxe o melhor dólman da tropa, meio desbotado, mas bom; as meias, deu-as um negro, ainda com a etiqueta. As mulheres fizeram uma almofada com o pano de suas camisas.

A tribo erradia, que se habituara a enterrar os seus mortos sem complicações, abrindo o buraco e lançando o cadáver do modo como estava, transformou o sepultamento do João Duque numa cerimônia, até então, desconhecida. Porque ele tinha sido a juventude da Coluna e todos morriam um pouco com ele.

À tarde, formaram militarmente. Os tambores rufaram. Uma clarinada cortou o ar tépido diante do poente grandioso. Sobre castelos de nuvens, o sol inclinava-se do lado dos Andes longínquos e uma luz vermelha barrava o horizonte. A bandeira verde-amarela foi suspensa a um mastro. Cada um dos soldados atirou um punhado de terra boliviana sobre o caixão de João Duque. A noite vinha chegando como um corvo no crepúsculo violeta.

Encostado a um tronco de árvore, Urbano estava absorto. Aquilo parecia o fim de tudo. Nada mais restava a fazer. A Coluna desmanchava-se, na paz do exílio. Cada qual deveria procurar seu rumo.

Entretanto, num capoeirão próximo, vibrou, enchendo a paisagem crepuscular, um assobio aziago:

— *Sem-fim... Sem-fim...*

Era a voz do sertão, que respondia ao apelo do João Duque. A marcha não teria tréguas.

* * *

Agora, na calmaria monótona da pequena capital paraguaia, Urbano considerava tristemente o destino da horda magnífica.

Aquela guerra de governadores não podia interessar o espírito inquieto da Coluna. Divergindo do chefe, que dera o próprio nome à horda errante e agora se deixava empolgar por uma doutrina tão contrária ao sentimento brasileiro, Urbano, entretanto, não aderiria a uma nova revolução, indefinida como a própria indefinição da Coluna. E respondia aos que lhe falavam em Aliança Liberal:

— Liberdade! Liberdade! É preciso defini-la, antes de conquistá-la. Para que ela não fuja, quando a julgamos alcançada. Quero guardar o espírito da Coluna, como uma semente, única e rara, da grande árvore. João Duque foi o otimismo, a força, a abnegação, o carinho, a mocidade; mas foi, sobretudo, o solucionador dos conflitos. Apelidaram-no “o boticário”, “o maquinista”, “o folgazão”, e os índios chamaram-no, por causa do gramofone, “o pau que fala”. Ele foi heróico e bravo: porque ninguém tem o direito de ser heróico e bravo, se não sabe dar remédios, apaziguar aflições, distribuir alegria e falar alguma coisa que entre beneficemente na alma dos seus irmãos.

XX

O SORRISO TRÁGICO DE GRUBER

A 25 de outubro de 1930, os deputados e senadores correram para os consulados. Pensou Teodorico em recolher-se também a um desses refúgios, porém Gruber tranqüilizou-o:

— A “Associação Recreativa dos Chefes de Família”, da qual você é tesoureiro honorário, já enviou um telegrama ao general Tasso Fragoso.

Realmente, Gruber, nessa manhã, telegrafara nos seguintes termos: “Exército Brasileiro, mais uma vez, demonstra extraordinário espírito pacifista revelado 15 novembro, República sem sangue, agra-decidos, Chefes Famílias inaugurarão retratos sua sede beneméritos pacificadores”.

Teodorico ponderou:

— Essa história do abastecimento das tropas pode me complicar...

Gruber sorriu superiormente:

— Deixe isso ao meu talento político.

O Zenóbio Duarte chegou espantadíssimo, pálido e trêmulo:

— Estamos perdidos! Empastelaram o *Templários Clube*.

Mas Gruber lhe disse:

— Vista o pijama, calce as pantufas.

No dia seguinte, Gruber mandou datilografar várias cartas, com o timbre “Confidencial”, das quais deixou cópias a carbono, pelas gavetas do escritório dos abastecimentos. Numa delas, dizia:

“Como sabe, prefiro gêneros deteriorados, a fim de abater o moral das tropas, e cigarros com mofo, para que os soldados se revoltassem contra o “Barbado” (1).

(1) Apelido que se dava ao presidente Washington Luís.

Em outra, escreveu:

"Guardei cuidadosamente o documento relativo às despesas do governo de Minas, para a compra dos jornalistas em São Paulo. É um documento precioso".

E, numa outra, regozijava-se:

"O "Barbado", desta vez, está frito. Aproveitemos para vender os alcaides".

* * *

A "Associação Recreativa dos Chefes de Família" tratou de organizar o programa de recepção às tropas gaúchas. Comissões de senhoritas da mais alta sociedade ficariam nas sacadas do Triângulo, para atirar flores sobre os soldados. Encomendar-se-ia a Japiassú Neto uma poesia patriótica alusiva ao ato, que seria recitada num festival. A Associação instituía, desde aquele momento, o lenço vermelho, como símbolo dos Chefes de Família. As donzelas vestiram blusas vermelhas. Recomendava-se às matronas, aconselhava-se às moças para que osculassem as faces dos soldados. A propósito, Gruber citava as façanhas de Ester, na corte de Assuero, e outras mulheres bíblicas ou históricas.

O orador da Associação seria Zenóbio Duarte, que, assim, se livrava de qualquer tentativa de processo ou demissão. Logo, entretanto, ergueram-se vozes protestando. O intérprete dos sentimentos revolucionários devia ser um homem rico, de alta posição, ligado às famílias tradicionais e aristocráticas.

Assim, tudo se fez. As tropas do sul entraram vitoriosas, devendo-se o brilhantismo das festas à benemérita "Associação Recreativa dos Chefes de Família".

Mas o requinte de gentileza culminou com uma idéia genial de Gruber. Tendo os soldados chegado com as botinas muito sujas, organizou-se uma caixa mediante cujos estipêndios se reservavam todos os salões de engraxate da Capital, nos quais se mandou afixar este cartaz: "Os soldados da liberdade não pagam engraxates".

Semelhante amabilidade penhorou profundamente os invasores, exceto raros indivíduos mal educados, que diziam: "Agüenta Filipe!" (2)

Zenóbio tremia de medo, ao subir nos bondes, onde pacatos funcionários receavam desaforos. Mas Gruber tranqüilizou-o, dicen-

* * *

(2) Título de uma revista burlesca da época.

do-lhe que isso só se dava com anônimos; declinasse o seu nome, e veria como o professor Morato tinha razão, quando dizia que São Paulo agora estava libertado.

No melhor da festa, a gloriosa "Associação Recreativa" alarmou-se. É que, tendo caído, no Rio de Janeiro, a Junta Pacificadora, receavam os Chefes de Família uma indiscrição lamentável do general Fragoso, dando aos jornais os termos do telegrama, agora malsinado. Foi ainda Gruber (fértil e cheio de sangue frio) quem salvou a situação, telegrafando ao Ditador: "Chefes de Família radiantes substituição ilustres generais, que pretendiam, aliás, consagrar novas eleições limpas vossência Catete, porquanto agora teremos desde já incomparável governo vossência, felicitações, congratulações, viva República Nova".

Esse despacho teve incalculáveis conseqüências, que não são do conhecimento do público. Primeiro, porque reconciliou os generais com a Ditadura, consolidando a Revolução; segundo, porque lançou a expressão "República Nova", para distinguir o novo do velho regime.

Realmente, os paredros lutavam com essa imensa dificuldade, que era a de separar o joio do trigo, os tempos velhos dos tempos novos; e como tudo, mais ou menos, ficava na mesma, apenas se eliminando uma parte dos próceres que eventualmente estavam do lado da situação decaída, e tendo-se em vista que a Revolução não vinha instituir nem a Monarquia, nem o Comunismo, nem o Fascismo, ficavam os jornais em sérios embarços, para caracterizar a era inaugurada em outubro, necessitando de rodeios e de metáforas. Mas, desde que a "Associação Recreativa dos Chefes de Família" engendrou tão notável expressão ("República Nova"), fez esta rápida carreira, cobrindo de glória os seus autores. Alguém dizendo ser "Canova" um escultor e o novo regime, igualmente, um lapidário de estátuas de grandes homens. Foi um êxito triunfal.

* * *

Colocando-se em tão sábia atitude, a Associação pode até sair à rua, com lanterninhas chinesas, acompanhando o movimento operário na noite do "Nós queremos". Essa consagração do verbo "querer" na primeira pessoa do plural foi também obra de Gruber, que lançou uns boletinzinhos em nome dos Chefes de Família, exaltando os merecimentos dos "nossos irmãos operários".

* * *

Sabendo os consócios que os gaúchos haviam amarrado seus cavalos no obelisco da Avenida Rio Branco, Gruber mandou fundir pequenos amuletos de chumbo, onde figuravam corcéis presos a postezinhos prismáticos, a fim de os distribuir. O Japiassú Neto escreveu a frase para o pedestal: "Abaixo o automóvel! No Brasil, o cavalo é ainda uma realidade". O Tourinho Sarmanho achou comprida a frase. Então, Zenóbio Duarte substituiu-a: "O Cavalo contra a Arbitrariedade".

* * *

Zenóbio, confabulando com o Dutra teve sua ideiazinha: organizar-se a "Semana do Cavalo". Nos protocolos da Associação, Gruber fez inserir um voto de louvor ao prestante Zenóbio. E compôs, logo, o programa, lançando este boletim:

"Em glorificação dos audazes bucéfalos liberais, que simbolizaram um momento nossa consciência política, a "Associação Recreativa dos Chefes de Família", depois de se ter entendido com as autoridades competentes, instituiu a Semana do Cavalo. O programa é o seguinte:

Segunda-feira — Rancho melhorado em todas as cocheiras, coudelarias, estrebarias e outros logradouros cavalares.

Terça-feira — Um dia de folga para nossos irmãos zoológicos.

Quarta-feira — Exibições de filmes de Tom Mix e do *Cavalo Selvagem*.

Quinta-feira — Conferência sobre temas cavalares, com projeções.

Sexta-feira — Exposição, no Parque da Água Branca, de rebenques, esporas e outros instrumentos de tortura de nossos irmãos cavalares.

Sábado — Matinês infantis, em que serão distribuídos cavalos de pau e outros de chocolate.

Domingo — Corridas, pólo, à noite um banquete no "Jóquei Clube".

Aos poetas foram designados temas sobre: "O Cavalo de Átila"; "O Bucéfalo de Alexandre"; "Incitatus, côsul romano"; "Ronciante e a Cavalaria Medieval".

* * *

Tudo isso prestigiava o Gruber e a Associação. Com tais esforços e iniciativas, fácil foi salvar-se Teodorico de perseguições e Zenóbio foi chamado para uma comissão de alta importância: organizar uma estatística dos parentes até 5.º grau dos perrepistas militantes. Só o velho Inácio esteve preso uma semana na imigração e perdeu o emprego. Mas Zenóbio afirmava que não se esqueceria dele, quando alcançasse uma posição melhor.

Pedrinho foi dispensado da Sorocabana. Não sentia vontade de trabalhar, pois tinha a impressão de que, muito em breve, o país ia mudar de regime.

Os apóstolos de Marx convenciam-se, porém, da profunda sabedoria de Gruber, quando lhe dizia que a campanha devia ser feita sem contrariar a corrente, nas próprias classes conservadoras. Logo apareceram brochuras de capas coloridas sobre o amor, segundo a concepção materialista e sobre as vantagens do liberalismo no desenvolvimento dos capitais. Era um comunismo de primeira classe, muito distinto e com certos laivos de elegância, ao passo que a cartilha sebosa dos proletários versava temas sobre a igualdade, a luta de classe e a insurreição internacional. O Pedrinho andava distribuindo folhetos a respeito da escravidão da América do Sul, a exploração dos países semi-coloniais. Chegou mesmo a dizer a Elisa que deixasse definitivamente de rezar, e tratasse da vida, que era uma só, o inferno aqui mesmo, para os explorados.

Notando a atitude de Pedrinho, Gruber lhe disse “que o pior papel que um homem pode representar no mundo é o de apóstolo”. E insistia: “que deixasse de tolices, que ainda se sairia mal”.

Gruber aconselhou à “Associação Recreativa dos Chefes de Família” a leitura de livros russos, para não se sentirem mal os ilustres consócios, caso viesse a triunfar o soviète.

Aquilo scandalizou bastante os morigerados confrades, que não se conformavam com a história do amor livre. Muitos não acreditavam mesmo que existisse a Rússia, país lendário, de romances.

Um dia, porém, Dutra fez uma comunicação gravíssima: vira umas latas de gasolina, com um martelo, uma foice e uma estrela; logo, a Rússia não era uma ficção geográfica, e poderia chegar de uma hora para outra.

Houve discussões acaloradas. Gruber mandou colocar em exposição, na sede da sociedade, uma lata de petróleo, com o emblema fatal, acompanhado de um anúncio, que dizia: “Temos, agora, gasolina barata”.

Todos se convenceram e perguntaram se o perigo era iminente, e a quem deviam procurar, para aderir. Respondeu-lhes Gruber que, por enquanto, não sabia, porque o Governo era enigmático.

* * *

A fase em que entrou a "Associação Recreativa dos Chefes de Família" foi a mais penosa possível.

Tinham todos receio de emitir opiniões. Não que os incomodassem formas de governo, mas é que não queriam tomar o bonde errado.

Foi então que, mais uma vez, Gruber revelou-se o gênio que era. Criou várias frases vagas, sem nenhuma significação. Entre estas, destacavam-se: "O mundo marcha para a esquerda" — "Tratemos da reconstrução nacional" — "Tenhamos espírito revolucionário" — "Moralizemos a administração" — "É preciso criar uma nova mentalidade".

E explicava:

— Quando digo: o mundo marcha para a esquerda, não afirmo até que ponto vai; se falo "reconstrução nacional", não menciono a base e o estilo em que pretendo realizar a obra; proclamando "tenhamos espírito revolucionário", fico no mundo dos espíritos; finalmente, clamando pela moralidade, não explico o que entendo pela moral. E quanto a mudar de mentalidade, que cada um entenda como quiser. Tais provérbios cabem a todos os regimes e a todas as situações.

Tais brocados de Gruber fizeram tamanhos progressos, que logo conquistaram a popularidade no país inteiro, tendo mesmo a honra de figurar em documentos oficiais.

Com essa alta política, a "Associação Recreativa dos Chefes de Família" foi marchando triunfalmente. Não tardou o justo prêmio a tão abnegados servidores da Pátria. Um de seus consócios recebeu o convite para tomar parte no Governo.

* * *

Gruber, quando sozinho, sorria...

E, quem o visse, recuaria de pavor.

Era trágico.

XXI

ACONTECIMENTOS

Naqueles dias agitados, de um humorismo lúgubre, Teodorico alheara-se de tudo, andava como um autômato movido por uma idéia fixa. O esperto de mil negócios, epicurista e cético, sentia-se roído de puro romantismo. Nunca pudera compreender aquilo: um homem fazer o mundo girar em torno de uma mulher. “Todos os velhos lirismos” — refletia — “podem despertar nesta era da máquina, de Einstein e de Freud, com todos os ridículos imbecis”. Tantas mulheres no mundo, e havia de ser aquela. Sem motivo, enfim; não tinha nada demais. Até banal. Na última vez, olhava de certo modo. Como fora mesmo aquele olhar? Assim... Não: foi assim. Talvez sem intenção. O sorriso. Nem parecia bonita, reparando bem. Pois o queixo, as mãos; as mãos eram belas, que dúvida! Tão desigual... Naturalmente só servia para amante. Desejava-a. Não se conformava em perdê-la. Filha de operários. Que detestável o Inácio, cabo eleitoral, acomodaticio; e a mulher: provavelmente Elisa ficaria igual à mãe, com a idade. Já mostrava uns traços. Feia. Sentia desejos de vê-la. Não ia. Uns operários. Melhores os amores mais fáceis. Então, por que Elisa era difícil? O noivo, possivelmente. Ela devia casar logo, acabar com aquilo. Um brutamontes. Ela, tão fina, tão delicada. Parecia da sociedade. Não devia pertencer àquela azêmola. Que idéia! Devia pertencer, sim. Um pobre diabo. Como aproximar-se dela? O seu escritório... Bem achado.

* * *

Elisa pôs-se a trabalhar na Editora, datilografando circulares.
— Está desempregado? Por que não se estabelece com um pequeno negócio? Eu ajudarei.

- Ele não quer deixar de ser operário.
- Deveras?
- É comunista.
- De idéias. Isso também eu o sou.
- Não; ele trabalha no Partido.
- E você? É também comunista?
- Um pouquinho.
- Sabe que o amor é a melhor coisa da vida?
- Sei.

Teodorico olhou-a fundo, dominador. Percebeu nela um vago prazer de dominada. Ela sentiu, realmente, uma impressão agradável sob o império daquela voz. O Pedrinho era forte, músculos enrijados na luta com a sua máquina, mas a sua timidez nunca permitiria exprimir-se daquela maneira arrogante, direta, docemente desrespeitosa. Teodorico, quase franzino, pálido, de maneiras finas, jogava as palavras com essa desenvoltura que vem de um sentimento de superioridade. O Pedrinho, sabendo Elisa igual à sua categoria, contemplava-a no plano mais alto, que a ela competia, como uma senhorita. E Elisa, orgulhosa por isso, também provava o prazer bastardo de uma humilhação, perto de Teodorico, sentindo-se, não a mulher, mas o sexo oposto, frágil e leve como uma pluma. Teodorico fixou-a demoradamente.

- Você sabe mesmo? disse, pegando-lhe as mãos.
- Sabe o que?

* * *

O Pedrinho não só não consentiu, como disse que partiria a cabeça daquele "burguesito".

- Não precisa ficar zangado. Não aceito e acabou-se.
 - É um crápula.
 - Isso também não, Pedrinho; é um moço correto...
- Pedrinho tremia, pálido. Elisa perguntou-lhe:

- Na Rússia o amor é assim?

Ele pensou um pouco e disse furioso:

- Não fuja do assunto. Quer ficar com aquele patife, pode ficar.

— Mas eu estou dizendo, Pedrinho, que gosto dele? Você ignora todo o meu sacrifício, a minha constante fidelidade?

- Você está alegando? Não sabe que estou procurando emprego, para nos casarmos?

- Por isso mesmo, quero também trabalhar.
- Vou arranjar colocação para você, mais decente.
- Onde?
- Na "Editora Ossian", que publica romances russos.

* * *

Elisa pôs-se a trabalhar na Editora, datilografando circulares, ponde endereços nos pacotes de livros. O De Moreyra, amigo de Pedrinho, era o tradutor e o técnico, figurando como capitalista o Abrão Ritter, um senhor de óculos de tartaruga, chapéu preto, barba preta e um guarda-chuva.

De Moreyra passava os dias junto de Elisa, conversando, nos intervalos das revisões, numa camaradagem perfeita, que lhe dava a liberdade de debruçar-se sobre os seus ombros, sentindo o cheiro de sabonete do pescoço fresco, ou de compor-lhe, com os dedos audaciosos, um cacho de cabelos que lhe pendia da fronte. Vestia-lhe o capote, saíam familiarmente. Elisa guardava certa distância, porque o seu instinto feminino percebia a ofensiva. Pequenas marchas e contramarchas veladas e sutis. Pois De Moreyra, no fundo, era um místico, torturado de desejos, que tangenciavam em cada detalhe de convivência diária.

Pedrinho consagrava uma admiração profunda por De Moreyra, que lia Plekhanov, Lunatcharski e conhecia a fundo, não só *O Capital* de Marx, porém cada um dos economistas que figuravam nos resumos de Gide. Essa admiração implicava numa confiança ilimitada e, por isso, não nutria cuidados de Elisa.

* * *

O casamento estava marcado, apesar de Pedrinho andar sem emprego. Elisa bem desejava que Teodorico soubesse. Por que? Não era, por certo, a gratidão pelo emprego que ele arranjara para o velho Inácio, agora diretor do Almoxarifado dos Materiais. Esse emprego viera, é certo, por intermédio de Zenóbio Duarte, que chegara a Secretário de Estado, mas fora uma imposição de Teodorico. Não era isso, entretanto, nem a vida na casa nova do Ipiranga, que acordava em Elisa o desejo de fazer chegar a notícia a Teodorico. Não definia bem aquela inquietação, aquele alvoroço.

Quem poderia contar seria Zenóbio, porém Zenóbio estava agora tão alto, que seria impossível. Se fizesse convites? O Pedrinho re-

provava essa idéia: era muito burguesa. Tratou de arranjar um expediente.

* * *

Zenóbio galgara, realmente, uma posição inesperada.

Depois dos quarenta dias em que o Partido Democrático tivera as rédeas do governo encarcerando perrepistas no presídio da Imigração, veio a derrubada total dos partidos políticos. A Ditadura não desejava dar asas a nenhuma dessas "beneméritas organizações", como as denominava o Martinho Cerveira, que fora deportado para a Europa.

A "Associação Recreativa dos Chefes de Família" desempenhou um papel histórico em vários governos. Indicou nomes de pessoas isentas do "mal político", cidadãos prestantes, sem malícia nem dolo.

Gruber (cujo prestígio crescera, dia a dia) dava os candidatos "garantidos, de legítima competência técnica, absoluta moralidade administrativa, e à prova de fogo". Assegurava o "máximo asseio e prontidão" e oferecia serviços diurnos e noturnos, a qualquer hora.

Era bem verdade que esses dignos varões dos catálogos de Gruber jamais tinham tido ocasião de revelar a sua probidade, mas a culpa não lhes cabia, e sim aos partidos que não os chamaram nunca. Havia, porém, soado a hora dos homens exemplares, que cumpria aproveitar na salvação da República.

* * *

Quando Gruber levou o convite ao Zenóbio Duarte, ele desandou a rir, julgando tratar-se de uma pilhéria. Mas Gruber lhe disse:

— Eis aí a que ponto chegou este país! Os verdadeiros valores foram de tal modo relegados ao ostracismo, que homens da sua têmpera caíram na extrema desilusão! Eia! Zenóbio Duarte! Erga-se da depressão em que o lançaram! Levante a frente! Assuma a direção da pasta!

Foi um reboço em casa.

— Venha jantar, senhor Secretário de Estado! exclamava a boa dona Grabiela.

Os meninos disseram no muro do quintal aos amiguinhos da vizinhança:

— O velho agora é troço: Secretário...

— Ora! gritou um pequeno de cabelos ruivos, meu tio também é secretário do Clube de Futebol.

— Isso é canja! retrucou Zenóbio Júnior. O velho é Secretário do Governo. Manda pra burro.

Zenóbio Duarte encomendou roupas novas, um fraque, a casaca. E comprou uma cartola.

Esse objeto causou grande sensação na família.

— Para que é isso?

— Para os grandes atos: receber altos personagens: presidentes, reis, imperadores, papas...

Japiassú Neto foi convidado para oficial de gabinete.

* * *

Gruber começou a notar (e falou ao Teodorico) o fato de Zenóbio Duarte administrar tão bem como os antigos secretários, cujas figuras se aureolavam, ferindo a imaginação popular como as de grandes estadistas. A arte de gerir a coisa pública era, realmente, facilíma, afirmava Zenóbio, cujo único serviço consistia em assinar papéis que lhe traziam os diretores de Secretaria. A engrenagem estava urdida de tal modo, que tudo funcionava como um relógio, ficando a Zenóbio apenas o encargo da representação social e das entrevistas à imprensa. Como encarnação do "espírito revolucionário", Zenóbio Duarte primava, soltando as frases ambigüas que o Gruber lhe insinuava, com o gênio político peculiar ao presidente da "Associação Recreativa dos Chefes de Família".

* * *

Elisa solicitou audiência para pedir um emprego. Durante duas semanas, gastava as tardes na ante-sala do Secretário, que, não tinha mãos a medir, atendendo a centenas de pessoas, portadoras de cartas de eminentes conspiradores. Ficavam todos palestrando em voz baixa, com os vizinhos de cadeira. O ar adensava-se de fumaça de cigarros. As vezes, Japiassú abria a porta do gabinete onde assistia sua Excia., recitava um nome. O escolhido erguia-se orgulhosamente sob os olhares compridos dos que continuavam a esperar. Certa vez, Elisa viu levantar-se um cavalheiro, que se torturava havia já três dias, naquela sala, e dirigir-se furioso a Japiassú:

— O senhor diga que é um revolucionário de 1925. Fiz a Revolução, e agora todos se esquecem de mim.

Japiassú, com um sorriso bicudo, de boca retorcida, explicou-lhe amavelmente:

— Sua Excia., o senhor Secretário, recebe mais de cem revolucionários históricos por dia, com a sua proverbial delicadeza, procurando atender aos pedidos de emprego...

—O senhor está muito enganado! Não venho pedir emprego! Sou um homem independente. O meu assunto é de interesse para o governo. Aqui vim num gesto de patriotismo. Não me recebem? Vou-me embora. Dou cinco minutos.

Zenóbio Duarte precisava atender, em primeiro lugar, a um recomendado do coronel de provisórios Zeca Florêncio, um caudilho terrível, que o ameaçara dizendo: "Ainda cortarei a chicote a cara de certos adesistas que estão comendo os quinhões que competem a revolucionários autênticos". O Zenóbio não era o que se costumava chamar "um covarde", porém entendia que um homem de responsabilidades públicas devia estar acima dessas "pequenezas", e evitar atritos, que perturbariam a marcha dos negócios do Estado.

O afilhado do coronel Zeca Florêncio gastou uma hora e meia, explicando em que consistia o invento de sua lavra, uma máquina de matar formigas, ultra-moderna. O homenzinho expedia perdigotos na cara de Zenóbio, exclamando a cada passo: "A extinção das saúvas é quiçá a mais alta campanha do espírito revolucionário!" E terminou berrando: "A Revolução falhará, se não matarmos formigas!"

Queria vender apenas 1.500 máquinas.

Zenóbio prometeu examinar a proposta, de acordo com o colega da Agricultura. O homenzinho saiu dizendo:

— Não foi esta a Revolução que eu sonhei!

Então, Japiassú mandou entrar o solicitante que lançara o ultimatum dos cinco minutos, o qual, volvendo um olhar aos demais, falou:

— Esperei, por patriotismo; não vim pedir emprego.

E logo Elisa, que entrara junto e aguardava a um canto, no alto sofá de couro, ouviu a longa exposição de um plano de propaganda revolucionária, por meio de lapiseiras, isqueiros e canivetes, onde se inscreviam máximas da autoria e exclusividade do proponente ou de outras sem dono, como: "Quem o alheio veste, na praça o despe", "Mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga". O patriótico revolucionário, que possuía uma pequena fábrica desses artigos desejava vender uma partida para o governo, a preços módicos.

Já ao anoitecer, Elisa conseguiu conversar com o Zenóbio. Ele lhe disse:

— Estou fatigadíssimo, menina. Não imagina o que é ser um Secretário de Estado. Nós, os estadistas, temos grandes responsabilidades. Vamos conversar em minha casa. Jante comigo. Lá descansaremos um pouco dos graves cuidados da coisa pública.

Saíram no automóvel oficial, que tinha as armas nacionais e um *chauffeur* muito alinhado nas suas curvaturas. Zenóbio, sentado nas macias almofadas, disse:

— Há maldizentes que nos acusam, a nós, Secretários de Estado, de gozarmos estes pequenos confortos. Esses invejosos não têm noção das nossas graves responsabilidades.

* * *

Na casa de Zenóbio, uma surpresa aguardava Elisa: Teodorico. Tinha sido convidado para jantar com o Secretário de Estado. E lá estava, também, o Gruber.

— Quando se casa? perguntou Teodorico.

— No mês que vem.

Passaram a outros assuntos. O Gruber, que arranjava uma sinecura de dois contos por mês, elogiava Zenóbio pela segurança com que se conduzia no alto cargo de Secretário dos Materiais. Teodorico falava no arranha-céu que ia construir, orçado em vinte e oito mil contos. Apesar da valorização interna do “mil réis” e conseqüente desvalorização das propriedades, era um negócio que valia a pena, pela baixa da mão-de-obra, terrenos e materiais, acrescentando que Teodorico possuía uma grande soma em libras, que se prevaleciam da taxa ínfima da moeda brasileira. Descreveu a planta. Seria um prédio menor, porém mais alto do que o Martinelli. Olhando a planta, Elisa estremeceu. É que Teodorico havia escrito: “Palacete Elisa”.

— Se não vier o comunismo... sorriu Japiassú Neto.

— Dizem que estão agindo, é verdade? perguntou Teodorico.

— Quem deve saber essas coisas é o senhor Gruber, disse Zenóbio, lambendo a colherinha de sorvete de creme.

— Não, senhores! Aqui temos uma jovem do Partido, elucidou Japiassú, apontando Elisa.

— Elisa? redarguiu Zenóbio espantado. Mas é um anjo de candura...

Teodorico sorriu.

— Realmente, é uma comunista. Não estou dizendo a verdade, Elisa?

— Sou simpatizante.

— O noivo é do Partido, tornou Teodorico.

E acrescentou:

— É preciso cuidado, Elisa. A polícia está de olho.

— E deve estar! aprovou Zenóbio. Quando me lembro o que tais doutrinadores pretendem fazer com nossas mulheres...

— Oh! não é verdade, senhor Zenóbio! exclamou Elisa.

— Irei ler alguma coisa sobre isso, ponderou Zenóbio. Tome nota, Japiassú, para os nossos estudos.

Elisa saiu dali colocada como secretária-datilógrafa de S. Excia. o Senhor Secretário dos Materiais. No dia seguinte, Japiassú Neto dedicou-lhe uma poesia intitulada *A musa rubra*, a propósito das idéias socialistas, em que dizia:

*"Teus lábios coralinos; tua face
de nacar; teus cabelos de ouro velho
(de ouro, em que luz a aurora que renasce)
despertam no meu ser este sonho vermelho!"*

Tornou-se verdadeiramente escarlate o sonho de Japiassú, cujos galanteios a Elisa assumiam uma forma de poesia política. E o De Moreyra, visivelmente despeitado, informou particularmente a Pedrinho que sua noiva estava se aburguesando.

* * *

Como era longa, exasperante, aquela conquista! Nunca se oferecera a Teodorico uma batalha tão séria. E, por isso mesmo, uma luta digna de ser lutada. A vida transfigurava-se, ganhava uma expressão diferente. Um sentido novo o animava. Até aos trinta e seis anos, repletos de sensações e de afetos efêmeros, vivera como o passageiro de transatlântico, matando o tempo. Desfilavam pela sua memória silhuetas de mulheres, desde Vanda, que lhe abria as portas do mundo, até Siloca, a antiga namorada, que lhe enchia as horas de tédio, como uma comodidade fácil.

Agora, que Martinho Cerveira se encontrava exilado em Paris, a Siloca perdera o último encanto picante, que era aquele simulacro de dificuldades, meras dificuldades sociais. Teodorico já não precisava de pretextos para encontros com ela. Podia ocupar o próprio leito abandonado de Cerveira, e Siloca tornava-se, por isso, mais exigente, amofinando-o com ciúmes pueris. Dera para suspirar, como

nos tempos de solteira, revirando os olhos para cima, com ares de um romantismo intolerável.

Quando a inocente Cibele, teimosa na sua ofensiva, sentava-se ao sofá com Teodorico, tão fresca, tão suave, com os braços róseos e os olhos luminosos, a Siloca mordida os lábios, dirigia indiretas, e uma vez chegara a dizer: "Deixe um pouco o Dr. Teodorico, Cibele; isso não fica bem..." Cibele ergueu-se, rubra, olhou-a com raiva, e saiu soluçando. Então, Siloca pôs-se a chorar também. E aquilo tudo aborrecia imensamente Teodorico.

Martinho Cerveira escrevera-lhe de Paris: "Por que não se casa, meu amigo? Cibele adora-o e o fará feliz. Minha irmã me parece talhada para acompanhá-lo nessa segunda metade da vida, que vai dos 35 aos 70 anos, cada vez mais desconfortante. É nessa idade que o homem precisa ir pensando no *magno problema*. Se você resolvesse fazer isso (casar-se) poderia vir a Paris, em viagem de núpcias, e me traria a minha Siloca, virtuosa Penépole..."

Essa carta produziu uma desagradável impressão em Teodorico. Como sair daquelas dificuldades? Havia, realmente, certo compromisso de sua parte para com Cibele. Tivera de alimentar o amor da ingênua declamadora, para sustentar a sua posição no trio que formava com o casal Cerveira. Pensara, muitas vezes, em desiludir a moça, mas Siloca arranjava sempre mil expedientes, para protelar, para manter o namoro, pois um rompimento seria a liberdade de Teodorico. Detestava Cibele, gozava intimamente a indiferença do namorado, mas aquilo era necessário, para trazer Teodorico preso à sua paixão tardia.

Houve tempo em que Teodorico esteve quase a se interessar realmente por Cibele. Foram dias amargos, agitados, para Siloca. E Cibele sofreu todas as perfídias da cunhada, pequenos acintes, nos salões, nas palestras, em que Siloca procurava expô-la ao ridículo.

A nuvem, porém, passou. Mas passou de uma forma inesperada. Teodorico começou a mostrar-se frio para com Cibele e muito mais frio para com Siloca.

É que ele (sem que Siloca e todas as outras mulheres o suspeitassem) havia encontrado o segredo do amor: a dificuldade. A pequena datilógrafa derrotava e humilhava o vencedor de tantas batalhas.

* * *

Elisa amava Pedrinho, queria bem ao noivo, como a ninguém mais na vida. Seu amor era feito de solidariedade, de compaixão,

de hábito, de afeto cultivado longamente, de sonhos sonhados juntos, de saudade comum de coisas passadas, e até de um sentimento novo de humanidade, de uma concepção nova da vida, que as mesmas leituras incutiam nos dois.

Mas Teodorico parecia possuir um filtro secreto, um jogo de forças incompreensíveis.

Odiava Teodorico. Não podia suportar a sua arrogância, o pouco caso com que falava às moças da sua categoria, filhas da pequena burguesia. Sem rodeios para ferir certos assuntos, Teodorico parecia imaginar que as moças da média sociedade não tinham alma, nem sensibilidade. A maneira como ele a fitava, revoltava-a. A insistência com que o fazia começou a despertar em Elisa o desejo de fingir-se vencida, aos bocadinhos, para recuar, de súbito, e fazê-lo sofrer. Esse brinquedo começou a tornar-se agradável. De noite, jurava a si mesma, ao despedir-se de Pedrinho, que no dia seguinte acabaria com aquelas levandades. Mas, no dia seguinte, não suspendia a sua tática, pelo contrário, forçava oportunidades, procurava pretextos para ver Teodorico. E agora, sentia que já não era possível pôr um ponto final nesse flerte, porque havia uma força qualquer, misteriosa, inexplicável, que interviu, surpreendendo-a.

Começou a debater-se como um tigre que houvesse caído nas malhas de um caçador.

* * *

Uma tarde, Teodorico, ao sair de uma entrevista com Zenóbio, ofereceu-se para levá-la no automóvel. Ela sentiu o coração palpar violentamente de susto. Era a lembrança daquele outro automóvel, daquela noite, com Dona Estefânia, a cena violenta, as lágrimas que chorara, todas as conseqüências e infortúnios, até a prisão de Pedrinho.

Vinha escurecendo. Estava sozinha no gabinete. Quis balbuciar que não. Mas Teodorico já lhe entregava o chapéu, já lhe dava o *bois*, a bolsinha.

Foram descendo as escadas. Tinha medo dele. Sentada ao seu lado, no auto, tremia.

Teodorico não a tocou. Estava sério, diferente. Alguma coisa se passava no seu espírito. Alguma luta, talvez.

* * *

Na semana seguinte, Zenóbio convidou Elisa para um chá familiar, que lhe oferecia Dona Beatriz de Castro e Abaetê Gordinho,

mãe de Teodorico. Elisa vestiu-se o melhor que pôde e lá esteve com Madame Zenóbio. Acontecia que nessa noite o Pedrinho, que tinha proposto cinema porque levavam o *Encouraçado Potenkin*, suspendeu o passeio por causa de uma reunião de padeiros e discussões fortes com anarco-sindicalistas. Esse fato devolvia a paz à consciência de Elisa e, por isso, estava mais sorridente e mais bela.

A reunião era mesma íntima: Zenóbio e a esposa; a senhora Dona Maria Trancoso da Costa e Figueiredo (que amava os estudos nobiliárquicos); a jovem Rute, filha de Pais de Alencastro Leiroz da Silveira; e, dos amigos de Teodorico, apenas o Tenente Gilberto, aquele que instalara o rádio nos sertões da Ribeira e desempenhava agora um papel no governo revolucionário.

Virgínia, a viuvinha, era toda atenções para o jovem oficial. Teodorico fez o elogio de Elisa a D. Beatriz, que a examinou com interesse.

A mãe de Teodorico já não era uma senhora ericada por orgulhosas prosápias. Modificara muito, desde que conhecera o cadetezinho, havia já 12 anos! Nunca mais Urbano lhe saíra da memória. Dona Beatriz chegara aos 51 anos, com aquela recordação dos 39. Fora forte a impressão. Durante muito tempo, dedicou-se à leitura dos proclamas de casamento, que saíam no *Jornal do Comércio*. Sentia-se feliz, quando encontrava "...ele, com 22 anos, ela, com 40..." Sonho de horas mortas. No dia seguinte, recompunha a fisionomia austera, impecável, com os primeiros cabelos grisalhos.

Urbano desaparecera, talvez (pensava) compreendendo a diferença de idade (tolice!), ou de posição, de família (outra tolice!); e o velho conde de Ariranha, 78 anos, casara com a sua datilógrafa, uma menina de 17 anos; e D. Olinda Cotrim, 46 anos, casara com o Dr. Agostinho, funcionário postal, de 24 anos... Mas o tempo foi correndo e, se alguma vez a idéia reincidia, teimosa, Dona Beatriz fazia cálculos secretos: estava com 51 anos, ele devia ter 36. Era um capitão, um bravo, tinha notícias da marcha que fizera com a Coluna. Soubera, pelos jornais, que se encontrava em Assunção, que não tomara parte no movimento de 30.

Esse mundo à parte (mundo de horas perdidas de solilóquios inconfessáveis) incutia na veneranda matrona uma nova interpretação da vida e da sociedade. Tão ciosa, outrora, das prerrogativas de sua família, sustentava muitas vezes discussão com a filha Virgínia, que ainda não se casara segunda vez porque pretendia escolher muito.

Naquela noite, Dona Maria Trancoso da Costa e Figueiredo, agora imponentíssima nos seus setenta e cinco anos, parecia dominar a palestra.

— Você precisa, Virgínia, deixar o Tenente Gilberto conversar um pouquinho comigo. Repararam como estas meninas de hoje apreciam os militares?

— Os militares estão na moda, disse Teodorico.

— Com muita justiça, completou Zenóbio Duarte. Não foram eles que salvaram a Pátria do tremendo? Sim: foram os homens da farda que permitiram que surgissem os novos valores administrativos.

— Pois eu, como paulista da velha estirpe, obtemperou D. Maria Figueiredo, não perdôo uma coisa aos militares...

— Que desgosto para mim! exclamou o Tenente Gilberto. Poderá V. Excia. dizer-me em que a magoamos?

— Os senhores, disse ríspida D. Maria, amarraram São Paulo a grilhões infamantes. Isto já não é a terra dos Borba Gatos, dos Fernão Dias...

— Minha senhora, desculpou-se o Tenente Gilberto, o povo parece satisfeito. Todos execram os homens que aqui governavam...

— E com toda a razão! afirmou Zenóbio desviando os olhos de Teodorico, com quem fizera política no P.R.P. Nós precisamos de moralidade administrativa. A exma. senhora está diante de um Secretário de Estado, paulista e civil. É o que digo, exma. senhora: temos de republicanizar esta República.

— E as famílias tradicionais? perguntou D. Maria. Que entende o senhor por São Paulo?

— São Paulo são as fábricas, as indústrias, o comércio, disse Teodorico.

— E a senhorita, que pensa? perguntou Gilberto a Elisa.

— Acho que São Paulo são essas ruas bonitas.

— Está vendo, exma.?

— Não senhor! São Paulo é...

— Eu lhe digo (cortou Zenóbio) o que isto é. Como Secretário de Estado, posso afirmar, e aliás repito sempre à minha mulher, não é verdade, Graziela?, que São Paulo é a imensa papelada que passa debaixo dos meus olhos; são os funcionários, fiéis servidores, são os requerimentos, onde vejo, sobre as estampilhas, as eloqüentes iniciais do "Pede Deferimento". Ali é que está a nossa grandeza...

— Pois fiquem os senhores sabendo, disse D. Maria, que eu entendo por São Paulo as famílias tradicionais. Quando leio nas

interior, realizam o suplício de Tântalo na grande Nação opulenta, sem estradas, sem higiene, sem escolas, lutando no desamparo, morrendo à mingua, esquecidas e humilhadas; e são elas que fornecem os sertanejos que derrubam as matas, soldados para a milícia Estadual, marinheiros para os navios da Pátria, e até os cérebros que representam a cultura paulista.

O Tenente Gilberto dominara agora o ambiente. Dona Maria emudecera. Ele continuou:

— Como é grande São Paulo, resistindo com suas massas rurais, e sua massa de operários urbanos, ao peso de uma plutocracia que vem esmagando o caboclo e humilhando o cérebro dos pensadores!

Teodorico procurou mudar de assunto, indagando do Tenente Gilberto pormenores de suas viagens. Dona Beatriz estava encantada com o ardor do jovem militar. Recordava-se de Urbano, cuja imagem não lhe saía da memória. Com os olhos brilhantes, Virgínia disse a Elisa:

— Parece que estamos começando a viver uma vida nova.

— A sociedade está passando por muitas transformações, disse Elisa.

— É preciso muito espírito revolucionário, interveio Zenóbio, bocejando. E, sobretudo, lembremo-nos de que o mundo marcha para a esquerda. Portanto, sem moralidade administrativa, nada se fará.

Dona Maria ergueu-se furiosa:

— E as belas maneiras? E o bom-gosto? E a literatura? E a retórica? E os homens de notório saber? E a nossa Faculdade de Direito? E a Nobiliarquia, de Silva Leme? E os brasões das famílias?

E juntando as mãos em forma de prece, ergueu os olhos para cima, exclamando compungida:

— Não! É preciso que São Paulo se erga contra a onda selvagem!

XXII

OFENSIVA AO GRANDE COMPLEXO

Maranduba, nesse ano povoado de boatos e de entrevistas de próceres, começou a desempenhar o seu apostolado.

Tendo transcorrido o período da absoluta neutralidade em face dos acontecimentos militares e políticos, o Müller, com aquele espírito de organização que o distinguia, alugou uma sala no último andar do Palacete Martinelli, onde duas janelas de esquina contemplavam o panorama da Metrópole e, subindo com o "gigante", disse-lhe:

— Apottera-se tesses horrizontes, oh doudrrinador! É checata o horra em gue tefemos iniciar o nosso crrande brrobacanda.

Maranduba viu a torre da Luz e contemplou as cúpulas de pedra do mosteiro de São Bento; à sua esquerda, rasgava-se a paisagem proletária das chaminês, até às colinas de Guaiaúna; à sua direita, os palacetes de Higienópolis e da Avenida Paulista. Ao fundo, os quartéis da Força Pública e do Exército, em Santana. Em baixo, o borborinho de gente na Avenida São João. Volvendo à outra janela, seus olhos encontravam o perfil egípcio do Instituto do Café, com a sua arquitetura brutal, à maneira de um templo de Karnak: próximo, o Palácio do Governo, agachado e humilde.

A rua de São Bento, reta como uma ânsia de luz e liberdade, na aflição de sua perspectiva comprimida, ia trancar-se nas paredes barrocas de São Francisco, opressivas como uma dispnéia.

Em baixo, a turba ia e vinha, atordoada pelos mil gritos dos jornaleiros, que apregoavam mentiras e boatos.

Maranduba considerou todos aqueles aspectos e disse:

— É preciso despertar a Unidade Criadora. Doutrinemos. Tudo isso é bem complexo, mas a finalidade do homem é lutar contra a complexidade, realizando a vida heróica. Agremiemos discípulos.

* * *

Foi instalado um alto-falante naquelas alturas, a fim de que Maranduba, por meio de um canudo, pregasse às turbas. Era um aparelho potente que dava à sua voz uma entonação de trovoadas.

A mentalidade brasileira andava então muito dividida. No caos que se seguiu à reviravolta de 30, uns corriam para os livros, outros para os cargos, outros preparavam as hostes para futuros embates. Havia os liberais-democráticos; os sociais-democráticos; os confederalistas; os federalistas; os presidencialistas; os parlamentaristas; os socialistas-radicais; os comunistas stalinistas; os comunistas trotskistas; os “reformistas” de Saint Simon e os de Freud; os social-nacionalistas; os católicos republicanos da direita, da esquerda, do centro, os protestantes liberais e os conservadores, os centralistas, os autonomistas-separatistas, os monárquicos parlamentares e os absolutistas.

Isso, apreciando-se as correntes de um modo geral. Porquanto se multiplicavam outras seitas: a “Liga Pró-Estado Leigo”, a “Associação Livre-Cambista”, a “Ação Anti-Latifundiária”, o “Círculo dos Educadores Novos”, os “Cavaleiros do Voto Secreto”, os “Amigos da Rússia”, e muitas outras. Simultaneamente, organizavam-se clubes revolucionários, como nos tempos de Robespierre: o “5 de Julho”, o “3 de Outubro”, o “24 de Outubro”, o “24 de Fevereiro”.

Os indivíduos mais contrastantes das correntes ideológicas, associações ou clubes, ligavam-se, porém do Amazonas ao Prata, em grandes blocos que se denominavam “frentes unidas”, blocos imensos atirados no pélago da confusa e tenebrosa “esquerda revolucionária”.

Maranduba não encontrava lógica nas atitudes dos homens importantes, pois incompatibilidades pessoais ou regionais separavam cidadãos que manifestavam as mesmas idéias, ao passo que amizades e interesses ligavam indivíduos de programas e doutrinas adversas. E isso era o Brasil.

Certa vez, Gruber tentara explicar o fenômeno, dizendo: “Neste país, os homens raciocinam com o cérebro, com o coração e com as tripas. São os três métodos em voga”.

Maranduba respondeu:

— Tudo isso é belo porque é complexo e, no fundo, guarda uma encantadora simplicidade. O Homem é amassado com todas as ar-

gilas. Ir buscar no íntimo de tantos lodos a vibração criadora, transformá-la em energia essencial; dar-lhe destinação na batalha perene; engendrar o ritmo da luta; convocar a juventude e cometer-lhe a vigília sem tréguas; imprimir um sentido de combate glorioso ao terra-à-terra das materialidades contingentes: eis o Caminho de Santiago, a marcha sobre os espinhos. Porque o Homem reside no homem.

Gruber ficou olhando para Maranduba. Era, positivamente, um louco. Dava a impressão da energia primitiva do caos, ainda não encarcerada na matéria. Exaltado e nervoso, parecia um Tartarin grotesco, iluminado por um sonho de São Graal.

Urgia curá-lo. E Gruber tentou a cura convidando-o a entrar para a "Associação Recreativa dos Chefes de Família". Poderia ainda fazê-lo um secretário de Estado, como Zenóbio Duarte, e isso seria a salvação de um moço que se tornaria útil no bom e verdadeiro sentido.

Müller, que já se achava absolutamente fanatizado pela doutrina da "energia essencial", chegou justamente no instante em que Gruber formulava o convite. Indignou-se:

— Focês guerrem afagalhar tudo! Esde, borrém, não é um "faco" ortinárrio; faz alcuma goisa de crrande, golossal. Famos gonsdrruir um baís barra chicantes!

Maranduba estava magnífico na sua impassibilidade. Hirto como um faquir, parecia represar energias tremendas.

* * *

Maranduba mandou fazer um cartaz enorme, em que havia um gigante cor de chocolate, lutando com várias serpentes e esmagando um leão sob os pés. No alto, estava escrito: "A ENERGIA ESSENCIAL". Em baixo, lia-se: "Brasileiros! Erguei-vos em torno do Mestre", com letras menores, entre parênteses: "Associação Fósforos de Segurança".

Esse cartaz percorreu o Triângulo, acompanhado de uma banda de música, escoltado por quatro militantes do regimento dos "bambas" com o uniforme: o chapéu quebrado na testa e o emblema: uma caixa de fósforos.

Atrás da música, vinham, num automóvel aberto, o Müller, imponente e desafiador, e dois moços, de olhos para o alto, muito si-zudos e compenetrados. Eram os dois primeiros discípulos de Maranduba. O Gigante não saiu na passeata, porque Müller entendia não ser prático mostrar os gênios ao povo.

O cortejo entrou, pelo Viaduto, na rua Direita. De um grande saco, Müller ia retirando panfletos com as palavras de Maranduba, que diziam:

“Patrícios de todas as Províncias, de todas as Profissões, de todos os Partidos e de todos os Cremos!

Lembraí-vos de que a vida não pode ser vista com as vossas lunetas quebradas!

De dentro das vossas Províncias, dos vossos negócios, da vossa política, do vosso sectarismo, não vereis a Humanidade!

Brasileiros! Realizai-vos no Brasil e não em vossos quintais!

Homens! Realizai-vos no Gênero Humano, e não em vossas dores de dentes!”

A proporção que estes panfletos iam sendo lidos, aglomeravam-se transeuntes às gargalhadas. Uma turba de jornaleiros, de vagabundos e moleques acompanhava o préstito. Do alto de um terceiro andar, jogaram uma canecada de água, que caiu nos ombros de Müller. Bolas de papel vinham bater nas faces dos dois rapazes graves. A banda ia tocando uma marcha entusiástica. Ao passar por uma mercearia, choveu sobre o estandarte e o automóvel uma chuva de cascas de banana.

— Fugiram do Juqueri! apontava, na esquina da rua Quintino, um jovem que vinha de uma reunião política.

— É reclame de nova marca de fósforos, explicou um senhor barrigudo.

— É anúncio de cinema, dizia um caixeirinho.

Dois intelectuais liam o boletim com enormes risadas. Ao chegar o préstito ao largo da Sé, estrondou uma vaia tempestuosa. Os panfletos eram disputados. Vinha um grupo de oficiais do Exército, que desandaram às gargalhadas. No largo do Tesouro, o trânsito ficou interrompido. Intervieram “grilos” (1). A marcha recomeçou. No passeio, próximo aos Bancos da rua Quinze, comerciantes chacoteavam.

A massa foi aumentando. Repórteres batiam chapas. Era uma risada geral, estrondosa, que achincalhava o mísero grupo. A cidade ria, como nunca rira, desde que se conhecia a sua história.

* * *

(1) Guardas-civis.

(...Do alto de um quinto andar, Ricardo Simon Gruber, o amável animador da sociedade brasileira, sorria amargamente. E, voltando-se para Pedrinho e De Moreyra, os apóstolos comunistas, disse-lhes:

— Eis a história do Pensamento Nacional.
E sacudia a cinza do charuto).

* * *

A noitinha, os jornais publicaram clichês. No meio de cerradas notícias de confabulações de paredros, que, afinal, constituíam a coisa mais séria para os homens de senso comum, aquele instante tinha um sabor picante de humorismo.

Müller, o largo peito constelado de gemas de ovos, sujo de poeira, derramando suor, abraçou Maranduba, com os olhos cheios de lágrimas.

— Está triste? perguntou Maranduba.

— Muido alecrre, Mesdrre. No bróximo basseata, lefarremos uma surra. Benso gue é necessário. Ou não endenti pem o toudrina to Fita Herróiga?

— Sim; é isso mesmo! disse, com firmeza, Maranduba. Temos oferecido hoje a primeira batalha ao Grande Complexo.

XXIII

A VIDA HERÓICA

Os artigos de Maranduba andavam provocando debates em vários pontos do país. Em Carolina (Maranhão), em Pajeú (Pernambuco) e Nioac (Mato Grosso), fundaram-se pequenos centros da "Associação Fósforos de Segurança". Um jornalzinho de Tabatinga (Amazonas) transcreveu aquela síntese admirável que Maranduba intitulara "Ritmo de marcha". Chegou uma carta de Tijucas (Santa Catarina), pedindo ao eminente pensador que sistematizasse, numa série de volumes, a sua doutrina.

Müller, porém, não suportava a indiferença dos grandes jornais, o desprezo dos centros literários e políticos por um autor tão ilustre. Pouca gente sabia (nas cidades importantes) da existência de Maranduba. Os nomes em voga eram os dos jornalistas que discutiam as crises políticas, os escândalos partidários e os famosos "casos".

O Brasil inteiro vivia, então, o período fervilhante dos "casos". Mal se resolvia o "caso do Piauí", e logo surgia o "caso do Acre". Os políticos mexiam-se, e a atenção popular voltava-se para eles.

Um historiador neurastênico, em carta que escrevia a Maranduba, comentava com pura bilis aquela "desolante paisagem mental", dizendo, em estilo rebuscado:

"Meu caro. O ângulo de visão das turbas não atinge os tratos alcandorados das anticlinais; rabeia por cômodos e outeiros e desconhece os platôs alpestres onde a *idéia* deverá fulgurar como um sol. Tudo se mediocrizava em banalidades irrisórias nestes dias da Nova República, não lampejando um raio, sequer, de gênio, nas multidões desmoralizadas e nos governos vulgares que mascaram

sua mediocridade com o cartel da *moralidade administrativa*. A Velha República dissimulara a má fé encastelando-se por detrás de suas fórmulas, e agora, destruída essa carpintaria, a mentalidade dos triunfadores deixa à mostra um Brasil de cuecas”.

Essas considerações eram, evidentemente, pessimistas. E a imagem final parecia pouco decente. Maranduba sabia que o historiador Filomeno andava despeitado pela escolha de Zenóbio Duarte para Secretário dos Materiais.

Gruber, filósofo da história, incumbiu-se de demonstrar que o benemérito Filomeno laborava em possível equívoco ou lamentável erro de interpretação. E fê-lo da seguinte maneira.

A “Associação Recreativa dos Chefes de Família” dirigiu ao Ditador um ofício concebido nestes termos:

“Egrégio Benfeitor da Pátria!

“A estabilidade dos governos repousa na solidez da opinião pública, do mesmo modo que esta se firma nos conceitos emitidos pelos juizes da História.

“A “Associação Recreativa dos Chefes de Família” toma a liberdade de lembrar a V. Magnanimidade que é útil aos príncipes agradar à História (Vide Machiavel, *Cartas a minha sogra*, pág. 47 da edição de 1498). Pois aqui temos o notável historiador Filomeno, que está formando uma opinião errada do sapientíssimo Poder Discrecionário e dos homens que realizaram a arrancada de Outubro, porque V. Excia. não se dignou ainda lançar seus benévolos olhares a tão honesto cientista, nosso prestante consócio. Uma palavrinha de estímulo será o bastante, porque os grandes escritores só se alimentam de glórias e o nosso genial historiador não costuma mesmo saldar suas contas com a lavadeira”.

Dias depois, o Ditador mandava o seu secretário particular escrever um cartão ao ilustre historiógrafo:

“S. Excia., o Chefe da Nação, que lê todas as noites as páginas lapidares onde V. S., estudando os fastos da Revolução de 93, revela-se um émulo avantajado de Carlyle, incumbiu-me de perguntar pela preciosa saúde de V. S., desejando-lhe longa vida”.

O historiador Filomeno mostrou o cartão a inúmeros amigos, até sujá-lo completamente com seus dedos encardidos de tabaco. E passou a estudar a Ditadura sob “um novo aspecto”.

Gruber, sabendo-o, disse a Maranduba:

— Veja como a História é relativa...

Impenitente, Maranduba atalhou:

— Pois eu nunca neguei as relatividades; procuro no fundo delas, o “absoluto intangível”.

* * *

Que seria esse “absoluto intangível”?

Os adeptos de Maranduba, agora, eram, além dos nove de 1930, mais cinco em São Paulo e três no território nacional, não se contando os neófitos, que subiam a mais de dez. Outros haviam sido inscritos, mas foram excluídos por diversos motivos: um, porque estava certo de que Maranduba organizava um futuro partido político e se candidatava a uma vaga de Juiz de Paz; outro, porque acreditara tratar-se de uma “cavação”, com o fim de disseminar, com ótimos salários, possíveis idéias ocultas da Ditadura; outros, porque se convenceram de que a “Associação Fósforos de Segurança” era um clube dançante e carnavalesco; finalmente, muitos, porque se aproveitaram do caráter de adeptos de Maranduba, para beber chopes de graça no bar do Müller.

Um destes, além de tomar vinte canecas de cerveja todas as noites, pedia 5\$000 emprestado para o táxi e beliscava as pernas da *garçonette*. Certa noite, tendo ficado a cochilar, bêbedo, à hora de cerrar as portas do “Bar das Valsas”, Müller agarrou-o pelo peito, sacudiu-o:

— Focê guerr chobes, ou guer itéas? Focê guerr “unitate grriatorra”, ou bernas te *carçonedede*?

Com o chapéu enterrado nos olhos, o malandro mandou um tapa lerdo e mole na cara de Müller. Este, indignado, exclamou:

— Focê guerr “enerchia ezencial”!

E desfechou-lhe um murro, que o prostrou.

No dia seguinte, consultou Maranduba sobre se havia andado de acordo com a doutrina.

— Realmente, Müller. Naquele instante do murro, houve um relâmpago de “idéia criadora” e de “energia essencial”.

* * *

O cervejeiro, incansável, levou Maranduba para pregar no Rio de Janeiro. Era preciso conquistar "aquela praça", dizia na sua linguagem comercial. Como empresário da "energia intangível", procurou informar-se onde se reunia a inteligência carioca. Disseram-lhe que andava esparramada pelas portas das livrarias, à tarde. O poeta Japiassu Neto concedera a Maranduba algumas cartas de recomendação. Aconselhou-o a que não se excedesse, porque no Rio "moravam a ironia e a anedota".

Ao desembarcarem na estação Pedro II, Müller disse:

— Dens tiande te di, oh Toudrrinator, a citate berricosa. Eu figarrei no hodel, esberrando.

Maranduba foi logo apresentado a um grupo de intelectuais, que sorriam maciamente, falando a meia voz. Quando disse a que ia, todos se fizeram muito sérios, para gozá-lo.

— Sim; o Brasil precisa de uma grande voz, disse o João Picanço, meio curvado, enquanto o Felisberto Bolota sorria, querendo insinuar que naquele sorriso havia quatro comentários picantes engatilhados.

— Vejam essa figura! exclamou o poeta Sampaio, de cabelos louros. Será o salvador da Pátria.

(E cotucava com o cotovelo o Rezendinho, de quem ele, Sampaio, tinha medo).

— Você está ficando meio comunista, disse o Rezendinho, apontando para as *Quarente lettres* de Jacques Sadoul, que um rapaz trazia debaixo do braço.

— Não; leio de tudo, fez o outro. Você me viu ontem com o Maritain.

— Pois quanto a mim, aparteou o Dr. Febrônio Perobeira, que estivera calado, ando agora lendo o Valois.

— Grande economista este nosso doutor, disse com ar perverso o João Picanço.

Depois, passaram a comentar em grandes risadas um artigo de Articlínio Seroa. Contaram pilhérias a respeito.

Chegava nessa hora o Vinefredo Guaianaz, literato estreante, muito cuidadoso com as suas atitudes.

— Estamos aqui comentando o artigo do seu amigo Articlínio, disse o Rezendinho.

— Meu amigo?

— Ora! Pois ontem vi você com ele!

Vinefredo ficou morto de acanhamento.

— Por acaso. E, depois, vocês compreendem...

E fez um ar de quem diz: "Goza-se o homem e as suas cretinices".

O poeta Sampaio perguntou a Maranduba se já havia lido o último livro de François Mauriac.

— Por falar nisso, que me dizem do *Climats*, de Maurois?

— Não se compara com o *Bernard Quesnay*, disse o Rezendinho. Agora, estou lendo as vidas romanceadas. Já conhecem todo o Ludwig?

— O senhor já leu o *Bringalf*, de Cendrars? perguntou o poeta a Maranduba. Há lá umas cenas das Filipinas...

Maranduba estava bestificado. Tudo aquilo vinha tão sem propósito, que tinha a impressão de que o intuito de cada qual era fazer uma parada de leituras. Um moço moreno disse:

— Acho decadente a literatura francesa. Não há como os alemães: Thomas Mann, Jacob Wasserman, e esse extraordinário Remarque.

— Não diga isso! obtemperou Sampaio. Quem escreverá, por exemplo, como Proust?

Discutiram, então, Paul Morand, Cocteau, Julian Green, Valery, Bernanos, Croisset, Lacretele. Foi um tirotear de nomes em que fuzilavam obras dos gêneros mais diferentes: os Michaud, os Siegfried, os Brion, os Francis Carco, os Duhamel; os Constantin Weyer, os Benoits; os Kessel e os Jules Romain. Não falaram muito de poetas, porque não estavam em moda naquele ano. Em compensação, referiram-se a escritores ingleses, como Huxley, os russos, como Bulgakov, cujo romance *A Guarda Branca* o Picanço tinha lido. O Sampaio conhecia Veresaiev, que traçara o drama da inteligência na Rússia bolchevista, e Liebedinski, que sabia jogar com as massas. Mas, Rezendinho apreciava Sergh-Tsenkij, tanto quanto Tinjanov. Passaram às literaturas italiana, espanhola, americana e sueca. Esqueceram completamente de Maranduba, que ficou murcho a um canto, conversando com o Dr. Perobeira a quem expunha a doutrina da "idéia essencial".

Quando a tempestade de citações de autores e livros passou, começaram a contar anedotas, a respeito de ausentes e a fazer trocadilhos. Tinha aumentado a roda. Às vezes, um dos intelectuais se destacava do grupo, puxava outro pela aba do paletó, dizia uma coisa ao ouvido. Cruzavam-se alfinetadas nas asas de risadinhas secas. Piadas sutis solapavam reputações literárias.

Maranduba fora-se afastando para o fundo, sempre empurrado pelo Dr. Perobeira, que falava sobre o plano quinquenal. Mas che-

garam dois novos comensais, um que dizia: "O comunismo constitui o perigo iminente", e citava Rocco, Gentile, Giovanni Corso, Pagano, Corradini, Botai, Belluzio, Volpi, com gestos violentos; outro, que respondia citando Santo Agostinho, De Bonald, De Maistre, mas acreditando que "dentro da tradição liberal brasileira ainda havia remédio para tudo". Essa discussão entrou de roldão, sem cumprimentos aos circunstantes, e dominou todo o ambiente, com citações complicadas de Unamuno, Ortega y Gasset, Maurras, Ingenieros, Spengler, Keyserling. O debate impressionou tanto que o poeta Elias, com os olhos brilhando de espanto, puxou umas laudas, e cortou os comentários, que iam pelas alturas de Berdiaef, recitando, trêmulo e exaltado, uma poesia que começava assim:

*Os tempos se aproximam. A consumação
dos séculos se aproxima. Vejo uma luz...*

Maranduba largou o Dr. Perobeira, que estava discutindo com o bacharel Azevedo os comentários à Constituição, de Barbalho, a propósito de uma interpretação de Rui ao artigo 6.^o, e aproximou-se.

Quando o poeta terminou, com voz cava, a leitura patética, estremeando em cada sílaba: "e os nossos pecados, e os nossos pobres pecados...", Maranduba deu um passo à frente e, agarrando-o pelo braço, disse-lhe:

— Amigo, vejo em você qualquer coisa de "energia essencial". Há qualquer coisa na sua poesia, que revela a luta perene sobre as complexidades. Convido-o para meu discípulo.

Todos riram; e, por isso, o poeta sentiu-se diminuído pelo convite. Ali se cultivava a ironia, como se cultivam as hortaliças. De sorte que o próprio poeta olhou incrédulo e com um sorriso inexpressivo para Maranduba. Dessa incômoda situação, tirou-os o Barbosa, que entrou dançando um maxixe, com os dedos em pinha na testa e o braço apoiado em ângulo na mão esquerda, enquanto cantarolava em voz de falsete: "Eu sou do amor".

Então, começaram todos a conversar em dialeto da Favela, e Maranduba, rodeado pelo Dr. Perobeira, pelo Sampaio e o Picanço, foi soterrado por eles. O Dr. Perobeira dizia-lhe:

— Faça um curso meticoloso de filosofia; discipline a sua inteligência; a terminologia tem muita importância; os processos lógicos constituem tudo. É o que lhe digo.

* * *

Não foi possível a Maranduba conseguir que o ouvissem.

Resolveu aguardar a recepção para a qual fôra convidado, em casa do notável lírico Fabião Jurema.

Na residência do consagrado beletrista, encontrou reunida a fina flor da literatura e das artes cariocas e nacional, alguns eminentes políticos da Velha e da Nova República, o pintor Xamita, o cronista elegante Confidência, a excelsa declamadora de todos os salões, Madame Elfendara, imponente como uma estátua de Palas. Tomavam-se sorvetes de abacaxi, espalhavam-se todos pelo salão, pelo *hall* e pela biblioteca. Às vezes, uma pequena, muito fina e muito espiritual, ia ao piano e punha todos em êxtase, com um reбуçado na boca; depois, Madame Elfendara deixava-se possuir pelo espírito da poesia, erguia-se, gritava, contorcia-se, e terminava o poema com os braços para o alto, hierática e litúrgica, à maneira de uma sacerdotisa de Hérus.

A conversação era sutil e erudita, sobre Cézanne ou Rodembach. Alguém comentava Chopin, e logo se entrava na consideração de Picasso. A última eleição da Academia e a excelência de um Chateau cor de amoras das velhas *caves*, 1838.

Maranduba não sabia para onde virar, nem onde colocar as mãos, nem onde atirar a ponta de um cigarro, porque os cinzeiros pareciam salvas árabes, vasos etruscos, lâmpadas medievais. Quando Fabião Jurema o apresentou, dizendo: "Dr. Pedro Maranduba, descobridor da "energia essencial", essas palavras provocaram apenas cumprimentos de cabeça, o que deu a entender a Maranduba que o tomavam por algum inventor de gasolina artificial. Realmente, um jornalista perguntou-lhe se a sua essência substituíria com vantagem o petróleo da Standard, ao que Maranduba respondeu que substituíria, com muito mais vantagem, os sistemas de Kant e de Hegel. O distinto homem de imprensa julgou que tais nomes eram de fabricantes de motores. Maranduba respondeu:

— Realmente, são os motores de Kant e Hegel que vêm acionando a carroça da civilização...

Então, o ilustre jornalista apresentou Maranduba ao escritor Nogal Stilingue, *globe-trotter* que colecionava tipos humanos pelo mundo, para escrever uma possível *Comédia Mecânica*, com a qual desejava suplantar a *Comédia Humana*, de Balzac.

Esse Stilingue caceteou Maranduba, narrando-lhe as recepções que tivera nas Academias das cinco partes do mundo, seus amores com a Marquesa de Perraché, e a descrição dos hábitos sociais do Beluchistan. Falou-lhe de alfanjes da Pérsia e de uma poetisa de

Honolulu, de uma pilhéria que lhe contara Afonso XIII, quando caçaram juntos no fundo de um quintal, e das suas estroinices com o rei Carol, em Paris e Berlim.

Foi uma noite inteiramente perdida, em que Maranduba só aproveitou os reiterados suspiros do poeta Elias, que lá se achava, a palestrar com as damas.

* * *

No quarto do hotel, Müller esperava, ansioso. Convertera o *garçon* e um vagabundo que encontrara no largo do Rocio. Este sujeito chamava-se Pifânio, tinha sido cozinheiro de bordo, no Lóide, já fora a Hamburgo, Havre e Nova York, descera em Manaus num calhambeque, extraíra borracha, enriquecera, encontrara uma espanhola, torrara os cobres com ela, verificara praça, fora condutor de bondes, quebrara a cabeça de um passageiro, roubara uma mala de livros, que lera, um a um, vendendo-os em seguida, e agora andava completamente sem ter o que fazer. Exposta a doutrina da "idéia essencial", aceitou-a, dizendo que faria o mesmo em relação a qualquer outra, que lhe aparecesse, no largo do Rocio, aquela hora em que não tinha absolutamente nada em que empregar o seu tempo. Ficou de procurar Maranduba na manhã seguinte.

Maranduba confiou a Müller o seu insucesso:

— Pois eu encontrei todos os outros em situação diferente da de Pifânio: estavam ocupados. Logo que terminem suas leituras, suas discussões, não havendo mais reuniões elegantes nem anedotas novas para dar curso, acredito que aceitarão a primeira panacéia doutrinária. Seria bom que Pifânio ficasse aqui vigilante, pois esta cidade representa para nós o que Constantinopla significava para Maomé. Esquecia-me de dizer-lhe: tenho em vista um poeta, que me parece o único valor dessa grande sociedade.

* * *

Na manhã seguinte, Pifânio apareceu, realmente, pedindo a Müller que lhe pagasse uma média e pão quente. O incansável Müller atendeu-o em muito mais: vestiu-o decentemente, fê-lo barbear-se, cortar os imensos cabelos. Deu-lhe uns cobres e determinou-lhe que não largasse Maranduba um só instante.

Pifânio, que já contava passagens na polícia, como ladrão de galinhas, conhecia, um a um, os secretas, e fugia deles, escondendo-se por trás de Maranduba, o que era extraordinariamente incômodo. Dirigiram-se, logo, aos clubes políticos. Já no primeiro, encontraram dificuldades. Um mulato perguntou-lhes:

— Os senhores são revolucionários históricos? Autênticos?

Maranduba disse que dependia do sentido da pergunta. Queria saber o que se entendia pela palavra revolucionário. Se se tratava de possuir idéias novas, respondia afirmativamente; se se tratava, porém, de derrubar gente velha para manter idéias velhas com gente nova, respondia negativamente.

O mulato disse:

— O senhor é um reacionário. Revolucionário é quem faz bagunça.

— Mas então, disse Maranduba, não tenho o direito de pensar?

— Se o senhor pensar contra nós, vai para a cadeia.

— Acaso, perguntou Maranduba, a “idéia essencial” contraria a doutrina de V. Exa.?

— Se tiver “espírito revolucionário”, se for moralizante, se for outubrista, decerto que não.

— Minhas idéias são revolucionárias, são moralizantes e, talvez mesmo, outubristas. Que é o outubrismo?

— Tudo o que for bom.

— Nesse caso, sou outubrista.

— Alto lá! berrou o mulato, diga-me primeiro: o senhor tem algum parente perrepista?

— Não tenho.

— Mas, é como se tivesse. Quem não pegou em armas, quem não conspirou, não tem o direito de emitir idéias. Muitos tartufos andam por aí, que pretendem nos engambelar. Vá saindo!

Até esse momento, Pifânio estivera quieto, como competia a um modesto ladrão de galinhas. Mas não pôde resistir à petulância do pardo. Olhou firme para ele e perguntou:

— De que revolução você é?

— Não está vendo, seu besta? Sou de 3 de Outubro; não sou melancia de 24 de Outubro!

— Pois eu, vagabundo profissional, hoje convertido às idéias deste grande pensamenteante, sou revolucionário mais do que você: combati em 22, em 24, enquanto você era chaleira do Bernardes.

E, abrindo violentamente a camisa, mostrou o peito lanhado:

— Veja estas feridas! Foi em Catanduvas. Tenho o direito de governar este país. Uma vez que não possuo habilitações, exijo que escute este homem.

— Só se for por seu intermédio. Porque ele não tem o direito de abrir a boca.

Maranduba disse:

— Aceito. Pifânio falará por mim. Andarei oculto. Escreverei: ele lerá, e sua voz purificará as minhas palavras com o hálito sagrado de Outubro.

* * *

Pifânio tornou-se, desde então, o intérprete de Maranduba nos meios revolucionários. Como a sua instrução era limitada, nem sempre entendia o que o Filósofo falava, deturpando lamentavelmente o pensamento mal assimilado. Se não queriam ouvi-lo, invocava a sua qualidade de “autêntico”, e agora que Müller lhe fizera um ordenado, inscrevera-se como sócio de um dos clubes mais vermelhos.

* * *

Depois de vinte dias de permanência no Rio de Janeiro, subiram os três ao Pão de Açúcar e, sobre a linda manhã azul, Maranduba disse:

— Aí temos o Município Neutro, na denominação profunda da Monarquia. Cidade dos pretorianos e da burocracia comodista. Os movimentos de opinião agitam a arraia meúda; a intelectualidade é internacional e livresca e anda à procura de filosofias já construídas e autores já consagrados.

A cidade fulgia entre as árvores, sob o sol. Maranduba apontava-a:

— Isso parece uma biblioteca num porão. Como poderá sair dali o Pensamento, na sua força criadora?

No esplendor das 11 horas, porém, a cidade era bela.

— E este povo é alegre como uma criança e virginal como as florestas da Tijuca. Criou o carnaval, a macumba e o jogo do bicho, e compreendeu, instintivamente, o sentido dionisiaco da vida. Vejam como a Gávea resplandece! Vejam lá em baixo, em Copacabana, como a praia fulge, colorida de banhistas! As serras, ao fundo, estão coroadas de sol, como deuses de pâmpanos dourados. E o mar é verde, como o sumo da vida. Em tudo isso, vejo “energia essencial” e “essência criadora”, que precisamos despertar. Aqui deixaremos Pifânio distribuindo panfletos.

* * *

Regressando a São Paulo, Müller fez o cálculo das despesas mensais da “Associação Fósforos de Segurança”. O apóstolo estava arruinado. Pediu prazo para pagamento de umas duplicatas; tomou dinheiro, a juros de 60% ao ano, a um agiota.

As despesas da propaganda orçavam, com muitos cortes e compressões, em 4:500\$000; a renda líquida do "Bar das Valsas" não ia além de dois contos. E Müller coçava a cabeça, refletindo que o "ideal" era mais caro do que uma mulher, pois vivendo ele maritalmente com a Cidália, cabocla pardavasca, que desempenhava todos os serviços do *menage*, exigindo apenas vestidos, patins e cinema, gastava menos de um conto de réis.

O Gruber, sorrindo dissera a Müller que o "ideal" é um artigo de luxo dos mais caros e que, portanto, considerava falta de modestia, loucura ou pretensão, entregar-se um cavalheiro a tais dissipações que só ficam bem a ricos. Müller mostrava-se abatido, procurava Maranduba nessas horas amargas.

Maranduba, por sua vez, pensava nos problemas da sua vida material. O casal de velhos, seus pais, dependia dele, filho único. Se perdessem, ele e Müller, os fundos pecuniários consistentes na renda do "Bar das Valsas", adeus vida! Agora já não ficava bem volver a violinista. Além disso, havia falta de colocações. O número de desempregados aumentava, dia a dia: fileiras de homens válidos, humilhavam-se, subindo e descendo escadas, à procura de empregos. Pequenos comerciantes fechavam suas portas; lavradores arruinavam-se; crescia por toda a parte o clamor dos que não tinham um pouco de feijão para pôr no fogo. Apenas a "Associação Recreativa dos Chefes de Família" marchava no seu progresso.

O "ideal" não chegara a cegar e ensurdecer completamente a Maranduba. Nem a seus discípulos. Todos almoçavam e jantavam. E um sintoma grave alarmou Maranduba.

Um dos seus correligionários procurou-o, abatido e arrasado:

— Tenho de deixar a "Associação Fósforos de Segurança".

— Por que?

— Arranjei um emprego com um egípcio e ele exige que eu seja maometano e adote a doutrina do Alcorão. Não quero ser um traidor de meu patrão, adotando outro sistema. E, uma vez que aceito o dinheiro do muçulmano, entendo que devo aceitar Alá e o Profeta.

Maranduba lembrou-se de Gruber. E aconselhou ao moço que se inscrevesse na "Associação Recreativa dos Chefes de Família".

Tudo isso fazia o filósofo sofrer. Seu velho pai, atáxico, asmático, acabrunhado pela dor de haver perdido a fazenda nos dentes do Banco de Proteção à Lavoura, precisava de remédios, de biscoitos, frutas e leite; sua mãe, esgotada e nervosa, sofria dispnéias à madrugada. E Maranduba padecia, procurando fugir das realidades, com o facho aceso da sua idéia.

XXIV

SIM $\pm$ = NÃO

Teodorico, à proporção que Pedrinho ia perdendo o caráter sentimental afirmativo, deixava, de seu turno, a sua feição negativa.

É certo que um ignorava a evolução do outro; jamais conviveram, desconheciam-se, e Elisa era o único ponto de referência entre os dois.

Nem um nem outro poderia suspeitar longinquamente de que eram irmãos, filhos ambos de Capistrano. Só Urbano guardava o segredo da noite de 1894.

A criada dos Barões de Itaquaquecetuba era a única pessoa sobrevivente que sabia da troca das crianças; morrera o comendador Afonseca, morrera o preto Guilherme nos seus 85 anos. Sentindo-se velha, aproximando-se dos setenta, com os pés inchados, Antônia lembrou-se do compromisso que assumira, com o Capistrano e o Dr. Gordinho, de deixar um estranho à família incumbido de guardar o segredo e os documentos comprobatórios. Escreveu a Urbano. Ele indicou Frei Chico, filho de Capistrano, que era quase um estranho, dadas as responsabilidades do seu ministério.

Frei Chico não pôde conter as lágrimas. Comovia-o a grandeza de alma de Urbano, incomodava-o a luta que presenciava entre Teodorico e Pedrinho, empenhados ambos na conquista de uma mesma mulher. Aquilo era monstruoso, tão monstruoso como a perspectiva de casamento sacrílego entre Dona Beatriz e Urbano, evitado por Antônia. Frei Chico sentia também o desgosto de não ser irmão de Urbano, que ajudara a embalar; sofria ver Teodorico, sangue do seu sangue, perdendo a alma pela ambição e os prazeres mundanos, e concorrendo para que Pedrinho, revoltado, maculasse a sua candura com livros envenenados de doutrinas sociais diabólicas.

Escreveu a Pedrinho, aconselhando-o a que se casasse o mais depressa possível com Elisa, e a esta, rogando-lhe que perseverasse na prática das virtudes cristãs.

* * *

Entretanto, Pedrinho, à medida que lia toda uma enorme biblioteca marxista, que De Moreyra lhe prodigalizava, modificava a natureza do seu amor por Elisa. Já não era um sentido de absoluto arrebatador, de transfiguração de instintos numa alvorada de estranhas luzes, iluminando os dias vulgares, timbrando-os a um ritmo de dedicações integrais. O amor, para ele, era, agora, apenas, a vibração sexual, marcando, como um compasso, a rapsódia efêmera e dionisiaca das sensações. Acreditava nas afinidades, na conjugação dos temperamentos, nos segredos desígnios da Espécie. Analisava o amor como quem analisa uma combinação química, ou o organismo de um inseto; e o amor perdia o mistério, revelava-se, não mais como um milagre, porém como um "fenômeno".

Pedrinho perdia, pouco a pouco, o seu caráter afirmativo, roído de dúvidas diante do seu amor, como se o demônio da negação germinasse nas suas entranhas.

Ao contrário, Teodorico, atravessando a vida, até aos trinta e cinco anos, com a concepção e o sentimento negativo do amor, começava, desde as impressões mais fortes que Elisa lhe causara, a experimentar qualquer coisa de estranho, maravilhoso, como se o espírito imponderável das afirmações totais lhe entrasse sorrateiramente, contaminando de germinações de certezas o seu impenitente ceticismo.

Aos dezoito anos, Vanda, epicurista e sensual, que não resistia ao *fox* da vitrola, dançando mesmo de *peignoir* no seu quartinho colorido de apartamento, revelara-lhe o poema do amor na sua expressão mais imediata e tangível, que era também a sua expressão final. Andara, desde aqueles dias, como um caçador de borboletas nos campos de primavera, correndo, de aventura em aventura, respirando, no perpétuo esplendor da vida cheia de sedução e de mágicas, de variedade e de força, o aroma fugitivo e amável que se valoriza no efêmero dos pequeninos dramas de rastos insubsistentes. Nunca exigira que as horas se prolongassem, nunca parara para ver o luar ou dar conta das estrelas confidentes. Sorria dos juramentos e dos beijos eternos, dos suspiros e lágrimas das despedidas ridículas de segundos atos sensacionais soezes em vulgares tragédias líricas. O amor era o "permanente negativo".

Depois dos 35 anos, o cético lamentou, pela primeira vez, que os dias de sol e primavera não se eternizassem segundo um sentido próprio, no infinito do tédio, como a cauda luminosa de um cometa no espaço negro.

Passara o atordoamento da esplêndida saturnal: na campina, deserta de sons de adufes e avenas, restavam, como num fim de feira, rosas pisadas, detritos de uva esmagados pelos pés dos sátiros e das ninfas. Mas era justamente agora que Teodorico experimentava um sentido estranho emocional; alguma coisa fulgurava renascendo sobre todas as primaveras destruídas: era o próprio espírito das manhãs eternas. Alguma coisa que, afinal, vinha rompendo, como um desejo esquisito de afirmação. Amor! Amor! Era, então, verdade que o amor existia, vibrando em todos os episódios de arrabalde, povoando os "fatos diversos" de suicídios de costureiras e punhaladas de soldados de polícia?

* * *

Teodorico sentia a força implacável daquela dominação, que criava uma segunda natureza, um segundo raciocínio e uma segunda consciência.

Começava a destacar-se do seu espírito um outro espírito autônomo, nos seus movimentos, nas suas conclusões, que deduzia os fatos segundo uma lógica própria, paralela à serena dialética do homem normal. Essa segunda natureza ganhava terreno, gradualmente, absorvendo a outra. Era feita de alegrias e tristezas estranhas, de ridículos e perplexidades, de medos pueris e de coragens, heroísmo, sacrifício, mesquinhasarias.

Começou a sentir-se espicaçado pelo ciúme. Uma tarde, disse a Elisa, em casa de Zenóbio:

— Não compreendo como uma moça fina e educada tolera um grosseirão...

Elisa disse:

— Não é tanto. Ele até se parece com você. Ele está ficando como você foi e você está ficando como ele era.

Realmente, Pedrinho e Teodorico, tendo partido de pontos diferentes, encontravam-se quase se confundindo no mesmo plano. Pedrinho, agora marxista, começava a ver em Elisa, não mais a revelação da vida, no seu sentido superior, o anjo que transfigurava seus dias tristes, mas a mulher. E Teodorico já não via nela o exemplar do animal feminino, porém a companheira do homem. Os zelos de Pedrinho eram feitos de amor-próprio, de dignidade da

sua classe, de instintos de direitos do homem, que ele reivindicava na sua campanha política entre os operários, ao passo que os ciúmes de Teodorico traziam muito do caráter despótico dos poderosos que disputam à multidão a posse das alegrias melhores e dos prazeres mais altos.

Pedrinho havia dito outrora que Elisa, para ele, era a Vida. E agora, mais do que nunca, ela parecia simbolizar todas as expressões dos fenômenos vitais. Seu amor era como a luta que estava travada em todos os recantos do mundo onde há proletários sofrendo e rangendo os dentes.

Teodorico parecia perceber a impiedade bárbara daquela luta, e aceitava-a, como quem está disposto a tomar de assalto uma praça de guerra. Por isso, disse a Elisa:

— Eu nunca fui vencido. Seria a primeira vez.

Teodorico pensou em afastar Pedrinho, para apoderar-se de Elisa. Como fazê-lo? Os da sua classe costumavam responder aos clamores de reivindicações proletárias com este único argumento: o sabre e as patas de cavalo. A polícia era o supremo recurso para os fortes, que dispunham dela, como o mediador supremo e único entre duas expressões humanas diferentes, que se agitavam segundo a mesma concepção de vida. Essa concepção de vida não encontrava solução possível para o conflito, porque os poderosos desconheciam a renúncia e os fracos desconheciam o perdão. Quando as fábricas, as usinas, os caminhos de ferro, os navios, os campos, os bazares de comércio, constituíam o teatro dessa batalha tremenda de aflições e de ódios, por que havia o amor de estar isento desse duelo de morte?

Despertava em Teodorico aquele sentimento de força implacável, que lhe fizera, na manhã em que conhecera Elisa, imaginar toda a sociedade como uma multidão de manequins, sobre os quais deveria predominar o arbítrio dos mais audazes. “Só a força justifica a vida”, pensava, “e a vida só vale quando conquistada pela violência”.

* * *

Rugiam, por esse tempo, surdamente, os ódios proletários. A revolução burguesa de outubro, quebrando a resistência da precária organização burocrática da Velha República, agravara a situação das indústrias e do comércio. A indisciplina das forças armadas; a confusão civil; a estéril intriga dos políticos profissionais, que ressurgiam despudorados; as conspirações de bastidores; os levantes de

quartéis; as rivalidades regionalistas; o boatério da imprensa e as acusações mútuas; a multiplicação dos feudos políticos e o espírito caudilhesco de influências pessoais, tudo isso presidido pela frase do Ditador: "Não é possível enquadrar e dirigir a Revolução", criava um estado de espírito de apreensões na aristocracia rural e industrial do país. O operariado espreitava de longe, assediado pelos doutrinadores anarquistas e marxistas. E, na alta sociedade, entrava, através das modernas concepções do capitalismo, ou do estudo do problema sexual, o sentido avassalador de uma nova consciência materialista de vida.

Ao substituir-se o Interventor, levantou-se o operariado em greve geral, durante uma semana, sem objetivos definidos, afirmando que nada tinha com a política. Era um sinal de alarme, que produzia calafrios nos sibaritas de Higienópolis, anunciando-lhes que a humanidade existia.

Entretanto, Pedrinho continuava a agir, reunindo-se com De Moreyra, numa casa do Bosque da Saúde, onde lituanos e húngaros imprimiam um pequeno jornal e boletins de propaganda.

Teodorico denunciou Pedrinho.

* * *

Bateram à porta da casa do Bosque da Saúde. Apagaram-se as luzes. Fecharam as esquinas. Ferveu o tiroteio. Uma hora depois, estavam todos presos, e Pedrinho com um bala na perna direita.

* * *

Foi vê-lo na Santa Casa. Estava desfigurado. Tinham-lhe amputado a perna. Barbudo e pálido, dormitava gemendo. Nem deu por ela. Aproximou-se de manso, pôs-se a chorar devagar sobre a mão grosseira e branca. Abriu os olhos e viu-a. Uma lágrima saiu e escondeu-se na barba.

Como a noite se aproximava, as irmãs de caridade obrigaram Elisa a retirar-se. A essa hora do crepúsculo, antes de se acenderem as lâmpadas, o vasto salão da enfermaria como que se confrangia de terror. Era a longa noite que se aproximava, com insônia, com gemidos, com medos, angústias inenarráveis. Desamparados de todos os carinhos, entregues à solicitude de estranhos, porque as visitas só se faziam de dia, os doentes pálidos, de olhos arregalados, viam retirarem-se os amigos, e a solidão parecia mais infinita, o receio da morte mais agudo, a tristeza mais acabrunhadora. Alguns encon-

travam-se agonizantes, outros quase convalescentes. Uma nevrose fina, sutil, percorria os leitos, de ponta a ponta, — ave fria da noite, roçando as asas invisíveis pelas frentes, ciciando aos corações atormentados. Elisa atravessou pelo corredor central as filas intermináveis de lençóis brancos e caras aflitas. Chorava. E refletia (agora, que andava estudando e meditando sobre os livros que lhe dava De Moreyra) como a caridade racionalizada que se praticava com espírito cristão e sob a égide da burguesia carola e comodista matava a verdadeira caridade de Cristo, feita de dedicações pessoais, de sacrifícios individuais, de cultivo do amor. Elisa ia-se convencendo de que a coletivização era uma fatalidade de evolução da filantropia.

* * *

Elisa marchava arrebatada, dia a dia, pelo espírito do século. Todos os dias ia ver o noivo. Nesse período, distanciou-se de Teodorico, sentiu por ele uma aversão estimulada por íntimas revoltas. Pedrinho falava de uma sociedade melhor, em que seriam felizes.

Agora, que Zenóbio Duarte deixara a pasta dos Materiais, Elisa estava novamente sem colocação, aguardando o restabelecimento de Pedrinho, para tomarem rumo definitivo na vida prática. Pedrinho perdera a perna, teria de andar sempre de muletas; ela precisava suprir com redobrados carinhos aquela deficiência.

Uma tarde, encontrou Pedrinho abatido e zangado. Soubera por um inspetor de polícia, que o seu denunciante fôra Teodorico. Um "tira" informara Teodorico das reuniões no Bosque da Saúde e este, pessoalmente, instigara o Chefe de Polícia a que desse caça aos elementos perigosos.

— Hei de matá-lo! dizia Pedrinho com os olhos trêmulos de raiva.

No dia seguinte, Elisa não o encontrou mais. Havia sido remetido para o Rio de Janeiro.

XXV

SERVIÇO POSTAL

De Zenóbio Duarte ao Tenente Gilberto:

“Desde que fui obrigado, pelas circunstâncias, a deixar a pasta dos Materiais, venho observando o rápido declínio da administração pública, que atingira tão elevado grau de prosperidade.

“Como estadista, sei amargar no ostracismo, embora veja naufragar o sagrado interesse coletivo. No entanto, confrange-me a alma acerba dor, ao sentir ferirem-me os patrióticos ouvidos remoques de politiqueiros impudicos.

“Ó êmulos de Benjamim, de Deodoro e Floriano! Por que vos calais? Por que consentis que os homens de boa-vontade ouçam críticas como aquela que ontem me magoou, de conhecido cafajeste, a afirmar, mentirosamente, que as tintas de escrever que se usavam na Secretaria dos Materiais, sob a minha modesta gestão, eram aguadas, e que o humilde, mas honesto titular passava as noites de sábado (vêde que infâmia) em casa de certa Donga, uma reles mulata que apenas conheci, é verdade, noutros tempos?

“Tudo isso me demonstra, caro Tenente, que já não há “espírito revolucionário”. Urge uma providência, para que não periclite a Revolução. Eu continuo ao dispor da benemérita Ditadura, para qualquer cargo de confiança, compatível com a posição que já ocupei. Além disso, sou paulista e civil”.

* * *

De Carlos Simon Gruber ao sr. Antônio Carlos:

“Venho pedir a V. Excia., para a boa orientação dos Chefes de Família, o obséquio de me informar qual a corrente política que julga sairá vencedora no atual momento. Como as influências e prestígios mudam cada semana, esta Associação se encontra nos mais sérios embarços. Muito agradecido ficarei a V. Excia. por uma informação em caráter confidencial”.

* * *

De Pedrinho a Elisa:

“Estamos na Casa de Detenção comendo uma vez por dia um feijão que nos trazem num prato de estanho. Não sei o que pretendem fazer de nós. Mas assim é a luta de classe; a batalha prosseguirá, muitos terão de tombar, e um dia cairá definitivamente este mundo cruel. Mando-lhe esta por um inspetor, a quem dei as abotoaduras de ouro, o seu presente! Não faz mal. Quando eu sair daqui, havemos de viver a vida da luta. Ajustarei ainda minhas contas com o bandido que me denunciou”.

* * *

De um anônimo a Maranduba:

“O seu representante no Rio, o celeberrimo Pifânio, está comprometendo o seu bom nome. Ontem, muito embriagado, começou a gesticular no “Café Belas Artes”, dizendo-se cabo eleitoral de Pedro Maranduba, e que vai pleitear cadeiras à Constituinte, para seus amigos. Se Pifânio está mentindo, é bom que o senhor tome providências enérgicas, ainda mais que ele afirma estar o senhor subvencionado pelo partido alemão de Hitler. Se Pifânio fala a verdade, lembro ao senhor que esse indivíduo não merece confiança para lidar com dinheiro. Tomo a liberdade de me oferecer para seu agente aqui. Pode escrever para “Candidato anônimo”, Caixa Postal 274.349”.

* * *

De Cíbele a Teodorico:

“Estivemos ontem no “Petit Palais”, onde vi os retratos de Madame Récamier e Sarah Bernhardt. À noite, Martinho levou-nos à *Comédie Française*. Como acho Paris civilizada! Tudo aqui tem muita civilização. Compreendo, agora, o segredo de suas maneiras: foram estes ares parisienses. Gostei muito da Notre Dame e do Bois de Bologne. Já visitei o Louvre e o Luxemburgo. Mas ando ansiosa por voltar: você sabe. Siloca está ainda zangada, diz-me que não devo escrever-lhe. Entretanto, vou mostrar estas linhas a ela”.

* * *

De Torquato Spadaroto a Martinho Cerveira:

“Vamos ganhando terreno. O P.R.P. já saiu da toca, realizou duas reuniões. O Partido Democrático, depois que perdeu o poder, está se chegando a nós. Não somos mais ladrões; muitos, que não me cumprimentavam, agora até me oferecem charutos. Todo mundo quer a Constituição. E é mesmo uma necessidade, vejo por mim: minha banca de jogo não funciona, tendo tido um prejuízo de mais de quinhentos contos. O povo aos poucos vai compreendendo a necessidade das leis. Esses mesmos que empastelaram as casas de bicho sofrem, agora, horrores para arriscar, escondido, duzentos réis num palpite. A falta de empregos tem concorrido para prestigiar-nos. Também os paisanos da Revolução de Outubro, que eram nossos inimigos, agora nos procuram, com medo dos Tenentes. Venha logo, Doutor Martinho. Precisamos do seu serviço”.

* * *

De um revolucionário “autêntico” a um sócio do “29 de Dezembro”:

“Veja se me arranja o lugar de enviado à Conferência de Budapest. Poderei ir com uma ajuda de custo de cinquenta contos. Sei que me acusam de “alma danada” e intrigante. Fiz a revolução e nada tive como prêmio, senão empregos que, embora bem remunerados, me tomam o tem-

po e me aborrecem. O meu ideal foi a derrubada dos ladrões. Arranje-me a comissão”.

* * *

Do Presidente do “Instituto de Juristas, Filósofos e Literatos” a Ricardo Simon Gruber:

“Estamos convencidos de que a benemérita “Associação Recreativa dos Chefes de Família” não se desinteressará pelos nossos jogos florais. É a arena dos debates, é o certame da cultura. As controvérsias em plenário sobre teses filosóficas ou de direito público, temas de pedagogia ou estética, mesmo algum subsídio de economia, reviverão as áureas pugnas incruentas em que sempre, mercê de Deus, fulgurou a inteligência patricia. Pretendemos estabelecer interessantes concursos em que perguntaremos, por exemplo: “Como prefere Spinoza?”, ou: “Que restrições faz ao artigo 72 da Constituição?”, ou ainda: “Que espécie de vitaminas predomina nos alimentos ingeridos pelos poetas simbolistas?” Tais proposições, dado o pitoresco e certa analogia com assuntos culinários, ganham em originalidade, concorrendo, neste momento, para elevar a cultura nacional. Não temos fins políticos; aliás, impossível de todo fôra eximir-nos dos princípios assentes das liberdades públicas, cristalizados em normas jurídicas. Esperamos o apoio dessa eminente “Associação”, baluarte incontestável da sociedade pacata e educada nas doutrinas conservadoras das incessantes conquistas das revoluções legítimas”.

* * *

De De Moreyra a Pedrinho:

“O imperialismo capitalista escabuja, agonizante. Está na fatalidade do desenvolvimento dialético da onda revolucionária, de conformidade com o evolucionismo da produção. Escrevo-lhe esta pelo Dr. Ocampo, autoridade policial, porém dos nossos. Sei dos seus sofrimentos aí na Casa da Detenção; mas tenha esperança, pois esta semana já se deu um forte movimento proletário em Bangkok, capital do reino

de Sião. As últimas notícias que tenho de Rolkovski vão alegrar a você: ele está nos Urais, mas passa bem de saúde. Outra coisa que vai satisfazê-lo: o movimento nas ilhas de Sonda é promissor. Leia o trabalho da Kalontai que lhe mando: é útil para você deixar de pieguices de amores lacrimejantes. Por falar nisso, estive com Elisa. Dei-lhe mais uns livrinhos, para ir se educando”.

* * *

De Japiassu Neto (poeta lírico) a João Picanço (estilista e crítico):

“Nosso problema é incontestavelmente o do estilo, a técnica verbal. O poema, como a prosa, precisam de uma forma brilhante. O demônio da imaginação nem sempre permite ao artista esse *self-control*. Apreciei imenso a sua crítica no tocante ao desordenado novelista que não conseguiu conter o tumulto do seu espírito. Quanto à benévola acolhida que lhe mereci, desvanece-me sobremaneira. Realmente, o aspecto de pobreza imaginativa que aparento é um senso de sobriedade ática. O Brasil será salvo por espíritos como o seu, caro Picanço, permita-me que lhe chame grande Picanço. Trabalhar o estilo, eis tudo”.

* * *

De Urbano ao Tenente Gilberto:

“Aqui, neste silêncio de Assunção, quando todos dormem à sesta, ando sozinho pelas ruas ermas, quentes de sol. Penso, e vejo o Brasil sofrendo a sua hora amarga, porque é a hora amarga do mundo. Mas o mundo sofre consciente de seus males, é uma dor de adultos; ao passo que nós, na América do Sul, padecemos como as crianças, não atinando com as causas da nossa angústia. Essa revolução aí está num beco sem saída: os que a dirigem não sabem o que hão de fazer do “seu movimento”.

* * *

Dé Maranduba a Antônio Piroga:

“Tenho pensado muito nos nossos índios Carucas da grande taba de Tocantins. Longa seria a viagem da tribo e dispendioso o trabalho de vestir 2.000 selvagens, que não conhecem outra roupa senão as penas de tucano e araras.

Müller, meu correligionário, convidou-me para uma excursão até às malocas de tão inteligentes bugres, que anseiam pela doutrina da “energia essencial”. Peço-lhe mandar-me um itinerário completo e anunciar ao gentio nossa possível visita”.

TERCEIRA PARTE

OS GALOS CANTAM!

XXVI

ENTRE O CÉU E O MAR

O sol parecia muito fixo no céu aberto sem nuvens. Movia-se o mar verde-escuro no horizonte azul onde tremia a vela branca do "Santa-Fé", valente barco pescador que abastecia a guarnição da ilha. Soprava um vento leve e morno, bolindo as folhas dos mamoeiros de caules vermelhos que encobriam parte das ruínas das velhas fortalezas. As ondas espoucavam nas escarpas de pedra negra pulverizando as espumas brancas no mormaço abrasador.

Cecília despertou o pai, que dormitava na rede do alpendre:

— Preguiçoso! Venha ver as coisas bonitas que a "Gaivota" trouxe.

Tônio descerrou os olhos sonolentos, sorriu para a filha.

Atravessaram a varanda ventilada com janelas que olhavam por detrás dos cactos gordos. Do outro lado, a "Gaivota" dormia à sesta, a ilha grande mostrava trechos de seus campos de mandioca.

Cecília — chapéu claro de palha, vestido claro de *étamine*, as pernas nuas, saltava sobre os pedrouços que orlavam a face lateral do chalé, matracando as sandálias. O caixote estava aberto no armazém, ao fundo, onde alguns presidiários faziam arrumações de cargas, empilhando sacas. Dois marinheiros ajudavam. Tônio perguntou-lhes:

— Que fizeram dos dois homens?

— Foram para a praia do Leão.

— São preguiçosos, não?

— O mulato é um cangaceiro velho, mas muito esbodegado; o outro deve cinco mortes.

— Essa gente um dia nos apronta alguma, ponderou Tônio.

Cecília mostrava as encomendas. Eram rendas, fazendas, bugi-gangas, que traziam um pouco da alegria do continente, e até uma fotografia, em grupo, de amiguinhas do Recife. Quanta saudade!

Um dos marinheiros perguntou:

— Diz que vem vapor do Rio?

— É verdade, disse Tônio. São presos políticos.

O marinheiro tornou:

— Essa revolução não acaba mais...

Cecília separou alguns romances.

— São para Adelina. Vai ficar contente também com estas go-linhas.

— Para que servem essas coisas neste degredo? perguntou sorrindo Tônio. Tomara a Adelina cuidar da escola; ela só pensa nas férias, para não voltar mais.

Chegaram pelas portas do fundo do chalé. Dona Emerenciana fazia o doce de côco. Próximo, um gato amarelo lavava o rosto com as patas, fleugmático. O Marquês, velho cão de fila, dormitava debaixo da mesa.

— Veja mamãe, os seus vestidos, os chinelos, os óculos!

Puseram-se, mãe e filha, a examinar as encomendas.

Tônio contemplava da janela o perfil da ilha cortada na solidão do oceano verde-escuro. Não chegavam até ali, na ilhota, em que eram os únicos habitantes, os rumores das pequenas povoações de Fernando de Noronha. Gente da guarnição, alguns aclimatados, o farmacêutico, os carapinas e pedreiros, o pessoal do cabo submarino, e os presidiários, constituíam a pequena população de mil almas perdidas no infinito deserto das águas. A família de Tônio passava, às vezes, dois ou três dias do outro lado, em casa do farmacêutico José Tobias, cearense, e de sua mulher Mariquinhas, da terra potiguar. Esse casal habitava Fernando de Noronha fazia sete anos e Tobias prometia à mulher que iriam morar em Natal, quando completassem dez anos de trabalho. Ali lhes nasceram quatro filhos, não se contando os dois que trouxeram de Fortaleza. As crianças não tinham noção nenhuma do que fosse uma cidade; estavam convencidas de que o mundo era um conjunto de pequenas ilhas isoladas no infinito mar. Adelina mostrava-lhes o mapa-mundi, mas não acreditavam que houvesse tanta terra.

Tônio achava-se na ilha havia cinco anos. A parte que tomara na conjura de que resultou a rebelião do couraçado "São Paulo", tornou-o suspeito e ele dera graças a Deus de ser enviado para ali,

a serviço do Ministério, com regalias, vencimentos e o consolo da família.

Dona Emerenciana conformou-se com a sorte; Cecília estava então nos 12 anos, num colégio de Olinda, mas não sentiu nenhuma tristeza, convencida de que iam demorar pouco. Os meses foram correndo e a família habituou-se. Agora Cecília, que contava 17 anos, pensava, às vezes, na vida em Recife, onde passara três meses com a mãe e conhecera amiguinhas, o cinema, os atrativos da cidade. Mas inventara tanta coisa a fazer, que o tempo não sobrava para nada. Ela e Adelina tornaram-se as madrinhas benfazejas dos presidiários.

Em 1930, Tônio pensou em transferir-se para um dos *destroyers* da Esquadra, fixar-se com a família no Rio. Mas, Dona Emerenciana ponderou: "É melhor esperar um pouco; é tudo tão duvidoso em épocas de revoluções..."

Tônio mandou consultar o irmão Urbano, que respondeu de Asunção dizendo que continuava a ser um suspeito, mesmo na nova ordem de coisas. Diante disso, Tônio calou-se e foi esquecido pelo Ministério.

* * *

Havia poucos presos políticos na ilha. A força era de cangaiceiros do Nordeste, "irmãos do Pico", incorrigíveis e velhacos. Essa gente espalhava-se pelas escassas culturas de milho, mamona e mandioca, fabricava farinha, arrumava os caminhos. Aos domingos, deitados de barriga para o ar, contava lorotas, olhando o céu muito azul e sem nuvens, embalados pelo escachoar das vagas que vinham rebentar na costa alcantilada.

* * *

A tardinha, atravessaram a enseada, na lancha "Tapuia". Adelina e Mariquinhas esperavam os presentes. Reuniram-se todos na sala pegada à farmácia, onde o José Tobias dava uma prosa com o sargento Aragão.

Cecília pôs os novos discos na vitrola e um *fox* americano cantou triste e sensual no descampado. A noite foi apertando, abafando os rumores e as vozes dos homens que descarregavam a "Gaivota" para o regresso às 6 da manhã. E uma tristeza indefinida avassalou os habitantes da ilha. Pela manhã, fora tudo tão alegre! Era o dia da chegada da "Gaivota", esperada durante as semanas morderrentas, contando os dias com os dedos. A "Gaivota" apontava

no horizonte, como se fora a própria terra do Continente que se aproximasse tremendo nas ondas. Havia nela um pouco das cidades alegres. Seus tripulantes traziam os olhos e os ouvidos cheios das visões e rumores dos bondes, dos carros, das locomotivas, das manufaturas. A "Gaivota" tinha vindo de Recife: e isso era o suficiente para alegrar os que moravam na ilha. Os presidiários olhavam longamente o naviozinho. Para eles, significava alguma coisa mais: a liberdade. Um dia, poderia levá-los dali. Por isso, estimavam-na, como se ela fosse alguém, e sofriam quando ela se afastava.

* * *

Longo toque de corneta encheu o crepúsculo amarelo. Repetiram-se outros na planície interior, apagando-se na distância, como uma reticência infinita. Era a revista.

Vultos de homens pareciam surgir da terra, isolados, aos grupos. Alinhavam-se no pátio limpo, próximo à casa grande. O sargento Aragão fez a chamada. Depois, dispersaram. No luco-fusco imenso, o mar apoderou-se da ilha, com seu escachoante sussurro e o estouro das arrebentações. Acendiam-se luzes nas casas esparsas. Latiam cães. Diluíam-se as vozes. E a melancolia apertou as gargantas.

— Esses dois, que vieram na "Gaivota" — disse o Zeca Tobias — são do bando do Lampeão. É preciso abrir os olhos com eles. A gente anda arriscando a vida aqui. Imaginem uma revolta...

— O "Jaboti" é sujeito perigoso, disse Aragão. Um dia nos apronta uma das boas.

Passaram fitas do *Pathé Baby*. Zeca Tobias armou uma tela na porta, ficando os espectadores no terreiro limpo. As crianças batiam palmas.

— Quando volta para Recife? perguntou o comandante Maurício à Adelina.

— Em janeiro.

— E pretende regressar à ilha?

— É muito possível. Não sinto coragem de deixar essas crianças.

— É Cecília que está virando a cabeça dessa menina, disse Dona Mariquinhas. E Adelina acaba como o Lau Tinhorão.

* * *

Lau Tinhorão estava no terreiro contando histórias. Era um velho de quase oitenta anos, as barbas longas, inteiramente brancas,

os cabelos brancos caindo sobre as orelhas. Chato e ereto, aparentava ainda saúde e força.

— Quanto tempo faz que veio para a ilha, Tinhorão?

— Cinquenta e quatro anos, *seu moço*. Vi passar tanta gente por aqui...

— E por que ficou?

— Eu pretendia voltar para o Recife, porque a Rita, minha cabocla, me esperava para casar. Depois de um ano, um barco de vela, que fazia o serviço naquele tempo, o "São Miguel", me trouxe uma carta triste: a Rita tinha morrido de bexiga. Então, falei: "Fico mais um ano". Mas, quando foi para ir, em '79, uma noite de março (o "São Miguel" estava assim, para levantar ferro, como está ali a "Gaivota"), os presos começaram a chorar porque eu era o primeiro ente vivo que saía da ilha — e me pareceu afronta dizer para eles: "Até um dia!". Meu coração doeu, disse comigo: "Fico mais um ano". Depois, foi sempre a mesma coisa, e, por fim, acostumei.

— E nunca mais viu terra firme?

— Nunca mais e não tenho vontade. Que me adianta morar numa terra grande, se eu não ocuparei mais do que dois ou três quilômetros? Aqui estou pensando sempre que Rita me espera no Recife.

* * *

O comandante Maurício confirmou ao Tônio a notícia da véspera. Iam chegar do Rio mais de duzentos presos.

* * *

A "Gaivota" saiu vagarosa como uma alegria tranqüila. Os olhos se alongavam acompanhando-a.

— Foi sempre assim a partida dos barcos! dizia pensativo Lau Tinharão.

* * *

Cecília confabulou com Adelina, concertaram organizar uma festa para a recepção dos prisioneiros. Não disseram nada a Zeca Tobias, que era tímido, nem a Maurício e Tônio, homens de responsabilidade. Adelina contava, porém, os 12 alunos da sua escola mista, a Cecília, as comadres, esposas dos artífices e dos homens da guarnição. O Lau Tinhorão entrava na conjura, que se estendia aos cochichos, por toda a ilha. A manifestação consistiria no compare-

cimento em massa das mulheres e crianças, distribuição de doces e *Pathé Baby*. Tais festejos seriam abrilhantados por uma dúzia de rojões que o Lau Tinhorão, entendido em foguetes, ia fabricar escondido. Começou, assim, a lavrar a grande conjura dos corações, presidida pelos oitenta anos de Tinhorão.

Outros conciliábulos, porém, rastilhavam com meias palavras e sinais convencionados, nos ermos eitos: era a de "Jaboti", que encontrava agora um aliado em "Tempo Quente", o cangaceiro que a "Gaivota" trouxera. O plano consistia em assaltar, ao mesmo tempo, os alojamentos, a casa do governo, apoderarem-se do "Santa Fé" e velejarem para algum lugar deserto da costa.

* * *

Eram cinco horas da tarde quando o "General Glicério" cresceu na paisagem uniforme do oceano. Logo depois, estacou na enseada. Tinhorão, as moças e as crianças, assistiram ao desembarque, que se fez em levadas, pelos escalares, com soldados de armas embaladas. Quando os prisioneiros formaram em colunas de pelotões e responderam à chamada, uma chuva de flores ressequidas de mistura a folhas de arbustos choveu sobre eles. Era tudo o que lhes podia oferecer a flora miserável de Fernando de Noronha. Aquilo. E um crepúsculo de fogo, também, como se o mar estivesse incendiado, tal o cenário do termo da viagem dolorosa e agitada de revoltas. O Comandante permitiu a distribuição de doces. E Tinhorão soltou os seus rojões.

* * *

— Pedro Fagundes Capistrano!

— Presente!

Tônio voltou-se, fixou aquele rosto pálido e barbudo, aquela perna amputada do homem de muletas.

— De onde você é?

— De São Paulo.

Tônio estremeceu, com um nó na garganta.

— Vamos! disse a Cecília, logo que ela terminou a distribuição dos doces.

Atravessaram o braço de mar por entre as ilhas do Meio.

E, noite alta, quando Cecília e Emerenciana adormeceram, Tônio, que estivera fumando o seu cachimbo, saiu ao alpendre, pôs-se a escutar o estouro do mar negro, os olhos perdidos no céu coruscante. Depois, sentou-se numa cadeira de vime. E chorou baixinho.

XXVII

A ESTRELA DE BELÉM

A deportação de Pedrinho abalou profundamente Elisa. Tanto mais que coincidia com a enfermidade do velho Inácio, agora meio zozzo e lerdo, língua e pernas duras. Elisa considerou a vida, re-memorou acontecimentos. Sentia que já não era a mesma. Quisera perseverar no caminho da virtude; tudo, entretanto, conspirava contra ela: os infortúnios de Pedrinho, as seduções do luxo, a per-seguição de Teodorico, as palavras de ceticismo que ouvia de Ze-nóbio, de Gruber, de De Moreyra, cada qual a seu modo, porém dissolventes e negativas, e os exemplos das famílias abastadas, de D. Beatriz, que era um "espírito avançado", de D. Maria, que anoite-cia na velhice orgulhosa, falando em linhagens e fidalguias. A alta roda que Elisa freqüentava por força de seus cargos e relações mos-trava-lhe que o conforto, a elegância, a ostentação e o orgulho cons-tituíam toda a estrutura dos sentimentos e aspirações da alta socie-dade. Nos palacetes, os convivas de todas as palestras visavam, sutil ou grosseiramente, alardear prestígios de posições, de círculos sociais e compras caríssimas. A religião perdurava como um luxo antigo, que ficava bem às damas de linhagem. Mas, a concepção materialista do mundo exercia um domínio absoluto nessa sociedade em que os homens tinham hábitos femininos e as mulheres requintavam as sensações, desde a marca do auto à volúpia dos pijamas. "Foi a minha escola de ateísmo" — escrevia a Frei Chico — "esta convi-vência com as famílias religiosas". Realmente, Elisa começou a ler com mais desafogo os livros que lhe dava De Moreyra. Seu talento desenvolvera-se em três anos, como os rios que transbordam nas inundações. Desde que se fizera datilógrafa, estudava com afinco. Desejava, então, aprimorar-se, para conquistar Teodorico e humilhá-

lo. Leu novelas, artigos, brochuras; adquiriu maneiras distintas, esmerou-se na arte da conversação. Ainda não rompera com os velhos sentimentalismos porque uma coisa a segurava: Frei Chico.

* * *

Frei Chico, assim chamado porque estivera num convento, notabilizara-se como pregador, viajando em "missões". Arranjou, depois, para secularizar-se mas o apelido ficou.

Era pobre, humilde, simples, corajoso. O chapéu velho, as botinas rotas de caminhadas. Visitava os operários, as famílias modestas, deixava as espórtulas das missas debaixo do travesseiro dos enfermos. Morava numa casa assobradada de Engenho de Dentro: dormia em cima com os livros e no pavimento inferior dava pouso a vagabundos e mendigos. Uma vez, dois meliantes brigaram e se esfaquearam ali, e Frei Chico esteve às voltas com a polícia. Então, um vizinho, que era livre-pensador e dava esmolas nos dias 15 e 31, às 3 horas da tarde, ironizou-o, dizendo: "O maroto dorme em cima confortavelmente e faz os pobres pernoitar em baixo, no chão". Frei Chico magoou-se; no dia seguinte agradeceu ao crítico a advertência. Passou a dormir no colchão debaixo da mesa no pavimento interior, entregando aos hóspedes o andar de cima. Infelizmente, os ingratos roubaram quase todos os livros e os puseram no sebo.

O anfitrião admoestava-os, os patifes punham-se a chorar, comovidos; na manhã seguinte, desapareciam outros livros e, certa vez, até um crucifixo de prata.

O filantropo que residia no quarteirão levantou a vizinhança em revolta. "Estamos residindo próximos a um covil de sicários!" exclamou. "Imaginem o que os bandidos podem fazer a nossas filhas!" dizia uma senhora, com as mãos em prece. Resolveram levar queixa ao Arcebispo.

Para isso, procuraram o Cônego Oliveira, muito considerado pelas famílias. Essa consideração provinha de suas maneiras gentis, sua cabeleira lustrosa de brilhantina, sua amizade com o Almirante Azurara e principalmente, seus óculos de aros de ouro. Distinto literato, citava La Rochefoucauld e comentava Flaubert. Seu prestígio era enorme pela rapidez com que improvisava subscrições que recebiam assinaturas de comerciantes conceituados e viúvas ilustres. Transformava o ministério numa espécie de missão Rockefeller, com o senso pragmático haurido em leituras americanas. Não se lhe podia articular uma acusação: nunca ninguém o vira em más com-

panhias, perambulando por essas ruas de gente maltrapilha, onde, se é certo que pode residir Jesus, é também muito provável que more Satanás.

Cônego Oliveira aceitava almoços ou jantares em casas de virtude notória, onde as senhoras o obsequiavam com bolos e muquecas. Ali, aproveitava a oportunidade para demonstrar o absurdo do divórcio e elogiar as faianças da Condessa de Jacarepaguá. A dona da casa sorria ufana, imaginando que Cônego Oliveira louvaria seus cristais em casa de outras damas, como estava fazendo a propósito das louças de D. Nicota. Esse irrepreensível pároco foi quem recebeu a queixa contra Frei Chico. “É por essas e outras” — dizia o chefe dos queixosos — “que a Igreja perde o seu prestígio: as pessoas de certa distinção e limpeza vão se afastando”.

Havia uma lista com oitenta assinaturas, carga cerrada. A acusação maior era a de ter entrado uma mulher (Cônego Oliveira corou) em casa do tal Frei, “e lá pernoitado, dando à luz uma criança”.

De fato, isso aconteceu numa noite tempestuosa de Natal, sem tempo de internar a parturiente na Santa Casa, exatamente como acontecera, certa vez, em Belém, na Judéia.

A mulher não ia ao recenseamento de César, mas um despejo judicial pusera-lhe os tarecos na rua. Vagueou com um filhinho à mão, outro no braço, o terceiro no ventre. O marido estava preso, por causa de umas pauladas. A chuva caía, torrencial. Indicaram-lhe a casa de Frei Chico. As dores apareceram.

A comissão alegava que não se tratava de simples coincidência, que aquilo tinha dente de coelho. Mas apareceu uma lista assinada por quatrocentos e nove plebeus, desclassificados, gente da ralé, e derrubou, pelo número, a gente fina. “Este país está perdido!” exclamou o filantropo. E, como vinha da “Loja Esperança”, um pouco atrasado, lembrou-se de que devia ainda comparecer à sessão da Irmandade do Carmo.

A humildade de Frei Chico diante do Arcebispo transmudava-se em violência e exaltação febril, se admoestava os poderosos.

— É um comunista disfarçado! diziam.

Passava por maluco, um padre reles e insolente, que parecia ter saído das profundas revoltas da canalha das ruas. “Sua aparência” — diziam — “é a de um anárquico, um desorientado do livre exame, com muitos caracteres dos revolucionários da Comuna”. A essa observação, respondia o Frei lembrando que nada se parecia mais com o Diabo do que o “*poverello*” de Assis, e que a diferença estava

em que o primeiro falava a linguagem do orgulho, ao passo que o segundo usava a da humildade.

Organizava operários, rodeava-se de crianças, acudia aos enfermos, confortava os atormentados, iluminava os desesperados, imprimia um tom exaltado de sentimento divino aos ofícios litúrgicos erguendo os olhos em êxtase para a abóbada do templo, embalado pelos repiques dos sinos que subiam para o céu.

* * *

Suas cartas empolgavam Elisa, como poemas místicos. Ele deduzia dos astros, das nebulosas infinitas, uma concepção de vida e uma aspiração humana, ao contrário dos livros fornecidos pelo De Moreyra, que deduziam os destinos humanos das provetas dos laboratórios e das leis da evolução biológica.

Ela caminhava para a multiplicação das tragédias, dos choques inevitáveis, sorrindo sobre todas as tentativas de retardamento da marcha fatal. O irmão de Pedrinho procurava a fórmula de equilíbrio das forças, em desenvolvimento acelerado, da civilização de maquinismos e impiedades. Numa de suas últimas missivas, dizia: "É preciso procurar no meio das constelações, que se misturam com as lâmpadas elétricas, a estrela de Belém, porque só ela nos levará ao repouso do espírito".

* * *

Tudo em Elisa eram solicitações para uma nova compreensão da vida: seus próprios instintos femininos, agora despertos pelo convívio com as moças e senhoras da sociedade e pelas explicações tão fáceis, que lhe dava De Moreyra e seus livros. Havia como que uma sensação deliciosa nas íntimas fibras de Elisa, ao sentir-se requestada pelo Teodorico e até pelo Zenóbio, que lhe falara umas liberdades. O De Moreyra, uma noite, beijou-a na nuca. Era a camaradagem, a liberdade de movimentos, como nas praias de banho, segundo uma nova concepção das funções vitais. Era a alegria do mundo sem mistérios. A igualdade absoluta dos sexos, ambos fortes e em batalha deliciosa, sem suspiros ou sublimações românticas.

O materialismo burguês é muito mais materialista do que o dos operários...

Pedrinho nunca tivera forças suficientes para se libertar dos chamados "preconceitos" do amor. Ela, porém, rememorava o pas-

sado, observando as transformações por que passara, de etapa em etapa. Não era agora uma tola, para ir caindo nas lábias de Estefânia. Sabia as coisas e sorria dos perigos. O marxismo de Pedrinho não atingira a esse grau de displicência a que chegava ela, que não se complicava em reuniões e conjuras, como o noivo. Elisa acreditava, agora, na vida dos homens, como acreditava na vida efêmera das flores. Cumpria dar um destino ao transitório, ao falível. A vida devia exprimir-se da melhor forma possível, como um lindo meteoro, entre dois infinitos de treva.

Sentia, assim, a grandeza da luta que Pedrinho, como tantos, travava. Não se animava, entretanto, a assumir uma atitude. Vagas solicitações indefinidas atraíam-na para Teodorico, inutilizando-lhe o ardor combativo, num desejo incompreensível de apaziguamento voluptuoso. Também não se entregava a ele, porque bramava no seu coração o rumor da luta de classe, que Pedrinho deixara bem aceso no seu espírito.

Por que não empreendia a batalha? O De Moreyra assediava-a com insinuações. Uma russa gentilíssima, Sônia Kraskovna, com quem jantara duas vezes no Esplanada, oferecera-lhe um lugar importante na propaganda. O *Diário da Tarde* entrevistou-a sobre o feminismo, publicou-lhe o retrato, bonito como uma estrela de cinema. E logo o Zenóbio Duarte galanteou-a, mandando-lhe um cartão: "O Zenóbio felicita-a pelas palavras tão cheias de espírito revolucionário". E Teodorico, aproveitando o ensejo, convidou-a para trabalhar com ele, no escritório.

* * *

Elisa, entretanto, comprazia-se em atormentar Teodorico. Por que? Examinava os refolhos da consciência e dos instintos. Seu rancor contra Teodorico, por tudo quanto ele fizera sofrer ao Pedrinho, misturava-se a uma sensação confusa de *coquetterie*, de interesse, que o próprio subconsciente não queria confessar. Em sonhos, Teodorico e Pedrinho se lhe apresentavam com uma unidade absoluta, estranho Janus, duas personalidades justapostas de chapa fotográfica. Era, por certo, uma transição. E agora, que Pedrinho estava longe, o processo precipitava-se, ganhando os resíduos instintivos o primeiro plano, onde o amor havia fixado uma determinação de caráter.

Elisa estava entre dois convites: o de Sônia Kraskovna, e o de Teodorico. Ela bem sabia que a companhia de Teodorico (cujas

maneiras eram, agora, quase humildes, e trescalavam um respeito e uma admiração esquisitos), representava um perigo: ele era bem conhecido pela vida boêmia que levava. Por outro lado, Kraskovna poderia arrastá-la, pouco a pouco, à atividade militante, aos aborrecimentos com a polícia e, principalmente, a uma atitude de desprezo e ofensa ao bom Frei Chico, tão carinhoso, que se escandalizaria, sabendo. Decidiu-se pelo Teodorico.

* * *

Frei Chico escrevia-lhe: "Não deixe de procurar entre as constelações e as lâmpadas elétricas, a estrela de Belém..." O De Moreyra, dizia-lhe: "A luta está travada; não é possível evitar o choque". E Teodorico deixava-lhe um bilhete sobre a mesa: "Quer vir jantar comigo, no *Palhaço*?"

E Elisa, numa carta a Kraskovna, confessava: "Sinto-me atordada, como se eu me dividisse em duas pessoas, uma a dizer *sim*, outra a dizer *não*. O Pedrinho me afirmava que a luta era entre duas classes, e os livros o confirmam. Pode ser; mas, para mim, a luta é dentro de nós mesmas, entre dois corações".

Teodorico repetia-lhe a mesmíssima frase de Pedrinho: "Você é a minha vida". Era, talvez, por isso, que se fracionava, entre dois homens, entre dois mundos, entre duas concepções, porque a vida, que é o bem, é também o mal...

* * *

De Moreyra tinha razão. A batalha crescia. Em todos os recantos do mundo. A civilização desabava. No conflito inevitável, cada qual deveria assumir o lugar na sua trincheira.

Havia uma estrela vermelha...

Que vinha da Ásia...

XXVIII

A VESTAL

O tenente Gilberto bocejou longamente no concheiro do seu apartamento. Chovia um chuvisqueiro fino, que se pulverizava sobre o mar, vestindo as árvores de Santa Teresa, das Laranjeiras, da Glória, com uma tênue cerração cinzenta. Pingavam goteiras voluptuosas, exatamente como naquela manhã em que Brás Cubas entrara no seu delírio divertido. Essa lembrança de Machado de Assis vinha agora, amavelmente, sem amarguras demasiadas, fazer Gilberto espreguiçar uma displicência passiva.

Estivera, a noite anterior, numa sessão do Clube, onde discutira o eternizado problema da política nacional. Aquele clube constituía ainda um remanescente da Coluna Prestes, guardando a mesma candura, a mesma indecisão de rumos, os mesmos propósitos firmes de um idealismo comovente. Mas a sua situação era mais angustiosa do que o itinerário da Coluna nos sertões. Porque já não se tratava de um contendor tangível a combater, porém de adversários imponderáveis, que criavam uma atmosfera de desconfianças tenebrosas. Ninguém poderia afirmar, ao certo, quais eram os inimigos. Podia ser um dos próprios associados, seduzido por ambições inconfessáveis, ou por intuits pessoais de vingança. O Clube se encontrava numa posição complicada: precisava alargar o número de seus correligionários, mas desconfiava de todos os que o olhavam com simpatia. Suas sindicâncias eram rigorosas, e mesmo quando nada se apurava contra aquele a quem se pretendia convidar, sempre havia uma voz instigada por aventureiros solertes, a dizer: "Cuidado! esse homem já escreveu uma carta ao senador Azeredo!" Sabedores disso, homens de dignidade se afastavam do Clube, ou fingiam ignorar a sua existência.

Ao cabo de alguns meses, o tenente Gilberto, que se esclarecia através da correspondência mantida com o capitão Urbano, começou a entender claro o imenso caos da política brasileira.

O Clube era um templo de Vesta, exigindo comportamento nota 10 em educação cívica. Nada de mussolinismo e nada de leninismo. Moralidade administrativa e fobias paisanas. Adesistas, passem de largo; doutrinadores, cautela! Governos de militares com balancetes mensais. Cuidado com todas as propostas de negócios: há dentes de coelho nas histórias mal contadas. Pouca gente, mas escolhida. Na dúvida, pedir atestados revolucionários de 22, 23 e 30, prisões e perseguições na fé de ofício.

Os mártires de todas as violências passadas vigiavam as mandejeiras da República. Para não deixar chegar ao feno alimárias nédias de regimes antigos.

* * *

Gilberto sorria cético, assistindo às discussões estéreis. Via o pequeno grupo rodar como uma carruagem num Saara, sem forças para romper as montanhas de areia. O Brasil não oferecia resistência. E nisso estava o segredo do êxito dos políticos paisanos: eram de borracha. Os homens públicos escapavam como enguias e diluíam-se como o açúcar. Na inconsistência geral, os "tenentes" sem caráter político definido, fixavam-se apenas como uma expressão de caráter moral, mas emperravam a marcha tolhidos pelas próprias indefinições de seus chefes e adeptos.

No fundo desse agrupamento havia o impenitente romantismo brasileiro, muito lirismo de sonhadores e histerias de sensitivos. Aos mais prestigiosos, ou faltava coragem mental, ou o senso dos golpes oportunos, talvez uma firme confiança de convicções ideológicas. De sorte que a pequena seita consumia o tempo no culto de vagos idealismos, chamados orgânicos e construtores, mas que se reduziam à poesia das realidades desconhecidas.

Como engenheiros, levantavam a planta da construção nacional: mapas, esquemas, nomenclaturas, teorizando sobre verdades e soço-brando sob mentiras, que eram mais fortes e reais.

Tudo isso entristecia Gilberto, que perdia toda a esperança quando ouvia de seus correligionários as marteladas nas mesmas teclas: "regeneração de costumes", "moralidade administrativa", "modificação de mentalidade", pesquisa da "realidade nacional", "tendências socializantes".

* * *

Naquela manhã, Gilberto espreguiçava-se, ouvindo voluptuosamente a garoa, pensando na inutilidade de todos os esforços. E aquele papel azul claro das paredes, a mobília confortável, o *abat-jour* carinhoso criavam um estado de espírito diferente das madrugadas brutais do sertão, que o despertaram tantas vezes no seu leito de palha e poncho, com travesseiro de arreios...

Então, acreditava combater por um ideal fácil; e, agora, tudo se complicara, mostrando-lhe que a luta não era de fuzil e metralha...

Como um menino sem forças para erguer um móvel atrás do qual está a sua linda bola colorida, desastradamente jogada, Gilberto tivera muitas vezes ímpetos infantis de chorar.

O Brasil era enorme, pesado.

Quem o ergueria, como um Atlante?

Que fazer, para despertar as populações da inconsciência do seu cativo? Como impor a fórmula salvadora? Quem a teria descoberto? Quem a executaria, com braço rijo? Seria necessário derramar mais sangue?

Lembrou-se de Cesário e do Cavaleiro de Itararé. O fantasma dos planaltos do Paranapanema não era uma ficção. Ele faz retumbar o seu tropel, exatamente como se dizia às lareiras dos sertões do Apiaí: com o rumor de um terremoto. Que todo o Brasil ouvia, em 1930.

— Ó de casa!

Tudo é deserto e negro. O silêncio de pedra.

Nada... e nada!

Foi o Cavaleiro de Itararé!

O cabloco brasileiro abrira a janela para a treva, para o vácuo, para coisa nenhuma. Entraram-lhe pela fresta o infortúnio e a amargura.

Era o Cavaleiro de Itararé.

* * *

Oh! e os pobres cablocos estremeciam de pavor, ouvindo a lenda agreste! "Um dia" — repetiam os sertanejos — "a assombração será desencantada, porque muita gente verá o cavaleiro invisível".

Acaso, nos recessos da alma nacional, como a antevisão do episódio inevitável, a lenda não se exprimira com a força da realidade do futuro?

O segredo das adivinhações está no senso agudo dos simples...

* * *

De fato. Gilberto tinha ali, junto ao café matinal, algumas cartas que lançavam clarões sobre o panorama aflitivo que o conturbava e oprimia.

De Moreyra, o marxista, que tentava seduzi-lo, escrevia-lhe:

“Os burgueses do Rio Grande e Minas derramaram o sangue brasileiro em 30, para esmagar os burgueses de São Paulo; amanhã, estes se levantarão, derramando mais sangue, para reconquistar suas posições. Um dia os gaúchos, os mineiros e paulistas se confraternizarão para derramar o sangue dos burgueses que os exploraram e os levaram a se matarem”.

Aquele quadro era horroroso. Mas Urbano escrevia-lhe:

“A vida só vale a pena ser vivida em atos de sacrifício. Pois a história de todos os povos é a história da nossa querida Coluna. Caminhar no espaço geográfico, à maneira dos hebreus, é o mesmo que caminhar no espaço do tempo, à maneira das civilizações. Existe um sentido de marcha, de que Marx tirou conclusões, mas existem outros sentidos de vida, e tudo se conflagra em batalhas. Quando olho as estrelas deste céu paraguaio, lembro-me de João Duque. Sempre que o desgosto o oprima, recorde-se dele, meu caro Gilberto”.

Que pretendia Urbano insinuar com aquelas palavras?

Uma carta perfumada fez Gilberto sorrir. Era de Virgínia, a viuvinha milionária, irmã de Teodorico. Gilberto gostava de uma garota mulata e pobretona do Rio Comprido, Gabriela Maranhães. Se casasse com Virgínia, iria à Europa, seria troço na vida. Mas a Gabriela o acompanharia a qualquer bivaque.

Abriu o último envelope. Gruber exclamava numa caligrafia esparramada:

“*To be or not be*. Para não me deter na encruzilhada, optei pelo *não-ser*. A doutrina de afirmação de Pedro Maranduba, prefiro a do Eclesiastes, que é menos dispendiosa. É a filosofia da “Associação Recreativa dos Chefes de Família”. Por isso, venho pedir-lhe, muito particularmente, o

obséquo de me informar se o general Miguel ainda está com prestígio. Quero saber quem manda nesta joça, pelo menos durante algumas semanas”.

Um telefonema:

“Não deixe de vir, hoje ao Clube, porque aquele decreto que foi assinado sábado foi rasgado domingo, depois foi assinado terça-feira, e agora dizem que vai ser rasgado. Quanto ao que estava assentado em Minas, ficou sem efeito. E o ministro Medeiros não é mais pela Constituinte. Sabe que mais? Aquele político com quem almoçamos mudou de partido. Espere! Espere! Acabo de ser informado que o Medeiros é outra vez pela Constituinte!”

* * *

...E o Brasil era aquilo!

O terreno movediço. Os homens virando todos os dias. Os atritos pessoais multiplicando-se. As reconciliações sobrevivendo. Os partidos tramando na treva. Os conchavos. As intrigas. A indefinição de rumos. A desconfiança entre militares. A incógnita de Minas. A equiação do Rio Grande. O tumor prestes a rebentar de São Paulo. As fanfarronadas dos demagogos. As conjurações. As idas e vindas. Os discursos bombásticos. Os discursos malabaristas de prestidigitadores. E uma imprensa superficial, novidadeira. E uma massa popular amorfa, sem fisionomia, oscilando ao sabor das paixões efêmeras.

* * *

— Minha Pátria! Minha Pátria! exclamava Gilberto, andando de um lado para outro, os braços cruzados, como um galé maldito. Sobre o sangue de todos os inocentes que se assassinaram, de um lado e de outro, nas guerras fratricidas, tripudia a eterna farândula dos saltimbancos!

Na imaginação exaltada de Gilberto, abria-se o panorama da grande feira: ursos debochados, dançando molemente ao pandeiro; orangotangos obscenos e trágicos, bamboaleando a cabeça; velhos políticos oligarcas; macacos serelepes, saltando em momices, como politiqueiros; hienas traíçoeiras como caudilhos; raposas sórdidas, farejantes como negociastas; papagaios retóricos, fazendo discursos

cheios de literatura balofa; jumentos doutorais, orneando sovados refrões, enfarpelados de becas ou fardões acadêmicos.

Há um cigano que, dominando a algazarra, toca uma flauta, que procura todas as melopéias, a fim de acalmar os bichos. Em redor, a multidão, que assiste ao espetáculo, com os olhos chispando de prazer.

Os bichos se alimentam de carne humana.

A multidão não tem piedade.

Os pais empurram seus meninos aos dentes das feras. As próprias mães arrancam os filhos do peito, para ver o urso trincá-los, o orangotango lanhar-lhes as carnes e as hienas babujarem sobre eles sua baba fúnebre, enquanto os papagaios burocráticos bradam discursos patéticos!

— E será sempre assim? pensava Gilberto. Quarenta milhões de fraticidas e infanticidas? E o Brasil matará desse modo os seus filhos, sucumbindo ele próprio, num lago de sangue? Seria preferível imolar a Nação ao Moloc de uma guerra estrangeira!

* * *

Gilberto vibrava de cólera naquele instante, como se chamejasse no seu peito a alma cândida de uma Vestal.

Seu patriotismo era como o fogo sagrado.

Inútil.

Incompreendido e solitário.

XXIX

NEL MEZZO DEL CAMMIN...

Martinho Cerveira regressara da Europa, juntamente com outros deputados e senadores, e abriu seu escritório de advocacia dizendo que não queria mais ouvir falar em política. Da Comissão de Sindicâncias Martinho escapara brilhantemente, porque possuía no seu arquivo um documento comprometedor de vários políticos mineiros e gaúchos. Em todo o território do país, a inquisição encontrava esses precalços. O Gruber até levantara um "Cadastro da Igualdade e da Fraternidade", onde, diante de cada peculato, malversação ou negociata de perrepista, anotava idêntico pecado de um aliancista nos galarins. Esse notável trabalho estatístico, Gruber o denominou: "Válvula de emergência contra incêndios", e tinha por fim socorrer os confrades da "Associação Recreativa dos Chefes de Família", muito precisados de tais aparelhos.

Retomava, assim, a vida de Martinho o ritmo normal. Teodorico, porém, achava-se embaraçadíssimo para reatar o fio antigo das suas relações familiares em casa do amigo.

* * *

Siloca, antes da partida para a França, pedira-lhe que se fizesse noivo da Cibeles, a fim de que as pudesse levar. Mostrou-lhe Teodorico os inconvenientes: sabia que Cibeles o amava, e ele não podia corresponder da mesma maneira.

— Evidente, retrucou Siloca; pois se você gostasse dela, eu não propunha o noivado. De quem é que você gosta? Por que não responde? Vá! Diga!

Abraçou-o pelo pescoço. Teodorico não a beijou, preocupado.

— É assim que você me trata?

Afastou-se chorando, num lencinho bordado a violeta. Teodorico beijou-a na face.

— É assim?

Beijou-a na boca, friamente.

— Ingrato!

— Mas é um absurdo, Siloca! Tenho pena de Cibeles.

— E não tem pena de mim?

— Mas deixe disso. Nós, afinal não somos mais crianças...

— Então acha que estou velha?

— Não é isso...

— É isso! É isso! Você quer mocidade! Quer meninas!

Cibeles entrava nesse momento. Julgou que se tratasse dela. Ficou pálida. Nunca imaginara que Teodorico já a considerasse velha. Pôs-se a chorar silenciosamente. Então Siloca, que compreendeu o equívoco salvador, voltou-se para Teodorico, clinicamente:

— Veja: é uma flor. Tão bonita, tão inteligente e tão meiga...

Teodorico não sabia o que dizer. E Siloca aproveitou o ensejo e atirou o ultimatum, a queima-bucha:

— Por que não faz a felicidade dela?

— Mas é prematuro, inoportuno tudo isso...

— Já sei! exclamou Cibeles no seio de Siloca; sou velha.

— Não diga isso, Cibeles! exclamou Teodorico, enternecido pela ingenuidade da pequena.

E Siloca:

— Se fôssemos todos juntos para a Europa...

— Por favor! Não insista! disse Teodorico.

E a esposa de Martinho, ameaçadora, redarguiu:

— Diga então o verdadeiro motivo! É preferível dizer.

Teodorico pegou o chapéu, despediu-se quase bruscamente. Siloca desvencilhou-se de Cibeles, correu atrás dele. À porta, como os olhos da amante fuzilassem de cólera, Teodorico disse-lhe:

— Em mim nada pega. Se não tiver pena de Cibeles, pense na sua própria reputação.

Siloca chorou três dias e três noites. No quarto dia, Cibeles, risonha e feliz, contou-lhe que Teodorico lhe telefonara explicando que a ocasião não era oportuna, por causa de negócios, uma porção de coisas. E que tudo eram nervos de Siloca.

* * *

A partida do "Duílio" (recordava nitidamente...) Teodorico compareceu com o Zenóbio Duarte e o Spadaroto e levou a irmã Virgínia. Foi tudo protocolar.

Siloca não escreveu uma só vez de Paris a Teodorico. E agora, que Martinho Cerveira regressava com a família, Teodorico sentia-se numa posição esquerda para reiniciar a comédia que vinha representando.

* * *

A Cibele voltara mais bonita, menos ingênua, porém sempre romântica. Teodorico cumprimentou Siloca, osculando-lhe a mão fidalga. Parecia outra. Delicada, amável, com uma certa frieza cortês, sem ares de simulação. Conversaram sobre pintura. Falaram dos *dancings* de Montparnasse, das excursões a Versalhes e Fontainebleau. Vida dos hotéis de luxo, temas de restaurantes e cardápios, incidentes anedóticos de excursões.

Os olhos de Siloca não diziam nada; tanto que Teodorico, que os evitava a princípio, começou a enfrentá-los naturalmente.

Cibele falou dos namorados do Bois de Bologne, do Luxemburgo, de Saint Cloud, na relva primaveral, ou sob as copadas seculares que ensombravam o Sena. E Teodorico esfriava, marchando de flanco.

* * *

Sua preocupação cada vez mais absorvente era Elisa. Tinha-a, agora, perto de si, como secretária. Ela dominava-o como um gato que mantém à distância o rafeiro agressivo. Parecia estar sempre em guarda. E ele sentia-se ridículo, quando premeditava, sozinho, ardis hábeis para se apoderar dela. Era um cerco longo, penoso, exasperante. Devia acabar logo com aquilo. Então Elisa não compreendera as suas intenções? Impossível; devia ter percebido. Mas, se percebera, por que aceitara o convite para o emprego? Se aceitou, sabendo, é porque estava disposta. De certo aguardava o assalto. Quem sabe se não caçoava dele, consigo mesma, ou com amigas, julgando-o um tímido? "De amanhã não passa", pensava resolutamente. Na noite seguinte, a situação era a mesma. Então, arquitetava novos planos.

No dia do aniversário dela, mandou-lhe um presente, com um cartão em que ameaçava ruptura de amizade em caso de recusa. Elisa respondeu numa cartinha: "Estou cada vez mais sensibilizada pela sua bondade. Muito lhe agradeço a belíssima lembrança". Pôs-se

a examinar as palavras, uma a uma. Que pensamento teria ocorrido a ela, quando escrevera "cada vez mais"? Teria uma intenção essa frase? E a palavra "sensibilizada"? Em que sentido estava escrita? Queria ela referir-se a algum sentimento nascente? Ou insinuar-lhe alguma esperança? Por que chamara ao presente "lembrança"? Desejaria dar a entender que o valor da oferta vinha do fato de ter sido sua pessoa lembrada por ele? Guardou a cartinha no bolso, abriu-a várias vezes, porque experimentava prazer nisso. O papel estava quente do calor do seu corpo, que se apoderava, por essa forma, da caligrafia dela, do perfume dela, de tudo o que passara pelos dedos dela.

Retraiu-se depois disso. Para dar a Elisa a impressão de que não se preocupava tanto, e que o presente fôra uma simples magnanimidade de patrão. E vingava-se de sua timidez humilhante, indo esperar a Conchita de la Cierva, a dançarina uruguaia que cantava tangos argentinos no Santana, para levá-la à champanha na *garçonniere*. Afinal, aquilo fatigava: Conchita imitava os beijos de Billie Dove e os olhares da Marlene; tinha atitudes de Greta Garbo e coleios de Dolores Del Rio. Pedia-lhe opinião sobre um passo de bailado e comia sanduíches com mostarda desejando jóias e espiçando sobre seus joelhos as pernas emancipadas. Era tão imbecil como a Condessa de Pravaz, que ele sustentara com seu galgo e suas peles de raposa prateada.

Teodorico ia entrando nos 37 anos, dos quais gastara vinte conquistando mulheres casadas e cultivando atrizes dançarinas e baronessas de fancaria. Desencaminhara duas ou três caixeirinhas, flertara mais vinte ingênuas da aristocracia patricia. Na sua idade, os homens que conquistaram, dia a dia, uma posição financeira, sem tempo nem haveres a despender com amores, começavam, áridos e secos, a descobrir a existência das mulheres de cabaré e dos tipos de vitrine do *hall* dos hotéis de luxo. Ele, ao contrário, começava a pensar em sair daquele mundo tão devassado e sovado, que lhe parecia monótono, na eterna repetição das mesmas aventuras galantes.

Por que Elisa, quanto mais se aproximava, mais parecia afastar-se dele? E que ação terrivelmente modificadora essa rapariga exercia sobre o seu caráter, atenuando-lhe asperezas, quebrando-lhe a intransigência, alterando-lhe o padrão de vida, e a filosofia displacente? Todas as mulheres lhe diziam que era um desatencioso. Uma carioca lhe atirara uma praga: "Deixa estar que um dia lhe quebram a castanha!" E agora, estupidamente, quando menos esperava, sentia que se tornava aquilo de que acusara os camaradas: um cretino.

Esteve um mês inteiro no Rio, a ver se esquecia, pensou até em transferir-se definitivamente.

— Você precisa casar, menino! disse-lhe D. Beatriz.

— Sim, preciso. Mas com quem?

D. Beatriz sorriu e Teodorico pensou em Cibele. Talvez ela o fizesse feliz. Era chegado o tempo (refletia) de armar o cenário decente da morte. E evocava os versos de Dante, com lentidão dolorosa: *Nel mezzo del cammin...*

* * *

Elisa mostrava-se esquivada. A única pessoa no mundo que recusava, fugia, escapava das suas solicitações. Desde menino, habituara-se a não ser evitado por ninguém. Os amigos disputavam-lhe a companhia, as mulheres orgulhavam-se de seus convites. Por isso, tinha medo de Elisa: porque ela fugia. Ela recusava dez vezes para atender uma vez. E o fazia de tal maneira, que Teodorico perdia toda a capacidade de se aproveitar da ocasião.

Certa tarde, Teodorico disse-lhe:

— Quer jantar hoje comigo? Vou aonde você indicar.

— Hoje não posso, respondeu ela sorrindo. Temos uma visita em casa.

— Paciência. Fica para depois de amanhã.

— Por que não será amanhã? perguntou Elisa.

— Amanhã não posso; marquei encontro com outra pessoa...

Não era verdade. Mas Teodorico desejava dar a impressão de que não andava sôfrego. E, ao mesmo tempo, insinuar que estaria em companhia de outra mulher. Elisa aparentou não perceber.

— Esses seus amigos não o deixam...

— Não são amigos. São... uns casos.

— Está bem. Depois de amanhã.

* * *

À noite, Teodorico subia, de auto, a Avenida Luís Antônio, quando viu Elisa, em companhia de um rapaz, descer a rua Asdrúbal. Fez parar o carro. Seguiu-os, de longe, devagar. Atravessaram o Piques, subiram a rua de Santo Antônio. Violenta cólera se apoderou de Teodorico. "Sou um imbecil!" O coração batia. "Ela não é séria". Viu os dois entrarem num sobradão.

Teodorico pensou em desmascará-la. Mas seria dar muita confiança. Pensou em despedi-la no dia seguinte. Pensou em agarrá-la,

à força, após o jantar combinado, dizendo-lhe: "Por que só eu não posso?" Tudo isso passava trepidante no seu cérebro. Regressou desorientado. Apenas Cibele era pura e o amava. Iria concertar o noivado. No dia seguinte. Não; agora mesmo. Tolice. Ia ver a Conchita de la Cierva.

* * *

Elisa subiu com o De Moreyra as escadas escuras. Lá em cima já estavam reunidos alguns camaradas. Entre eles, a poetisa Crisandália. O De Moreyra fazia questão que Elisa comparecesse àquela pequena assembléia, a fim de apresentá-la a vários amigos, e principalmente a Sílvia Margarida, escritora distinta que agia em Belo Horizonte. Realmente, Sílvia chegou logo. Sua beleza impressionava: grande, alta, de cabelos negros, olhos luminosos, uma boca atrevida. Vestia um vestido de seda preta, que lhe caía glorioso nos quadris.

— Demorei-me? Estive discutindo assuntos pedagógicos com um professor da Escola Normal, dos nossos. Os rapazes do "Diário" me seguraram também um pouco.

E começaram a combinar vários planos de ação.

Sílvia Margarida abraçou Elisa, sabendo-a noiva do Pedrinho, que era conhecidíssimo, até no Uruguai.

* * *

Mas Elisa começava, à proporção que se enfronhava de marxismo, a aborrecer Pedrinho, ou melhor: a estimá-lo de uma maneira diferente, separado agora do amor choramangante e ciumento. Pedrinho merecia-lhe até uma simpatia cada vez maior, pela sua tenacidade, sua fibra de combatente.

Mas o amor? Destruído o romantismo dos tempos da Lapa, a exaltação quase religiosa, que lhe arrebatava a consciência, antes de haver lido tantos livros e de ter sentido a vida no ambiente da alta sociedade, que restava do amor? Decerto nada; nada restava do amor de *jeune fille*, de namorada cristã, de menina de arrabalde. E surgia uma concepção livre e desafoçada, com explicações científicas e a moral sem mistérios.

Fôra o próprio Pedrinho o seu iniciador nos segredos da Árvore do Bem e do Mal. Depois, De Moreyra lhe abria os arcanos de um novo conceito de vida. Ela já não era uma *midinette* desarmada na luta tremenda do sexo, que se travava no mundo, entre os egoísmos de Adão e Eva. Sentia-se a *girl* pragmática à maneira das

jovens americanas esportivas e livres. E agora, que lia livros sobre o nudismo, o aborto, e se instruía nas hipóteses freudianas, notava que a sua força animal enrijava como o aço, matando no seu pensamento todas as sublimações e no espírito todas as delicadezas.

Não era o fatalismo deslumbrado de Vanda, que iniciara Teodorico aos 18 anos, no dionisíaco desfrute da vida, nem era o embevecimento místico da suave Cibele, muito menos o grosseiro comodismo de Siloca. Elisa não se imolava ao subjetivo, nem se deixava cegar pelo mundo exterior. No fundo, às vezes, experimentava uma vaga saudade de si mesma, da outra, que chorara o rompimento de Pedrinho e que se reconciliara com ele, em lances.

Mas, por que Pedrinho, que era um líder marxista, uma têmpera de batalhador, afligia-a com zelos e pretendia, absurdamente, conservá-la, tal qual a conhecera?

Seus instintos levavam-na, então, para Teodorico, porque ele era o homem sem coração, sem sentimento. Detestava, acreditava até odiar Teodorico, representante de uma casta que deveria desaparecer. Mas, gostava de estar junto dele. Para excitá-lo? Para humilhá-lo? Não sabia.

Observava que Teodorico principiava a assumir certas atitudes sentimentais, que eram de Pedrinho. Exatamente como Pedrinho, que manifestava, nos últimos tempos, uns laivos de caráter que pertenciam a Teodorico.

* * *

Teodorico disse à Elisa:

— Lembra-se da combinação de ante-ontem?

Mas ficou rubro. Ergueu-se, fechou a porta da saleta, sentou-se numa poltrona.

— Diga-me uma coisa, Elisa. Você tem pensado que eu sou um imbecil? Como se faz de ingênua! Vamos falar francamente. Que pensa de mim?

— Penso que é gentil.

— Estima-me por isso?

— De certo que sim.

— Então, por que me iludiu ante-ontem, dizendo-me que tinha visitas em casa? Que fazia na rua Santo Antônio?

Elisa empalideceu.

— Como sabe?

— Eu adivinho...

— Mas não tem o direito de me vigiar!

— Nem a senhora o direito de mentir!

Elisa estava trêmula de raiva e de desilusão. Teodorico se apresentava ali, banal, com as fobias de Pedrinho e sem, ao menos, o valor moral de Pedrinho. Então, num gesto resoluto, disse:

— Não admito que me trate assim! Vou-me embora!

E virou-lhe as costas, abruptamente.

Teodorico, de um salto, deteve-a.

— Espere um pouco!

— Não posso dar-lhe explicações dos meus atos! Sou livre!

Ele exclamou:

— Você tem um coração de ferro!

Aproveitando-se da frase, ela sorriu. E disse:

— Venha pedir-me desculpas!

Teodorico aproximou-se, humilde, pegou-lhe a mão estendida para ele, beijou-a de leve. E fixando os olhos súplices nos olhos dela:

— Perdoe-me!

Quis enlaçá-la. Mas Elisa ordenou-lhe:

— Não me toque!

XXX

DESENHO DE ARMAR

Afinal, quando a "Associação Recreativa dos Chefes de Família" culminava em prestígio, tendo em caixa muitos mil contos e entidades filiadas nas capitais brasileiras, o Gruber, com aquela visão genial de orientador incomparável convocou uma assembléia monstro.

A grande sala do Capitólio estava à cunha. Nos camarotes resplandecia a fina flor da intelectualidade, da política, da indústria, do comércio e da lavoura. A platéia regorgitava de funcionários. Nas torrinhas, apinhava-se uma multidão de serventes, de secretárias, porteiros de bordéis, moços de recados de Bancos e Companhias, nas suas librés reluzentes.

Era o que Zenóbio chamava "a sociedade brasileira", tudo o que se denominava "nosso espírito conservador".

— Faz gosto (segredava Gruber a Japiassu, espiando por um burquinho do pano de boca) falar a um auditório assim. Veja como é consolador: a sociedade brasileira existe e é inegavelmente um índice de boas maneiras.

Na mesa da presidência, sentaram-se, entre corbelhas, o Gruber, tendo à sua direita Zenóbio Duarte, Tonico Dutra, Teodorico e Justiniano (o magistrado que conhecera em casa de Catarina Regalata); e, à esquerda, Japiassu Neto, Martinho Cerveira, Tourinho Sarmanho e a imponente D. Maria de Figueiredo. O pano subiu, uma salva de palmas saudou a mesa.

Gruber sabia que a sociedade nacional amava, antes de mais nada, os belos discursos, absolutamente verbais e sem fundo, com imagens coloridas, comparações patéticas e algumas dessas palavras mágicas como "liberdade", "justiça", e outras sem sentido real. Por

isso, mandou Japiassu escrever em estilo veemente o discurso de saudação.

Magro, de *smoking*, Japiassu falou meia hora, terminando com estas palavras:

— “Vejo daqui a elite, o *high-life*, a *haute gomme*, a nata deste torrão de Fernão Dias, crisol em que se fundem, ao sol do progresso, os inamoldáveis caracteres que revelam, no timbre, como que as ressonâncias de sinos de ouro”. (*Palmas prolongadas*). “Vejo magistrados sapientes, políticos de descortínio, industriais operosos, comerciantes conceituados, literatos brilhantes”. (*Muito bem!*) “Vejo a cultura aspirando ao progresso, o progresso construindo arranha-céus, os arranha-céus elevando-se para o firmamento e o firmamento sorrindo”. (*Aplausos*) “Chefes de família, congregados para o triunfo esplêndido da moral, das virtudes sacrossantas que se erguem como Verdun, bradando: “*On ne passe pas!*” (*Cinco minutos de ovações*). Eu vos saúdo, ó esteios da Pátria!”

* * *

Em seguida, Gruber leu a sua “fala”:

“Egrégios consócios; dizia o rei Salomão que chega o tempo de juntar pedras, como sobrevém a oportunidade de se espalharem as pedras. A assembléia de hoje assinala o supremo prestígio da “Associação Recreativa dos Chefes de Família”: contamos um milhão, duzentos e vinte e sete mil, quatrocentos e vinte e nove sócios. Mas, é chegada a hora em que devemos separar-nos, para nos sentirmos mais fortes. Se tudo é instável no Brasil, sejamos dinâmicos. Mas, como? direis. E eu vos responderei: cresci, multiplicai-vos, conforme dizia Jeová ao patriarca Abraão. Para isso, é preciso que cada um se dirija para um rumo diferente. Afianço-vos que é a maneira mais prática de nos encontrarmos. E quando algum, dos grupos divergentes, erguer a palma da vitória, acorreremos pressurosos, de todos os pontos, cantando hoesanas. Eis porque proponho transformarmo-nos em sociedade secreta”.

Tomou a palavra um irmão da "Ordem Terceira", que deu o seu voto favorável. Ergueu-se Justiniano, o magistrado, e exortou a assembléia:

"Façamos, senhores, da Justiça, o nosso lábaro, do Direito a nossa estrada, da Liberdade as nossas asas. Que é a Justiça? É a balança, é a espada, são os olhos vendados. Que é o Direito? São os textos, a legislação, a jurisprudência, os códigos, os acórdãos e pareceres. Que é a Liberdade? É a luz, é o sol, a inspiração, a alma. De que nos valeriam os bens da fortuna, sem a Justiça, que espaventa os ladrões? De que valeriam os gozos materiais, sem o Direito, que nos faculta gozá-los? E de que valeriam os alimentos, se não tivéssemos a liberdade de comê-los? Sem liberdade, de que valeria o ar atmosférico? Morreríamos asfixiados!" (*Estrondosas palmas*). "Sim, senhores! Que mais vale: o pão ou a liberdade? O ar ou a liberdade? Quem ousará afirmar que um homem encarcerado está em idêntica situação de um homem solto?" Oh! Oh! Oh! Perguntai a um faminto: "Que queres?" E ele responderá, sem titubear: "Liberdade, supremo bem!" (*Aplausos prolongados e frenéticos; o magistrado tem umas ligeiras eructações, provenientes de uma terrível peixada à baiana, ingerida ao jantar*). "Eis porque eu voz peço que, ao separarmos-nos para a conquista da vitória, levemos estas três palavras inscritas em nososs corações: Direito, Justiça, Liberdade!"

* * *

Terminada a reunião, Gruber respirou sossegado. Pois a "Associação Recreativa dos Chefes de Família" tinha chegado a um beco sem saída. A Ditadura não se definia, os partidos se instabilizavam, os prestígios se revesavam de tal forma que a Associação vinha inaugurando semanalmente retratos de generais, capitães, tenentes, ministros, interventores e cidadãos eventualmente importantes, sem que acertasse o caminho seguro do triunfo. Lá estavam pintados a óleo os generais honorários da República, os paisanos ocasionalmente prestigiosos. Havia retratos que não chegavam a ser inaugurados, porque a fatalidade andava mais depressa do que o pintor, de sorte que o quadro ainda não estava terminado e o herói já caíra no ostracismo.

Também as idéias andavam se reveando. Mal o Gruber felicitava alguém por um discurso "tenentista", e tinha logo de felicitar esse mesmo alguém por um discurso liberal. A "Associação" sofria muito com essas incertezas. Agora, transformada em sociedade secreta, já não havia compromissos, nem idéias, nem de pessoas, de sorte que os pacatos pais de família que se recolhiam à benemérita instituição poderiam ocupar cargos em quaisquer governos, obter os melhores empregos, sem complicações.

* * *

A alma infernal de Gruber preparava, porém, uma hecatombe, incitando as cóleras de tenentes, de generais, de gaúchos, mineiros, paulistas e nortistas, por meio de intrigas em boletins anônimos mimeografados. Era o seu método, o seu processo de destruir a sociedade.

Gruber explicou a Teodorico o seu plano:

— Nós, os *condottieri*, não devemos admitir deformações do povo. O estado natural das multidões é o de sonambulismo. Despertá-las será infelicitá-las. Não existe melhor processo do que o de exacerbar o delírio. Um homem normal não se atira do Viaduto, nem mesmo de uma janela...

— Que quer você dizer com isso?

— Quero dizer que nosso programa deve ser o de nos aproveitarmos dos heróis, para nos glorificarmos sobre as suas hecatombes.

— Mas isso é trágico e cruel...

— É apenas a Vida. Enlouqueçamos as turbas, porque os heróis serão glorificados em bronze e granito e nós, os sobreviventes, seremos beneficiados em carne e osso.

— Como enlouquecer as turbas?

— Simplesmente: não as contrariando; excitando-as.

— Que lucro haverá?

— O triunfo completo da liberdade.

— Que é a liberdade?

— A igualdade do direito segundo a desigualdade das forças...

Teodorico estava perplexo. E Gruber continuou:

— Você é rico; acha razoável que indivíduos sem dinheiro, sem posição, sem negócios, venham em nome de ideais legislar, governar?

— E como poderei governar?

— Estimulando a multidão.

— De que modo?

— Com palavras.

— Só com palavras?

— Exclusivamente. Espicaçar o amor próprio, os sentimentos chamados nobres em que ela se formou. Jogar as frases históricas, que existem para o uso dos fortes: cinzas de avós, tradições heróicas, virtudes cívicas, ânsias de liberdade, amor ao torrão natal, capacidade de sacrifício.

* * *

A sós, Gruber sorria perversamente. E monologava:

— Distilemos a peçonha da liberdade. E que possa, como um corrosivo, roer até aos ossos este mundo cruel. Ensinemos aos homens o culto do Direito: ele acenderá um chama votiva a cada egoísmo e matará seu irmão como Caim. A democracia é uma dinamite: fará ir para os ares o templo das ficções. Cultivemos as cóleras épicas e os rasgos românticos.

* * *

A evolução de Gruber dirigia-se para um niilismo feroz. Aparentando a eterna atitude epicurista, mascarando-se com um permanente sorriso a um tempo amável e sardônico, o antigo mecânico, sem que ninguém o percebesse, deslocava-se da indiferença absolutamente cínica para um anseio místico de destruição.

Ao passo que Maranduba acinzentava-se nas primeiras dúvidas, quando escrevia a Antônio Piroga, apelando para os índios Carucas, Gruber experimentava as incertezas crepusculares que o levavam do humorismo cruel para a tragédia quase sentimental.

No íntimo do seu espírito negativo, qualquer coisa lhe dizia que havia, possivelmente, algo a afirmar, negando.

Como dois navios que se afastam em direções opostas, para a volta ao mundo, Gruber e Maranduba deveriam encontrar-se um dia.

Etapas atlânticas no rumo do Levante; mistérios noturnos de um infinito Pacífico, sem esperanças de terra...

XXXI

HORMÔNIOS

Cibele começou a sofrer crises nervosas que atormentavam Martinho e Siloca. Chamaram o médico, receitou bromureto. Depois, Martinho levou-a a um neurologista, que prescreveu hormônios, duchas, distrações.

Martinho disse, em particular, a Siloca:

— Penso que o Teodorico é quem mata essa moça.

— Que fazer? perguntou Siloca.

— O casamento, respondeu Martinho.

* * *

Cibele passava horas cismando, os olhos vagos, estendida num divã, com um livro de versos. Se adormecia, sonhava coisas absurdas, em que Teodorico surgia. Ia para os 23 anos. Se envelhecesse? Se ficasse feia? Examinava-se ao espelho. Achava-se bonita.

Siloca tinha-se conservado discretamente afastada de Teodorico, numa simulação habilidosa, como se nada tivesse havido entre eles. Aguardava o instante em que pretendia dar o bote definitivo. Chegara à idade em que renascia o seu esplendor feminino. A atitude de Teodorico, antes da viagem à Europa, exigia dela uma linha inquebrantável de ressentimento e de orgulho, que precisava ser mantida a todo transe. Aquilo a atormentava. Para distrair-se, namorava Japiassu Neto, mas o poeta irritava-a porque não saía do terreno da poesia. Para ele, pobre literato que criava deusas fictícias chorando paixões fantásticas e homenageando mulheres de novela, a aventura tinha o sabor esquisito de um episódio romanesco. A imaginação do citaredo transformara Martinho Cerveira num senhor

medieval e Siloca numa condessa de castelo roqueiro. Na *Cigarra*, apareceu uma balada, que dizia:

*Que importa ruja o Conde na batalha,
do mouro espedaçando o aço do alfanje?
se a tua mão, que eu beijo, o amor espalha,
e o menestrel que te ama a lira tange?*

Siloca, embora vaidosa, achou que a Martinho, habitualmente tão pacato, não calhava bem a ferocidade de um conde a rugir, quebrando alfanjes. Além disso, essas poesias podiam redundar num escândalo, despertando reais rugidos em Martinho. Manifestou, pois, seu desagrado a Japiassu, o qual foi logo segredar a vinte amigos numa mesa de café: que não tolerava o amor burguês.

Siloca valeu-se disso para dizer a Martinho que não gostava de poetas, que era gente muito confiada. Martinho riu-se da idéia e transmitiu-a a Teodorico:

— Minha mulher é um modelo de virtude. É natural que seja admirada: é moça, não deixa de ter seus encantos. Não imagina você o que é Siloca na intimidade...

E muito lisonjeado pelo Japiassu, passou a cumprimentá-lo com expansiva simpatia.

* * *

Siloca aproveitou-se do incidente, declarando a Teodorico:

— Só há um amor; não é possível amar duas vezes na vida. Falo das mulheres, porque os homens são uns volúveis...

Teodorico navegou de bolina, mas Siloca insistiu:

— Dizem que o primeiro amor volta, como a primavera...

Estavam a sós. Aproximou-se dele, para lhe mostrar uma edição rara do *Cyrano*, com gravuras. O interesse de Teodorico pelas estampas irritou-a.

— Quem é o autor destas “água-fortes”?

Siloca mordeu os lábios, de raiva.

* * *

Agora, que Cibeles se debilitava, consumida pelo desejo do casamento, Siloca refletia que era a única culpada, por haver criado aquela comédia. Não se conformava, porém, à idéia de ver Teodorico e Cibeles casados. Sentia a superioridade da outra, com o agudo senso feminino. Tratou, portanto, de solucionar o problema, pondo

Cibele em contato com um homem capaz de casar. O amor de Cibele por Teodorico tornara-se um empecilho para Siloca. No começo, facilitara o ingresso de Teodorico na intimidade de Martinho; agora afastava-o, porque naturalmente Teodorico lhe escapava, temendo as responsabilidades em relação a Cibele.

* * *

Com finura, Siloca fez chegar aos ouvidos de Japiassu que Cibele o admirava desde o dia em que declamara uma poesia do consagrado poeta. Foi Zenóbio Duarte o confidente. O Japiassu perguntou:

— A pequena tem dote?

— Duzentos contos.

Na semana seguinte, Japiassu publicava, dedicada à “exímia declamadora Cibele Cerveira” uma longa poesia que terminava dizendo:

*Eu, Supremo Pontífice
da religião do Verso,
vejo em Ti a suprema
sacerdotisa
da
Interpretação*

A poesia era evidentemente insidiosa. Leu-a três vezes a meiga Cibele e conseguiu jantar essa tarde uma sopazinha de aveia, que, segundo o Dr. Eleutério, continha vitaminas muito reconfortantes.

Um crítico ridicularizou a pretensão de Japiassu arvorando-se em “supremo”, o que era hilariante, dizia: “Com mais paradigmas de citaredos (trovejava), não há pedir meças ao descalabro em que resvala o parnaso nacional”.

Japiassu queria esbofetear o crítico, mas Zenóbio Duarte tranquilizou-o, dizendo:

— Não ligue a esses articulistas. São pagos por pretendentes à mão da moça.

A honra literária de Japiassu, porém, não podia ficar arranhada. Ele foi à seção livre do *Jornal da Noite* e publicou três apreciações laudatórias ao seu livro de poemets *Estrofes boreais e austrais*: uma, de Anticláudio Papoula, membro da Academia de Letras de Goiás; outra, de D. Pablo González de Estigarribia, da “Escuela de los Ensueños Estéticos”, de Guatemala; e outra, da *Revista das Açucenas*, de Pirituba. Na mesma seção livre, estampou estes versos:

*Deixar falar aos zoilos, doce amada!
Iremos pela senda alcatifada,
como Dante e Beatriz!*

Nessa altura, interveio Siloca:

— Que paixão você acendeu, menina!

Cibele sorriu e corou. Realmente, todas as suas amiguinhas a invejavam, porque Japiassu era um poeta elegantíssimo, que escrevia lindas crônicas para as donzelas e tecia belas frases nos bailes e festivais. As edições de seus livros eram luxuosas. A um invejoso, que comparou tais brochuras a caixinhas de sabonetes, Japiassu respondeu, com rara felicidade, dizendo: "As musas preferem as perfumarias às sarjetas!"

Fino e esquisito, Japiassu amava essas delicadezas tão do bom tom e requintava seus ademanos e maneiras. Quem o visse, impecável nos seus ternos cintados, com gestos de Hércules-Efebo, um tanto magruço, mas suficientemente acolchoado, não diria que o esteta levasse mais longe o seu refinamento. Entretanto, debaixo daquelas calças vincadas, havia cuecas de seda cor de malva, com terminações de rendinhas creme, que fariam inveja às mais sutis calcinhas femininas.

Siloca tramava com êxito.

Preparava o assalto a Teodorico e, ao mesmo tempo, ia realizando a cura da suave e cândida Cibele.

XXXII

O "SANTA-FÉ"

Pedrinho foi levado para a ilha Rata, onde empregou o seu tempo ajudando nos trabalhos do armazém de víveres. Tônio perguntou-lhe:

— Lembra-se de quando brincávamos de cavalos? Você uma vez levou um tombo...

Recordavam as cenas longínquas do lar humilde de Capistrano, da boa Júlia, com os onze filhos... Tônio deixara Pedrinho com cinco anos e Mariana com três. Agora, vendo o irmão naquele estado, amparado a muletas, pobre, solteirão, deportado, com a idéia fixa das reivindicações proletárias, comovia-se e rodeava Pedrinho de um afeto particular.

* * *

Adelina era morena, de olhos pretos e os cabelos negros de Iracema. Filha de uma viúva de Recife, arranjava a escola mista de Fernando de Noronha, que ninguém queria.

Mostrava o mapa do Brasil:

— Tudo isso é a nossa Pátria, que devemos amar porque é bela e rica.

— E a ilha, também é o Brasil?

— Sim; é um pedaço da Pátria,

— E os que estão lá amam a ilha?

— Decerto amam.

— Então, por que todos dizem que querem ir-se embora? Ninguém está contente aqui...

— Vocês não estão contentes na ilha?

— Estamos, estamos.

— Por que?

— Porque ela é grande.

Adelina comparava a candura das crianças com a melancolia infinita dos presidiários. De certo que a felicidade dependia de uma noção de limite.

Sem nenhum conforto, sem as alegrias da terra firme, a ilha apresentava-se às crianças, como um universo repleto de sensações.

— O continente é muito maior do que a ilha?

— Sem comparação.

— Mas, então, como podem escutar a sineta? Quantos guardas são precisos?

Adelina sentia uma infinita piedade, ao descrever o Continente. Porque isso lhe parecia uma afronta àqueles entezinhos que nunca tinham visto a terra firme.

Algumas crianças iam-se, também, para sempre, com os pais, quando estes terminavam o contrato de serviços ou obtinham remoção. A despedida era cheia de desconfiança. Os que ficavam experimentavam um misto de inveja, de dó e de receio. Talvez a ilha não fosse, realmente, um bom lugar.

* * *

Pedrinho gozava de certas regalias pelas funções que exercia perto de Tônio. Atravessava sem guarda o braço de mar, levando recados ou víveres. Ia à pesca. Ajudava o Zeca Tobias, servia a Adelina. Tinha saudade dos livros comunistas, mas começou a ler os que jamais conhecera: livros brasileiros. Adelina comentava com ele os romancistas e poetas. A sós, longas horas, conversavam diante do mar. Cecília brincou um dia: "Olhe, Adelina, que você está virando a cabeça do titio..."

Adelina entrara nos 19 anos e tinha a circunspecção dos que já sofreram muito. Completara seus estudos com dificuldades imensas, a mãe paupérrima, fazendo doces para confeitarias. Nunca tivera namorados, senão ligeiramente, de longe. Jamais permanecera em convívio dilatado com um homem, como acontecia agora naquela camaradagem com Pedrinho. Era uma amizade inocente como a de Cecília. Mas sentia um prazer particular quando se aproximava dele.

Chegaram as férias e Adelina percebeu que não chegara com elas a alegria de deixar a ilha. O seu coração apertava, contando os dias, e finalmente a "Gaivota" apontou no mar. À noite Cecília chorava e Pedrinho estava macambúzio. Adelina disse:

— Tenho saudade da mamãe, mas vou embarcar triste, triste.

— Por causa das crianças?

— É.

A noite era de romance, com uma lua amarela que tomava conta do céu e o grande mar que assoberbava a ilha.

— Também estou amolado, disse Pedrinho.

— Por causa de mim? perguntou timidamente Adelina.

— É... a gente acostuma.

* * *

Emerenciana apoquentava o Tônio:

— Vamos embora para o Rio; isto não é vida; Cecília está moça.

— Quem está dizendo que não vamos?

— Ninguém; mas você não ata nem desata, homem!

O pedido de transferência já estava feito.

* * *

Como era linda a manhã em que a "Gaivota" entrou na enseada, trazendo Adelina! As crianças (eram onze) esperavam trepidas nos rochedos. O comandante Maurício e Tônio estavam fardados de branco. O Zeca Tobias e D. Mariquinhas sacudiam lenços. O Tinhorão, muito empertigado e orgulhoso, emproava-se como o rei da ilha. Ao Pedrinho parecia que era o começo do mundo. Cecília e Emerenciana receberam Adelina nos braços.

A alegria, porém, durou somente até à tarde. Pois Cecília contou que iriam para o Rio de Janeiro no primeiro vapor. E muito em segredo: "Pedrinho vai também".

* * *

"Jaboti" disse a "Tempo-Quente":

— O "Santa-Fé" vai fundear no sábado. A senha é "Tiriva"; o santo é "S. João". A hora é a da volta do armazém.

— Tá direito.

— Diga pro Nico, o "Mosquito" e o Porfiro. O sinal é o rojão.

* * *

A revolta estalou efetivamente no sábado. À tardinha, Tônio, como sempre, ordenou aos guardas que fizessem passar para a ilha Rata quatro presidiários na lancha, afim de trabalharem no carregamento. Porfiro e "Mosquito" foram na lancha com mais dois com-

panheiros. O Nico e o "Tempo-Quente" deram parte de enxaqueca, ficaram de longe, espiando. O "Jaboti" cavava terra próximo à farmácia.

O "Santa-Fé" regressara dos seus três dias de pesca e fundeara na enseada com o velame arriado. Os habitantes livres da ilha abor-davam com suas canoas o barco pescador, examinando os peixes e ouvindo histórias dos homens do mar.

* * *

Pedrinho, avisado pelo Tinhorão, conservava-se alerta junto de Tônio, Emerenciana e Cecília. Mandara prevenir Adelina para que não se afastasse da casa de Zeca Tobias. Mas Adelina não ligou importância à advertência e lá estava no "Santa-Fé", admirando a farta colheita da pescaria.

Quando a lancha abicou junto à ilha Rata, e os quatro presidiários desceram caminhando para o armazém, Pedrinho escutou quase apagado na distância, o estouro de um rojão. Os carregadores perguntaram pelo Tônio. Pedrinho respondeu:

— Vocês não têm nada com isso. Tratem de empilhar aqueles sacos.

"Mosquito" avançou para ele, enquanto Porfiro e os companheiros agrediam subitamente os dois guardas.

Pedrinho gritou a senha e contra-senha.

A esse tempo, os guardas estavam subjugados. Os bandidos, empunhando fuzis, caminharam com Pedrinho à frente, para a casa de Tônio. Não houve tempo para reagir. Pedrinho trancou o irmão e a família num quarto próximo.

Começou, então, o ataque ao "Santa-Fé" com pontaria direta, dos dois lados do canal. Os tripulantes, abatidos a tiros, caíam nágua, ou no fundo das escotilhas.

Na ilha grande avultava a malta dos presidiários, mais de duzentos. "Jaboti" fez imediatamente saírem as canoas para o transporte dos armamentos e munições. Outro bando tomava de assalto o "Santa-Fé", assassinando à faca os últimos pescadores resistentes. Quando as canoas voltavam com os fuzis e os pentes de balas, rompia o fogo dos guardas. "Jaboti" ordenou o cerco, afim de evitar que o Comandante desse ordem para os fortes. E tratou de avançar, com algumas dezenas de companheiros, visando o "Santa-Fé". Nesse instante, "Mosquito" e os três facínoras que se achavam junto aos penedos da ilha Rata, querendo abandonar o posto, para se abrigarem no barco, temeram um ataque pela retaguarda.

— É melhor matar os prisioneiros! exclamou “Mosquito”.

Pedrinho viu imediatamente perdidos Tônio e sua família. E quando se dispunha a berrar, reivindicando para si o comando, uma cena angustiante apoderou-se da sua atenção. Na proa do “Santa-Fé”, Adelina desesperadamente tentava atirar-se à água, enquanto “Tempo-Quente” e “Jaboti” arrastavam-na com brutalidade para o interior do barco. E já os bandidos levantavam ancora.

— Eles vão partir!

“Mosquito” e os companheiros atiraram as armas e lançaram-se a nado na enseada. A esse tempo, martelavam os tiros de fuzil na casa do governo. Os presidiários políticos dividiram-se, indo uns ajudar a defesa, outros colaborar no ataque.

— Ao forte! Ao forte! retumbou a voz do Comandante.

Pedrinho conseguira apoderar-se da lancha e rumou para o “Santa-Fé”, que principiava a mover-se vagarosamente.

— A escada! A escada! gritou.

— É o “Perneta”! disse “Tempo-Quente”.

— Que fique! ordenou “Jaboti”.

Mas Pedrinho exclamou:

— Vocês não sabem navegar! Morrerão de fome no mar.

Um minuto depois, Pedrinho era guindado com a lancha.

O “Santa-Fé” caminhou um quilômetro. Uma gritaria infernal rompeu na praia.

— Canalhas! Deixaram os companheiros!

— “Jaboti” maldito! Espere que lhe mostramos!

Pipocou a fuzilaria. Vagarosamente, o “Santa-Fé” rumava para o mar alto. Os fugitivos ouviam a voz de Maurício:

— A lancha! A lancha!

Mas Pedrinho guindara a lancha consigo. O vozear da ilha distanciava-se, apagava-se na noite. De repente, um tiro de canhão ecoou em surdina, como uma pancada de bumbo. A bala passou sobre o mastro do “Santa-Fé”, sem atingi-lo. Os motores funcionavam barulhentos no desamparo da noite.

* * *

Não havia entre os fugitivos um homem do mar. Eram todos bandoleiros dos sertões de Pernambuco e da Paraíba, afeitos à vida de cavaleiros das caatingas. Pedrinho aproveitou-se dessa circunstância para assumir o comando do “Santa-Fé”, que só contava recursos de boca para dois dias.

Adelina tremia de pavor junto a Pedrinho, que lhe arranjava um leito na proa, junto ao leme, que ele manobrava, com a prática adquirida em excursões que fizera com os pescadores.

Os fugitivos eram ao lado trinta e oito, sendo três presos políticos e os demais assassinos e ladrões, condenados a trabalhos forçados. Grosseiros e lascivos, tentaram nas primeiras horas disputar Adelina à faca. Pedrinho rechassou-os:

— Ou vocês entram na linha, ou largo o leme, e morreremos de fome, iremos para o inferno.

“Jaboti” recuou rangendo os dentes. E Pedrinho berrou alto e enérgico:

— E me entreguem as armas! Já!

“Tempo-Quente” avançou, brandindo o facão.

— Agarrem esse sujeito! ordenou Pedrinho. Ou entrego vocês aos tubarões!

* * *

A madrugada, o “Santa-Fé” estava ainda a poucas milhas de Fernando de Noronha. Pedrinho iludira os fugitivos, navegando quase paralelo ao contorno da ilha. Depois de seguir a direção do Oeste, derivou bordejando para o Sul. Estava, agora, do outro lado da ilha, no rumo do Norte.

Os bandidos dormiam embriagados e exaustos. “Jaboti” pusera dois capangas de sentinela vigiando o “Perneta” e a moça; mas um deles adormeceu. O outro fumava, olhando vagamente para o céu coruscante na noite negra.

De repente, Pedrinho escutou um ruído atrás de si e o baque de um corpo. Voltou-se, abafando com a mão um grito de Adelina. O vulto ameaçador brandia no ar uma faca fulgurante. A sentinela de “Jaboti” rolara para fora do tombadilho. Pedrinho erguera-se no momento em que o outro cangaceiro era atirado ao mar. Agarrando um clavinote, apontou-o. Ia dar ao gatilho, quando reconheceu Tinhorão.

Tinha-se escondido entre uns caixotes, porque pretendia salvar Adelina. Presenciara todas as cenas, ouvira guindar a lancha.

— Depressa! disse em cochicho.

Desceram a “Tapuia” junto à popa. Remaram, cavalgando os marões, afundando nos rebojos, repontando na crista das vagas. E quando iam já longe, despertaram o motor “tip-top”.

Vinha rompendo a aurora. Aproaram rumo da praia do Leão. Adelina chorava nervosa, agarrada a Pedrinho. A “Tapuia” rasgava

a pele verde-escura do oceano derramando o sangue branco da espuma na esteira aberta.

Na chapa vermelha do horizonte barrado pela madrugada equatorial, balançava o perfil negro do "Santa-Fé", as velas desarvoradas, o mastreame oblíquo, a ponta da proa voltada para Nordeste. Parecia parado.

* * *

Pedrinho considerou o destino dos que iam dentro do navio sem direção. Eram sertanejos habituados à vida rude dos chapadões centrais. Criminosos pela fatalidade geográfica e econômica. Também na terra firme, a situação daqueles brasileiros era a mesma em que se encontravam agora, desamparados, sem um piloto que timoneasse o navio que os conduzia... Pedrinho abandonara-os. Mas, antes que fossem entregues às incertezas do oceano, não tinham estado largados às incertezas do Continente?

Ao meio-dia, rodeados por Cecília, Emerenciana, Tônio e Maurício, viram Pedrinho, Adelina e o Tinhorão, com binóculos alçados, desaparecer o "Santa-Fé" no rumo do Norte. Era domingo. Os rebeldes que ficaram na ilha estavam sendo justicados a chibatada, entre as paredes dos fortes.

Segunda-feira à tarde, todos correram sobre os rochedos do Oeste. O "Santa-Fé" surgira, de novo, navegando no rumo de Sudeste. As velas enfundadas, feriu um arco do imenso e clamoroso círculo azul do oceano, descrevendo uma infinita parábola.

E afundou, trágico e desamparado, no desconhecido misterioso, ao sabor das correntes marítimas...

Pedrinho disse:

— Preciso voltar.

— Para o "Santa-Fé"? perguntou Cecília.

— Para o outro navio...

E sorrindo tristemente:

— Deixaremos os humildes, os oprimidos, os criminosos, os loucos, agir por conta própria? Deverá o povo brasileiro navegar como os foragidos do "Santa-Fé", sem ninguém que os conduza?

Uma tristeza profunda avassalava Pedrinho. O comandante Maurício comunicara para o Rio o seu ato heróico e contava obter-lhe o perdão.

— Está triste porque me salvou? perguntou Adelina.

Mas Pedrinho sentia vergonha de si mesmo. E perguntava-se:

— Que merece um homem, que sacrifica uma coletividade, por menor que ela seja, para satisfazer a um afeto? Fui dominado por um sentimentalismo traidor.

E todo o seu pensamento era voltar para São Paulo. Podia estar certo, ou errado, mas cruzar os braços e agir de acordo com um interesse momentâneo era um crime.

Tudo em Pedrinho era, entretanto, contraditório. Adepto do coletivismo, ele próprio verificara, no episódio dramático do “Santa-Fé”, que a massa não se conduz por si, que ela precisa de super-homens, de timoneiros. Condenando-se por haver esquecido os supremos interesses da pequena coletividade, pela sua dedicação a Adeline, pensava regressar a São Paulo para dar combate sem tréguas à burguesia, tangido agora pelo ódio que lhe inspirava Teodorico e pelos ciúmes de Elisa. Afinal, esta era a sua grande preocupação. Elisa era a vida. Que ele e Teodorico disputavam. Rancorosamente.

XXXIII

A "ENERGIA ESSENCIAL"

Maranduba e Müller não podiam mais sustentar a luta. O "Bar das Valsas" abriu falência e, desse modo, desaparecia a única fonte de renda, sustentáculo da propaganda da "idéia absoluta", da "unidade criadora" e da "Associação Fósforos de Segurança". Lá se ia por água-abaixo toda a "organização" que Müller arquitetava com tamanho descortínio. Rolavam as esperanças do "movimento", que Maranduba, com suas convicções, e o amigo, com sua precisão técnica, sonharam devesse empolgar o país.

— "A doutrina de Maranduba", comentavam Gruber, sabendo do fracasso do filósofo — "não pode medrar, justamente pelo seu conteúdo de afirmação. É demasiado absoluta para uma raça que se distingue exatamente pelo culto dos relativos".

"O brasileiro" — escrevia Gruber ao Pedrinho, apontando-lhe o exemplo desse fracasso e exortando-o a abandonar a atividade apostolar — "o brasileiro vive duas vidas: uma real, profunda, na qual não admite que se toque; outra exterior, tecida de mentiras em nome das quais ele age. A ausência aparente de caráter social facilita o desenvolvimento de um caráter moral anárquico, cuja lógica só eu — filósofo negativista — descobri, realizando a "Associação Recreativa dos Chefes de Família", hoje sociedade secreta".

* * *

Debalde Maranduba clamava que "no fundo do homem reside o Homem"; debalde ensinava que a interpretação do Universo não poderia ser efetivada segundo um calo dorido ou as variações atmosféricas. Inutilmente bradava que o caráter dos fatos nada tem que ver com o caráter da História, assim como os lineamentos desta não

passam de resíduos do espírito dos tempos. Traçara um caminho ao Homem, não segundo o sentido que ele denominava "estático" das revoluções obedientes ao determinismo materialista, mas conforme ao que ele chamava "a dinâmica intrínseca, mediante a qual se desdobrava infinitamente a batalha dominadora do "grande complexo", realizando a "vida heróica".

* * *

Müller, quando os recursos financeiros ainda eram folgados, traduziu, de uma maneira prática, a doutrina de Maranduba, mandando fabricar uma "limousine" extraordinariamente pedagógica. Era um automóvel completamente fechado, com um jogo de vidros de vários coloridos. Nesse carro, Maranduba e Müller faziam demonstrações filosóficas. Um dia, empreenderam a conversão de Gruber, cujo espírito prático muito encantava a Müller. Saíram em excursão numa linda manhã de sol.

Enquanto Maranduba distraía Gruber, discutindo, Müller manobrava devagarinho o jogo dos vidros foscos pintalgados de gotas brilhantes. De repente, Gruber exclamou:

— Chove!

— Zim, chove! repetiu Müller.

Toda a paisagem acinzentava-se e os traços oblíquos da vidraça davam a impressão de garoa.

— Acorra, barrece gue famos der pom dembo, prognosticou Müller.

E, fazendo girar as manivelas reguladoras, apresentou, ao transporem um outeiro, um panorama esplêndido de sol.

— Fecha gue pelíssimo gambo fertolenco!

Atravessaram, nesse momento, um trecho de vegetação ressequida. Mais adiante, um matagal verde-sujo ganhou uma tonalidade gaia, opulenta.

Ao regressar, Maranduba disse:

— Este automóvel é uma invenção de Müller. Tem um jogo completo de vidros coloridos, que nós chamamos o "jogo dos acidentes". Tudo o que você viu não é verdadeiro, embora contenha a verdade. Pois a mentira se caracteriza exatamente pela incapacidade de ser absoluta. Ela se funda sempre em fragmentos da verdade. A verdade é a matéria-prima da mentira. Se assim não fosse, daríamos às ficções o caráter de "absoluto criador". E haveria dualidade na "criação", o que é absurdo, pois tudo provém da unidade.

Gruber perguntou, pasmo:

— Então não choveu?

— Não! respondeu Maranduba. Mas podia ter chovido. Por isso é que lhe digo: a mentira é uma hipótese da verdade. Devemos procurar a verdade, porque só ela encerra a energia que engendra todas as expressões, conservando-se intangível, no íntimo das formas e coloridos.

— Mas, se estes não passam de uma ilusão que nos oferecem os vidros do seu automóvel, como descobrir a verdade?

— Liperdanto-se tos fitros! exclamou Müller, que ia na direção.

— Devo, então, duvidar de meus próprios olhos, disse Gruber, pois eles são as vidraças da vida.

— Olhe para dentro! exclamou Maranduba.

— Mas tudo o que tenho dentro de mim foi armazenado pelos meus sentidos...

— E que força governou os sentidos para que trabalhassem como as formigas, carreando o celeiro das idéias relativas?

— Não sei, disse Gruber. De certo que foi a vida.

— É a energia essencial...

— Prefiro a mentira, respondeu Gruber, porque ela é filha primogênita da verdade e serve para todas as ocasiões. Não serei eu quem vá contrariar a evolução das aparências. Se os homens vivem de mentiras, acho mais cômodo e razoável adotá-las do que passar por maluco, ou embusteiro.

E convidou mais uma vez a Maranduba e a Müller para entrarem para a "Associação Secreta dos Recreativos Chefes de Família".

* * *

Gruber não deixava de ter alguma razão. Maranduba fracassou, não só porque contrariava todo o mundo, mas principalmente porque exigia que os homens vivessem a vida que Gruber denominava "a vida artificial da verdade".

Afinal, Maranduba mesmo verificou, numa noite dolorida, que tendo andado atrás da Verdade, esta o atacara pela retaguarda, como um inimigo traiçoeiro. Foi quando morreu o velho pai, que vivia a suas expensas, desde que perdera a propriedade agrícola nos dentes dos agiotas. A esse tempo, Müller se encontrava completamente "pronto", trabalhando como copeiro num pequeno restaurante russo da rua Aurora, do qual era proprietário um de seus antigos *garçons*. Repartia o ordenado (150\$000) com o filósofo, que não conseguira ainda colocar-se. Maranduba estava na miséria, devendo até às raízes

dos cabelos, sem recursos para comprar remédios, não se falando em outros apuros.

Müller sempre se arranjava melhor, porque dormia debaixo de uma escada do restaurante, sozinho (Cidália fugira com um *chauffeur* para Santos).

Maranduba vira a mãe sexagenária soluçando debruçada sobre o cadáver do velho e considerou aquela face da verdade, que era dura demais.

Passado o sétimo dia, Maranduba internou a velha num asilo, vendeu livros e móveis, pagou dívidas e pôs-se a perambular pelo Triângulo, com a dor estrangulando-lhe a garganta. O "Grande Complexo", dessa vez, parecia assoberbá-lo. À tardinha, foi jantar no restaurante russo, onde o Müller conseguira um crédito de 15 refeições por mês, o suficiente para o combustível necessário à manutenção da "idéia essencial", na cabeça do pensador.

* * *

Às vezes Maranduba lia um jornal qualquer. Uma tarde, topou com este anúncio:

"Circo Valentes Brasileiros. Precisa-se, com urgência, de um artista equestre. Remunera-se bem".

O anúncio interessou Maranduba por dois motivos: ele era um artista equestre, pois já transitara por dez profissões, entre as quais a de domador de burros, e tinha até a habilidade de galopar de pé sobre dois cavalos, levando um copo d'água. Além disso, aquilo correspondia, de certa maneira, ao sentido da sua doutrina, que preconizava o domínio das forças complexas e divergentes. Havia ainda um terceiro motivo: era uma saída para a sua situação de desemprego.

Expôs a Müller, que lhe arranjava também uma cama debaixo da escada do primeiro patamar do restaurante (exatamente por cima da escada do porão que abrigava o ex-servejeiro) a sua idéia. A princípio, Müller pôs-se a chorar. "No Europa", dizia, "chamais uma filósofo drapalharia numa zirgo ou tormiria tepaxo te uma esgata".

— Você está se esquecendo da nossa doutrina. Sabe, entretanto, que condenamos as comparações. Coisa alguma existe no mundo, que possa ser comparada a outra coisa, ainda a mais semelhante. Só a essência é una.

— Então fai barra a zirgo? Não zerria brreferrífel esgreferr lifrros?

— Para quem?

— E se endrrasse barra uma chorrnal?

— Não sou repóter nem intrigante, portanto não devo. Prefiro ser artista equestre. É mais digno e de acordo com a nossa doutrina.

E, como Maranduba estivesse espichado a todo o comprimento, debaixo da escada, Müller engatinhou até seus pés, pôs-se de joelhos, e, beijando-lhe os sapatos, disse:

— A zenhorr não zape guando é ccrante!

E limpando as lágrimas do rosto rubro, murmurou:

— Esdou muida tescosdoso gom esde baís.

* * *

À porta do “Circo Valentes Brasileiros”, puseram este cartaz:

“Inajé. Novo Ben-Hur tupi-guarani. Extraordinário artista equestre da tribo dos Acauãs cavaleiros”.

Foi um sucesso monumental. Maranduba caracterizou-se de índio. Surgiu cavalgando dois cavalos baios e, na velocidade da volta ao picadeiro, ele (Inajé) atirava flexas, que iam ferir cestos de bombons, entornando-os sobre a assistência. Estrondaram aplausos. Em poucas semanas, o “Circo Valentes Brasileiros” tornou-se um negócio de primeira ordem. Maranduba assinou vantajoso contrato. Pôde assim dar à sua velha mãe o conforto que ela nunca pudera encontrar na filosofia.

Isso fez dizer ao Gruber que evidente era a incompatibilidade entre as idéias gerais e os fatos particulares, o que demonstrava a nenhuma utilidade prática da metafísica. Mas a essa objeção, Maranduba retrucou declarando que o “jogo dos acidentais” não afetava a essência das coisas.

Müller perguntou a Maranduba se não constituía contradição a mudança do nome, e se “Inajé”, artista equestre, não colidia com Maranduba, criador da teoria da “unidade essencial”. E Maranduba respondeu:

— Se o ser humano deve estar acima do indivíduo profissional, que significa também o nome aposto a uma personalidade? Todos os nomes são pseudônimos. O que importa é o caráter íntimo.

Müller deu-se por satisfeito e como o restaurante da rua Aurora o tivesse despedido, Maranduba arranhou-lhe no circo o lugar de "casaca de ferro".

* * *

Quem visse aquele índio galopando sobre os cavalos e aquele homenzarrão de libré vermelha e botões dourados, boquiaberto, a admirar o artista, não suspeitaria que o "Circo Valentes Brasileiros" dissimulava nas caracterizações funambulescas de suas grandes noitadas, os espíritos poderosos de afirmação, fracassados pela ausência de batalhas, no panorama da indiferença e das indefinições de uma sociedade medíocre...

Era ali o lugar do Pensamento Nacional.

* * *

XXXIV

LUTA DE CLASSE

— É muito natural a morte, e até muito natural que todos os dias morram diversas pessoas. Veja as seções necrológicas dos jornais. Não são invenções. Morre mesmo muita gente.

Assim dizia Zenóbio Duarte, consolando Elisa, que perdera o pai e a mãe em menos de mês. Ela estava agora só no mundo. O Teodorico condoeu-se dela, falou à D. Beatriz.

À Elisa repugnava o ambiente burguês da casa de D. Beatriz, tão boa e meiga para ela. Jamais poderia D. Beatriz compreender aquilo. Era uma surda incompatibilidade. O convite comoveu Elisa. Ficou de pensar.

Agora, de uma maneira violenta, travava-se no seu espírito uma luta sem tréguas: a dos sentimentos que nutria por Pedrinho e Teodorico. Aquilo era mais um motivo, e fortíssimo, que a impedia de decidir.

Sentia no íntimo da alma a batalha dos sentimentos opostos, o combate entre duas concepções de existência. Hoje, esclarecida por tantos livros que lera, comparava Teodorico e Pedrinho, comparava a casa do velho Inácio com o palecete de D. Beatriz, examinava suas próprias tendências íntimas, desde os impulsos afetivos aos impulsos místicos, e desde os instintos de conforto aos ímpetos de altivez, e concluía que essa luta de que falavam Pedrinho e De Moreyra travava-se dentro dela mesma. Como que Teodorico e Pedrinho se encontravam no seu coração e se enfrentavam ali, à maneira de dois atletas num *ring*.

Antigamente, via as coisas tão simples, tão puras. Não conhecia complicações. Pedrinho fôra o culpado porque a arrancara da condição de operária para lhe mostrar o caminho das supremas torturas. A proporção que se intelectualizava, fôra perdendo o segredo

das adivinhações fáceis da felicidade. Todas as questões pessoais submetidas à solução doutrinária, esquematizavam-se de um modo rígido; mas Elisa ia ao fundo de suas crises, compreendia toda a dificuldade.

* * *

Resolveu consultar Sílvia Margarida. Encontrou-a à noite sobrescritando cartas, no seu apartamento, bonita e alegre num vestido cor de vinho. Endireitou uma onda dos cabelos, beijou Elisa, cuja cabeça ruiva fulgurava no vestido preto como uma chama num castiçal negro.

— O seu caso é tão simples, menina! Basta acabar com as pieguices, encarar a vida como uma festa sensacional dos instintos. Libertação! Integração do ser na harmonia universal, como diz o escritor que aqui tenho. Por que criar embaraços a propósito de tudo?

— Penso que não serei sincera aceitando o oferecimento de D. Beatriz, e, depois, temo Teodorico.

— Você é ainda muito sentimental. Não há motivos para uma mulher temer um homem. É tão fácil repelir, como nos entregarmos deliciosamente. Tudo depende de não envenenarmos de preconceitos sentimentais as nossas atitudes.

Elisa confessou o seu constrangimento em passar a vida de favor. Então, Sílvia Margarida riu-se. No ambiente da alta sociedade, Elisa poderia desempenhar um papel notável divulgando e distilando o novo espírito do século.

— E se Pedrinho se zangar?

— Escreverei a ele. Vocês são incorrigivelmente românticos.

Sílvia Margarida mostrou-lhe as laudas datilografadas de um *Ensaio sobre a nova pedagogia*, que ia publicar.

De Moreyra ajudava Sílvia Margarida até à madrugada. E dormia com ela, quando faltava o milionário Altamiro, que ela estava convertendo ao marxismo.

Sílvia Margarida e De Moreyra entravam para o convívio amável da burguesia, onde operavam com habilidade no desenvolvimento de uma Nova Enciclopédia. Requistada pelos plutocratas, que a desejavam, Sílvia rodeava-se da fina flor da aristocracia. De Moreyra fizera-se jornalista político, freqüentando o Automóvel Clube, jantando nos palacetes de Higienópolis, defendendo em editoriais os pontos de vista da democracia e do separatismo paulistano.

Por esse motivo, Sílvia Margarida já não aconselhava Elisa a que entrasse para o Partido. Ao contrário, dizia-lhe que vivesse a vida da melhor forma possível, acampando dentro da própria burguesia.

Elisa transformou-se em casa de D. Beatriz, realçando sua beleza com *toilettes* aristocráticas. Tornou-se a companhia mais agradável da velha mãe de Teodorico. A viuvinha Virgínia confiava-lhe a paixão que nutria pelo tenente Gilberto. A grande capacidade de adaptação, que era fundamental no caráter de Elisa, realizava o milagre de fazer da antiga datilógrafa a figura mais fina e distinta do solar dos Abaetês.

Ao jantar, Teodorico não lhe tirava os olhos. Uma manhã, estava sozinha na biblioteca, ouviu passos dele. Pela vidraça da estante, observou-o. Tinha chegado à porta, hesitava, as mãos trêmulas, os olhos fulgurantes. Aproximou-se, na ponta dos pés. Chegou-se bem junto dela. Elisa fingiu que não o via. Súbito, enlaçou-a. Puxou-a, procurando-lhe a boca.

— Isso não é de um cavalheiro! exclamou Elisa, desvencilhando-se. E disse-lhe:

— Abusa de minha pobreza e de minha fraqueza. E não respeita nem a casa de sua mãe.

Teodorico estava mudo.

— Que pretende o senhor comigo?

Depois de um silêncio constrangido, Teodorico falou:

— Por que há de iludir-se a si própria? Sei que me ama...

Elisa perturbou-se. E Teodorico:

— Perdoe-me. Não repetirei.

* * *

Teodorico entrava em luta consigo mesmo. Restava-lhe um único recurso. Mas esse seria um escândalo social. Entretanto, ela não era como as outras, que o impenitente conquistador iniciara no amor sem chancela da moral burguesa. O seu dinheiro, o seu poder, a sua mocidade, nada havia conseguido vencer Elisa. E, por isso, ela o arrastava num crescendo de interesse que se transformava em obsessão torturante.

Como para o Pedrinho, operário, Elisa era para ele, plutocrata, a própria vida. Para conquistá-la, para se tornar o senhor absoluto dela, tinha de quebrar preconceitos, romper com prerrogativas, renegar o orgulho de família, os hábitos da sociedade.

Ou submeter-se aos prejuízos sociais, renunciando à Vida; ou repudiar convenções, direitos, costumes, caminhando para a renovação que desvendava as linhas simples e elementares das coisas, do universo e do espírito.

* * *

Ao receber em Fernando de Noronha a carta de Sílvia Margarida, Pedrinho sentiu também crescer no seu coração uma batalha.

Nessa nova concepção do amor, que os livros materialistas lhe incutiam, Pedrinho renunciara a Elise na sua integridade sentimental. Na cegueira luminosa de seu grande sonho de transformação social, ele tardava em realizar a vida, na sua simplicidade e espontaneidade. Deixava Elisa à margem da paixão política assoberbante.

Procurava a vida no seu vigor realista: e distanciava-se dela, do que ela continha de puro e de eterno.

Os dois seres, que dentro de Pedrinho se agitavam, fundiam-se, entretanto, num único sentimento de rancor. A luta devia prosseguir, e era uma luta de morte.

Seus instintos não toleravam que Elisa convivesse com Teodorico sob o mesmo teto. Seu orgulho não suportava que ela se submetesse à dependência de burgueses endinheirados. Sua fé política não permitia que Elisa fosse arrebatada pela outra Humanidade, que ele odiava com todas as forças do seu coração.

Aguardando o perdão, que Tônio providenciava, pretendia regressar, para agir violentamente. Sua cólera contra Teodorico exaltava-se. As muletas, que tinha de carregar agora por toda a vida, eram obra dele, o delator miserável.

* * *

Elisa sentia que já não amava Pedrinho e não chegava a amar Teodorico. Ficava, entre os dois, indecisa...

Encarnava, como nunca, a luta eterna dos homens.

XXXV

SINTONIZAÇÃO

Urbano considerava-se, no seu isolamento, sem o contato de um coração carinhoso, como que o vértice onde iam dar todas as inquietações e angústias, que cresciam no panorama aflitivo do seu país.

Gilberto escrevia-lhe, desesperado, sentindo a inutilidade da Revolução; Gruber, sarcástico e negativista, contava-lhe a grande anedota brasileira e comentava, com humorismo amargo, o êxito dos acomodaticios, que ele dirigia como um incubo perverso. De Fernando de Noronha, o Tônio narrava-lhe a chegada de Pedrinho, com uma perna a menos, abatido e magro, fanatizado pelo sonho das reivindicações sociais. De Apiaí, viera uma carta da mulher de Cesário, desfiando-lhe um longo rosário de desventuras: todo o gado da fazenda fora requisitado pelos soldados do governo; os combatentes destruíram as roças; os credores, como não houvesse colheita, fizeram Cesário aceitar títulos; depois, vieram execução e penhora; por cúmulo, doenças e a miséria. Também Martinho Cerveira lhe escrevia, convidando-o, embora não tivesse "o prazer de conhecê-lo", para um próximo movimento, de acordo com o Rio Grande e Minas. Chegaram-lhe às mãos uns boletins de Pedro Maranduba que Urbano leu, entendendo pouco, mas concluindo que havia um desejo de afirmação que vibrava obscuramente no meio dos sofrimentos da Pátria.

Naquela modorra da pequena capital paraguaia, os ecos chegados do Brasil eram de angústias desesperadas e de lutas surdas. Ensinando geografia e história, num pequeno colégio, Urbano mostrava aos alunos o mapa da América, dizendo-lhes:

— Este grande continente foi o primeiro a aparecer sobre as águas e o último a entrar na história. Os povos que o habitam são como os alunos que estudam atropeladamente dois anos do curso,

preocupados com os exames, misturando matérias. Vivemos em nossos países, numa só fase, todas as idades pelas quais passaram metodicamente os outros povos.

* * *

O Paraguai, com o qual Urbano se familiarizara, apresentava-se-lhe mais ao vivo como um estado de alma, de civilização e de cultura expressivos desse fenômeno social, que se estendia desde a fronteira norte-americana ao Cabo Horn. O povo falava guarani, os costumes eram quase índios, mas a aspiração política traduzia-se nos grandes anseios de liberdade à européia. Os estudantes paraguaios clamavam pela cultura, pela civilização, pelo progresso, exatamente como no Brasil e em Nicarágua. E era em nome desses princípios que as empresas estrangeiras estendiam as suas garras. A cultura jurídica, que vinha ainda do impulso secular de Bolívar e San Martín, dissimulava o seu anti-nacionalismo nas expressões lineares das democracias plutocráticas da Argentina, do Brasil e do Uruguai, com luxos e liberaisismos. As Repúblicas do Prata tinham varrido da lembrança a imagem dos caudilhos, reminiscências continentais de Rosas e de Facundo, gaúchos sangüinários da terra bárbara, e caminhava para um liberalismo pragmático, cujas auras bafejavam os grandes senhores de gado e de trigo, luxuosos e materialistas. O Brasil fixara esse caráter político de uma maneira precária, com a subsistência de caudilhos, de generais, "de provisórios", que brandiam a lança exprimindo o espírito da Terra, porém, tangidos liricamente por anseios de liberdade século XIX, enquanto na maioria das cidades as populações se aglomeravam na vida de clã, em torno dos coronéis chefes locais, e nos sertões calcinados se erguia o perfil de Lampeão, como um *facies* da idade social e das circunstâncias econômicas.

Diante do mapa da América Latina, Urbano ficava meditando, quando os alunos saíam em debandada. Ali estavam o Chile e o Peru em revoluções periódicas. Os exércitos inativos, nos intervalos das lutas de Tacna e Arica, dividiam-se em duas correntes: a das democracias aristocráticas de almirantes, generais e embaixadores, e a dos extremismos desorientados, cujas façanhas, iluminadas de raios caudilhescos, os poetas exalçavam, cantando o canto de condor das liberdades panorâmicas.

Estava tudo corroído pelo ouro dos sindicatos estrangeiros e pelas lições de direito da Universidade; tudo lanhado de cientificismo; tudo dourado de requintes de civilização; tudo instável, solapado

por cóleras vagas, idealismos sem rumo, hipertrofias de personalidades e incompatibilidades fundamentais.

O passo firme do *yankee* ressoava nas salitreiras do Chile, nos sertões da Amazônia, como retumbava no Panamá. As tropas civilizadoras acordavam os vilarejos de Nicarágua, e o México se erguia inutilmente como uma paliçada de cadáveres amontoados em vinte anos de tropelias e de anseios sociológicos à sombra de Guatemoc.

* * *

Aqueles casos pessoais relatados nas missivas que recebia, não constituíam índices de um imenso fenômeno de elaboração, ao qual não se poderia furtar o Continente? Urbano sentia que todo o problema da América do Sul estava em conservar, no caos fecundo, os traços fortes de personalidade que fossem repontando. Uma concepção nova de vida deveria sair de todas as indecisões.

Urbano já não era um indefinido. Não se imprecisava entre o transcendentalismo afirmativo de Maranduba e o pragmatismo negativo de Gruber, os dois loucos incapazes de apreender a pura realidade humana. Não se entregava à solução de Pedrinho, nem à atitude sem finalidade de Teodorico. Repugnava-lhe a política de Martinho Cerveira, mas repelia a arremetida mística do tenente Gilberto. Já não se atormentava, como o Diabo do conto de Andreiev, procurando o Bem nas mil faces do Mal. "A felicidade dos povos, como a dos indivíduos", pensava, "é tão difícil de fixar-se em leis, como de assegurar-se nos homens. Do mesmo modo, a verdade social e o rumo político dependem dos segredos profundos das interpretações dos instantes numerosos e da hora fugaz".

Assim, escrevia a Gilberto:

"O principal é agir com a consciência do Bem. Mas essa consciência deve ser profunda para que a inspiração ocorra nos momentos decisivos. De certo, que a verdade só se possibilita no desinteresse, portanto no sacrifício. Renunciar é a única maneira de ver claro".

Que pretendia Urbano dizer com isso?

Esse homem que fizera toda a marcha da Coluna Prestes, ter-se-ia transfigurado num áspero e soturno eremita? Nem parecia humano. Perdera a capacidade de sonhar, de idealizar? Suas cartas davam

a Gilberto a impressão de um monstro, forjado no fogo das batalhas.

Dever-se-ia abandonar a nação sem governo? Seria preciso, abdicando de todas as ambições, entregar o país à sanha dos aventureiros?

Mas, Urbano esclareceu-o noutra carta:

“Dominar pelo sacrifício é a única maneira de perpetuar o domínio. Sinto que o drama da nossa América é o das ambições pessoais. Precisamos destruir tudo o que houver de egoísmo no verbo “querer”, para que a felicidade se realize nas mãos dos homens”.

Tudo isso era bem esquisito. Mas Urbano sentira germinando, através de todo o roteiro da Coluna, a idéia que se delineava vagamente no seu espírito, no momento em que, após a revelação chocante de Antonia, o velho comendador Afonseca lhe perguntara:

— Que pretende agora fazer? Investigar a paternidade? Deserdar Teodorico? Renegar Capistrano? Odiar o Dr. Gordinho? Lembre-se de que o senhor deverá julgar os mortos.

Naquela ocasião, poderia ter provocado um escândalo, deixar Teodorico na miséria, apoderar-se de uma grande fortuna, magoar os corações de todos. E isso não seria um crime, porém, o exercício de um direito.

Que era, pois, o Direito? Muitas vezes, era a sistematização do egoísmo, a ausência de todas as razões superiores do homem. A luta pelo direito prolongava-se na luta pela iniquidade e chegava até à injustiça, multiplicando os conflitos, dividindo os irmãos, entenebreando aqueles que marcham iluminados pela consciência do Bem.

Nunca tais pensamentos se tinham fixado nitidamente, por isso agira segundo os movimentos reflexos de uma nacionalidade em angústia. Foi a convivência diária com o João Duque, foi principalmente a morte deste que lançou um clarão sobre a névoa crepuscular em que se travavam seus incubos combates.

* * *

Um professor, sociólogo, de Buenos Aires, que fazia conferências no Paraguai, discutia num café de Assunção sobre os problemas sul-americanos. Com seu largo chapéu e gravata esvoaçante, D. Juan Caballero de Echeverria, exclamava, emitindo perdigotos:

— Pudén creer, muchacos, nuestros pueblos non quieren hacer caminos de hierro. Pero la más profunda enfermedad es lo ningún conocimiento de sus derechos. Nosotros vivimos sin libertad, heridos y oprimidos por las garras de los gobiernos y de los curas, desconociendo el socialismo democrático.

Suas conferências despertavam entusiasmo, não só em Assunção, como em Lima, Bogotá e Caracas. Em Manágua, onde foi aclamado, berrou:

— El sufragio y la lucha de los partidos constituyen las venas adonde corre el sangre de los pueblos libertados de las condiciones de barbaria; sin embargo los partidos de la derecha deben ser combatidos hasta las revoluciones y la muerte.

Fazia grandes gestos, atirava a capa como um toureiro, citava autores, arrasava com todos os governos. Era apelidado “El Pampero de la Palabra”.

Essa, pensava Urbano, é a mentalidade internacional dos palhaços doutores, que ateiam incêndios na América. Em contraposição, Urbano vira os estancieiros da Argentina, os fazendeiros de São Paulo, os usineiros de Pernambuco, nédios e elegantes, de unhas polidas e mulheres de raça, rodando em autos de fina categoria.

Tudo isso revelava a Urbano o drama em que se debatia o Brasil, o mesmo drama continental. A realidade profunda era desconhecida. Lavravam, em todas as repúblicas latinas, conjurações, intrigas, tocaias tenebrosas, que deflagravam em distúrbios de estudantes, paredes de operários, masorcas eleitorais e levantes militares.

Esse caráter, nem a democracia, nem o comunismo, nem a ditadura poderiam substituir nos povos atormentados de vontades numerosas, desconfianças atrozes e terrores recíprocos. A ambição do poder desarticulava tudo; a odiosidade política minava as situações erigidas de ódios. Uma vasta ilustração sem cultura, uma incapacidade de penetração no fundo dos problemas, um delírio pelas belas palavras — esse o imenso manto ocultando misérias dolorosas e sofrimentos coletivos.

* * *

Saudade do Brasil...

— Urbano renunciara a fortuna, a família, a felicidade no amor. Passara a juventude nos sertões desertos. E, agora encalhado em Assunção, a lembrança do seu povo, da sua terra, vinha assaltá-lo, morder-lhe o coração.

Tinha sido declarado desertor do Exército. Se regressasse, seria preso. De certo que obteria absolvição, até reingresso nas fileiras, mas não queria pedir.

Urbano, tendo passado por tantos sofrimentos, realizara-se como a encarnação sentimental da teoria metafísica de Maranduba. Possivelmente era em Urbano que Maranduba e Gruber se encontravam, partindo de pólos opostos.

Ali, com saudade quase física do Brasil, Urbano comparava-se a um aparelho de rádio procurando sintonizar no seu espírito a onda que lhe falasse mais profundamente, acordando-lhe a decisão. Multiplicavam-se as interferências no rumor trovejado da estática atordoadora e crepitante, em que siflavam sons parabólicos, vozes vagas nos âmbitos de espaços misteriosos. Eram cartas, solicitações de conjurados, lamentações de sofrimentos, ecos de despeitos, delírios de incompreendidos, imprecações de fé, heroísmos isolados, indecisões e temores.

Afinal, uma carta de Frei Chico emocionou profundamente Urbano. Por ocasião da morte de Antônia, tornara-se o padre o depositário do segredo que viera, desde 1894, através de Genoveva, Antônia, Capistrano, o Dr. Gordinho e o comendador Afonseca. Conforme o desejo de Capistrano e Gordinho, o depositário do segredo deveria confiá-lo, em casos excepcionais, e assim já o fizera Antônia, esclarecendo Urbano sobre a sua verdadeira origem.

Agora, Frei Chico escrevia a Urbano: "Teodorico e Pedrinho amam a mesma mulher e se odeiam mortalmente. Transviado pelo comunismo, Pedrinho foi perseguido pelo Teodorico, perdeu uma perna num conflito, foi deportado, como V. sabe. O Tônio obteve a liberdade de Pedrinho, que jura matar Teodorico, ignorando que ele é seu irmão. Precisamos revelar o nosso segredo. Escreva-me com urgência".

— A humanidade será sempre assim! refletia Urbano. Será preciso que haja uma voz na hora dos conflitos, lembrando ao homem na sua loucura, que está ferindo seu próprio irmão!

* * *

Foi uma noite atormentada. Doía-lhe ter de revelar a Teodorico as razões do seu nome, da sua fortuna; mostrar-lhe o papel que representava de usurpador inconsciente; aparecer ele próprio, Urbano, como um reivindicador de direitos.

Esses direitos, que ele renunciara, nada significavam para si, constituindo, entretanto, a desgraça para o filho de Capistrano, ins-

talado, desde a noite de seu nascimento, na opulência do solar dos Abaetês. Nada seria mais duro do que demonstrar ao milionário a ilegitimidade de seus bens.

Urbano examinava esse caso doloroso de Teodorico e não o achava diferente da situação de todos os aristocratas que erguiam seus palácios fronteiriços aos turcos e italianos enriquecidos no jogo aventureiro dos grandes negócios felizes. Que esforço tinham feito os fidalgos da alta sociedade, senão o de receber de seus pais as fortunas adquiridas por circunstâncias especialíssimas? Teodorico deveria ser perdoado, principalmente porque ele era o filho de Capistrano, portanto o irmão de todos os proletários que suavam nas usinas, cavavam a terra e desbravavam as florestas. Teodorico era o irmão de Cesário, que estalava na miséria em Apiaí; de Tônio, o marujo, na sua dura carreira; de Mariana, a pequena burguesa; de Frei Chico, o bom padre; de Janjão, humilde comerciante perdido no interior do Paraná; e, mais do que tudo, irmão de Pedrinho. E Teodorico era como que a vingança, o golpe conquistador implacável, manejado pelo acaso, na noite chuvosa de 1894.

Urbano sentia-se feliz, porque, tendo provado o gosto amargo da vida, humilhações, desesperanças, tristezas acabrunhadoras, como filho de Capistrano, regosijava-se na vitória de Teodorico, o legítimo filho de Capistrano, a carne, o sangue da multidão de trabalhadores.

Ele, Urbano, filho legítimo de Gordinho e Beatriz, trabalhado pelo sofrimento, pelos esforços e dificuldades da juventude, transformara-se no filho de Júlia e Capistrano, e era como tal que considerava "o outro", o desdobramento de sua personalidade.

No silêncio aflitivo da noite, Urbano não conseguia adormecer; e depois de muito pensar, as impressões, as idéias baralhavam no seu cérebro, desmanchando-se em quase delírio, quando cerrava as pálpebras modorrando meio acordado. Nesse crepúsculo nevoento, transportava-se a São Paulo, ao velho solar dos Abaetês, para ver-se, a si próprio, pois era "ele" quem lá estava, o filho de Gordinho, ao passo que quem ali desesperava, sem poder dormir, era o filho de Capistrano, que nada tinha de comum consigo. No meio da confusão, as sílabas dos dois nomes apareciam nítidas, crescendo e diminuindo: *Te-o-do-ri-co*; *Ur-ba-no*.

Depois, destacavam-se as letras: *T-E-O-D-O-R-I-C-O...*

E o Comendador Afonseca, de óculos, a espia-lo...

* * *

Deveria partir. Revelar ele próprio, não a Teodorico, mas a Pedrinho, a verdade dolorosa. Era necessário evitar que o ódio armasse as mãos humildes do filho de Capistrano contra seu próprio irmão. Mas, revelar a Pedrinho, apenas, não seria obrigá-lo a renunciar talvez à sua única felicidade na vida, a mulher que ele amava? Nesse caso, deveria contar a ambos, desse no que desse.

* * *

Urbano deixou Assunção no rumo da fronteira do Rio Grande. Pretendia ganhar a estrada de ferro, com disfarces habilidosos...

QUARTA PARTE

A MADRUGADA VERMELHA

XXXVI

A MÃO QUE SE MOVEU NA SOMBRA

— É sangue! É sangue!

— Acalme-se, rapaz. É a madrugada.

— Não! Escute! É um rumor líquido, rolando. Vem descendo a Serra...

— Cale-se, seu bobo! É a água do córrego, batendo nas pedras. Abaixese... que vem bala.

— Aqui enterrados! Vamos ser inundados! Tudo é vermelho!

A febre queimava o soldado. Era um rapaz de 20 anos. A gripe saltara-o, com tremores; o ardor da luta e da idade impediram-no de se dar por doente. Seria uma vergonha abandonar a trincheira. Caíra uma noite de garoa frígida. Enrolou-se no capote, batendo o queixo. Na manhã seguinte, foram despertados pelos obuzes que roncavam nas quebradas sonoras da Serra. Alguns voluntários tombaram feridos por estilhaços. O sargento Ramiro caiu degolado por uma rajada de metralha. Sua cabeça rolou com uma expressão de dor na boca de dentes cerrados e olhos muito abertos. E a fuzilaria cantou até duas da tarde.

O enfermo sufocava de febre. Recostou-se exausto, quando serenou a refrega. De ambos os lados, recolhiam cadáveres. A tardinha, porém, recrudesceu o fogo cerrado, pipocando, retumbando, rasgando as moitas, chovendo balas nos montes de terra fofa, que eram como beijos molhados das trincheiras. Martelavam num coro de matracas os dentes dos fuzis mastigando raivosos. Disparatavam metralhadoras como desmoraamentos esparramados.

Sentindo agudas pontadas no pulmão, o doente ergueu-se superexcitado pela febre: "É melhor morrer já de uma vez!"

O pente dos projéteis era uma dentadura de dentes foscos nas gengivas amarelas. A imagem gravara-se nas horas agudas dos contatos frios dos ferrolhos rascantes de deglutições trincadas.

Multiplicavam-se, à maneira de ossuário metálico de maxilares de caveiras com ironias serrilhadas de raivas e cóleras.

* * *

Delírio... Delírio...

O pneumônico cochilara à tarde, ouvindo o rumor arrastado dos defuntos dobrando o mato, as vozes no ar parado e sutil; e variava com o ferro do ferrolho insistindo no ouvido, a sensação do gatilho no dedo. Aquilo grudava, crescia na cabeça, na tarde e no mundo, misturado ao gargarejo do riacho próximo, que passava, como de propósito, para a pontada pulmonar e aquela teimosa anedota do doutor de Cachoeira que escutara com risadas do Gualberto e uma rosa das mãos da pequena da Luz.

Era a febre. No fundo da gaveta do lado esquerdo, no escritório, *seu* Magalhães dizia que era a honra da Pátria e a rua 15 de Novembro com o Jangada e o bilhete de loteria. A Constituição era Dona Maricota que esta mosca não deixa entrar o livro na estante com gosto de liberdade.

— Acorda, rapaz! Aí vem pipoca!

A gripe! Sim: aquele tremor. E o combate, caramba, espirra bala!

Saltou, deu três tiros, ouviu os gritos dos companheiros, caiu para trás.

Despertou à noite; estava machucado?

— Morreu gente como cisco! dizia uma voz.

Era o Tônico. Sujeito de sorte estava ali. As estrelas piscavam. Por que noite? O silêncio dos gritos, e aquela visita na rua Tamandaré, Deus te guie, a honra bandeirante, quem me dera fosse moço, rebentava de dor de cabeça. O chão duro e frio, o cantil enxuto, requeimava a sede, os pés gelados, e um estremecimento com calafrios.

A febre. Que tinha ela com a revolução? Pegue esta febre e ponha no canto do armazém, com a pontada por cima. Embrulhada, meu Deus! Uma conta de multiplicar insistente vinha encurtar o comprimento da manta, vou-me embora, não posso.

E a noite não termina, com o gargarejo do córrego, os ecos das matas. Então, vinha a modorra, despertava sobressaltado, ali estava

o fuzil, o capacete de aço, tudo como D. Marmelada (besteira! Mari-cota, constituição, e as barbas). De Fernão Dias Pais Leme.

* * *

— Descanse, rapaz! Isso é medo? Deixe ver se está ferido! Não está não. Rindo, heim? Malandro...

De fato, esboçara um sorriso meigo, exatamente como outrora, quando mamãe vinha cobri-lo, com o cobertor grosso, na manhã gelada...

Mal se tingiu a barra do horizonte de um vermelho vivo e pulou:

— É sangue! É sangue!

Seguraram-no, porque principavam a latir os canhões como feras raivosas e as metralhadoras sopravam como gatos selvagens.

Fazia alguns dias que bancava o firme, agüentara quatro combates encarniçados. Vira mais de vinte cadáveres insepultos, tripas de fora, membros mutilados, miolos escorrendo sangue.

Retumbava o canhoneio nas quebradas da Serra. Agora, dois dias de febre o transformaram em muitos seres pensantes, assustadiços, valentes, engalfinhando-se dentro da pobre cabeça inchada. E a luz da madrugada despertou o coro dos instintos, o clamor de todas as impressões.

— Pegue o fuzil e deixe de maromba! exclamou um mulato retaco pulando na retranca da "Zé-Pereira" (1).

Mas crescia o vermelhão das nuvens, inundando o céu como um trágico panorama de Apocalipse.

A pedreira, à direita, fulgurava, como uma gigantesca e hirsuta cabeça decepada. Crescia ensurdecedor o tiroteio, a deflagração das granadas, como um incêndio crepitante compassado pelo espoucar dos taquaruçus em chamas.

Então, o soldado trepou arrastando-se, pôs-se de pé, o vulto inteiro a descoberto, e avançou, claudicando, as pernas bambas, para o lado de onde vinham as descargas.

* * *

Gruber leu essa página épica, de forte sabor surrealista, achada no bolso de um guarda-livros do Banco Comercial que morrera no hospital de Guaratinguetá, na loura tarde em que ele regressara

(1) Nome jocosamente dado às metralhadoras, na Revolução Paulista de 1932.

de uma visita ao *front* com um fazendeiro de Campinas e um comissário de Santos.

Ouviam a leitura alguns industriais, o Sarmanho Tourinho, o magistrado Justiniano, Zenóbio Duarte, Spadaroto e Martinho Cerveira.

— Esses poemas verdadeiramente condoreiros, comentou Zenóbio, honram a raça, dignificam a sociedade, concorrem para a sua manutenção nos moldes consagrados.

— Realmente, disse Martinho Cerveira. Que seriam de nossos partidos tradicionais, se não fossem as reações salutares de um povo heróico?

Spadaroto exclamou:

— Nossos antepassados, Borba Gato e Anhanguera, muito se rejubilariam desta arrancada.

Gruber voltou-se para o magistrado:

— Que me diz, doutor?

Com a mão esquerda na cava do colete, os dedos indicador e polegar da mão direita unidos em o, o jurista franziu o sobrolho e disse:

— Quando Brutus, arrancando o punhal das dobras da toga, fê-lo cintilar diante dos patrícios romanos, visando o peito arrogante de seu pai, ele representou o eterno senso jurídico, a luta pelo direito e a inspiração da liberdade. Os senhores não ignoram a História e sabem que papel representou Cássio naquele drama. Ele era o sentimento das prerrogativas patrícias, que Cesar solapava para satisfazer as ambições do populacho. Mas não competia a um cidadão das suas responsabilidades arriscar-se numa empresa temerária: por isso, armou a mocidade gloriosa de Brutus. Eis a grave tarefa que nos toca: orientar essa pujante juventude, educando-a segundo o seu destino, que é aquele, e não os fúteis divertimentos de cabarés.

O Tourinho Sarmanho, que pertencia à ordem do Carmo, interveio:

— Eu e minha senhora, comungamos na última sexta-feira, e enviamos três pentes de balas. E Jesus, na sua infinita bondade, não permitirá que se percam esses projéteis.

Gruber, com um ar edificado, falou:

— Vejo tudo exatamente como tracei. A História deu a mão ao Direito e este à Religião. O culto da História exige sacrifícios de sangue, mas é o sentimento do Direito que cria as oportunidades, assim como a Religião enrija os caracteres. A dificuldade da interpretação do Direito é uma fonte providencial de belezas épicas, pois

ninguém se bate sem uma consciência de Justiça. Se não houvesse controvérsias, não haveria conflitos. Os senhores hermeneutas podem e devem conduzir o mundo...

* * *

Que alma tenebrosa a de Gruber! Ele conseguira realizar a grande hecatombe! Desde que transformara a "Associação Recreativa dos Chefes de Família" em sociedade secreta, não descansou um minuto. No seu palacete da Avenida Angélica (agora está riquíssimo), desenvolveu uma extraordinária manobra subterrânea.

Escreveu centenas de cartas anônimas, que ele numerou, no seu prodigioso arquivo. Entre elas se destacaram as seguintes:

N. 37) — "General. Ontem, ouvimos um seu colega de armas e de posto dizer, numa roda, que os dias de prestígio de v. excia. estão contados".

N. 38) — "Sr. Tenente (Rio). Abra os olhos com os generais, pelos motivos expostos em nossa última missiva".

N. 45) — "Meu caro Venerável da Loja Paz e Amor Avise o Grão Mestre de que os padres estão influenciando na Ditadura, a fim de se extinguirem as sociedades secretas".

N. 69) — "Ilustre Jurista. Projeta-se o fechamento das Faculdades de Direito".

N. 77) — "Incomparável Chefe da Nação. Quem avisa amigo é; prepara-se em São Paulo um movimento contra v. excia. Mande tropa".

N. 81) — "Sr. Perrepista. Cogita-se de um golpe para deportá-lo".

N. 83) — "Sr. Funcionário Público. Os tenentes estão estudando um corte nos vencimentos".

N. 97) — "Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo. O golpe comunista é iminente; é preciso que o povo bandeirante se una em torno das famílias preclaras para um movimento conjugado. Do contrário, adeus Catedral!"

N. 121) — "Sr. Poeta. Que espera v. excia. para apelar para as vozes da História? Onde Anhanguera? Onde o Caçador de Esmeraldas? Avante! Viva Piratininga!"

N. 185) — “Sr. Milionário. Ou um movimento armado, ou seremos todos a mesma ralé e adeus poltronas do Automóvel Clube”.

Quando os ânimos estavam acirradíssimos, Gruber mandou musicar uma poesia de Japiassu Neto, que dizia:

*No rumor das bombardas e metralhas,
Eis, ressurge o titão!
Corre o sangue de heróis! Feras batalhas!
Ruge o canhão!*

Ja andavam os versos nos discos das vitrolas, quando o extraordinário arquiteto os enviou em carta anônima ao “Clube 4 de Outubro”, avisando:

N. 539) — “Façam represálias, ou a revolução falhará”.

As coisas caminhavam às mil maravilhas. Pois Gruber remetia também suas infernais missivas para todos os Estados. Aos do Norte comunicava (circular nº 623) que “a plutocracia do Sul se organizava para reduzir os setentrionais à condição de escravo”. Aos políticos do Rio Grande ponderava (cartas ns. 445 e 446): “A marcha para a Constituinte vai se apressando; os Estados do Norte vão ter maioria na assembléia, e adeus Magna Carta inspirada por gaúchos!”

Em poucos meses, Gruber incendiou o país de ódios, de ambições, de terrores recíprocos, de preparativos bélicos.

A imprensa favorecia extraordinariamente o portentoso gênio niilista de Gruber. Multiplicavam-se os malentendidos, as intrigas, os achincalhes. Era, realmente, edificante ver-se a ação da imprensa nesse período notabilíssimo, dos temas difíceis e embrenhando-se, com modéstia, nas questiúnculas superficiais. Gruber afirmava que tinha na imprensa a sua grande aliada.

* * *

Encontravam-se as coisas nesse pé, quando surgiu no Brasil a figura retumbante de Dom Juan Caballero de Echeverria, anunciando, no Rio de Janeiro, uma conferência sobre “Mi mujer, la libertad”.

Gruber apanhou o noturno e visitou o grande homem no hotel, convidando-o para realizar um curso em S. Paulo. D. Juan prontificou-se a partir, dizendo:

— Ustedes tienen un carácter muy bueno, pero no tienen conocimientos de la libertad, sentimiento de los derechos. Esto es una barbarie.

Organizaram os temas: “Mi hija, la palabra”, “Yo y la civilización”; “El sangre, alimento de la libertad”; “Mi madre, la ciencia”; “Mio padre, el Derecho”.

Don Juan foi saudado pelo magistrado Justiniano:

“Senhor; Sois o espírito da América Latina, a glória do Continente. Saudando-vos em nome dos juristas desta Metrópole, sirvo-me dos próprios temas de vossos discursos, para vos apresentar a este seletíssimo auditório. Quem sois? O filho do Direito, o esposo da Liberdade, o pai da Palavra. Vossa esposa, senhor professor, tem os encantos venusinos talhados no mármore de Paros, porém está cheia dos movimentos originados da força dos vulcões dos Andes como o Aconcágua e esse divino Descabezado que de tão longe nos envia suas cinzas. Esta grande Pátria, Egrégio Cícero dos Pampas e Salitreiras, há de um dia também erguer um Descabezado, não para atirar lavas, porém aquilo de que se alimenta vossa esposa, a Liberdade: o sangue!”

Don Juan sorriu, estufou o peito largo, atirou a cabeleira para trás, deu um murro na mesa, e exclamou:

“Sangre, señores! Sangre, hablo yo! El hierro, y las espadas, y los cañones, y las patas de los caballos; los tirazos, las bombardas, los vientos y los rumores de la muerte!”
(Grande sensação).

O orador avança de braços abertos e punhos cerrados, e berra:

“Los ojos de la gloria! Muchacos! Bajo la tiranía! Torquemada es muerto. Es muerto, bien muerto. Las alas de los pájaros cantan la libertad del hombre! Es la lucha de los fuertes, caramba!”

Os jornais publicaram o retrato do profundo pensador. Ele encantava a aristocracia intelectual, tão solícita em festejá-lo. E Gruber sentia que chegava ao término do seu plano niilista.

* * *

A figura de Gruber parece absurda, quase caricatural, mas constituía a tremenda realidade de 1930-1932. Essa personalidade, se não

tivesse existido, em carne e osso, tinha fatalmente de ser a única força tangível, embora misteriosa, que governou discricionariamente o povo brasileiro, sem que ninguém percebesse.

Quem conhece a história de França e sabe da mão oculta que jogava com cenários e personagens, no tempo de Richelieu, nada pode objetar a essa nova "eminência parda", que brincou com os homens como títeres, que sorriu como um demônio e, possivelmente, chorou como um anjo.

* * *

Era de ver Gruber, nas caladas da noite, os olhos abertos na treva do seu quarto. Aquelas pupilas lampejavam como as de um tigre. Às vezes, humedeciam-se de lágrimas. Por que? Doía-lhe, acaso, a interpretação da vida e do mundo?

Gruber era o espírito da negação. Mas negar-lhe era tão penoso como um defeito físico: a cegueira, uma corcunda, uma muleta. Pois que tudo era mentira, preferia a hecatombe, em que realizava uma verdade à custa de todas as ilusões.

Ele não era mau: mas encarnava o Mal.

E não o fazia deliberadamente; obedecia à fatalidade de uma dor indecifrável, remota, incompreendida. Talvez Urbano tivesse razão, pensava, quando dizia ser necessário amar os maus para combater o Mal. Pois ele, Gruber, transformava-se no próprio Mal, preparando a catástrofe dos maus, que arrastariam consigo milhares de bons.

Bons? Maus? Gruber, então, sentia os olhos úmidos, no terrível segredo que levava consigo, ignorado e sombrio. A vida é má. Exatamente por ser boa. Era, então, forçoso viver?

Gruber era o grande Arquiteto, o químico da História. Articulavam-se, com ele, misteriosas forças, governando o mundo...

* * *

Martinho Cerveira disse a Teodorico:

— Vejo tantas contradições no Brasil, tantos imprevistos, que às vezes acredito sermos dirigidos por uma mão oculta, que se diverte conosco, levando-nos para onde entende...

— Que havemos de fazer, senão obedecer aos nossos impulsos e interesses?

Martinho Cerveira ponderava pensativo:

— Vivemos no Brasil, como nos versos de Dante,

*diverse lingue, orribile favelle,
parole di dolore, accenti d'ira
voci alte e fioche...*

— Sim, não nos entendemos. Talvez porque falamos a mesma linguagem, dos mesmos interesses...

* * *

Maranduba dizia: é a identidade dos complexos. E Urbano atribua tudo ao excesso de querer.

Tudo isso era verdade. Mas os movimentos não se conjugariam sem esse medium genial, que interpretava a sociedade brasileira com uma clarividência espantosa e a dirigia cruelmente.

Foi Gruber quem fez fracassar a iniciativa de Maranduba e de Müller. Foi ele quem desarticulou os revolucionários das Legiões e dos Clubes. Quem implantou a desconfiança nas classes armadas. Quem desmoralizou os partidos. Quem os fundiu, de novo, em frentes únicas. Quem deitou cizânia no próprio Partido Comunista e tornou ridículos os fascistas. Ele desfibrou tudo, dissolveu com sorrisos cortantes e intrigas sorrateiras.

* * *

Um psicólogo arguto diria: — Mas Gruber é a própria alma brasileira!

Talvez. Esse personagem estranho parece realmente simbolizar toda a incapacidade de crer e de realizar de nossa raça: o riso sardônico, o comodismo, a desilusão amarga, a destruição sistemática. Esse Gruber é tão estranho, que parece mais um símbolo do que uma realidade.

Entretanto, os que sofreram as calamidades da guerra, a mágoa da viuvez e da orfandade, a miséria e o desespero, e os que choraram, os que ergueram os braços para o céu, esses conheceram Ricardo Simom Gruber, o sorridente, o amável, o bom amigo...

* * *

E os que enlouqueceram na sede do sangue, nas cóleras cegas ou no horror da morte, e ainda aqueles — tão moços e tão puros! — que imobilizaram para sempre os lábios brancos, na luz crua das enfermarias, ou na terra lamacenta das trincheiras, esses nunca suspeitaram de onde vinha o moscardo excitante que os despertava para o alucinante suicídio de um Povo!

XXXVII

TINHORÃO E AS ESTRELAS

Finalmente chegou o dia feliz para Emerenciana: iam deixar a ilha. Tudo eram alegrias da partida: arranjos de malas, encaixotamentos, recomendações, e os olhos compridos dos que ficavam.

Tônio regressaria para o *destroyer*, e a vida do Rio sorriria para a mocidade de Cecília. Na sua adolescência, ainda livre do amor, Cecília era uma disponibilidade do destino que poderia fazer dela a heroína de um romance ou a personagem medíocre de um conto banal.

Sentia deixar Adelina e o Tinhorão. De certo, nunca mais tornaria a vê-los. Tinhorão estava muito velho, arcado, e uma tristeza lhe escurecia a frente.

Adelina consumia-se de amargura. Tinha a impressão de um fim de capítulo. Pedrinho regressava para o Sul, com o Tônio, naturalmente não o veria mais. Por que motivo experimentava essa necessidade de Pedrinho? A princípio fora compaixão, porque ele caminhava apoiado a muletas. A ilha era bem pequena. O convívio apertava. Ficavam diante do mar, silenciosos, vendo a tarde desaparecer avermelhada sobre as ondas. O rumor das espumas nos penedos, o escachoar das águas nos recôncavos da costa absorviam-nos estupidamente no desfiar monótono dos crepúsculos sempre iguais, os mesmos sons de clarins da revista e vozear de vozes na planície.

Uma tarde, Adelina começou a chorar baixinho. E Cecília disse:

— Você gosta do Pedrinho...

— Ele é noivo, respondeu. Vai com a outra...

— E se ele ficasse?

— Não; deve ir.

Pedrinho não suspeitara da natureza da afeição de Adelina. A princípio nem ela própria o supusera. Parecia uma amizade fraterna. A revelação de Cecília espantava, aborrecia Pedrinho.

A despedida foi, por isso, dolorosa, na grande noite de luar que se apoderara da ilha. O pequeno vapor ia partir de madrugada. Vieram todos os amigos a bordo, passar as últimas horas com os viajantes. O Tinhorão procurava empertigar-se. O Zeca Tobias e a esposa estavam abatidos. Para disfarçar, Zeca Tobias trouxe o violão, "que o luar estava para serenata", dizia. Afinou o instrumento, pôs-se a cantar uma velha modinha.

Uma infinita tristeza estrangulava os que ficavam. Uma compaixão acabrunhante torturava os que iam deixar para sempre a pequena ilha perdida no infinito oceano, coroada de luar na sua humildade humilhada de calabouço geográfico, ela mesma oprimida como em galés perpétuas, no trabalho de sustentar no dorso o peso das ondas bravias.

Adelina disse a Pedrinho:

— Desejo que seja muito feliz; se assim for, terei mesmo prazer em não vê-lo, nunca mais.

— Por certo que serei feliz. Adelina.

— Se isso não acontecer, eu desejaria vê-lo outra vez.

Pedrinho ficou pensativo:

— Onde, Adelina?

— Em qualquer parte, ou aqui mesmo, na ilha.

— Como presidiário?

— Não; como o Tinhorão.

* * *

Tinhorão conhecia todos os trilhos, todos os relevos, todas as pedras da pequena área. Ele realizaria ali uma vida tão importante para Saturno, Vésper e as Constelações, como a dos grandes guerreiros, estadistas e escritores.

O segredo dessa realização era o sentimento de solidariedade, aquela atitude consoladora que insistia em demonstrar a todos os tristes e desesperados que o Continente atirava nos dentes dos rochedos, essa coisa extraordinária: a possibilidade da alegria e da paz, numa condição inesperada de existência.

Quem conhecia Tinhorão no mundo?

Que estrela conhecia, também, nos remotos espaços, a biografia dos grandes heróis?

Esse homem, que viveu espontaneamente meio século num presídio, tornava os ares de Fernando de Noronha mais leves, amenizava a paisagem, transfigurava a terra áspera.

Para que desejaria Tinhorão maiores extensões de território? A ilha não era muito grande para os seus olhos. Mas o mar, o céu eram imensos. O sol, a lua, as estrelas eram familiares como compadres. E Tinhorão parecia eterno.

XXXVIII

O VARÃO DE PLUTARCO

O nosso admirável Zenóbio, depois de ouvir os conselhos de Gruber, instalou um rádio receptor e transmissor, absolutamente a salvo de suspeitas policiais. Gruber aconselhou-o a que aderisse à revolução paulista, sem se comprometer com a Ditadura. Assim, Zenóbio emprestou seu automóvel para a Cruz Vermelha; subscreveu, como anônimo, 2 capacetes de aço; ofereceu 50 maços de cigarros aos soldados, sempre modestamente ocultando o seu nome; enviou uma lata de goiabada a um capitão; ordenou ao seu *chauffeur* que se alistasse na Legião Negra; prendeu um boateiro que espalhava a balela da inexistência da liberdade de opinião; doou uma cigarreira, sempre modestamente anônimo, ao ouro da vitória. Com tais demonstrações, ficou à vontade e instalou o seu aparelhinho.

A ação infernal que o prestante Zenóbio começou a desenvolver é positivamente inqualificável. As mentiras mais deslavadas começaram a circular no Rio de Janeiro. A alma danada que o inspirava era Gruber. Na maior boa fé, o patriótico Zenóbio ouviu a justificativa do sutil conselheiro:

— É chegado o momento em que os grandes caracteres devem ser aproveitados em benefício da Pátria. Homens como você, seria uma calamidade que ficassem expostos aos azares das vitórias ou derrotas. Os seus gestos são de molde a garantir-lhe alta posição, se os constitucionalistas ganharem; é necessário agora, que você faça jus ocultamente à gratidão dos ditatoriais.

Zenóbio (seja dito em louvor de tão nobre varão) relutou a princípio. Parecia-lhe que não lhe ficava bem a manobra, que o colocava na plana das mulheres adúlteras.

É preciso (impôs Gruber) sacrificar a própria dignidade, pelos interesses supremos da Pátria. Que seria do Brasil, sem os cidadãos da sua tẽmpora?

Zenóbio lembrou-se de que, realmente, a sua gestão como Secretário dos Materiais fora irrepreensível; e, estoicamente, como um romano antigo, exclamou:

— Pátria! Imolo-me no teu altar!

* * *

Zenóbio começou a transmitir para o Rio, com o prefixo Z-90 todos os planos estratégicos do general Klinger e muitas calúnias contra o movimento.

* * *

Registremos uma bela notícia. São com estes episódios que se entrecem os louros que ninbam a frente dos heróis:

“A mulher e o dever — Ontem, a gare do Norte foi teatro de uma cena que lembra os grandes rasgos de Cornélia, Anita Garibaldi e D. Joana da Silva. Ia partir para o *front* o celebrado poeta Japiassu Neto, autor dos *Versos Boreais e Austrais*. Sua exma. esposa D. Cibele Cerveira Japiassu, surgiu entre a multidão. A distinta dama avança para o esposo, coloca-lhe no peito generoso uma medalha de Santa Teresinha e exclama: — “Vai, esposo meu! Aqui te espero com ânimo varonil”. Outras expansões muito naturais e adequadas ao momento, terminaram com a partida do comboio”.

Mas a infâmia não tardou:

Z-90 — O poeta Japiassu, o da cena patética, “pirou” (1).

* * *

— Que acha devamos fazer, sr. Zenóbio, se descobrirmos o infame, covarde e crapuloso autor dos rádios Z-90? perguntou ao prestimoso funcionário um político eminente.

— Não posso atinar...

— Pois lhe digo eu o que está resolvido: fuzilamento.

— No mínimo.

(1) Verbo que se criou durante a Revolução Paulista de 1932 para significar a fuga de alguém.

— Mas o senhor treme, empalidece...
Zenóbio empalideceu. E tartamudeou:
— Deve ser esfolado vivo.
— Apenas?
E fixou-o com olhos fulgurantes.
— Comigo é assim! Precisamos de energia.
Zenóbio respirou. O político prosseguiu:
— O senhor é um sentimental.
— É que sinto o estômago fraco...
— O estômago? Bem sei. Vou dizer-lhe...
Zenóbio chegou apavorado em casa.

* * *

— Apague essas luzes! berrou furibundo à esposa. Feche a casa! Não estou para ninguém! Desligue a campainha! Esses amigos me levam para a morte! Sabe o que é a morte?

— Acalme-se, Zenobinho! Temos hoje um jantarzinho tão bom!

— Jantar! Ora, jantar, diz você, quando a boca me amarga! Sinto gosto de terra! Sabe o que é terra?

O vizinho da direita, regressando à casa bateu a portinhola do automóvel. Zenóbio deu um pulo.

— São eles! Espie!

— Não é ninguém. Foi o vizinho!

Zenóbio puxou a esposa para um canto:

— Sabe? Parece que estou vigiado.

— Não diga! Mas por que?

Apontando para o quarto onde estava o aparelho, Zenóbio ciciou.

— Aquilo!

— Eu bem lhe dizia, ralhou a mulher. Isso não fica bem. Um ex-Secretário de Estado...

— Que quer você? É o Gruber, indivíduo sem alma, sem caráter...

— O Gruber está ninando. Você que se aperte.

Zenóbio andava de um lado para outro. Os meninos espiavam por trás dos reposteiros:

— O velho está onça!

* * *

Zenóbio levantou acampamento, empilhou a família num táxi, rumou para a casa da sogra, em Jabaquara. Ali chegando, verificou

que não havia onde dormissem, a menos que se estendessem todos pela sala de jantar. Não havia poltronas macias, nem cinzeiros, nem conhaquezinho. Como se podia viver assim, sem comodidades? Então, o pacato Zenóbio, sentindo a hora dramática, exclamou num gesto largo:

— Fatalidade do momento histórico!

Essa frase o reconfortou de certa forma. Procurou na memória os vultos célebres que se encontraram em semelhantes conjunturas. Evocou Luís XVI, Condorcet, Mario, Sila, Pompeu, Marco Antônio, Davi. Aquilo parecia-lhe grandioso.

— Vou me disfarçar! disse, de repente. Colocarei umas barbas postiças e uns óculos azuis.

— Como Nick Carter! interveio entusiasmado um pequeno.

— Cala a boca, ignorantão.

A sogra do ex-secretário dos Materiais, que era o bom-senso personificado ponderou:

— Você vai despertar maiores suspeitas com o seu desaparecimento.

Zenóbio não tinha pensado nisso. Estremeceu. A idéia foi crescendo no seu cérebro e às duas da madrugada tinha atingido a maturidade, empolgando o seu espírito atormentado.

— Vamos embora! berrou acordando a família, que dormia esparramada pelo chão.

O cunhado malhou a pé, foi buscar um táxi em Vila Mariana. Rumaram todos para o palacete da rua Alagoas.

— Isso parece fita em série! dizia um dos meninos, muito vaidoso da importância do pai.

* * *

Pararam na esquina. O *chauffeur* foi sondar se havia gente rondando a casa. Voltou dizendo:

— Lá dentro tem luz.

O choque foi terrível.

— É a fatalidade que me chama! estrugiu Zenóbio sucumbido. É a morte que me aguarda!

E, dando um soco no *chauffeur* japonês:

— Que espera, homem? Toque! Toque!

— Para onde?

— Para qualquer parte! Para o inferno!

O motorista pôs o carro em movimento, mas tão desastrado, que emperrou. Zenóbio perdeu a cabeça.

— O senhor vem fazer o serviço sem gasolina! É o cúmulo! O japonês sorria desanimado. Então Zenóbio, em privação de sentidos e inteligência, começou a dar murros no pára-brisas, rugindo:

— Eis o fim de tua carreira, nobre funcionário!

O *chauffeur* correu à procura do “leiteiro” (1) mais próximo, como era costume naquele tempo de guerra. Coincidia que andava à esquina justamente o Tourinho Sarmanho, que arranjara o serviço para de noite enganar a mulher com uma mulata.

Vendo o amigo, que esbugalhava os olhos, Zenóbio arrancou-se das unhas de D. Graziela, atirou-se aos braços de Sarmanho, e pôs-se a chorar.

Tourinho Sarmanho estava pateta.

— Que acontece? Algum falecimento?

A mulher de Zenóbio, que não perdera completamente a calma pediu a Tourinho fosse dar uma espiada à casa, pois temia algum atentado, ou ladrões. Sarmanho quis levar o apito à boca, mas Zenóbio atirou-se a ele:

— Não apite! Pelo amor de Deus, não apite!

Tourinho Sarmanho armou-se de coragem, abriu o portão, galgou uma saliência da janela e olhou.

— Santo Deus! Que vejo!

— Fugamos — bradou Zenóbio a disparar.

No silêncio da madrugada (eram 4 horas) a mulher e os filhos do antigo secretário dos Materiais correram a persegui-lo. O *chauffeur* e o Tourinho tiveram a inspiração de cercá-lo, atalhando pela rua paralela. Quando Zenóbio foi agarrado, tirou o chapéu e disse, dobrando s joelhos:

— Eis o epílogo!

Então, o Tourinho, cada vez mais espantado, falou esbaforido pela carreira:

— É o Gruber!

Zenóbio recuperou instantaneamente o ânimo e o ardor. Dez minutos depois, passeando solene pela sala de jantar, dizia:

— Como e por que você penetrou os umbrais do meu lar?

Gruber respondeu:

(1) “Leiteiro” era o nome com que se designavam pessoas maiores de quarenta anos, que davam serviço de guarda-noturno durante a Revolução Paulista. A designação provinha das placas que traziam parecidas com os distintivos dos vendedores de leite.

— Não violei um lar; ingressei no templo das virtudes cívicas, onde tudo me fala da superioridade de um homem público da estatura de um varão de Plutarco. Os grandes vultos não se pertencem; reclama-os a Pátria e a Posteridade.

Zenóbio abraçou Gruber comovidamente. Narrou-lhe quanto lhe sucedeu. O amigo tranqüilizou-o por todas as formas, convencendo-o de que não havia perigo.

— Se a Ditadura ganhar, mereço, no mínimo, um Ministério...

— Talvez! E digo talvez porque lhe falta mais um título de glória: a prisão.

— Prisão? gritou Zenóbio dando um pulo para trás e vendo, mentalmente, os azorragues, todos os suplícios, possivelmente a morte.

— Não te assustes, ó grande revolucionário! O passadio na Imigração é o melhor possível. Lá descansarás tranqüilo, como tantos outros que dentro daquelas paredes descansam fora de perigo. E serás um mártir, último título que te falta, ó varão ilustre, porque a concha da balança já pende para os ditatoriais...

Vinha rompendo o dia. Zenóbio, trêmulo, entregava-se às mãos de Gruber, como um doente se entrega às mãos de um médico.

* * *

Teodorico e Martinho Cerveira ouviam a estação oficial do rádio. Uma voz roufenha dizia:

— Quem mais justo, mais sábio, do que o Ditador? Que figura mais alta existirá na mentalidade patricia do que s. excia.? Incomparável cidadão, faço-lhe justiça, não por ser eu um funcionário federal, mas sim pelo imperativo da consciência de todos nós!

Martinho Cerveira sorria sutilmente. Conhecia o orador e aquele estilo tantas vezes usado em louvor da República Velha. Entretanto, ligaram para a estação paulista:

— Nós, funcionários estaduais, devemos prestigiar nesta hora solene o nosso patriótico governo!

— Extraordinário país! ponderou Teodorico.

* * *

O Departamento dos Materiais registrou várias invenções: uma motocicleta blindada; um emissor de agulhas envenenadas; um encanador de pernas automático, uma pomada contra carrapatos e cinco sistemas de couraça.

* * *

O retrato de Japiassu Neto saiu fardado de sargento com sucesso na alta roda.

* * *

Gruber, incansável, pediu a Japiaussu uma poesia contra os acordos, a paz sem vencidos nem vencedores. Foram espalhados versos com este estribilho:

Não transijo no campo de glória!

A poesia andava cantada a plenos pulmões e já o Gruber fazia distribuir boletins recomendando que se linchassem aqueles que se referissem, mesmo por metáforas, à pacificação.

Não satisfeito, procurou um médico especialista em psico-patologia e, com ele, fundou o "Instituto Neuroterápico de combate à timidez". Não era propriamente um sanatório, mas um curso pedagógico. Aqueles cidadãos que mostravam preferência pelos serviços da retarguarda (guarda-civis, datilógrafos, etc.), ou ainda aqueles que, por temperamento ou influência de leituras deletérias, exaltavam a paz, citando Tolstoi ou Remarque, eram logo inscritos entre os que necessitavam de cuidados neuro-pedagógicos e bélico-terápicos.

As aulas realizavam-se ao ar livre, depois das duchas escocesas em instalação gentilmente cedidas pela delegacia do Cambuci, onde existia também um completo aparelhamento de correntes alternadas e contínuas, apropriadas ao levantamento do moral dos pacientes. Para as aulas, que eram na Aclimação, Gruber mandava levar umas arrobas de carne de vaca (donativo da Associação Comercial) e mostrava aos enfermos a empolgante luta das onças e o apetite com que devoravam as sanguinolentas vitualhas. Diante da jaula da hiena, Gruber fez uma preleção que se tornou notável.

* * *

Gruber lia para esses caracteres timoratos as belas histórias dos grandes matadores e as descrições pormenorizadas dos espetáculos do Coliseu.

* * *

Teodorico desdobrava-se, num trabalho intenso e multiforme. Procurava esquecer Elisa, empenhando-se na luta, nos grandes esforços da retarguarda. Alerta contra os movimentos operários, fez espingardear alguns agitadores no Belenzinho.

* * *

Zenóbio emagrecia e afirmava. "Se este estado de coisa continua, enloqueço".

Gruber comunicou-lhe uma tarde:

— Acabo de denunciá-lo, como derrotista. É necessário que você se ilustre para ocupar cargos oportunamente. A ordem de prisão não tardará.

A noite, o ex-Secretário dos Materiais foi encarcerado.

* * *

Dom Juan Caballero de Echeverria foi pouco delicado. Logo na retirada de Buri, fugiu, declarando que tinha uma revolução encomendada em Guatemala, à qual não podia faltar.

* * *

A cidade estava cheia de hinos e marchas guerreiras. O movimento burguês conseguira envolver no seu turbilhão aqueles mesmos que, devendo obedecer à voz de interesses opostos aos dos senhores poderosos, embriagavam-se de nativismo e de amor à glória.

Aquilo era grandioso. Tinha qualquer coisa de satânico em que os maiores antagonistas se arrastavam na farândula alucinante. A nevrose era envolvente, absorberbando centenas de milhares de homens. Era a plenitude da energia burguesa, conseguindo realizar, mais uma vez, o milagre da redução de todos os contrastes fundamentais a uma fórmula verbal. E, agora que a juventude vibrava, marchando magnífica para a morte, o espetáculo ganhava uma imprevisita luz gloriosa.

E mesmo aqueles que divergiam, por amor a S. Paulo, da aliança com os políticos hegemônistas de Minas e do Rio Grande; mesmo aqueles que sabiam como se arquitetara o plano diabólico de sacrifício da gente de Piratininga, e que por isso condenavam a revolta, tinham de enxugar às escondidas as suas lágrimas, quando ressoavam as marchas guerreiras, como a afirmar, para o Brasil inteiro:

— Ainda existe o sangue Bandeirante!

* * *

Desses, devia sorrir, por certo, Ricardo Simon Gruber, o amável, o sorridente...

XXXIX

CAIM! CAIM!

Num hotel empoeirado da Estação da Luz, Pedrinho estendeu-se abatido pela longa viagem. Conseguira atravessar a fronteira de Minas. Vinha a mandado de Silvia Margarida e De Moreyra, ambos no Rio, com o fim de agitar o operariado de S. Paulo.

Mas Pedrinho, logo ao chegar, sentiu o ambiente. Toda a população vibrava. Os trens andavam cheios de soldados. As bandas de música incitavam as pequenas cidades. Ao desembarcar, na rua José Paulino, assistiu à partida de um batalhão: era uma rapaziada forte, alegre, decidida.

Percebeu também que os operários não poderiam agir, vigiados, dia e noite, por uma polícia desconfiadíssima. Telefonando a vários amigos, soube que estavam presos. Um inspetor da polícia (comunista como ele), avisou-o, logo à plataforma, que tivesse cuidado.

* * *

Agora, no pequeno quarto do hotel, Pedrinho perguntava-se: Que farei?

Era uma energia em disponibilidade. Acendeu o cachimbo, pegou a esmo num jornal. E logo topou com o nome de Elisa. Ela tomava parte numa quermesse, em benefício dos órfãos da guerra. Seu nome figurava entre os de cavalheiros e damas da alta sociedade. Entre aqueles, lá estava o nome de Teodorico.

Então, a sua cólera crepitou. Amarfanhou o jornal. Cerrou os punhos. Abriu a janela, porque lhe faltava o ar.

— Preciso matá-lo! pensou.

Lembrou-se do Tônio (muito juízo, rapaz!); lembrou-se de Adeline (se você não for feliz...); lembrou-se de incidentes banais da viagem. "Preciso matá-lo!"

Contemplou da janela o panorama noturno da cidade com luzes piscando. "Preciso matá-lo".

A sua muleta, a sua perna para sempre inutilizada, a sua pobreza, a sua longa odisséia: "Preciso matá-lo".

Elisa era a vida. Que o atormentava. Que o outro, rico e poderoso, disputava. Ter-se-ia ela esquecido dele?

Foi ao telefone.

— Dona Elisa saiu com o Dr. Teodorico...

Rangeu os dentes. "Preciso matá-lo".

* * *

Não era possível levar avante um movimento operário. Mas não perderia a viagem. Livraria a massa trabalhadora de um dos seus carrascos. Quem o denunciara? A quem devia o tiro que lhe inutilizara a perna? A ele. E ele devia pagar caro.

Estava desarmado. Logo de manhã compraria uma faca. Tinha de ser assassino. "Que leve o diabo!"

* * *

Nem se comunicou com Mariana, com o Gruber. Eram burgueses, fossem para o inferno. Vida triste! Trinta e cinco anos de bacalhau. No duro. Também, que lhe restava mais? Era acabar já de uma vez...

O sono não vinha. Os trens apitavam, na noite alta, conduzindo tropas, munições, mantimentos. O rumor noturno da guerra. A guerra dos burgueses.

Escaldava o cérebro. Fechava os olhos secos, via Elisa, via Teodorico, via a faca que deveria comprar logo cedo.

Como faria? Onde o encontraria? Fosse onde fosse.

No começo, era uma premeditação vaga, indefinida. Um gesto romântico de terceiro ato de dramalhão. A idéia ia se ajustando à realidade. Devia insultar primeiro? Ou ir fincando a faca, sem mais nem menos? O insulto provocaria reação, era mais bonito, mais perigoso também. Não convinha atacar de surpresa. Era necessário que Teodorico soubesse quem o matava. E porque matava.

Naturalmente haveria gente próxima. Quem acudiria? Defender-se-ia? Ou entregava-se?

* * *

Longes tempos dos namoros da Lapa... Remotas lembranças da velha casa do Capistrano... Quando abrisse os olhos para a vida, era tudo tão gostoso! Como o tempo voa! Como a vida passa! Tudo se fora por água abaixo. Nem se sentia o mesmo Pedrinho. Mas, então, não era o mesmo? Antigamente sofria e, entretanto, tudo lhe parecia melhor. Por que havia esperança. E força. Quando montava o animal bravio de aço, a 247!, esporeada com chispas, fagulhas, ao galope disparado pelo sertão, as campanhas desenrolando, as pequenas estações, cenas banais de felicidade banal, parecia realmente outro, pensando em Elisa. Deveria ser feliz com ela. Felicidade simples de arrabalde, reprodução da mesma história de Capistrano e Júlia, com filhos, com lutas, com amor.

Foi Teodorico o primeiro a destruir-lhe o véu delicioso que o isolava da vida diferente, mais cruel, que o De Moreyra mostrou depois. No fundo, era o mesmo. O homem não muda não. Há qualquer coisa imutável, no fundo. Que resiste. E Pedrinho pôs-se a chorar no quarto escuro, tão isolado, tão só no mundo...

Não haveria salvação? Mas, se Elisa era outra, agora... O seu Paraíso Perdido? Por que comeram ambos da árvore do Bem e do Mal? E, depois de todas as transformações, liquidados os sonhos vãos, pobre vida! pobre vida! — como tudo parecia seco, ríspido, cruel... Enfim, a mocidade passara, rápido meteoro, e Pedrinho estranhava o mundo novo, que ele criara, como um gato que estranha uma casa nova. Ali estava em S. Paulo, outra vez. E tinha a impressão de uma cidade que visitava pela vez primeira. A sua cidade. Onde nascera, crescera, amara, sofrendo, sonhando, desesperando.

A idéia fixava-se no cérebro. "Comprarei uma faca".

* * *

Despertou de manhã, com toques numerosos de cornetas, clarins. Era a guerra. A Metrópole transformara-se num grande quartel. Saltou do leito, desceu as escadas com a sua muleta. "Preciso matá-lo".

Andou vagueando pelas suas queridas ruas, agora cheias de cartazes: CADA PAULISTA É UM SOLDADO. Um deles feriu sua vista.

Era o de um busto varonil e jovem de militar, os olhos verruman-tes, o indicador apontando implacável: "Você tem um dever a cumprir".

Sim; ele tinha um dever a cumprir. Era um operário infeliz, que a vida esmagara. Era uma mocidade que passara sonhando inutilmente. Um espírito atormentado por todos os venenos da civilização. Um mísero coração despertado para a luta bravia, para a compreensão de todas as crueldades praticadas pelos homens dessa grande cidade do progresso e da força.

Um dever! Um dever em relação a quem, a quê?

Recordou-se do espírito do "Santa Fé", o navio perdido para sempre no infinito mar. Ecoaram-lhe nos ouvidos as palavras de Sílvia Margarida: "Você vá e agite o operariado". Não tinha forças, elementos para isso. Restava-lhe o ódio, surdo, implacável. Era o seu dever.

Tinha de ser um assassino. Examinou a faca. Sua face pálida refletiu-se na lâmina fria. Precocemente envelhecida, a barba grande, os olhos vermelhos. Não era Pedrinho. Parecia um sonâmbulo tangido por uma fatalidade.

* * *

... "E o Senhor disse a Caim: por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?"

XL

ERA A GUERRA!

Vinha rompendo o dia.

Urbano sentia no rosto o ar fino da manhã, sentado ao lado do *chauffeur*, no caminhão que obtivera em Sorocaba. Depois de tantas peripécias movimentadas de cinema, rompera a linha dos combates, atingira Apiaí, viera a cavalo, por Piedade e Pilar.

Em Apiaí, encontrara o Cesário, mendigando, quase cego e louco. A tortura da guerra esmagava as populações da Ribeira, espalhadas aos magotes, pelos matos, moídas de fome e de medo. E Cesário não resistira, já no fim da vida, com os últimos recursos que lhe haviam sobrado dos desastres de 1930. Como uma obsessão trágica, ficara-lhe gravada, na imaginação doentia, a imagem fúnebre do Cavaleiro de Itararé.

Nem reconheceu Urbano. Da pequena cidade, todos haviam fugido. Só ficara Cesário vagueando pelas ruas com os cães, dormindo no átrio da Matriz, gesticulando, falando sem cessar.

— Escute! É o tropel do Cavaleiro! Foi ele quem me desgraçou! É um esqueleto que monta o cavalo fantasma! É a morte! Ele anda galopando agora por toda a parte!

* * *

Urbano verificara, por onde ia passando, o sinal fatídico do abantesma: os campos de gado despovoados, as roças destruídas, as choupanas abandonadas, algumas incendiadas. Tudo largado, passivamente, ao saque. E, cortando por atalhos, a fugir do olho vivo das sentinelas, topava famílias esfaimadas nos recôncavos e grotas, mulheres esqueléticas, crianças assustadiças, caboclos sucumbidos de angústia. Pareciam tribos semi-nuas de párias.

Era bem o Brasil mesmo, em frangalhos, sob o azorrague do Cavaleiro Sinistro, cuja disparada já ninguém tinha forças para deter. Como um bufão, o galope retumbava. E quando os ecos morriam numa quebrada, ressurgiam na distância, a dominar o Continente, atormentando as almas.

Agora, aquele romper de aurora, em Quitaúna, parecia obedecer ao apelo das cornetas e tambores que clamavam na planície.

O Cavaleiro de Itararé, fantasma cruel, símbolo das revoluções malditas, galopava sinistramente na amplidão do Brasil...

* * *

Era a guerra. O Brasil crepitava, ardia numa labareda. Os rufos dos tambores palpitavam como corações numerosos da Raça, torturados, aflitos.

A Cidade apareceu na colina. Sobre ela vibravam asas de aeroplanos. E tudo como se exaltava na manhã luminosa que agora se derramava sobre os vales como um cântaro de luz.

Urbano olhava para as primeiras ruas, para a fronteira das casas, sentindo S. Paulo, a sua terra, a sua gente. Saira em 24 e regressava em 32. Novos arranha-céus silhuetavam-se no espaço. A Metrópole crescera. Crescera na dor, na angústia de todas as batalhas. Crescera inconsciente. Ignorando seus próprios males, as causas de seus desesperos. Crescera dormindo. Sem olhar em redor. E agora despertava. Quase sonambulicamente. Um delírio grandioso. Como que um halo imponderável de glória a envolvia penetrando-a.

* * *

Gente de S. Paulo! Povo de trabalhadores e de construtores! Como essa multidão era grande e imponente, até na loucura da guerra, no delírio dos passos incertos!

São Paulo sonhava na manhã gloriosa. Era preciso interpretar esse sonho. Os medíocres traduziam-no nas expressões mais imediatas das aspirações banais. Não era isso, não podia ser isso apenas a aspiração da cidade ciclópica. No fundo da consciência coletiva, traduzida na literatura trivialíssima dos discursos patéticos, devia existir alguma coisa irrevelada, o sentimento da marcha inevitável, das etapas fatais e um sentido profundo e ainda obscuro de luta desconhecida.

Urbano, descendente daqueles carreteiros e traficantes que desbravaram o sertão, sentia-se possuído pelo espírito imortal da Grande Pátria que os seus antepassados construíram para que se expandisse nela uma civilização nova.

Ardia dentro de Urbano a centelha perene da sua Coluna. Vibrava nele o ideal intangível da horda maravilhosa que andara procurando os rastros dos Bandeirantes nos itinerários dos ermos sertões. Havia uma afinidade muito íntima entre essa coluna votiva e o fogaréu que flamejava nas almas inquietas dessa população glorificada no sacrifício.

* * *

Como o seu destino se parecia com o destino de S. Paulo! Que vinha ele fazer, senão sacrificar-se para evitar que Teodorico e Pedrinho, filhos do mesmo ventre, carne da mesma carne, continuassem a odiar-se até ao choque inevitável?

Ele vinha revelar o segredo daquela troca de crianças na noite de 1894. Vinha atrair para si o ódio de Pedrinho, a fim de que ele perdoasse a Teodorico; assim como o rancor deste, porque teria o seu orgulho abatido. Exatamente como esse povo, que se imolava no fogo das trincheiras, para que um novo rumo se abrisse à vida do país. Para que duas mentalidades procurassem a fórmula conciliadora. Para que se salvasse a Nação pela harmonia de duas sociedades que se defrontavam irreconciliáveis.

De certo que, quando o fogo cessasse, quando morressem os últimos ecos dos canhoneios sobre o panorama das cidades destruídas e humilhadas, seria das próprias cinzas desse braseiro que surgiria a alma do Brasil. Porque era o destino de S. Paulo.

* * *

Urbano procurou o Gruber, que lhe deu notícias de Teodorico. Contou-lhe, também, que Pedrinho chegara e estivera pouco antes a conversar com Mariana, muito perturbado, falando tolices. Dissera que ia procurar Teodorico. Seria conveniente vigiá-lo porque parecia nutrir más intenções.

* * *

Só às cinco da tarde, Urbano conseguiu saber ao certo do paradeiro de Teodorico. Tinha saído com Elisa, para visitar uma expo-

sição de cartazes. Ali, porém, informaram que se haviam dirigido ao arranha-céu que Teodorico andava construindo, no Triângulo.

* * *

O grande prédio era ainda uma gigantesca armação de ferro e cimento, como um esqueleto antediluviano de megatério brutal. Elisa mostrara desejo de subir até o último andar, no elevador que conduzia materiais.

Pedrinho, que seguira, por sua vez, os passos de ambos, viu quando penetraram no escuro labirinto do rés-do-chão, por entre o vigamento atlético dos andaimes. Viu, ainda, quando Teodorico e Elisa subiram ao ascensor sujo de reboco.

Aproximou-se, aguardou a descida, pretextou um recado urgente a Teodorico, e alguns segundos mais estava no alto, atravessando uma ponte de tábuas, a oitenta metros de altura, que era como uma apófise na vértebra de imenso dinosáurio.

* * *

Urbano atravessou a rua com dificuldade. Desfilava um batalhão entre as palmas da multidão que se apinhava, deflagrando o entusiasmo incomparável. A banda militar rompia, na frente, uma marcha guerreira. Das janelas atiravam flores. Estrugiam vivas e hurras.

Quando chegou ao alto, desenrolou-se o panorama da cidade, erigido de bandeiras desfraldadas. O batalhão entrava pela rua Líbero, estendia-se desde o Mosteiro de S. Bento até ao Viaduto. Os pelotões caminhavam no ritmo da marcha, como paredes humanas. Fulgurava ao sol da tarde o aço dos fuzis. E o coro dos tambores. E o tropel dos cavalos. E o rodar dos carros de munições. E as bandeiras. E as palmas crepitando. E a chuva de flores. E os lenços acenando. E o orgulho da partida.

Parecia que todo o imenso panorama, aos reflexos do sol no ocaso, palpitava nas reverberações das vidraças, nas cúpulas e nas clarabóias, incendiando-se para a festa da mocidade que partia para a morte.

* * *

Urbano deteve-se, atordoado na vertigem da altura e na comoção daquele instante.

Era a guerra. A banda marcial cessou um momento. O estru-pido dos passos vinha ressoar quase em surdina aos seus ouvidos, como um pêndulo implacável marcando a hora trágica na apoteose da tarde que agora se tingia de grandes barras vermelhas sobre o espigão da Avenida.

E os clarins cantaram. Cantaram estridentes como lâminas agudas. A tropa entrava pela rua Direita. Parecia a transfusão do sangue impetuoso e vivo das batalhas numa veia velha e gasta de pulsações monótonas.

Os soldados eram moços e belos. A tropa era firme como o aço. A marcha decidida como um destino. E os clarins eram a melhor bandeira.

O comboio que os deveria conduzir partiria orgulhoso e apressado, respirando as léguas a sorvos largos, urrando nos trilhos para chegar logo à História.

E lá longe (pensava Urbano) aguardavam os bravos outros bravos, heróicos também, porque traziam no peito o espírito perene da terra martirizada dos sertões.

Para os abraçar? Não; para trocar com os soldados que partem os seus quinhões de morte. Porque a guerra é de irmãos.

E os soldados partem alegres. É a mocidade do Brasil que veio de todos os pontos unir o seu sangue ao sangue do seu irmão paulista. Esses dois sangues regarão a terra confundidos no mesmo barro. O sangue do Norte já entrou nas veias dos paulistas; é preciso que se misture agora a alma dos sertões com a alma de Piratininga, na lama das trincheiras, nos campos onde nasceu a primeira civilização. Porque só assim, pelo mistério deste martírio, teremos a grande argila em que o gênio da Raça plasmará o Homem Novo.

* * *

Urbano, sobre uma tábua oscilante, escutava o rumor que amortecia da marcha heróica.

Súbito, viu Pedrinho, no extremo terraço, arrancar uma faca, avançar para Teodorico. Trocaram palavras ásperas, que não entendia dali onde estava. Teodorico sacara um revólver.

De um salto, Urbano atingiu o terraço, interpôs-se entre os dois, exatamente quando Elisa soltava um grito de desespero.

O revólver de Teodorico detonou. Pedrinho vibrou a sua arma. E Urbano, o braço atravessado por uma bala, o peito ferido pela aguda lâmina, caiu entre os dois exclamando:

— Pedrinho! Teodorico! Escutem-me!
E, arquejando, revelou-lhes:
— Vocês dois são filhos de Capistrano e Júlia. Vejam os documentos que tenho no bolso.
Elisa abaixou-se sobre ele:
— Urbano!

* * *

Os clarins cantavam na várzea do Brás. Os estríduos agudos chegavam quase abafados. A tropa seguia a sua marcha.

Urbano dizia:

— Pois é; vocês são irmãos. Perdoem-me porque lhes contei tão tarde. Ninguém mata um irmão, sabendo que é irmão. Sob nenhum pretexto.

Teodorico estendeu a mão ao Pedrinho. Ambos baixaram as cabeças. A noite vinha chegando com uma grande estrela.

E abafado, na cinza do crepúsculo, o coro dos clarins...

XLI

DIALOGO DOS INÚTEIS

Teodorico e Pedrinho, depois de um mês de silêncio comovido e de surdas batalhas interiores, defrontavam-se placidamente, como duas decisões.

Sentaram-se, um diante do outro, no escritório do velho palacete dos Abaetês. Estiveram quietos longo tempo. Finalmente, Teodorico abriu a boca:

— Case com ela. É justo. E me perdoe.

Pedrinho ia responder quando a porta se abriu e Elisa entrou:

— Tudo está acabado. Não prossigam nessa conversa inútil.

Pedrinho disse:

— Você decidirá.

Ao que Elisa retrucou:

— Vou-me embora. Volto para a Lapa, onde tenho parentes pobres e simples. Tornei a ser o que era. A enfermidade de Urbano me restituiu a mim mesma. Nem Pedrinho, nem você me compreenderam. Mas Urbano compreendeu-me.

E pôs-se a chorar baixinho.

Pedrinho murmurou:

— É melhor assim.

E Elisa:

— Viverei da lembrança de Urbano. Levarei flores para a sua sepultura.

Ficaram mudos. Teodorico exclamou:

— A vida pertence aos que não a desfiguraram, aos que passaram varonilmente sobre ela, aceitando-a na sua verdade eterna. Nem eu, nem Pedrinho merecemos o seu amor, Elisa. Porque quisemos deformá-la, deturpá-la. Por isso é que não pudemos com-

preendê-la na sua simplicidade. Mas Urbano, de certo, durante o tempo em que você foi a sua enfermeira, soube falar a linguagem dos Fortes. É natural que você prefira a simples memória do Forte do que a presença dos fracos.

* * *

Teodorico tinha razão. Elisa "era a Vida", segundo as suas expressões e as de Pedrinho. E a vida dos homens, como a vida dos povos, não pode estar à mercê dos rancores covardes e dos caprichos inúteis dos débeis.

XLII

O CORO DOS BATRÁQUIOS

Porque seria o culto das gerações pusilânimes;
das raças desfibradas pelas traições e perfídias;
minadas de despeito;
e apodrecidas na incapacidade de glorificar os Fortes!

Composto e impresso nas oficinas da
FOLHA CARIOCA EDITORA LTDA.
Rua João Cardoso, 23, tel.: 223-0562
CEP 20.220 - Rio de Janeiro - RJ

guns setores, desenvolvemos grandes indústrias, marchamos (a duras penas) para a independência em diversas áreas da economia, e estamos adquirindo uma projeção internacional capaz de colocarnos (Ray Cline) como a sexta potência mundial — a despeito das nossas gritantes falhas.

Mas, que diferenças existem entre os políticos de ontem e de hoje, cujos perfis Plínio Salgado traça com tanta maestria, dissecando-lhes o espírito e a ação? E, em sendo eles como são, haverá possibilidade de, algum dia, transformarem-se psicológica e mentalmente? Não estaremos nós, brasileiros, destinados a sermos conduzidos para todo o sempre por uma classe, a política, que não apresenta sinais de mudança, seja a curto, a médio ou a longo prazo, em seus procedimentos éticos e profissionais, através do tempo, e que prepara, sempre, novas revoluções, como que fazendo destas o alimento de sua própria sobrevivência? Não prescindiremos, então, jamais, da presença sinistra do cavaleiro de Itararé, nas etapas convulsionadas de nossa evolução político-social, constituindo-se ele no dínamo propulsor de nossa História? E quando ele se apossar definitivamente de todos os meios de comunicação social, hoje inconscientemente dirigidos pelos capitalistas que não vêm além da ponta de seu nariz, e vier revestido da armadura forjada tecnologicamente pelo Movimento Comunista Internacional?...

Esta nova edição de *O cavaleiro de Itararé* vem a lume no ano que antecede o cinquentenário da revolução de 1930, permitindo, assim, aos que hoje tomam assento nas cadeiras das assembleias representativas — e a uma juventude que dela praticamente nenhuma informação possui, exceto a prestada pelos Carone, Honório et caterva — o conhecimento de uma época que somente uma pena vigorosa como a de Plínio Salgado lhes pode trazer, com gênio e força, através de uma obra de arte que se constitui num painel incomparável, como produto singular que é de nossa inteligência e sensibilidade.

São Paulo, 27/10/1979

Gumercindo Rocha Dórea

OBRAS DE PLÍNIO SALGADO
lançadas pela Editora Voz do Oeste Ltda.



VIDA DE JESUS — (20.^a edição, com reproduções de arte sacra baiana; 21.^a edição, com reproduções de arte sacra missionária)

COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL — (3.^a edição, ricamente ilustrada, com prefácio de Euro Brandão)

A VOZ DO OESTE — (5.^a edição, com prefácio de Otacílio Colares)

O RITMO DA HISTÓRIA — (3.^a edição)

PRIMEIRO, CRISTO! — (4.^a edição)

A seguir:

TEMPO DE EXÍLIO — (Correspondência 1)

Este livro foi editado em convênio com o Instituto Nacional do Livro/MEC, que reservou uma parte da tiragem para distribuição à sua rede de bibliotecas públicas em todo o território nacional.